Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Introdução ao Conhecimento Logosófico

Editora Logosófica

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Introdução ao Conhecimento Logosófico

Especialmente dedicado aos estudantes de Logosofia, este livro chegará, por extensão, a todos que simpatizam com o ensinamento logosófico e a todos aqueles espíritos que sejam atraídos por sua leitura, servindo-lhes de introdução ao conhecimento logosófico essencial.

Compreende setenta e duas conferências pronunciadas pelo autor em diferentes datas, nas sedes da Fundação Logosófica em Buenos Aires, Rosário e Córdoba, na Argentina, e Montevidéu, no Uruguai.

Esta obra constitui uma cálida e profunda fonte de estímulos para a investigação individual, ao mesmo tempo que um utilíssimo livro de consulta a respeito de pontos capitais da concepção logosófica. Encerra, em suas páginas, preciosas joias conceituais acessíveis ao leitor sincero e reflexivo, e passíveis de serem levadas à própria vida com surpreendente resultado. Merecem ser mencionados, por sua beleza, os aspectos éticos que apresenta como partes ineludíveis para o prosseguimento do processo individual evolutivo. Interessantes temas, tais como "A Mente em sua Função Reitora", "Mistérios da Criação Humana", "Ser e Não Ser na Concepção Logosófica", "Como se Deve Estudar Logosofia", integram esta série de conferências que, em sua totalidade, oferecem uma visão clara, ampla e fortemente estimulante daquilo que o ser humano pode obter quando realiza, com decisão, a tarefa de elevar suas condições e aptidões, por meio do processo integral de superação consciente.

Título do Original
Introducción al Conocimiento Logosófico

Projeto Gráfico
KONGREX

Produção Gráfica
Adesign

Tradutor:
Antônio João da Silva

Revisão da Tradução:
José Miranda de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.
Introdução ao conhecimento logosófico / Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol) ; [tradução de filiados da Fundação Logosófica do Brasil]. – 3. ed. – São Paulo : Logosófica, 2011.

Título original: Introducción al conocimiento logosófico.
"Comemorativa aos 60 anos da 1ª ed. em espanhol."

1. Logosofia 2. Logosofia - Estudo e ensino
I. Título.

11-05429 CDD-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Conhecimento logosófico : Doutrinas filosóficas 149.9
2. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO LOGOSÓFICO
3ª edição – 2011
Comemorativa aos 60 anos da 1ª edição em espanhol
Nº ISBN: 978-85-7097-063-3
Copyright da Editora Logosófica
www.editoralogosofica.com.br | www.logosofia.org.br
Fone/fax: (11) 3804 1640
Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051– São Paulo-SP – Brasil,
da Fundação Logosófica
Em Prol da Superação Humana
Sede central: Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG
Vide representantes regionais na última página.

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

Introdução ao Conhecimento Logosófico

Comemorativa aos 60 anos da 1ª edição em espanhol

3ª edição – dezembro, 2011

Editora Logosófica

Especialme
estudantes
este livro h
por extensã
que simpat
ensinamen
todos aquel
sejam atraí
servindo-lh
ao conheci
logosófico.
Contém 72
pronunciad
diferentes c
da Fundaçã
em Buenos
e Córdoba,
Montevidéu
Esta obra c
e profunda
para a inve
ao mesmo t
utilíssimo l
respeito de
concepção
Encerra em
preciosas jó
acessíveis a
e reflexivo,
levada à pr
surpreende
Merecem se
por sua bel
éticos que a
partes inilu

SUMÁRIO

PRÓLOGO
1
A linguagem do Criador
2
Sobre a imortalidade
3
Realidade da vida mental
4
Atitude consciente nas atividades da inteligência
5
Policromia psicológica
6
As maravilhas do mundo atômico
7
Como se manifesta o espírito da Criação ao entendimento humano
8
O quadro mental e psicológico que o mundo apresenta
9
As três existências
10
Sobre ética logosófica
11
Alcances do conhecimento logosófico no processo de superação
12
A Logosofia entranha forças construtivas
13
Possibilidades humanas na realização do pensamento
14
Aspectos do conhecimento logosófico
15
A vida em seus profundos alcances
16
Realidades que instruem o espírito
17

Imagens da atividade logosófica e suas projeções
18
Decadência e evolução
19
Forças que atuam no cenário do mundo
20
A razão e o conhecimento
21
A perfeição humana e os erros do homem
22
Adaptação psicológica
23
O mundo próprio
24
O livro dos imortais
25
Os recursos humanos ante o drama universal
26
Princípios éticos sobre convivência humana
27
Pelos caminhos do pensamento
28
O conceito e seu significado essencial
29
Em torno da meta ideal
30
Influxo da vida sobre o despertar da consciência
31
Enfoques sobre temas de conjunto
32
O equilíbrio no juízo dos valores
33
Caracterizando realidades objetivas
34
Responsabilidades supremas dos homens
35
O conceito da precisão no aperfeiçoamento individual

36
A arte de ensinar e a arte de aprender
37
Em busca do conhecimento causal
38
O senso da colocação como norma de conduta
39
Particularidade da Logosofia
40
Fundamentos de uma ética superior
41
A pressa como negação do tempo
42
Reeducação integral pelo conhecimento logosófico
43
Orientação para a nova juventude
44
Aperfeiçoamento integral das condições humanas
45
A mente em sua função reitora
46
O conhecimento logosófico constitui um ensinamento superior
47
A casa mental
48
A arte de criar a si mesmo
49
Os pensamentos e as palavras como agentes da psicologia humana
50
Mistérios da criação humana
51
Indagações formuladas à consciência individual
52
Particularidade do método logosófico
53
Como se deve estudar Logosofia
54

Como alcançar a imunidade nos domínios de Lúcifer
55
Rumo à vida interna
56
O conhecimento transcendente como força construtiva
57
Conhecimento dos pensamentos e função de pensar
58
Caráter intra-individual do saber logosófico
59
Conceitos-mãe
60
Sensibilidade, razão e consciência
61
A boneca psicológica
62
Evolução da consciência
63
Como se realiza a qualidade de ser
64
Consciência da vida
65
Ser e não ser, na concepção logosófica
66
Reflexões básicas sobre a vida
67
A atração do conhecimento logosófico
68
Esboços do processo de evolução consciente
69
Realidades inegáveis do ensinamento logosófico
70
Processo de assimilação do conhecimento logosófico
71
Necessidade de uma preparação eficiente em Logosofia
72
De frente para o futuro

PRÓLOGO

A publicação desta obra tem por finalidade, além de satisfazer o anelo geral dos cultores da Logosofia, estender nossa palavra a todos os que queiram se interessar por nossos estudos e se compenetrar das concepções que o pensamento criador da Sabedoria Logosófica alenta. Em virtude da singularidade que caracteriza esta classe de conhecimentos, julgamos oportuno destacar, como preâmbulo, as passagens que poderiam ser de difícil interpretação. Não há dúvida de que esta ressalva facilitará o entendimento daquelas partes que pareçam inacessíveis, por serem abruptos seus trechos escassamente transitados pelos veículos mentais da inteligência.

Para o homem que anela superar-se, não há nada que facilite mais o caminho da investigação como a clareza, precisa e certeira ao mesmo tempo, de uma exposição que conduza, com firmeza e sem vacilações, primeiro ao livre exame e depois ao conhecimento seguro daquilo que é objeto de tão nobre aspiração.

Tendo em conta o expressado, o autor considerou essencial-mente útil a publicação desta obra na qual aparecem, descritas em termos amplos e profundos, uma parte ponderável da concepção logosófica e, também, uma extensa visão da obra logosófica com suas projeções para o futuro da humanidade. Resumindo, reuniu neste volume uma parte de seu vasto labor docente. Este livro compreende setenta e duas conferências pronunciadas em diversas datas nas sedes da Fundação Logosófica em Buenos Aires, Rosário, Córdoba e Montevideu. Algumas delas já foram publicadas nas revistas Aquarius e Logosofia, editadas ambas na República Argentina. Todas estas conferências foram proferidas entre os anos de 1939 e 1949, o que permitirá ao leitor compreender algumas passagens relacionando-as com aqueles tempos que foram cruciais para a humanidade.

Seguindo a leitura das conferências reunidas neste livro, nota-se que, em seu curso, a Logosofia insiste com alguma frequência sobre determinados pontos, pois julga de capital importância essa reiteração, uma vez que a imagem de um conhecimento grava-se na mente com maior profundidade e rapidez quando, por meio da repetição, o estudante consegue advertir que neste ou naquele ponto deve deter sua atenção para compenetrar-se do significado ou da sugestão ali encontrada.

Devemos assinalar também que todas as conferências contidas nesta obra, muitas delas escolhidas ex professo dentre as ainda inéditas, foram proferidas exclusivamente a discípulos. Dessa maneira, se compreenderá melhor por que não se ajustam à extensão que comumente as conferências costumam ter. Por conseguinte, as desta Introdução, e em particular algumas, são breves; o seu desenvolvimento, por corresponder a motivos essenciais da cátedra logosófica, observa uma medida de rigorosa síntese, assumindo, portanto, caráter preciso algumas vezes e expeditivo outras. Bem se poderia dizer que estas exposições constituem um ensaio de síntese, cuja causa reside quase sempre no fato de que o autor teve que responder em cada oportunidade a interrogações captadas no próprio auditório.

Um número considerável de conferências de caráter mais intensivo ficou reservado para uma publicação posterior. Levamos ao conhecimento dos leitores, também, que muitos dos temas tratados nas conferências que oferecemos neste livro serão aprofundados em futuras obras, de tal modo que permitam ao investigador sincero internar-se confiante e conscientemente nos domínios da alta ciência logosófica, sobretudo na parte que mais deve interessá-lo, a que concerne diretamente a seu ser e a sua vida, não somente pela riqueza essencial de seu conteúdo, senão pela transcendência que assume para cada um em particular.

Os conhecimentos logosóficos que se relacionam com o ser e a vida abrangem limites insuspeitados para o pensamento comum, por serem os que iluminam e auxiliam a mente do homem na realização do processo de evolução consciente que a Logosofia preconiza e ensina.

Sendo totalmente originais as concepções básicas do pensamento cria-dor que a Sabedoria Logosófica anima, seu autor não teve necessidade de recorrer a nenhuma fonte para extrair tal ou qual versão que, ao coincidir, apoie ou reforce suas afirmações. Não aparecem, pois, neste livro, as numerosas citações que geralmente povoam as páginas dos autores conhecidos. Afasta-se deliberadamente dessa rotina intelectual por apresentar uma concepção nova e fecunda, tendo provado de forma cabal, após vinte anos de lutas, que ela basta a si mesma para alcançar as altas finalidades de bem que a inspiram.

Ao publicar esta obra, queremos também destacar que o autor não escreve seus livros como a maioria, que julga cumprido seu objetivo com a sua publicação.

Lidos esses, seus leitores continuam sendo, para o autor, tão estranhos como antes. Com as obras logosóficas ocorre o inverso: aqueles que as leem procuram quase sempre vincular-se a quem as escreve – que fez escola de sua ciência – e o seguem com verdadeiro afã de cultivar a si mesmos e orientar-se pelos ensinamentos que, com deleite, extraem de cada uma de suas páginas.

O acima referido é eloquentemente confirmado pelo fato de que os livros do autor de são lidos e estudados, em profundidade e extensão, por muitíssimos discípulos e simpatizantes de sua obra, os quais seguem com renovado entusiasmo a fecunda trajetória de seu pensamento.

Este livro está, portanto, destinado a ser lido e comentado muitas vezes pelos cultores da Logosofia, nos centros de estudos onde se difunde e pratica o Saber Logosófico.

Sendo especialmente dedicado a todos os discípulos do continente americano, é também, por extensão, a todos os que simpatizam e colaboram direta ou indiretamente na difusão do ensinamento que a Logosofia ministra. Também é dedicado – demais é dizer – aos que, ao lê-lo, resultar grato a seus espíritos, servindo-lhes de verdadeira introdução ao conhecimento essencial logosófico.

Ao homem – ninguém o ignora – tem-se falado inúmeras vezes, em múltiplas circunstâncias e em diversas épocas, sobre a necessidade de aperfeiçoar suas qualidades e condições psicológicas; porém ninguém ignora tampouco que tal proposição não foi além de seu enunciado, ao fracassarem desde suas bases todos os sistemas que foram idealizados a respeito; referimo-nos tanto aos filosóficos como aos de tipo moralizador. E por que fracassaram? Simplesmente porque nenhum encarou o assunto em sua causa-raiz; partiram, em vez disso, de extremos opostos a seu verdadeiro âmago, que é o aperfeiçoamento integral do homem, o qual deve começar, progredir e culminar em sua própria mente, onde a inteligência cumpre a mais formidável de suas incumbências quando se ilustra em conhecimentos de alta transcendência, que a facultam a alcançar essa finalidade, levando o homem ao mais alto nível hierárquico de sua espécie e à maior de todas as conquistas humanas: a plenitude da consciência.

A ciência logosófica, que tanto luta por despertar as consciências humanas para a realidade de um mundo superior cheio de luzes e de novas forças construtivas, que o homem pode aproveitar com grande benefício para sua vida e a de toda sua espécie, estende com Introdução ao Conhecimento Logosófico uma ponte

mental entre os leitores e a sabedoria que a anima, cumprindo assim seu principal objetivo.

A concepção logosófica não é, pois, um enunciado a mais, nem conforma seus conhecimentos com argumentações extensas e fatigantes, completamente desnecessárias a seus fins. Seus métodos, de inegável eficácia, foram colocados à prova ao longo de quatro lustros[1]. E ao dizer seus métodos, incluímos também suas afirmações, já verificadas em sua maior parte. Devemos expressar a esse respeito que, em inúmeras ocasiões, o autor teve de encaminhar a compreensão geral dos conhecimentos logosóficos, para que estes não sofressem nenhuma alteração e pudessem ser incorporados à vida do ser após seu lógico amadurecimento e assimilação conscientes.

Devemos assinalar aqui uma particularidade do conhecimento logosófico que, diferentemente dos comuns e sem distinção de hierarquias, resiste a todo tratamento de tipo externo, por existir nele, potencialmente, o elemento ativo que promove o desenvolvimento da vida interna. Este fato se traduz no despertar feliz em um mundo superior, onde o ser encontra depois, seguindo a realização de seu processo de evolução consciente, a explicação de cada uma de suas inquietudes e, consequentemente, a culminação de todas as suas aspirações.

Por conseguinte, não é a simples leitura desta obra o que permitirá extrair a essência mental concentrada em cada pensamento e em cada palavra, porém bastará ler com detenção e sem preconceitos os importantes temas que o pensamento logosófico desenvolve e aprofunda, para se ter uma impressão cabal dos valores que entesoura. Haverá, então, que predispor adequadamente tanto o espírito como a inteligência para analisar com amplidão de juízo a nova concepção do universo e do homem apresentada pela Sabedoria Logosófica.

Convém fazer também uma discriminação que julgamos de grande valor discernente para o leitor que oportunamente decida se constituir em cultor da Logosofia. É a seguinte: embora o ordenamento dos conceitos, das ideias e dos ensinamentos contidos em grossos volumes seja de inegável utilidade para aquele que se dedica à sua investigação, de pouco lhe servirá se não realiza esse mesmo ordenamento em sua própria mente, isto é, se não correlaciona os ensinamentos com tudo o que concerne a seu saber e a sua vida, sem confundir jamais o conhecimento teórico com o conhecimento amadurecido no estudo e na experiência. O ordenamento no acervo pessoal se torna, pois, imprescindível.

No mais, devemos repetir que, existindo em preparação várias obras de vastos alcances universais, é fácil deduzir que este segundo ciclo, iniciado com a publicação recente de nosso livro Intermédio Logosófico, será de grandes projeções, visto que o pensamento logosófico já percorreu um longo caminho e, com sua enorme provisão de valiosas experiências, já marca tempos muito fecundos para as mais nobres aspirações do espírito humano; tempos que, com seu inequívoco ditame, reafirmam hoje os pronunciamentos de seus dias iniciais e deixam definitivamente gravada a inalterabilidade do pensamento logosófico.

O Autor.

1

A linguagem do Criador

Montevideu, 18 de março de 1939

Sejam minhas palavras iniciais para augurar toda a felicidade possível aos espíritos que trabalham e se esforçam por dignificar a vida e superá-la em grau máximo. Que a calma e a compreensão constituam o melhor alívio das almas que sofrem sem saber o porquê de sua dor, e que haja paz para todas as mentes que se debatem na inquietude e vivem no erro, em um constante aniquilamento psíquico e moral.

Vou falar, agora, da linguagem que Deus usa para manifestar Sua Vontade ou fazer-se entender pelos homens, ora pela compreensão evidente do que Ele quer significar-lhes, ora pela sensação de uma brusca realidade que lhes adverte um passo ou uma ação equivocada, ao mesmo tempo que põe a seu alcance os meios para corrigi-la.

O homem, ao nascer, encontra toda a vida universal que o rodeia; porém, somente à medida que cresce e se desenvolve mental e fisicamente, vai percebendo a importância das coisas que estão ao seu redor e de tudo que seus antecessores fizeram em suas respectivas épocas, cuja descrição é evidenciada ao seu entendimento por uma infinidade de sinais, fatos, coisas e palavras que o ser encontra em seu caminhar pelo mundo.

Deus tem expressado seu pensamento na própria Criação, mas também o encarna em todos os idiomas falados pela humanidade.
Com essa linguagem tão expressiva e eloquente, Deus vai descobrindo ao homem a necessidade de corrigir seus erros e deficiências, para que possa aperfeiçoar cada uma das partes de seu ser como entidade consciente e inteligente, e consiga parecer-se com Ele, sendo – como deve ser e como Deus quer – aquele que criou à Sua Semelhança; pois o próprio homem bem reconhece que, com o passar dos séculos, sua imagem chegou a ser muito diferente, por certo, daquela que o Criador plasmou ao formar a criatura humana.

Vejamos como Deus fala aos homens. Tomemos como exemplo um ser bem constituído orgânica e fisiologicamente, em pleno gozo de sua saúde física. Um

dia começa a beber e, repetindo o fato, chega ao excesso. Seu organismo, que não foi criado para ser abarrota-do de álcool nem de qualquer líquido, começa a ressentir-se, isto é, a experimentar os primeiros efeitos do abuso. A palavra de Deus se manifesta automaticamente no incômodo que ele deve sofrer, para indicar à sua inteligência que deve respeitar as disposições de Sua Vontade, impressas em cada um de seus órgãos, ao determinar-lhes uma função e uma capacidade de resistência. Em outras palavras, adverte-lhe que não deve passar da medida, que deve ser circunspecto e entender que cada parte de seu corpo requer o que na vida comum é determinado pelas necessidades próprias da subsistência e por seu uso moderado e inteligente. Os excessos prejudicam a saúde e também a mente, sobrevindo depois os padecimentos.

Pois bem, como todo ser humano foi criado por Deus, a razão, que ilumina o entendimento e o auxilia em suas vacilações, recorda-o que cada uma das partes de que está formado seu corpo é a materialização do pensamento de Deus, que, ao criá-lo, determinou para cada órgão de sua estruturação humana uma medida de capa-cidade e uma função em atividade. Se o homem pretender, por sua vez, corrigir esse funcionamento ou medida, sofrerá as consequências de sua temeridade, porque haverá violado a fiel incumbência dos órgãos que representam, em si, partes – embora pequenas, efetivas – do Grande Pensamento que os animou na matéria.

Se todo o maravilhoso organismo que configura o ser humano procede da Mente de Deus, é lógico pensar, então, que sendo qualquer uma de suas partes afetada ou alterada, essa mesma Mente expresse ao homem seu desvio por meio da resistência a satisfazer seus desejos e pela dor que o abatimento lhe causa.

Outra manifestação da palavra de Deus é a seguinte: o ser tem, como eu disse, um organismo físico e também um psicológico e mental. Neste caso, tomemos um ser comum, de inteligência mediana, que pretende abarcar mais do que sua capacidade mental lhe permite, isto é, que pretende concretizar sua aspiração sem cultivar primeiro suas faculdades, sem dar à sua mente a flexibilidade indispensável para poder enfrentar as necessidades que tal aspiração lhe cria. Empreende uma atividade e fracassa. A palavra de Deus se manifesta ali, advertindo-o que não deve fazer as coisas sem antes haver fixado pro-fundamente, tanto em sua mente como em sua consciência, o projeto integral do que se tenha proposto realizar; na mente, porque ela vai plasmar no externo o que concebeu, e na consciência porque nela se delineará com toda exatidão a grandeza da responsabilidade que lhe cabe na empresa. Muitos padecem as

consequências dessa imprevisão, dessa falta de controle interno, ao lançarem-se em empresas que seu conhecimento não pode abarcar. Daí que devam voltar sobre seus passos, e somente uns poucos tomam nota dessa experiência para tê-la presente em outra oportunidade, mesmo sofrendo grandes perdas de tempo, de energia, de saúde e de dinheiro.

A mente humana, que é uma criação do Grande Pensamento, tem também uma medida comum para suas atividades; porém, embora seja certo que essa medida pode ser ampliada até o infinito ao se buscar as causas da Mente Universal, não é menos certo que a referida ampliação deve ser feita, tal como a Logosofia assinala, seguindo-se um rigoroso processo de evolução consciente e graças ao conhecimento de todo o sistema mental e seu livre funcionamento, até conseguir o maior esplendor da inteligência.

O Pensamento de Deus – refiro-me ao Pensamento-Mãe, do qual pro-vêm todos os demais – é o absoluto em equilíbrio, o supremo em razão, o infinito em poder e o sumo da perfeição e da pureza. Sua palavra, que é filha desse Pensamento, possui idêntica essência. Qualquer desequilíbrio que o homem provoque em si mesmo, tanto em seu complexo psicológico, físico ou mental, como em qualquer uma das coisas vivas que o rodeiam, contraria de fato o Grande Pensamento, podendo trazer-lhe, como consequência, sérias alterações no ritmo normal de sua vida.

Esta é uma das causas principais, senão a maior, do estado caótico em que hoje se encontra a humanidade. Existe ainda outra, porém, que pode falar com maior eloquência ao entendimento humano: é a miopia mental, cuja cura é tão difícil aos homens que queiram evitar os constantes tropeços ocasionados pela falta de visão em cada um dos passos que a vida os obriga a dar em sua luta diária. Esta circunstância deve inclinar-nos a pensar que nada separa tanto os homens como a escuridão, nem nada os une mais que a luz; refiro-me aqui à escuridão e à luz nos aspectos físico e mental. No primeiro caso, os seres que se encontram na escuridão, não conseguindo ver-se entre as sombras, mesmo estando próximos uns dos outros, ignoram-se, ao tempo em que correm o perigo de se confundir; enquanto que, havendo luz, se veem mutuamente, tendo a segurança de não estarem sós, e podem confiar, além disso, nos que estão próximos. O mesmo ocorre no aspecto mental, pois os homens se veem melhor e se compreendem mais quanto mais luz há em seus entendimentos, ocorrendo o contrário naquelas mentes obscuras, órfãs de todo conhecimento ou iluminadas apenas por leves reflexos intelectuais.

A maioria dos seres humanos segue uma evolução lenta, obedecendo a leis fatais, enquanto os que conseguem emancipar-se das cadeias do destino cumprindo uma admirável gesta de realizações internas, ao seguirem as normas precisas de um processo consciente de superação, lavram por si mesmos a felicidade de seus dias futuros. Enquanto aqueles se movem lentamente, arrastando séculos em suas contínuas perdas de tempo, para chegar tarde ou não chegar nunca à mesa do Senhor, esses últimos são os primeiros a sentar-se e a compartilhar da inefável paz e bem-aventurança de Seu Reino.

É indiscutível, pois, que todo ser deve experimentar a necessidade imperiosa de iluminar seu espírito com a luz puríssima dos conhecimentos essenciais, para fazer cessar os padecimentos que o atormentam devido aos erros que a ignorância o faz cometer.
Tudo se consegue com o esforço e a boa vontade, sem desprezar nenhum dos elementos auxiliares que são o fruto da observação e do discernimento, já que eles dão a segurança na experiência e afiançam a razão sobre bases conscientes. Se uma criança crescesse e se desenvolvesse sozinha em meio a um deserto, sem ver outra coisa senão céu e terra, não seria mais que um ente absurdo e, apesar de possuir um organismo humano, sentidos e mente, haveria de ser considerada uma irrisão da espécie. Isso acontece-ria por ter ela seguido uma linha contrária à própria natureza, que constantemente convida o homem a observá-la e a extrair dela seus maiores ensinamentos.

Deus colocou a mente na parte mais alta da figura humana; com ela, como centro diretor e regulador de todas suas atividades, o homem pode efetuar suas mais delicadas investigações, analisando, calculando e selecionando tudo o que observa em prolixos e conscientes estudos ou meditações.

O ser que nada observasse, e que nem mesmo o que simplesmente visse fosse para ele objeto da menor preocupação mental, termina-ria por anular sua mente, o que equivaleria a fechar as portas de sua inteligência a qualquer aspiração própria de seu gênero.

Tocarei brevemente em alguns pontos que bem merecem ser levados em conta pelo observador franco e experimentador consciente das verdades que possam se apresentar à sua vista. Refiro-me às vantagens que, por um inteligente aproveitamento do tempo, favorecem o conhecimento do ser.

Entre as múltiplas classificações que a Logosofia faz do ser humano, conforme seus traços ou particularidades, acha-se a de seres ativos e seres inativos, sendo os primeiros evolucionários e os segundos, estacionários.

O inativo atenta contra sua própria vida física e mental, pois não mantém suas células mentais em constante atividade para evitar o desequilíbrio psicológico e até o orgânico. Assim, se as células, apesar da falta de novos elementos que o ser deve proporcionar à sua existência, se veem obrigadas a desempenhar igualmente suas funções assimiladoras e seletivas, terminarão por absorver-lhe a vitalidade e chegarão até a destruir a si mesmas para subsistir.
A alimentação e o oxigênio que se respira certamente podem manter por longo tempo uma pessoa inativa; entretanto, esta requer o exercício para facilitar às células sua função reparadora de todo o desgaste fisiológico; do contrário, os transtornos orgânicos não se fazem esperar. Há mais ainda: o ser, para conseguir de seus organismos físico e psicológico um funcionamento perfeito e obter o máximo de rendimento, precisa aumentar a cada dia sua atividade mental e física de forma progressiva e inteligente, a fim de não perturbar o desenvolvimento normal das possibilidades internas, em especial as psicológicas e mentais. Deve-se, pois, procurar que as células cumpram sua missão construtiva dentro do ser; maior será a energia que produzam quanto mais se amplie seu campo de atividade mental e física. Aumentando a energia, que é o espírito vital lutando por manifestar-se, aumentará o vigor, a força e o entusiasmo que dão à vida uma extraordinária capacidade de produção e realização.

O homem não deve conformar-se com um simples trabalho rotineiro, seja mental ou físico, porque isso o levaria à ancilose ou nulidade mental. Os seres que chegam a tal estado envelhecem facilmente e, assim, os vemos angustiarem-se pouco a pouco até chegar ao cansaço e ao fastio, que são consequências lógicas da falta de renovação e também das atividades que tanto vitalizam o espírito, enchem a inteligência de luz e o coração de paz e alegria.

Sabido é, porque se repete na experiência diária, que em cada coisa nova o ser encontra um motivo de entusiasmo. Pois bem, aquele que conhece a técnica logosófica pode fazer perdurar indefinidamente esse motivo de entusiasmo se, com boa e consciente fé, converte tudo que o rodeia em coisas novas para sua observação e conhecimento.

Daí que a Logosofia satisfaça plenamente às mais caras exigências do temperamento humano, uma vez que a multiplicidade dentro de seu vasto campo

científico e filosófico e a variedade inesgotável dos conhecimentos que descobre ao entendimento do homem mantêm o ser em uma constante expectativa, em uma continua iluminação de sua inteligência, ao mesmo tempo que provocam um despertar magnífico de todas as suas faculdades internas, dando a cada uma delas os meios de manifestar-se e o sustento mental necessário para que entrem imediatamente em atividade, o que proporciona grandes benefícios e enche a vida de novos encantos e entusiasmos.

Para que a juventude não abandone o homem, deve este saber unir suas primaveras, buscando sempre o calor da Sabedoria nas altas regiões do espírito, ali onde a inteligência toma contato com a vida universal, que tudo anima e renova. Isto é possível conseguir, mas para tanto será necessário exaltar a consciência a estados mais elevados para não padecer o frio da ignorância, o rigor desse inverno moral, semelhante ao físico, mas com a diferença de que no primeiro não é permitido ao homem desfrutar em si mesmo da renovação que ocorre na Natureza quando chega a estação em que as árvores lançam seus brotos e se enchem de flores e frutos.

Unindo os tempos, como expressa o conhecimento logosófico, se terá conseguido eternizar a juventude.

Tudo o que permaneça alheio ao homem é como se não existis-se para ele, mas nem por isso deixa de existir para os demais.
Nada se manifesta à mente humana, se ela não começa por se mostrar acessível ao conhecimento que generosamente se apre-senta a sua investigação.

2

Sobre a imortalidade

Montevidéu, 19 de março de 1939

Vou falar esta noite de algo muito interessante e que, certa-mente, se reveste de uma importância fundamental para o conhecimento humano. Refere-se a um ponto que haverá de suscitar não poucos comentários. Trata-se de como o homem pode perpetuar sua vida além de sua existência comum, até alcançar, como a própria história registra, a tão buscada imortalidade.

Nas mais antigas escrituras, como no próprio Gênese, se reconhece que Deus, ao criar o Universo, imprimiu-lhe uma atividade, uma vida e um movimento eternos, de modo que tudo o que nele atuasse ou existisse fosse eterno, isto é, tivesse uma vida e um movimento perenes. Apenas suas leis permanecem e permanecerão sempre imutáveis, porque elas são a fiel e universal manifestação de sua onipotente e suprema Vontade.

A visão cósmica da Criação dá a sensação de imutabilidade a tudo que existe, mas isso é tão somente uma expressão do Grande Pensamento criador, que não altera em um ápice a concepção original, não levando, portanto, tal fato a se pensar em um estado de imobilidade, o que é completamente absurdo e não admite a menor discussão.

A Logosofia sustenta em seus princípios doutrinais que Deus, ao conceber a Criação, a concebeu perfeita em sua culminação final, porém dispôs para cada um dos incontáveis milhões de seres vivos, das espécies mais remotas da família atômica aos astros mais proeminentes do sistema solar – incluindo, logicamente, a figura mais predominante e familiar ao conhecimento comum, o homem –, um processo evolutivo desde sua primitiva origem até sua perfeição máxima, ao fim do qual – caso do gênero humano – a imagem do homem chegaria a ser semelhante a Ele. Consequentemente, cada ser deve experimentar as transformações lógicas que as leis impõem, podendo o homem acelerá-las e conduzi-las conscientemente, desde que se constitua em árbitro de seu próprio destino.

É oportuno e necessário fazer notar que os que contrariam as leis que mantêm o

equilíbrio universal em todas as suas ordens e hierarquias violam os altos preceitos da justiça e correm o perigo de perder todas as prerrogativas que o livre-arbítrio lhes concede. Estão compreendidos nesta situação aqueles que, seduzidos por miragens psicológicas, se desviam, cometendo erros e faltas que depois haverão de lamentar. Nesses casos, a consciência individual, debilitada pela inércia, pois nenhuma atividade digna poderia desempenhar, acaba por sucumbir, desaparecendo do cenário humano para que, em seu lugar, apareça outro ser, isto é, outro movimento e outra vida.

Os sábios da antiguidade buscaram o elixir da eterna juventude para perpetuar a vida ou, melhor ainda, para perpetuar o movimento em uma de suas tantas revoluções através dos ciclos de existência. Ao tentar, esqueceram que era a imagem da vida a que deviam perpetuar por meio dessas revoluções humanas, sempre dentro do grande percurso que deve fazer desde seu nascimento, isto é, fixando a essência perdurável no próprio centro desse grande processo-mãe, para que o movimento da vida fosse contínuo, para que não cessasse nem se visse interrompido por esses longos períodos estéreis e desconexos, tão comuns no vulgo.

Veremos, portanto, por meio dessa ampla exposição de novos e fecundos conceitos, e com bastante clareza de entendimento, como é possível ao homem conectar-se com essa vida eterna que, certamente, não é a que termina com a existência física.

Ao admitir-se terminantemente – para não incorrer em uma negação absurda – a tese corrente de que a espécie humana tem uma missão a cumprir, e, por conseguinte, a ninguém mais que a seus membros, individualmente, incumbe a tarefa de levá-la à sua realização, se compreenderá com facilidade, sobretudo tomando-se uma visão do estado atual da humanidade, que existe uma escala hierárquica na colocação que corresponde a cada ser, conforme o grau de evolução alcançado. Isso significa que as possibilidades são comuns a todos, porém nem todos sabem aproveitá-las para percorrer os trechos ascendentes até as mais altas hierarquias.

O homem que, sem descuidar do processo interno no qual se acha empenhado para satisfazer as severas exigências de uma evolução realmente consciente e positiva, se ocupa em estender sua vida por meio de tudo o que o rodeia, isto é, dos seus semelhantes e das coisas, reproduz neles os traços mais proeminentes de seu espírito e perpetua sua vida até o ponto de existir perenemente ali onde

fixou sua vontade e seus pensamentos. Por acaso os grandes homens da humanidade não perpetuaram suas vidas e seus nomes através das gerações, em obras de gênio e de verdade que o tempo não somente respeita como também vivifica, sacudindo de tempos em tempos o pó da indiferença que a ignorância humana costuma acumular sobre elas, para que resplandeçam melhor os valores que custodiam? O que as religiões e as instituições famosas procuraram perpetuar? Uma verdade com a qual estavam identificados esses nomes e essas vidas que queriam imortalizar.

Cada obra que os semelhantes dos grandes gênios precursores realizaram, seguindo a inspiração do Pensamento-Mãe que move as inteligências humanas, é um fragmento da imagem projetada pela mente privilegiada que a fecundara; e, nesse caso, essas obras seriam como filhas da Obra-Mãe, ao estarem identificadas com ela pela natu-reza e direção dos elementos primordiais que as constituíram.

Estamos, pois, plenamente de acordo em que muitos seres que passaram pelo mundo continuam vivendo na mente e no coração de seus semelhantes, mesmo tendo transcorrido desde então muitas gerações, pois permanecem sempre vívidos no pensamento dos homens que os recordam e até sentem sua presença quando os evocam, naqueles momentos de apelo à sua recordação com maior intensidade.

Eis aí demonstrado como cada um pode conservar a vida no sentir dos demais e até na identificação de todas as coisas com as quais atuou, mantendo-as com esforços e sacrifícios heroicos para deixar à humanidade uma obra de bem, construtiva e generosa, que, recebida pelas almas com gratidão e emoção, será perpetuada no espírito de todos.
Essa é em realidade a vida que se torna imortal, a que, tomando um dia a forma humana, se expande pelo mundo e se agiganta de tal maneira que seu nome e sua figura se fazem conhecidos e familiares às multidões que povoam a Terra.

Examinem-se esses fatos que acabo de expor, para que se compreenda tudo quanto o homem pode realizar no curso de sua vida, se o quer sinceramente e a isso se dispõe, concentrando todas as suas energias e encaminhando-as com inteligência, perseverança e nobres intenções para uma direção determinada, e logo se chegará ao convencimento de que nada está vedado ao entendimento nem às possibilidades do ser, à exceção do que ainda não foi alcançado por esse entendimento e essas possibilidades.

Para realizar uma empresa, requer-se indispensavelmente uma preparação prévia, a mais ampla possível, tão ampla que possa as-segurar, se não todo, pelo menos uma parte do êxito em sua execução. As grandes obras, como também as pequenas, requerem muita abnegação, um grande espírito de sacrifício e um profundo conhecimento da psicologia humana e das coisas que irão servir de elementos necessários para sua realização; e mais, deve-se unir a isso uma grande paciência, para poder vencer muitas dificuldades que haverão de surgir, provocadas pela resistência mental, psicológica e volitiva dos seres que, alheios à imagem principal do complexo desenvolvimento que implica a materialização do Pensamento-Mãe da obra, optam por opor-se a ela, criticá-la e violentá-la em tudo que lhes seja possível, ainda que ao final convençam-se de sua sólida consistência e de sua realidade incontestável.

Referi-me, entre outras coisas, à paciência, como um dos principiais agentes que intervêm na execução de qualquer obra. Quero expressar algo mais a respeito: considero a paciência irmã do tempo, ela vive e confia nele, e este a recompensa constantemente por ser uma virtude que beneficia em alto grau o homem que sabe cultivá-la e não esquece quão grande é a paciência de Deus, que a todos tolera, ensina, corrige e modela, sem alterar jamais sua sublime serenidade.

Eis aí como a mente humana deverá atuar: com inteligência e paciência, porque os caracteres de todo movimento que grave um fato físico ou se imprima na consciência perdurarão, pois serão impressos também nas páginas do tempo, essas páginas que tantas mãos folhearão e tantos olhos lerão e julgarão conforme seus entendimentos.

Voltarei, agora, ao tema central de minha conferência. Com a série de reflexões que expus para ilustrar melhor o auditório, facilmente se poderá chegar à conclusão de que todo aquele que atua mal encurtará sua vida, e todo aquele que realiza boas obras a estenderá, devendo entender-se que não me refiro à simples existência, mas à prolongação da vida no espírito dos demais. Sendo na mente onde reside o governo individual – como disse em outras oportunidades –, é lógico pensar ser ali que o homem projeta seu futuro, assim como lavrou seu passado.

Para melhor assegurar os resultados que devem ser obtidos no prosseguimento de toda obra, é necessário e imprescindível afastar-se do erro, por ser este um velho que sempre manca do mesmo pé e, quando se tenta tirar a muleta que lhe

serve de apoio, deixa-a somente se encontra uma perna amiga que a substitua, acabando por contagiá-la com sua manqueira. É preferível, então, caminhar direito e firme, com a distinção e dignidade conferidas pelo conhecimento no conceito das altas verdades.

São muitos, não há dúvida, os fatores necessários para realizar uma obra verdadeiramente eficaz e duradoura dentro de si mesmo, ao mesmo tempo que se ajuda aos demais em similar realização. Ademais, a tarefa é facilitada enormemente pela realização em comum, pelo intercâmbio das observações pessoais e o entendimento mútuo.

O homem que enfrenta o problema de sua evolução consciente deve, se não quer fracassar e lamentar depois, reger-se pelas sábias normas que a Logosofia indica. É necessário livrar a mente desses fantasmas e personagens estranhos que atentam contra a probidade e os bons costumes do ser, que na maioria das vezes alberga inconscientemente, por faltar-lhe a luz propícia para distingui-los entre a multidão de pensamentos que costumam aglomerar-se em seu recinto mental. É sabido que os pensamentos que induzem ao mal perturbam o sono e não permitem ao homem descansar, significando isso um desgaste contínuo de energias que termina por inibir-lhe a vontade, reduzindo o campo de suas atividades, limitando-o e obscurecendo sua inteligência. Ao contrário, quem assume a direção de seus pensamentos e os encaminha para o bem, dorme tranquilo, não desgasta energia e, ao iniciar o dia, encontra-se pleno de bem-estar e de entusiasmo. Os minutos de luta são largamente compensados nessa trégua amenizada pelo sono, quando a mente repousa tranquila e em paz.

Liberada a mente de todo agente estranho a seus bons propósitos, o ser se habilita para atuar livremente e aproveitar todos os elementos que considere úteis para o cultivo de suas faculdades e o melhoramento de suas aptidões. Ao selecionar tudo o que penetra na órbita de suas investigações, pode formar um valioso arquivo que consultará continuamente, já que, ao ir melhorando suas condições de evolução, compreenderá com maior amplidão muitas coisas que antes, devido a seus limitados alcances, não pôde compreender em benefício de seus conhecimentos. Assim, todos esses antecedentes que for recompilando em seu arquivo mental servirão de guia em suas atuações futuras, quando tiver que enfrentar situações que requeiram uma clara consciência dos valores internos que deverá pôr em jogo para poder sair triunfante da ocorrência.

O homem que segue esta linha impecável de conduta, até conquistar os lauréis

do saber, faz-se credor do melhor dos conceitos no sentir geral, e sua vida, assim como seu nome, ao vibrar na recordação da opinião, irá se perpetuando ao longo do tempo, tal como acontece com o pai de família que sabe educar seus filhos com retidão, fazendo de seu lar um exemplo de amor e felicidade e, mais ainda, estendendo sua influência benfazeja a tudo quanto se vincule a esse lar.

Para finalizar, direi que o maior tributo que o ser humano pode oferecer a Deus é a sua própria realização, fruto do esforço, dos sacrifícios e da obediência aos Seus altos preceitos, cumprindo assim Sua Vontade no aperfeiçoamento de suas faculdades, até chegar a ser como Ele quis quando o concebeu à Sua Imagem e Semelhança.

3

Realidade da vida mental

Montevidéu, 20 de março de 1939.

Exporei nesta conferência interessantes aspectos sobre a evolução dos pensamentos e explicarei, também, como amadurecem os cultivos que o experimentador da Logosofia prepara no laboratório de sua mente.

Sendo este um tema bastante amplo e profundo, vou tratá-lo por partes, tomando para estudo alguns aspectos relacionados com a imagem central da conferência.

Nas pessoas comuns observa-se, com bastante frequência, que a maioria pretende resolver seus problemas ou encontrar soluções para as situações complicadas ou acidentais que se apresentam no curso da vida somente nos breves momentos em que ocupa sua mente nisso, quando a ameaça de perigos já pressiona e é necessária, em curto prazo, uma decisão terminante.
A Logosofia define esta posição como inconsistente, irracional e ilógica, apresentando, como exemplo, um ser que pretendesse comer a fruta antes de plantar a árvore, habitar uma casa antes de construí-la ou chegar ao destino antes de haver partido. Poderia oferecer também a mesma imagem um homem que forçasse desesperadamente o crescimento de uma árvore, a fim de obter a fruta muito antes do tempo, ou que fizesse uma casa apressadamente, sem preocupar-se com sua solidez ou estética, para habitá-la antes de colocar o telhado e as portas; ou então, que amaldiçoasse o veículo que o transporta de um lugar a outro, por não acelerar a velo-cidade em mil por cento, conforme seus desejos e aflição.

Isso, como disse, acontece com muita frequência porque, em geral, o que os seres menos recordam é que têm uma mente que, organizada, pode resolver-lhes todas as situações, torná-los felizes e preservá-los dessas alterações desagradáveis que tanto afetam a sensibilidade. Em poucas palavras, não exageraria ao dizer que, do que menos o homem comum faz uso é de suas preciosas faculdades mentais, as únicas que lhe permitirão viver conscientemente a vida e respirar em paz.

Muitas vezes apresentei problemas ou assuntos a discípulos avançados,

requerendo deles uma solução, isto é, propus às suas mentes tais problemas ou assuntos, para observar como eram resolvidos a juízo de cada um.

Após um tempo prudente, no qual permitia o intercâmbio de algumas compreensões sobre o tema, resolvia suspendê-lo, deixando-o pendente para outra oportunidade. Assim procedia duas ou três vezes, tratando com os mesmos discípulos o assunto proposto como objeto da experiência.

É desnecessário dizer que, de dez casos, nove ofereciam-me a confirmação da exposição que estou fazendo sobre o ponto escolhido para esta noite.

Com efeito, ao repetir o procedimento pela segunda ou terceira vez, aparentando passar distraidamente de um tema qualquer ao que devia prosseguir, após pouco conversar, advertia a facilidade com que era elucidado, até aparecerem, prontamente, conclusões felizes e acertadas dos problemas ou assuntos cujas soluções eram difíceis nas primeiras conversas. Ao mostrar-lhes nesse instante todas as observações efetuadas e as soluções anotadas que tinha, a surpresa era geral.

Explicarei, a seguir, como acontece na mente esse processo de amadurecimento.

O investigador da Logosofia, que já tem certos conhecimentos sobre a atuação dos pensamentos como entidades autônomas, não força – como faria quem pretendesse encontrar brusca e precipitadamente uma fórmula mágica para resolver os problemas que inesperadamente o pressionam – o livre exercício de suas faculdades mentais, senão que as estimula constantemente, proporcionando-lhes todo elemento propício e evitando-lhes, no possível, perturbações externas que dificultem o processo da solução que se elabora na retorta mental.

De quando em quando, cada um dos participantes da experiência trata mentalmente o tema em questão, onde e quando lhe pareça conveniente, para manter ágeis os pensamentos utilizados e estimular as faculdades, a fim de que estas continuem a função de preparar os elementos que, absorvidos pelos pensamentos encarregados dessa missão, acharão a solução.

Assim é como, muitas vezes, a solução buscada se desprende sozinha, sem o menor esforço, pelo amadurecimento, após um profundo labor discernente, sem nenhuma pressa.

Naturalmente, para o estudante de Logosofia isso não constitui, porque não corresponde, motivo de luzimento pessoal. Ele conhece sua origem, isto é, a fonte da qual se utiliza para obter estes resultados e sabe que tais resultados são consequência de uma aplicação acertada e lúcida dos conhecimentos que a Logosofia põe a seu alcance.

Nas matérias correntes das universidades, no estudo escolar e nas aulas em geral, adota-se o sistema de repetição mnemônica dos temas que compõem o programa ou curso a ser seguido e cumprido. Com isso se busca fixar as imagens, porém se consegue apenas calcá-las na retina mental, uma vez que desde esse momento ficam imóveis, ao não poderem atuar por falta de vida própria ou de força emergente de sua fonte original.

Quando o estudante, depois de muito tempo, começa a utilizá-las – não as originais, mas sua reprodução, devido ao desconhecimento de como foram construídas –, ao ver-se obrigado a corrigir em cada caso as deficiências que apresentam, experimenta então a necessidade de criar imagens novas na prática, substituindo-as pouco a pouco, à medida que as conservadas por sua memória, já semi-apagadas, não lhe oferecem maior utilidade.

As novas imagens – conhecimentos, neste caso – que cuidadosa-mente coloca dentro de sua mente, vão assim atuando e mostrando-se cheias de vívidos coloridos, porque foram feitas do mesmo elemento que o rodeia por toda parte, dentro da própria esfera mental. O estudante comum das universidades desconhece este processo, pois não sabe como atuam os pensamentos e como estes formam núcleos para constituir os resultados ou as soluções buscadas. Entre-tanto, ainda que inconscientemente, o realiza; refiro-me ao processo de reprodução de imagens pela própria experimentação.

Ao observar que algumas das pessoas aqui presentes estudam esta nova ciência há pouco tempo, devo expressar, para sua maior compreensão, que considero lógico que aqueles que não estão familiarizados com a literatura logosófica ou, melhor ainda, com sua terminologia tão particular, encontrem a princípio certa dificuldade para entender as verdades que a Logosofia expõe, apesar de sua linguagem fácil e simples.

Voltando novamente ao tema, já vimos como os processos nos quais os pensamentos tomam parte tão ativa dentro da mente amadurecem; vejamos agora de que forma o investigador prepara seus cultivos no laboratório mental.

O homem comum vive geralmente sem rumo fixo, à mercê do destino que o leva de um lado a outro. É como o cidadão de um país que, desconhecendo sua verdadeira pátria, tanto faz ser de um como de outro. Para esse homem, seu destino culmina todos os dias à meia-noite, pois a Providência, como ocorreu tantas vezes, pode fazê-lo mudar de um dia para outro. Isso quer dizer que não pode ter a menor segurança de seu futuro. Não fixou uma rota a seguir nem um objetivo pelo qual deva trabalhar empenhadamente, com decisão indeclinável e firme entusiasmo. Daí, então, que não possa dirigir conscientemente o processo de amadurecimento de nenhuma ideia e, quando esta sobrevêm por inesperada inspiração, seja o primeiro a surpreender-se. Não pode fazê-lo por falta do conhecimento técnico e da capacitação adequada para realizar, com êxito, um labor tão próprio da inteligência e de caráter tão eminentemente individual.

Ao contrário, quem experimenta os conhecimentos logosóficos prepara seu campo mental adubando científica e convenientemente seus cultivos, a fim de que nesse campo germinem as ideias e floresçam os conhecimentos.
Como se faz? Muito simples: determinando com precisão o que se propôs cultivar, seja em ciência, em arte ou em tudo o que pertença à Sabedoria Universal; fixando as normas de conduta que haverá de seguir; definindo depois os exames a que de-verá submeter o cultivo do conhecimento escolhido; efetuando ensaios dos primeiros resultados e, finalmente, experimentando a certeza que lhe dará a segurança de sua posse real. Haverá, evidentemente, que ter muito em conta os princípios logosóficos sobre construção de imagens mentais.

Para maior compreensão dos presentes, vou delinear, do modo mais sintético possível, um desses processos seguidos pelo ser comum, mais como imposição da disciplina oficial que por resolução consciente de sua vontade.

Tomemos o caso de alguém que resolveu estudar a ciência médica. Como é natural, realizará primeiro os estudos fundamentais ou elementares, cursará depois o ensino médio, ingressando, finalmente, na Faculdade de Medicina. Buscará ali a companhia de outros estudantes, com os quais falará habitualmente sobre temas médicos. Reunirá, daqui e dali, todos os elementos que facilitem seu labor e tornem seus estudos menos difíceis. Frequentará laboratórios, hospitais, etc., tudo o que dará maior amplidão ao desenvolvimento do que a Logosofia chama de cultivos internos ou preparação do campo mental, para alcançar com felicidade o objetivo desejado.

Tudo isso o estudante comum faz por império das necessidades naturais que o impelem a seguir esse processo ainda que permaneça alheio ao conhecimento inteligente do procedimento seguido, visto que atua por conselho de seus professores e por seus próprios impulsos, não nascidos estes últimos, na maioria das vezes, conscientemente de sua vontade.

Um caso que talvez pudesse ter alguma analogia com o pro-cesso descrito seria, por exemplo, o da injeção antipneumônica, ou qualquer outra, contida em uma pequena cápsula de vidro. Ali ficará, e se perderá, se não chegar o momento de ser utilizada. Chegado este, o líquido, que representa nada menos que a síntese de toda uma série de estudos e experimentações convertida em um conhecimento, será aplicado no doente. A injeção cumpre assim seu objetivo, porém, quem ousará dizer que curso segue o líquido; de que forma desliza pelos vasos sanguíneos; como se apossa do terreno fisiológico para atacar, neutralizar e afugentar a doença? Somente aquele que, por meio do estudo e da experiência, possui o conhecimento do que esse líquido representa como valor curativo, como agente de imunidade, e sabe, também, o modo de aplicá-lo.

Pois bem, no caso dos conhecimentos logosóficos, o investigador segue atentamente todo o curso do ensinamento, apreciando, passo a passo, sua virtude e os benefícios que obtém dele, enquanto o vai incorporando, isto é, enquanto o vai assimilando, praticando e fazendo dele um elemento de indiscutível valor para sua vida.
As crianças não advertem seu crescimento nem sabem o porquê dele, porém, quando adultas, em pleno apogeu de suas faculdades, podem apreciar as mudanças operadas nelas durante seu crescimento, e saber, então, a que obedecia essa transformação, ao vê-la reproduzida em seus próprios filhos ou em outras crianças. Analogamente acontece com o processo que o investigador de nossa ciência segue, com a única diferença de que este registra na consciência os avanços e resultados obtidos na aplicação do conhecimento logosófico, embora, devido à sua constante preocupação com o cumprimento dos deveres que se impõe para a realização de seu processo de evolução consciente e às transições pelas quais deve passar, somente quando entra na maturidade reflexiva dos estados evolutivos que alcança é que adverte o quanto evoluiu desde os primeiros dias de sua dedicação.

Para muitos, parece que os grandes processos internos nunca se realizam, ou estariam estancados. Entretanto, o curso da ação evolutiva continua e quando

chega seu tempo, exatamente como ocorre no caso das crianças que acabo de citar, o conhecimento tomou corpo e se torna visível e presente ao entendimento.

A mudança de posição mental e psicológica é, desde esse instante, simplesmente assombrosa. A mente adquire rapidamente uma lucidez jamais sonhada e o experimentador adverte como todas as coisas, até então indiferentes e quase desprezadas, oferecem-lhe hoje belas perspectivas, de cuja utilidade extrai proveito, pois agora sabe o valor que encerram para suas tarefas.
Este é o momento em que muitos dirão: “A sorte virou a seu favor”, “A boa estrela o acompanha, porque não há coisa que não acerte”, etc. Na realidade, porém, a única certeza é que aquele que antes fazia as coisas sem ter conhecimento delas, agora faz consciente e inteligentemente. O cultivo constante de suas faculdades mentais atraiu para a órbita de influência de sua inteligência uma série de elementos e fatores que, embora a princípio não soubesse como utilizar, depois estavam à sua disposição para facilitar-lhe, em grau apreciável, a compreensão clara de muitos problemas anteriormente não resolvidos e de coisas não conhecidas ainda por ele. Eis aqui em que reside a causa de seus acertos.

4

Atitude consciente nas atividades da inteligência

Montevidéu, 21 de março de 1939

Seguindo a conferência anterior, continuarei descrevendo outros pontos não menos importantes sobre determinadas atitudes mentais como consequência da ação dos pensamentos.

A Logosofia afirma, e já demonstrou em múltiplas experiências realizadas, que são os pensamentos os que governam a vida do homem comum e que, devido à ignorância humana acerca da influência que estes exercem sobre a vontade, o homem se encontra à mercê ou ao capricho de agentes estranhos a sua consciência e, por conseguinte, alheios a seu conhecimento.
Essa circunstância – tão sensível e que não deixa de comover o espírito dos que se encontram livres dessa escravidão mental – apresenta um futuro duvidoso e, até certo ponto, fortuito, a to-dos aqueles que vivem à margem dessa extraordinária realidade que fixa a situação do homem comum e mostra, por sua vez, os alcances de tão formidáveis prerrogativas, que são as de conhecer o mecanismo interno da própria mente e o manejo consciente da técnica logosófica indicada para isso.

Por que são poucos os que triunfam e muitos os que fracassam no campo de batalha que o mundo apresenta ao ser, desde que começa a dar seus primeiros passos, valendo-se somente de suas forças e recursos?

A resposta não pode ser mais eloquentemente satisfatória, se for levado em conta o que acabo de expressar sobre os pensamentos.

Poucos são os que triunfam porque poucos têm a inteligência suficientemente lúcida para transpor com felicidade os obstáculos que as situações, nem sempre favoráveis, fazem surgir no decorrer da execução dos projetos que o ser se propôs a realizar; obstáculos que existem até para os que vivem folgadamente e que devem ser superados com paciência e, sobretudo, com muito acerto.
Pois bem, todos podem triunfar e até contribuir para o êxito dos demais se, com tempo, preparam suas faculdades mentais, desenvolvendo-as, a fim de fazer uma

reserva prévia de conhecimentos que os habilite a exercer as funções que haverão de desempenhar como parte inevitável de suas atuações futuras.

A eficácia dos métodos logosóficos, comprovada por muitos dos que os empregaram com total êxito, poupa, àquele que se propõe praticá-los, muitas vicissitudes que se traduzem em dolorosas contrariedades, pois lhe evitam inúmeros tropeços que, sem o auxílio da Logosofia, haveria de dar. Neste caso, o saber supre a experiência e ilumina os passos, indicando o reduto seguro por onde se poderá passar, evitando os transes difíceis que, com tanta frequência, espantam a imaginação dos desprevenidos, os quais, inconsciente-mente ou temerariamente, confiam transpô-los com seus próprios meios, sempre deficientes, e sem ter a menor ideia das consequências provenientes de tal atitude.

O estudante de Logosofia começa por ordenar sua vida pondo ordem, primeiro, em sua mente. Não pode haver ordem onde não há disciplina. Portanto, impõe-se uma rigorosa seleção dos pensamentos que frequentam a mente ou se acomodaram nela.

Se a inteligência se propõe desenvolver maior atividade, porá em movimento toda a engrenagem mental e, consequentemente, não poderá tolerar a inércia daqueles pensamentos que deverão, como trabalhadores de uma grande usina, atender cada um sua obrigação.
Vejamos, com este exemplo simples, se é assim: em uma reunião encontra-se um médico em amável companhia. Dentro de sua mente, com agilidade e desenvoltura, uma série de pensamentos triviais festeja lembranças, tece narrativas ou provoca discussões de índole variada. De repente, o facultativo é chama-do para atender a um doente. Toma seu chapéu, despede-se e vai atender o paciente no cumprimento de seu dever. Já a caminho, despede também, um após outro, todos os pensamentos que convocou a comparecer em sua mente para desempenhar um bom papel na festa, e alinha em seus postos aqueles outros que são auxiliares eficazes no exercício de sua profissão. Comparecem, pois, ao novo chamado, os pensamentos relacionados com sua ciência e com eles começa seu labor de médico ante o doente.

O mesmo acontece ao engenheiro, ao advogado, ao comerciante, ao industrial e demais seres que, dispondo-se a atender suas obrigações, se veem na necessidade, se não quiserem cometer erros ou descuidos, de expulsar da mente aqueles pensamentos que de nada lhes servem para facilitar suas tarefas.

O homem, para chegar a ser verdadeiramente dono de si mesmo, deve ter pleno domínio sobre seus pensamentos; então, também o terá sobre sua vontade. Isso explica por que muitos podem perseverar em seus afãs sem violentar a firmeza de suas decisões, o que não acontece nos casos em que pensamentos de tendência apressa-da frustram os projetos do ser com a impaciência que caracteriza a quem não sabe medir o tempo, nem conhece em que grau ele é indispensável para a realização de cada coisa.

O investigador da Logosofia sempre trata de reduzir ao mínimo o tempo de que necessita para suas ocupações habituais, caso sejam de caráter independente; se, ao contrário, está sujeito a horário, cuida de reduzir também o tempo que perdia em coisas sem importância, antes de ensaiar os métodos logosóficos, para dedicá-lo, se não inteiramente, em sua maior parte, à ilustração em conhecimentos de tanta transcendência como são os que dizem respeito à sua própria evolução, na certeza de poder dirigi-la consciente e inteligentemente.

É necessário possuir o senso da realidade para evitar a sedução dos falsos reflexos da imaginação, que conduzem ao erro ou desviam o homem da linha lógica iluminada por todo bom critério.

No curso desta exposição, quero demonstrar a influência direta do pensamento nas atitudes mentais. Assim, se verá como a Logosofia orienta o ser para o fundo dos grandes problemas humanos e, ao mesmo tempo que ensina, com poderosos elementos de juízo, a forma de conduzir-se com êxito e felicidade na vida, mostra onde se acham as raízes de todos os males que a humanidade sofre.

Desdenhar tais conhecimentos preferindo viver na escuridão – da qual a soberba humana frequentemente se jacta, confundindo-a com a luz – é aceitar um suicídio lento de forma complacente, no qual a inteligência e as forças do ser lutarão desesperadamente para não sucumbir, enquanto a fatalidade admitida consome a existência e extingue, uma a uma, as esperanças que o homem pôde abrigar.

Deus deve ter tido muita paciência para construir um universo tão maravilhoso e perfeito. Doce paciência, iluminada por tanto amor que torna ainda mais bela e ideal essa imensa concepção eterna. Imitemo-Lo, pois, fazendo nossa uma parte dessa paciência que, embora pequena, bastará para assegurar a firmeza de nossos propósitos em prol da obra de bem que estamos realizando; mais tarde nos será dado contemplar com íntima satisfação sua conclusão feliz.

Um dos elementos com que se há de contar sempre é, como puderam apreciar, o fator tempo. Para conseguir o rendimento máximo em cada espaço de tempo que se quer aproveitar, a paciência que acompanha a ação deve ser inteligente; ou seja, a tolerância de tempo deve ser calculada, se for possível, até o próprio limite, em cada um dos demais fatores que intervenham na realização do labor, para tornar factível sua feliz conclusão.

A paciência é inteligente em todas as circunstâncias nas quais a espera é medida pelo ser tendo em conta o elemento que deve responder, favorável ou negativamente, aos requerimentos da ocorrência, com um critério sensato do valor daqui-lo que provoca essa espera.

Torna-se, ao contrário, torpe e insensata se, transcorrido em ex-cesso o tempo no qual devia ocorrer ou se resolver o que se aguar-dava, o ser – chamemo-lo de iludido ou ingênuo – segue desperdiçando seu tempo à espera do que já é impossível. Nesses casos, pretende-se, com frequência, dissimular a insuficiência pessoal sob a aparência do conhecido estribilho do “engano”. Seria o mesmo que esperar um ano o pinto que devia nascer aos vinte e um dias. Pode-se esperar vinte e um dias com inteligente paciência o nascimento do pintinho, mas tudo o que exceder esse prazo segui-rá na forma de uma inútil esperança.
Darei outro exemplo: o estudante que cursa mal seus estudos deve repetir o ano. Resignando-se a isso, mostra ter bom senso e sua paciência será inteligente; mas, se ao repeti-lo, em vez de esmerar-se em cumprir satisfatoriamente o programa que lhe cor-responde, descuida-se e perde outra vez o ano, sua paciência teria sido inútil, pois teria pactuado com a folga e a insensatez.

Esses exemplos, que apresento com o objetivo de ilustrar melhor o auditório, mostram mais palpavelmente o que expliquei nesta exposição sobre atitudes mentais e ajudam o investigador a conhecer mais profundamente os diversos aspectos que configuram o complexo psicológico do homem e os múltiplos recursos de seu sistema mental.

A paciência inteligente, como atitude mental, deve ser ativa por excelência. Enquanto se espera o resultado de uma gestão, de um processo de investigação ou de qualquer assunto que imponha um parêntese e interrompa o que se tenha em mãos, deve-se procurar, por todos os meios, assegurar o seu êxito efetuando os movimentos inteligentes que melhor contribuam para solucionar essa trégua ou interrupção. Não sendo possível sua obtenção, o tempo emprega-do nisso

deve ser ocupado imediatamente em outros trabalhos que busquem o mesmo fim por diferentes caminhos, ou que supram de outra forma o objeto buscado.

O homem que espera, mesmo com a maior boa vontade e paciência, como se diz comumente, que seus assuntos ou problemas se encaminhem ou se resolvam sozinhos, toma a via oposta. Não é paciência, repito, o que submerge o ser em um estado estático ou de inibição esperando que o tempo lhe dê o que ele deve buscar e achar por conta própria. O tempo será sempre seu grande amigo, mas é necessário mostrar a esse grande amigo sua amizade não o defraudando, mas, sim, fazendo-o saber que esse tempo do qual se serve é em-pregado em uma contínua renovação de espírito, mantendo assim, perpetuamente, essa seiva juvenil que o próprio tempo se encarrega de renovar constantemente. Para aqueles que se deixam estar, para aqueles cujas células mentais estão adormecidas e não observam esse tempo tão precioso que a vida deve recolher ao passar, para esses a atmosfera interna vai murchando até asfixiar o ser que as anima, enfastiando sua vida e levando-o a conclusões que não quero citar.

Recomendo a todos os que me escutam e que já conhecem meu pensamento, exposto em inúmeras publicações, que observem e meditem cuidadosamente sobre cada uma das imagens apresenta-das no decorrer dessas conferências.

necessário, para compenetrar-se melhor daquilo que interessa ao conhecimento, verificar repetidas vezes o exame do que constitui o motivo da observação. Desse modo obtém-se a compreensão evidente de tudo que se quis saber.

Se as coisas não são vistas, a visão se dirige a outros pontos; as imagens que foram objeto da atenção do ser empalidecem e, depois de permanecerem esquecidas, somente seus fragmentos borrados aparecem na memória, confundindo-se, muitas vezes, com outras imagens.

Isso acontece frequentemente com o inconstante e, em geral, com quem não tem essa disciplina mental, tão indispensável para conservar sempre nítidas e completas as imagens que constituem o acervo dos conhecimentos.

por isso que a Logosofia insiste em ressaltar o valor que tem para o experimentador sincero e ativo o repasse constante de suas observações, evitando toda distração que possa, como disse há poucos momentos, empalidecer a imagem captada e colocada no recinto mental, pois desse modo se manterá, repito, sempre fresca na mente.

Seguindo o método indicado, simples e prático ao mesmo tempo, o homem pode capacitar-se para efetuar qualquer labor e, com certeza, não terá que culpar a “má sorte” ou, como acontece habitualmente, os demais, por seus fracassos e erros.

A adversidade é a que sempre se encarrega de sacudir com rigor o inexperiente que abandona suas coisas pela metade, para adverti-lo de suas deficiências e oferecer-lhe a oportunidade de corrigir suas más atuações.

Para finalizar, me permitirei dar um conselho, que julgo de suma utilidade e fácil aplicação:

Faça o ser todas as coisas de forma séria e meditada; jamais deixadas ao acaso. Isto lhe evitará sofrer muitos reveses e ser joguete da fatalidade, que não perdoa a insensatez.

5

Policromia psicológica

Montevidéu, 22 de março de 1939

Falarei esta noite sobre a capacitação progressiva do indivíduo, a influência do meio ambiente e o livre-arbítrio, examinando este último objetivamente e como faculdade inata do ser humano.

Embora tenha esboçado em três partes o tema que vou tratar, o fiz somente para ressaltar esses aspectos no curso da conferência, uma vez que todos se entrelaçam e, até certo ponto, se explicam ou se complementam.

Disse, e tenho repetido invariavelmente, que não basta ao homem graduar-se numa universidade ou conseguir uma posição econômica folgada que lhe proporcione bastante conforto, nem tampouco alcançar posições privilegiadas na indústria ou no comércio. Acima de todos esses conhecimentos comuns, acima dessa técnica corrente que o faculta para atuar o mais sensatamente possível no desempenho de suas funções, existe uma ilustração adicional: aquela que cada um adquire da experiência diária e de sua constante atenção a tudo o que acontece no mundo, apreciando com maior intensidade, naturalmente, aqueles fatos ou coisas afins com suas inclinações ou preferências.

Pois bem, a Logosofia leva a ciência a todos os pontos e faz com que ela, sem comover os fundamentos de sua posição racionalista, contemple cada um dos movimentos volitivo-mentais do ser em sua relação íntima ou, se preferir, estreita, com os acontecimentos ou as coisas que tomam contato com ele no decorrer de sua vida. Ao dizer isso, quero significar que a Logosofia encarna uma ciência que é auxiliar de todas as demais, bem como de tudo quanto o entendimento humano possa compreender.

O homem requer uma capacitação técnica no campo dos problemas transcendentes, que facilite o caminho de suas aspirações, que o previna dos perigos do acaso ou da insuficiência de seus conhecimentos pessoais, limitados ou circunscritos sempre a determinada esfera de ação. É necessário que conheça a fundo ou, pelo menos, a título de informação em caráter preventivo, o complexo da psicologia humana, tal como a Logosofia determinou ao atribuir ao

sistema mental o papel mais importante de toda sua conformação psicofísica e espiritual.

Assim, começará por conhecer como atuam e reagem os pensamentos e como deve prevenir-se e estabelecer as defesas mentais para preservar sua vida moral e ampliar suas possibilidades intelectuais.

A capacitação logosófica é, indiscutivelmente, de um valor incalculável sob todos os pontos de vista, já que confirmamos como abre ao ser prerrogativas ignoradas e como, por meio dela, pode alcançar grandes objetivos; por exemplo, o de controlar e estimular eficaz e conscientemente sua própria evolução.

Nunca será demais tudo o que eu diga e recomende sobre esta classe de conhecimentos que convergem nas altas verdades expostas pela Logosofia, visto que é indispensável ao homem valer-se desses conhecimentos, poderosos agentes auxiliares, para triunfar fácil e amplamente na luta diária. Será necessário recordar aqui a conveniência de repassar detidamente o que já publiquei até o momento sobre este importante ponto.

O homem não deve ser alheio ao jogo habitual dos pensamentos nem à forma como estes operam e se impõem, de acordo com as intenções que buscam. Permanecer estranho à sua ação incessante no ambiente mental em que se atua, é expor-se a ser enganado continuamente, a padecer as consequências desses enganos e a viver amargurado por toda a vida.

É inútil pensar, porque se perderia tempo, que as coisas haveriam de ser de modo diferente do disposto pelas leis da lógica. Convém, portanto, viver o mais próximo possível da realidade e fazer com que ela impere em todas as circunstâncias de nosso pensamento. Ao referir-me aqui ao pensamento de forma tão singular, quis significar o pensamento que deve atuar em cada circunstância como intermediário direto de nossa razão e de nosso sentir, ante o pensamento ou os pensamentos que atuem como elementos causais da situação que se apresente ou contrários a ela.

Tudo isso não prova, por acaso, que é necessário e de indiscutível utilidade possuir a técnica do ambiente, ou seja, o conhecimento desse mundo externo que o ser terá que enfrentar tão logo transponha os umbrais do pátrio poder e se lance com sentido próprio a construir seu futuro, aquele que o fará mais tarde, uma vez capacitado, dono e senhor de sua vida e talvez, também, de seu destino?

Estariam os jovens de nossa época preparados para enfrentar esse mundo externo que haverá de sacudir contínua e bruscamente a modorra de sua adolescência, fazendo-os sentir, ao mesmo tempo, os rigores da inexperiência? Indubitavelmente, não; e menos ainda se acrescentarmos que, para evitar andar às cegas e inconscientemente por esse mundo, devem conhecer também seu próprio mundo interno, conhecimento indispensável para não sofrer os rudes contrastes que surgem entre a realidade que se ignora e o que se crê saber dela.

Por outro lado, é fácil presumir que o ser, em tais condições, isto é, desprovido de conhecimentos, carece das defesas mentais necessárias para neutralizar com êxito os ataques da adversidade; e entenda-se que chamo de adversidade a tudo o que resista aos propósitos que o indivíduo tenha, ou se rebele e reaja contra eles, nos momentos de empregar, com toda boa vontade, os recursos de sua inteligência, seja para conquistar uma posição, seja, simplesmente, para melhorar a atual.

Pode-se falar, então, de livre-arbítrio em pessoas que não são donas de si mesmas ou são alheias à realidade que as rodeia? Já demonstrei que não, no estudo que publiquei na revista Aquarius, do ano de 1937, ao expor a concepção logosófica sobre livre-arbítrio. Esse “não”, porém, é relativo e suscetível de se transformar em um “sim”, positivo, sempre que o ser se disponha a desvencilhar-se dos pensamentos que o oprimem e angustiam; e sempre que, da impotência em que a ignorância das coisas com as quais frequentemente haverá de lidar o mantém, passe a conhecê-las diretamente e atue com plena consciência e segurança.

Considerando objetivamente o livre-arbítrio como faculdade inata do homem, veremos que ela fica restringida por uma série de causas e fatores que se manifestam tão logo os olhos se abrem para o mundo. Por outro lado, sendo a ignorância sinônimo de sombra, conviremos que essa faculdade inata fica consideravelmente reduzida em sua potência e permanece mais como possibilidade de manifestação no homem que somente se adestra nos estudos e disciplinas do saber comum, sem resolver-se a exercer decididamente suas faculdades intelec-tuais mediante a capacitação gradual de seu sistema mental. Este sistema funcionará graças a um treinamento constante das fibras mentais, que o equipam – por assim dizer – com um extraordinário arsenal de recursos ilustrativos e defensivos que cada um deve chegar a conhecer e utilizar em seu próprio benefício e em bem dos demais.

Não se deve esquecer aqui – e recordo-o pela importância que tem, tanto na organização mental como nos demais estudos de capacitação que possam ser feitos – a influência que o meio ambiente exerce no ânimo do ser.

Não custará muito compreender como as pessoas são absorvidas pelos ambientes que frequentam; se tentarmos, por exemplo, retirar um jogador ou um fanático do ambiente que os atrai, certamente resistiriam a abandonar suas preferências e desprezariam qualquer chamado à reflexão. Acham-se dentro do círculo vicioso que imantou suas vontades com os reflexos de um deleite mental tão nocivo para suas inteligências como subjugante para seus espíritos, alienados já pelo ambiente. Tomemos, agora, um esportista, um político, um comerciante, um industrial, um entusiasta das artes, ou qualquer um que tenha preocupações que absorvam sua atenção e, exceto alguns poucos, os demais reagirão contra qualquer outra atividade mental que lhes subtraia algum dos momentos destinados a suas ocupações habituais. Daí, pois, que com frequência seja difícil a tarefa, tão nobre por certo, de incluir nas atividades mentais costumeiras de um ser as aconselhadas pela Logosofia, que, sem ocupar lugar nem tempo, oferecem a perspectiva de ampliar poderosamente o raio de ação pessoal, dotando a inteligência de numerosos conhecimentos de grande valor e eficácia, uma vez que podem ser aplicados com vantagem em qualquer circunstância.

Quanto maior o conhecimento, maior o livre-arbítrio, porquanto o homem poderá mover-se, atuar e cumprir grandes desígnios, quanto mais amplo for o domínio de sua liberdade para dispor, voluntariamente, de tudo quanto a maioria não pode, por lhe impedirem as limitações próprias de sua estreiteza mental, sua incapacidade e ignorância. Nesses seres, o livre-arbítrio é, pois, relativo e reduzido, não podendo ser utilizado senão na escassa medida de suas possibilidades e da forma que suas faculdades compreensivas lhes permitam.

As leis naturais, institucionais e sociais, assim como os preceitos de profilaxia contra as doenças, cercam o indivíduo, estabelecendo uma espécie de cordão sanitário; violando-o, se cairia em outro cerco mais reduzido, o qual, em casos extremos, se fecha até converter-se em cela carcerária.

Para o homem ilustrado, inteligente e culto, para quem tais coisas não são desconhecidas, esses cercos somente têm por objetivo frear as paixões, reprimir as violências e garantir, assim, a ordem e o respeito entre as pessoas; porém de modo algum restringem seu livre-arbítrio, porque atua e se move harmonicamente com as leis, sendo, por conseguinte, respeitados tanto sua

liberdade como seus pensamentos e decisões.

Insisto, pois, em que a capacitação integral assegura ao ser uma existência plena e, ao gozar de tão preciosas prerrogativas, bem se pode considerá-lo dono e senhor de seu reino interno, já que ninguém ousará violentar sua paz e felicidade. Terá alcançado, em duas palavras, que seu pátrio poder, exercido conscientemente, seja inviolável e invulnerável. Com ele nas mãos, poderá dizer ao mundo: “Lutei e venci. Eis aí minha conquista”.

6

As maravilhas do mundo atômico

Montevidéu, 25 de setembro de 1939.

A Sabedoria Logosófica é tão rica em imagens que, mais de uma vez, viu-se necessitada a usar as mais diversas formas de expressão para comunicar o que, com tanta prodigalidade, emana de sua fonte. Entre estas formas de expressão, temos a que se manifesta em função do maravilhoso, por ser, talvez, uma das que mais convida a seguir o pensamento, sem fatigar-se, em todo o curso da narração. Esta noite vou usar, pois, a forma enunciada, a fim de plasmar figuras mentais de alto valor e colorido.

Para atingir este objetivo, cada um dos presentes terá a amabilidade de considerar-se, desde já, do tamanho de um átomo, olhando todos os demais como se também fossem átomos.
Vou usar, pois, a figura de um homem ou, melhor ainda, do próprio homem que, com o ínfimo volume de um átomo, se verá dentro de um corpo humano de estatura normal, mas que, pela circunstância exposta, assumirá para ele proporções extraordinariamente gigantescas.

Penetremos, em seguida, nessa grande cavidade que é a boca e deslizemos para o interior. Notaremos uma profunda escuridão que se irá dissipando à medida que ascendamos, aparecendo uma claridade diáfana, que nos iluminará de repente, assim que chegue-mos a essas duas janelas que são os olhos.

Sentiremos por um momento a sensação de deslumbramento, mas, conservando nossa consciência e serenidade de espírito, não obstante a incômoda pequenez a que nos reduzimos, poderemos seguir adiante. Mas se alguém se sentir descontente com seu tamanho ultramicroscópico, tenho às mãos o meio de fazê-lo readquirir seu tamanho natural, sem que se veja privado desta excursão intra-psíquica. Efetivamente, façamos de conta que, na mesma proporção em que aumentamos desde o tamanho de um átomo até o de um homem, aumenta também o corpo dentro do qual penetramos. Evidentemente, este nos parecerá agora mais gigantesco e majestoso, e poderemos andar melhor ao não nos sentirmos diminuídos nem no tamanho nem em sentido algum.

Assomemos agora por uma dessas enormes janelas. O próprio brilho do cristalino que cobre as pupilas nos impedirá de ver com clareza; mas, tentemos.

A primeira sensação que imediatamente experimentamos é a de que as coisas que vemos se dividem em dois grupos: enquanto umas se movem de um lugar a outro, as demais permanecem imóveis.
Estas últimas parecem, a princípio, imensos paredões, mas as-sim que fixamos a vista mais detidamente, assemelham-se a algo parecido com enormes edifícios. Percebemos, também, uma multi-dão de formas, confundidas umas com as outras, ao extremo de não podermos distingui-las entre as sombras que as ocultam.

Vamos acima dessas janelas. Por uma escadinha vertical chegaremos a uma câmara. Chegamos. Vemos aqui um aparelho que gradua as distâncias e focaliza as formas, fazendo com que elas se manifestem nitidamente aos olhos que as estão contemplando nesse instante.

É possível observar agora, mediante esse aparelho que está conectado ao sistema sensorial e conectado também, por uma rede de fios, às câmaras mentais onde se situa a inteligência, como as formas tomam seu tamanho real e como suas cores surgem, pois até este instante haviam mantido uma cor cinza indefinida.
Posicionando-nos estrategicamente em um dos ângulos da câmara mental, podemos apreciar que em toda essa parte do grande corpo em que nos encontramos, ou seja, na cabeça, funciona um mecanismo que, para nosso juízo, é tão perfeito quanto admirável e formoso no mais elevado grau. Esse mecanismo é o que nos permite – porque está reproduzido em cada um de nós – avaliar e julgar o mais exatamente possível aquilo que vemos, pensamos e sentimos.

Exceto Deus, como Criador Supremo do Universo, tudo o que existe tem sua semelhança e sua correspondência direta com outras criações análogas. A singularidade no arquétipo básico e a pluralidade na Natureza, seguindo a indicação da analogia, abrem ao homem fáceis condutos para conhecer, palmo a palmo, as causas-mãe que regem a existência de tudo e das quais, por serem eternas, deriva ou provém tudo quanto a inteligência humana se empenha em desentranhar e conhecer. Anelo digno e justo, fortalecido constantemente por essas mesmas causas, porque está estabelecido que o espírito que nos anima, nelas se nutre e se agiganta, visto que o conhecimento é seu sustento predileto e

o único que pode prolongar a sua vida até torná-lo imortal.

Lembrem-se que não nos encontramos olhando através dessas duas grandes janelas chamadas olhos, mas sim dentro do aposento mental, onde a razão explica o que a visão capta sem compreender. É por isso que já não vemos formas que se movem entre sombras, nem coisas inertes que nada significam. A visão, conectada ao entendimento, deixa de ser vaga e imprecisa. Quando se põem em atividade os diversos centros de observação, surge a análise e harmonizam-se as apreciações até culminar na evidência.

O homem deve seus triunfos e suas horas mais felizes à sua razão, quando esta se afirma em testemunho de seus acertos. Ninguém poderia dizer que desfrutou de uma felicidade verdadeira, se sua razão não presidiu a festa no mais íntimo de seu sentir; o contrário seria o excesso descontrolado, ou seja, a embriaguez mental, que faz o homem cometer tantos deslizes, dos quais tem que se lamentar depois.

Nesse aposento podemos ver facilmente uma multidão de átomos ocupados em suas respectivas funções de seleção, controle, mo-delação, etc. Também vemos outros que, formando legiões, atuam como polícia; unidos em uma disciplina comum, procuram desalojar os elementos estranhos que, por serem alheios às famílias atômicas desse corpo, perturbam a vida normal e ativa das células sadias que são, sem dúvida alguma, as trabalhadoras da inteligência.
Se observarmos como os átomos tomam parte ativíssima na gestação dos pensamentos e como eles próprios constituem o elemento ativo destes últimos, compreenderemos por que se costuma dizer aos que têm iguais pensamentos e ideias, que estão irmanados no mesmo sentir.

Reparemos, também, nos milhares de átomos que os pensamentos contêm. Quando falamos com uma pessoa e lhe expressamos algum pensamento que esta aceita, por julgá-lo interessante ou com a intenção de utilizá-lo, surge uma legião de células mentais que voam em for-mação cerrada para a mente daquele que escuta. Assim, por exemplo, os estudantes devem oferecer hospedagem às legiões de células que viajam da mente do professor para as suas, ficando na do primeiro a imagem dos pensamentos que formam os conhecimentos que ensina, para reproduzi-los quantas vezes quiser. Acontece com frequência que, apesar das células mentais voarem em direção a outras mentes, nem todas as recebem, devido à desatenção ou falta de interesse que o ser experimenta. Nesse caso, elas voltam ao ponto de partida.

Vamos presenciar, avançando em nossa observação, a luta que se estabelece no interior da mente de um ser qualquer, entre legiões de células inimigas; ao se enfrentarem, como é comum, dois pensamentos contrários, estes batem-se encarniçadamente. Façamos de conta que um combate em nome do dever e que o outro represente um impulso passional ou uma tendência perniciosa. Sabe-se que, dependendo de qual triunfe, a conduta que esse ser adotará será aquela que o pensamento vencedor lhe impuser.

Outras vezes, um pensamento pessimista luta contra outro que alimenta uma esperança; ou um que se ostenta do lema do trabalho contra outro que prefere a folga; e não faltam, tampouco, os de características violentas pretendendo impor-se aos que têm por missão temperar e serenar o espírito.

É aí onde se pode apreciar o heroísmo das células mentais que lutam pelo bem. Se o homem conquista alguma paz nos dias de sua existência, esteja certo de que a deve a tudo quanto o ajudou a seguir pelo bom caminho, no qual a honradez, a lealdade de espírito, a retidão e outras belas condições presidem sempre as boas intenções do ser.
É indubitável que, em uma mente bem organizada, as defesas são maiores e mais eficazes. A ação das forças intelectuais, sob a estrita direção do critério formado na consciência do dever pelo conhecimento do justo e do verídico, é enérgica e consegue impor-se com facilidade às correntes adversas ao temperamento que tentam infringir as normas seguidas pelo espírito. Nestes casos, os pensamentos perturbadores têm escassa ou nenhuma probabilidade de triunfar. Mas, nas mentes comuns, onde impera a desordem, o descontrole, e onde a vontade raramente exerce alguma influência, tais pensamentos causam verdadeiros transtornos, provocando estados de ânimo que costumam levar o homem ao desespero.

Suponhamos, agora, um homem de vasta cultura, com uma mente disciplinada na qual cultivou muitos conhecimentos, sejam científicos, filosóficos ou de ordem geral, frente a outro cuja mente não possui essa disciplina nem cultura. É indubitável que os pensamentos do primeiro assumirão sobre o segundo uma autoridade que somente um insensato ousaria desconhecer.

Acontece com as pessoas de talento, bem como as de ilustração regular que, ao dissentir em suas opiniões, seus pensamentos, sendo antagônicos, entram em luta; é o que comumente se chama discussão. É curioso observar, embora seja

muito natural, como sempre triunfa em tais circunstâncias aquela mente que tem maior reforço em seus recursos mentais para levar ao ânimo da outra a inabalável posição de quem, assistido pela razão, entrincheirou-se em suas mais firmes convicções.

Dir-se-á que com argumentações auspiciadas pela imaginação também se convence às pessoas sobre o que se quer propor-lhes. Não duvidamos, mas devemos fazer uma advertência: nada pode ir contra a solidez da lógica e se essas argumentações são verificadas depois pela razão, possivelmente não poderão resistir a sua análise, nem tampouco durar como elementos de ponderação na mente daquele que as houvesse admitido atribuindo-lhes a importância ou o valor que não possuíam. Seria, pois, um simples estado de engano que nada teria a ver com a posição inquestionável que apresenta-mos no primeiro caso.

Vemos por conseguinte que, à semelhança do que acontece entre as nações, cujos exércitos penetram nos campos inimigos e vencem, conforme o grau de instrução, disciplina e conhecimento estratégico de seus chefes, ocorre em nosso mundo interno quando adestramos nossa população atômica formando legiões de pensamentos que invadem depois o território dos semelhantes; com a diferença substancial, neste caso, de que, em vez de levar a barbárie, seus objetivos têm razão de existir no conjunto das aspirações que convergem em ato civilizador e seus resulta-dos são próprios do auxílio humanitário que a mente beneficia-da recebe, depois de enraizar nela novos e fecundos conceitos ou ideias de que antes carecia.

Passemos a observar, em seguida, os que discutem de forma violenta, procurando intimidar-se mutuamente com palavras grosseiras e pensamentos não muito recomendáveis. O próprio choque nervoso, provocado pelo excesso mental no desgaste de energias, implica em uma luta interna onde os átomos selvagens atacam, pressionam e sufocam os civilizados. Muitos deles morrem no campo de batalha, sendo os sobreviventes os que chamam, mais tarde, à reflexão a quem deu rédea solta a seu furor, sem pensar na esterilidade de semelhante agitação e nas consequências que, geralmente, terá que lamentar depois.

Se concebermos que os átomos civilizados – isto é, os brancos – triunfam, mais tarde, num momento de sossego, veremos como estes devem reconstruir as zonas devastadas e organizar novamente o livre jogo das legiões atômicas dentro e fora da esfera mental. Os átomos selvagens ou negros, ao contrário, se

agrupam e se escondem buscando aumentar seu número para preparar novos ataques a fim de poder manter o ser em estado de irritação ou excitação constante. Aqui convirá ter presente que quanto mais o homem permaneça no campo inculto e sem ilustração, tanto mais propício será o ambiente para essas células perniciosas, visto que, em ambientes que favorecem seus propósitos, maior probabilidade de existir e conviver se apresentará a elas.

Olhando do lugar em que nos situamos dentro desse corpo gigantesco que é o próprio homem, veremos que os átomos negros entram com grande facilidade pelos ouvidos; eles viajam em legiões formando os pensamentos do mal. Um desses pensamentos, utilizado com muita frequência, é o denominado “mexerico”. Podemos vê-lo deslizar suavemente pela boca e ser lançado ao exterior por meio da língua, que parece ser o veículo que cumpre com prazer essa função.

Seguindo a ordem desta narração maravilhosa, contemplemos os átomos brancos em pleno labor: alguns, ocupados em preparar a elaboração das ideias, não cessam em seu trabalho constante de acumular energias ali onde o pensamento requer maior atenção para suprir o desgaste destas pela incessante ação de seu conteúdo; outros, entregues ao trabalho de polícia, vigiam aqueles pensamentos prontos a entrar em ação ao primeiro chamado, para deter os que, chegando de repente à mente, procuram perturbá-la alterando a ordem interna. Enquanto aqueles obedecem aos sentimentos mais puros e elevados, os últimos correspondem às tendências passionais e instintivas.

Voltando, por fim, de nossa excursão, após termos visto um organismo tão prodigioso e contemplado como atuam os trabalha-dores invisíveis de nossa constituição humana, meditemos sobre tudo o que nos sugerem tão transcendentes observações. Cabe a nós extrair delas as consequências úteis que possam nos dar um conhecimento a mais.

7

Como se manifesta o espírito da Criação ao entendimento humano

Montevidéu, 22 de setembro de 1940

Vou fazer esta noite um estudo sintético das causas que distanciaram o homem das fontes do conhecimento e, por consequência, da felicidade que devia alcançar nesta terra. Sugiro que prestem muita atenção os que queiram extrair das palavras que vão escutar ensinamentos extremamente úteis e interessantes.
Disse e afirmei, em conferências anteriores, que uma das coisas em que ninguém pensa é que todos nós somos súditos de uma Criação maravilhosa, e que nessa Criação Universal está plasmado o pensamento de Deus.

Pois bem, se quisermos conhecer esse pensamento, deveremos começar por aprender a linguagem de nossa própria natureza.
A unidade da Criação é mantida pela comunicação constante desta linguagem entre todos os elementos que a formam, inclusive o homem; qualquer interrupção que se promova alterará essa unidade, produzindo-se, em consequência, a destruição dos elementos que a perturbam.

Todas as formas da linguagem humana foram extraídas da Criação. Com sua linguagem, ela ensinou o homem a falar e a compreender todo o indispensável para sua existência, facultando-o, ao mesmo tempo, a construir imagens mentais e plasmá-las na matéria.

Mas o homem, não contente com as prerrogativas que a Natureza lhe ofereceu, em vez de inclinar-se preferencialmente para os elementos de bem, que o levariam ao entendimento com os demais seres humanos, optou pelos do mal. Vendo que na Natureza existiam forças que atuavam de uma e outra forma, consagrou-se primeiro a localizá-las e depois a extraí-las do mistério, utilizando-as ora para o bem, ora para o mal; ora para construir, ora para destruir; mas, com o passar do tempo, foi utilizando estes elementos cada vez mais para o mal.

Sobreveio a primeira advertência, ao se dividirem as línguas que os homens utilizavam em diferentes idiomas e ocorrer o que expressa a citação bíblica sobre a torre de Babel. Assim, o mal que alguns pudessem conhecer demoraria muito

para ser conhecido pelos demais; mas também se prejudicaram, porque, pela mesma razão, o bem demoraria também a chegar a todos.

Dessa maneira, os homens foram se desunindo, e pode-se dizer que, desde então, o diabo foi tomando forma.

O diabo é a representação das forças do mal; o que preside os atos do mal e está em todas as partes, como que à semelhança de Deus. Entretanto, não está por vontade d'Ele, mas sim por-que os homens assim o quiseram e continuam querendo. Compete, pois, exclusivamente ao homem, a tarefa de destruí-lo e expulsá-lo da Terra, constituindo esta uma das maiores tarefas que deve cumprir, precisamente porque foi ele quem o animou e, como é comum dizer, "deu-lhe asas".

O mal preside todos os erros humanos, porquanto é o que influi para que o homem os cometa, sendo isto motivo de prazer para o diabo. Seu grande afã de divertir-se e de rir prova seu desesperado intento de transformar seu feíssimo rosto em uma fisionomia agradável, algo completamente impossível, quando se pensa no quão horrível é sua figura.

A fisionomia humana é mais agradável quando ri que quando se enraivece; daí, sem dúvida, haver ocorrido ao diabo que, rindo, poderia agradar mais e ser mais atraente ao gênero humano. Mas quem começa a conhecê-lo e consegue encontrá-lo onde quer que se oculte, não ri com ele, porque é muito abominável, visto que constitui a síntese de todas as fealdades que possam existir. Assemelha-se ao morcego.

Bem, como vinha dizendo, os homens foram distanciando-se, isolando-se cada vez mais uns dos outros, à medida que o tempo passava; embora vinculados por uma série de circunstâncias, o certo é que têm vivido completamente separados. Foi assim que se formaram as tribos, as nações e, dentro de cada tribo e de cada nação, os homens foram se dividindo e subdividindo; e mesmo quando multidões daqui e multidões dali falassem a mesma língua, terminaram por não se entender e por viver em uma constante inquietação, pois a incompreensão de muitos provocava a desconfiança, o desconcerto, a intolerância e a guerra.

Se o idioma constitui o meio para um entendimento mútuo e, não obstante, os homens não se entendem, é lógico pensar que deverá existir outra linguagem que, estando acima das já conhecidas, torne possível tal entendimento. Essa

linguagem é a que voltará os homens novamente à compreensão comum e os unirá e auxiliará em todos os momentos em que forem atacados pelo mal.

Prosseguirei falando da existência do diabo. Ele estabeleceu o separatismo; separou os homens entre si para reinar. É imprescindível não se deixar seduzir mais por sua astúcia e vencê-lo com a energia que é necessário despender para expulsá-lo do mundo.
A grande chave para destronar esse monarca, que tão nefasto tem sido para a humanidade, não pode ser outra que a luta de todos, em estreita união.

Pois bem, para que os homens se unam, deve existir algo que os vincule a uma corrente de força que projete energias; algo que seja capaz, primeiro em menor escala e depois em escala maior, de vencer o mal onde quer que se encontre. Esse algo deve constituir o ideal supremo; o ideal que há de uni-los em uma única e inabalável aspiração.

Eis, porém, que o diabo povoou o mundo de diabinhos, de diabinhos vermelhos; de modo que cada um deve trabalhar para expulsá-los, começando por expulsar, para que a ação seja eficaz, o diabo que leva em si mesmo, isto é, repelir de sua mente os pensamentos do mal, que constituem a descendência do diabo; então se poderá dizer, com fundamentada razão: “Ao diabo com tudo”.
Frequentemente, quando a paciência se esvai e uma situação difícil não pode ser sustentada por mais tempo, é costume dar tudo por perdido, depreciando-se até o que mais se estimou, e dizer: “Ao diabo com tudo!”. É como se o homem se entregasse der-rotado. Quão maior seria poder expressar: “A Deus com tudo”, o que equivale a depositar a seus pés todas as realizações humanas, fruto de tudo o que Ele deixou aos homens para que fosse utiliza-do com sensatez e lhes permitisse desfrutar, por séculos e séculos e por toda a eternidade, dos inúmeros encantos desse mundo de maravilhas que se oferece à vista tão logo se levanta o tênue véu que as encobre.

Poderia assegurar que o homem conhece uma ínfima parte da Criação e que nem daqui a um bilhão de anos terá chegado a um por cento do que ela representa e encerra. Portanto, não se desesperem e não pensem que as gerações passadas, que se notabilizaram por seus conhecimentos, já abarcaram tudo. Há muito, muitíssimo que, até o presente, não foi descoberto; porém, como a Natureza contém a Sabedoria de Deus, esta vai se manifestando aos homens à medida que eles avançam dando um passo mais em direção a Ele.

Penso que compreenderam, agora, o imenso valor que tem a união pelo signo desse ideal descrito na luta contra o mal, por ser ele, indiscutivelmente, o que se interpõe à visão do homem, impedindo-o de descobrir os preciosos elementos que existem na Criação, elementos com os quais poderá combatê-lo com eficácia e exterminá-lo totalmente.

É árdua a tarefa a ser realizada. Trata-se nada menos que de privar o grande morcego de sua imortalidade; de evitar que o diabo continue fazendo diabruras na Terra. Trata-se de expandir pelo mundo uma nova corrente mental, consciente e forte, que institua uma fé que, fecundada pela razão, não produza nunca mais os monstros do fanatismo: a fé na própria capacitação, traduzida em uma confiança serena em si mesmo e nos demais. Isto somente é possível mediante a ação contínua dos esforços individuais em direção ao ideal assinalado, utilizando-se os meios que a Logosofia coloca ao alcance de todos, como poderosos auxiliares.

E chegará o dia em que os homens escutem a palavra da Natureza e, compreendendo-a, sirvam-se de todas as suas riquezas sem usura, porque – repito – a Natureza contém a Sabedoria do Criador; porém se oferece por inteiro à alma generosa e se oculta à alma egoísta.

Procurem, pois, construir cada um de vocês, em silêncio, em comunhão com suas consciências, a famosa varinha mágica que irá tocando a Natureza ali onde exista um tesouro a ser descoberto. Essa varinha, logicamente, deve ser feita com os conhecimentos que se vão adquirindo. Somente assim o homem voltará a experimentar as preciosas delícias de sua comunhão íntima com a palavra manifestada, com a voz do próprio Deus, que haverá de escutar, porque terá os ouvidos do entendimento preparados.

E isto fará, também, com que os tempos se unam; esses tempos em que o homem existiu sem viver a vida conscientemente. É necessário que algum dia sejam unidos, para que os seres humanos possam ter consciência plena de sua existência; e não há dúvida de que então conhecerão as leis por meio das quais lhes será fácil descobri-la. A isto devo acrescentar que, havendo os homens chegado, mesmo os comuns, a ter certos conhecimentos, é de admirar que não os utilizem para conhecer coisas muito maiores, visto que todas as leis têm uma relação muito íntima e elas, somente elas, determinam até onde o homem pode chegar.

Penso que todos irão se preparar para a tarefa de ir expulsando o diabo, isto é, as forças do mal, onde quer que se encontrem.
Na difusão do conhecimento logosófico, por meio da preparação corrente, segue a obra de edificação moral, ao mesmo tempo que de eliminação do mal; e este deve ser combatido, como disse, onde quer que se encontre.

8

O quadro mental e psicológico que o mundo apresenta

Montevidéu, 8 de fevereiro de 1941

O mínimo que posso fazer é manifestar a felicidade que sinto ao me encontrar novamente aqui, rodeado do afeto de todos e do propósito comum de continuar esta obra de bem, apesar das inúmeras dificuldades que se apresentarão na marcha para o triunfo final.

Viram-me em outras oportunidades dirigindo-lhes a palavra, ora para preconizar o ideal logosófico, ora para vaticinar acontecimentos que depois apareceram no cenário do mundo como inevitáveis consequências das causas que assinalei com antecedência. Encontramo-nos agora atravessando um dos mais singulares trechos da história, e como as épocas vão se sucedendo umas às outras, traçando às vezes rotas no tempo, é necessário tê-las em conta para não extraviar-se nos momentos de vacilação.

Toda grande obra requer grandes esforços, trabalhos contínuos, afãs comuns, cuja consistência não é possível que se manifeste com a rapidez que seria de esperar, pois à medida que as convicções individuais vão se solidificando, o sentir de todos para um mesmo ideal irá unindo-se na compreensão e no anelo comum.

Temos passado – a Providência assim o quis – épocas de calma e de agitação, porém sempre na paz do ambiente; mas virão dias incertos para a humanidade, tempos em que será necessário estar muito seguros de si mesmos, para sentirem-se efetivamente como almas que vivem e experimentam a realidade da vida.

Coube-lhes, como aos demais humanos desta existência, atravessar uma das etapas mais difíceis da história. É a primeira vez, asseguro, que os elementos do mal atacam de forma direta a mente dos homens. Parece que se divertem ao observar as torturas mentais que grande parte da humanidade está sofrendo. Pode-se dizer que muito do que está ocorrendo provém do descuido, do abandono quase total dos homens no sentido de superar seu quadro mental e psicológico; no sentido de conhecer as virtudes do espírito e cultivá-las, a fim de

elevar as condições de vida e colaborar para tornar melhor a existência dos demais.

Em tal estado de decadência espiritual, a mente da maioria é presa fácil dos pensamentos do mal, os quais invadem e submetem as mentes indefesas, incultas, que foram criando ao seu redor ambientes fictícios que, em muitos casos, chegaram até a mais crua extravagância.

São estes desvios da razão os que produziram tanta confusão e desordem no mundo, arrastando-o para um destino cruel ao incitar constantemente, no fogo das paixões humanas, não o despertar da mente no espírito, mas o despertar da mente na matéria. Mas esta situação não podia continuar, tinha que culminar em uma detenção do desenfreio das paixões, optando-se por uma renovação de conceitos básicos sobre a vida, ou os homens se precipitariam uns contra os outros, movidos por ânsias inconfessáveis de vingança e extermínio.

Se contemplarem o panorama do mundo, cujo aspecto principal é oferecido pelas reações mentais dos homens que se acham em diversos pontos do globo, e observarem seus efeitos e suas repercussões na psicologia de uns e de outros à medida que as grandes comoções chocam ou, melhor dizendo, fazem chocar suas mentes contra uma realidade que, certamente, estiveram longe de pressentir, verão que a maioria é tomada de surpresa e, por isso, é tão difícil sobrepor-se à sugestão do espanto que no ânimo comum opera com tanta violência, seja pelo caráter inesperado dos fatos que acontecem, seja por sua qualidade atroz e desumana.

Disse em outra oportunidade e posso ratificar agora, que se os homens do Velho Mundo tivessem detido a tempo essa desenfreada corrida ao encontro de uma situação como a atual – a mais horrível pela qual passaram no curso da história –, e tivessem empreendido uma verdadeira obra de renovação integral, o mundo hoje não apresentaria este aspecto tão triste, tão macabro e sinistro em todas as suas manifestações.

Em nossos dias, nem todas as mentes poderão suportar o cataclismo moral, social e espiritual que está sobrevindo ao mundo, porque não se acham preparadas para isso. As forças da inteligência debilitaram-se em demasia para poder resistir a semelhante transição, e o homem não está em condições de compreender sua magnitude.

Expressei em vários artigos que tudo o que está acontecendo não é mais que o jogo de diversos pensamentos que tomaram for-ma monstruosa, envolvendo os homens de diversos países, para depois esmagá-los com seus tentáculos insaciáveis; refiro-me aos pensamentos que, absorvendo primeiro a vitalidade intelectual dos homens, fazem de suas mentes campo propício para todo tipo de ideia extremista que se encontra fora da realidade humana. Nada que não apresente aspectos de equilíbrio pode ser tolerado por uma razão equilibrada. Tudo o que obstrua o andamento regular da existência, que apresente características anormais ou atente contra a própria vida dos homens, é repelido por ela.

Quero dizer com isto que, num futuro não distante, haveremos de cruzar momentos difíceis; porém, posso assegurar também que estarão em muito melhores condições que os demais seres, porque as dificuldades que terão serão menores que as da outra parcela da humanidade, pois já possuem numerosos conhecimentos que são eficientes elementos de defesa para neutralizar os efeitos da adversidade, que ameaça se disseminar sobre este desditado mundo. Portanto, será necessário fortificar a mente, dia a dia, com todos aqueles pensamentos que lhe ofereçam melhor perspectiva para poder situar-se neste panorama que acabo de esboçar, sem que as alternativas apresentadas pelas outras mentes a afetem significativamente.

Não se esqueçam que nestes momentos, e de um modo constante, a mente dos homens é surpreendida por pensamentos de diversa índole, que se lançam de um ponto a outro do mundo, fazendo com que os seres vivam em contínua angústia. Quando a resistência afrouxa e as fontes internas se debilitam, então se está à mercê das circunstâncias. É preciso, pois, enfrentar com valentia o instante em que vivemos e saber colocar-se em posição de homem íntegro, isto é, de ser individual, responsável pelos seus atos e seus pensamentos, e afastar sempre os moldes mentais que oferecem aqueles que querem induzir o mundo a ser joguete dos únicos que se creem no direito de ser livres e escravizar seus demais semelhantes.

Eu perguntaria aos que pudessem ter algum pensamento afim com aquele que ataca a liberdade do homem e a augusta soberania do lar, sob que signo e com base em que prerrogativas podem emitir suas opiniões, se não é sob o signo e as prerrogativas das nações livres, das nações nobres, que sabem escutar sem que os mandatários e o povo se irritem, enquanto corrigem seus erros e encaminham seus destinos. Já se viu, apesar de tudo, como os povos livres podem sobreviver

às catástrofes, porque sabem defender por sua própria conta seus lares e sua pátria.

Por isso a Logosofia verte a natureza essencial da vida dos pensamentos na alma do homem, que é a mente, que é a que respira o oxigênio vital do espírito, a que amamenta a inteligência e a que faz com que o ser humano conceba, perceba e comprove que existe, que vive e que pode atuar.

homem que domina seus pensamentos, condicionando-os sua vontade e manejando-os com inteligência, consegue mais que aquele que é seu joguete e jamais é defendido por eles. Conseguem, porém, infinitamente mais muitas mentes capazes de condicionar com disciplina seus pensamentos, conviver com os melhores e estabelecer um vínculo permanente e eterno entre eles; porque muitas mentes, é indubitável, podem mais que uma nesse sentido.

Recordo que uma vez alguém perguntou a um sábio se a humanidade submergiria na ignorância, supondo que algum dia todos os livros que existem no mundo fossem destruídos. E o sábio respondeu: “Duas coisas são necessárias para reconstruir imediatamente todos os livros que existem caso tivessem sido destruídos: a Natureza, que é o maior livro que existe no Uni-verso, e uma mente que perceba e possa transmitir aos demais as imagens que capte dela. As páginas desse gigantesco livro são os dias e as noites, que cada homem vira sem cessar, enquanto dura sua existência.”

De modo que, enquanto houver uma só mente no mundo, ela poderá reconstruir uma, mil ou um milhão de vezes tudo o que o homem pôde extrair desse livro; mas o que não pode mais ser reconstruído, o que não pode ser reparado é a transição dos que passam bruscamente da vida para a morte física, sem haver tido a menor oportunidade de realizar o processo de sua existência, que é esse grande objetivo que Deus dispôs como lei para os homens. Portanto, poderão reproduzir-se todos os caracteres que existem no Universo, mas o que não se animará de novo é a vida humana quando é interrompida bruscamente. Deixemos, porém, que as leis atuem sobre os culpados ao determinarem-se as causas e as responsabilidades e aprestemonos, enquanto isso, a edificar muros mentais invulneráveis, para que as misérias do mundo, as máculas que virão rodando pelos ares e os mares, os parasitas mentais próprios desse estado de decomposição em que se encontra o Velho Mundo, e que buscam novos portos para continuar sua obra destruidora, não possam penetrar em nosso ser interno.

Volto a repetir: se querem conservar sua paz interna e não se ver surpreendidos num futuro por pensamentos de índole estranha a sua natureza, a seu sentir e a seu pensar, protejam-se de todas as formas e estejam sempre alerta.

Neste trabalho de evolução incansável em que estamos empenhados, árduo por certo, devem convir comigo que é necessário duplicar os esforços para que possam se colocar rapidamente em um plano superior àquele em que hoje estão, e quanto mais consigam elevar-se acima das misérias de que o mundo está padecendo – refiro-me sempre à ordem mental em primeiro lugar –, mais se distanciarão de todo perigo e menor será o risco de serem presas do mal.
Meu maior anelo é poder um dia encontrar a todos, depois das nuvens da tempestade – quando ela houver passado –, sãos e sal-vos, intactos, para dirigir-lhes novamente a palavra. Seria para mim muito triste notar a ausência de algum de vocês, pois minha felicidade não poderia ser completa se aqueles que há algum tempo caminham comigo deixassem de escutar-me e de conviver com os pensamentos que constantemente coloco a seu alcance.

O que lhes digo significa que não devem entreter-se em peque-nas coisas que desviem sua vista do ponto de observação. Já é hora de se prepararem o melhor possível para estar em condições de superar com inteireza todas as adversidades que possam se apresentar, tornando-se assim dignos de desfrutar de um merecido triunfo ao final desta jornada. Para isso será necessário – repito – não descuidar um só instante dos movimentos da mente. Diria que um dos melhores elementos de auxílio que tem aquele que está vinculado ao ensinamento logosófico, para não se ver assediado nunca por pensamentos estranhos à sua natureza e à sua mente, é – como disse – trabalhar. Quando descanse, que seja o seu um descanso reparador; descanso que jamais se converta em ócio, porque o ócio é o espaço que o diabo utiliza para introduzir-se na mente.

Quero destacar que, se o descanso é reparador das energias gastas na atividade, o trabalho é, por sua vez, reparador das debilitações ocasionadas pela inércia mental. Convém, pois, sob todos os pontos de vista, que a mente esteja sempre ocupada em algo útil.
Deve-se ter por conduta o desenvolvimento de uma constante atividade de adestramento mental, no sentido de predispor o ânimo a sustentar uma resolução com firmeza e neutralizar, assim, todos os sinais de indecisão e preguiça.

A paciência há de ser uma das virtudes que mais devem ser cultivadas, por ser ela a que cria a inteligência do tempo.

Compreender a linguagem do tempo e atuar inspirado em seus conselhos deve constituir uma das máximas aspirações do ser humano, pois o arcano que com isto se revela à consciência transcende todos os limites da imaginação.

Para o homem consciente, para o que sabe esperar com sensatez as coisas que são objeto de sua preocupação, por mais variadas e até adversas que sejam ao seu agrado, estas devem continuar existindo para sua razão por todo o tempo necessário, até que se vinculem à sua vida e harmonizem com suas aspirações, se estas são justas e realizáveis. Em outras palavras, as grandes obras, como as pequenas, requerem seu tempo; porém esse tempo deve ser fértil e não estéril. Em consequência, alcançará merecidos triunfos quem persevera e não esmorece em seus afãs enquanto atua com inteligência, discrição e tolerância.

Toda interrupção é perniciosa e compromete a eficácia dos meios honestos e úteis que se empreguem e, também, os resulta-dos a que se aspire chegar.

Na própria Natureza, quando se interrompe um processo, se altera a harmonia de suas combinações, se perturbam as funções dos elementos que intervêm nele e, finalmente, se malogra sua manifestação, ou seja, o resultado do processo. E se isso ocorre justamente nos seres mais visíveis da Criação, não é admissível que, em se tratando do homem, exista uma exceção.

O segredo está, pois, na continuidade, na não interrupção das energias de que se dispõem para alcançar um propósito que haverá de se vincular estreitamente à vida. Nunca se alcançará uma culminação feliz se, em qualquer um dos estados em que o processo iniciado se encontre, os fios de conexão com a consciência forem bruscamente cortados. Esta imagem pode ser ilustrada de forma mais gráfica se tomarmos um exemplo corrente, como o do estudante de direito ou de medicina que interrompe seus estudos. Não chegará, é lógico admitir, a concluir o curso, visto que haverá ma-logrado o processo que devia levá-lo a seu termo. Um fato que se repete muitas vezes e que evidencia esta tese é que todo aquele que cessa em seus empenhos, hoje nisto e amanhã naquilo, sempre se acha começando e não muda sua posição, mesmo que o passar dos anos sacuda um tanto sua altivez.

Os seres compreendidos neste quadro jamais chegarão a conquistar nada, pois serão impedidos pela inconstância e a imprevisão.
Deixe de ser o que é – reza o axioma que sintetiza o mandato supremo instituído

pela Lei das Mudanças – se quiser chegar a ser aquilo a que aspira.

Os maiores êxitos obtidos pelo homem na conquista do bem foram alcançados graças à sua perseverança e aos seus contínuos esforços em direção ao ideal buscado.

A natureza humana é frágil. Daí que o homem deva lutar tanto contra suas próprias debilidades, que são, precisamente, as que o fazem ser inconsequente, movediço e pouco amante de tudo o que lhe de-manda algum esforço continuado. Busca sempre a sedução dos passos incertos, o acaso com todos seus falsos reflexos, e não a realidade que os passos seguros lhe oferecem. Quantos se extraviaram em inúmeros labirintos, lamentando depois não ter seguido um caminho reto!

Pois bem, se observarem detidamente o quadro psicológico-mental que o ser comum em geral apresenta, verão, por um lado, que esta instabilidade que se adverte na mente humana é o produto ou a consequência da variabilidade dos pensamentos e, por outro, o fato de desconhecer quais são suas possibilidades mentais e qual a função real e específica que corresponde à mente no conjunto de sua natureza e como parte substancial de sua existência. Por isso, aquele que conseguir fixar a mente, isto é, estabilizá-la para que não sofra mais as contínuas alterações a que a ignorância a expõe, e fizer resplandecer nela seus melhores propósitos, terá focalizado sua mira para um destino melhor, o qual, inquestionavelmente, irá operando em sua vida as mudanças mais notáveis que jamais pôde imaginar.

Sabendo disso, quem não se apresta a deixar esse destino mísero, assinalado ao que tem os limitados e torpes conceitos da vida manifestados por seu ceticismo e despreocupação? O homem, que não foi criado uma besta, não tem por que se comportar como um irracional. Algo extra-humano existe dentro do ser, a quem Deus dotou de faculdades que foram vedadas a todas as demais espécies do Universo.

Não devemos, pois, ser ingratos com o Doador desse supremo bem; e que ao subir o último degrau de nossa existência sejamos dignos de exclamar com júbilo: lutamos e vencemos!

Não é possível conceber que aquele que experimentou, ao me-nos uma vez, a sublime sensação que a compreensão dos conhecimentos superiores concede ao

espírito, submerja depois na nociva inércia mental, que tanto corrompe o ânimo e endurece os mecanismos do entendimento, porque é, precisamente, na compreensão do conhecimento que se associa à vida, onde a alma sente com maior intensidade a imanência de Deus dentro de si e em todos os pontos em que a inteligência assome para descobrir um detalhe de Sua Magna Criação.

9

As três existências

Córdoba, 9 de fevereiro de 1941

Apresentarei esta noite um ensinamento original que, não duvido, despertará grande interesse no auditório: é o que se refere às três existências que aparecem na vida do discípulo.

A primeira é aquela em que se recolhe dentro de si mesmo para viver sua vida íntima; vida à qual ninguém além dele pode ter acesso, onde comunga com sua própria consciência e pode conversar consigo mesmo a respeito de tudo o que mais vivamente interessa à sua vida.

A segunda existência é a formada pelo ambiente que a Instituição Logosófica propicia, em cujo seio o discípulo encontra inúmeros elementos afins que têm muito a ver com sua primeira existência, pois grande parte dos pensamentos que estão dentro dele se acham também nos outros discípulos e, logicamente, ao tomar contato com esse meio no qual devem atuar fazendo o intercâmbio de pensamentos, ele e todos os demais se beneficiam. De modo que, ao sair de sua própria existência, de seu mundo interno, o ser já não encontra o frio e a indiferença do mundo exterior, como ocorre às pessoas em geral, senão este outro mundo que se apresenta como transição para aquele que constitui a terceira existência. É nesta última onde o ser vive em contato com tudo o que é externo, e onde, por força das próprias circunstâncias que condicionam sua vida, se vê constantemente na necessidade de desenvolver suas atividades; em outras palavras, é na terceira existência onde se encontra com tudo o que está fora de si mesmo e de suas predileções logosóficas particulares.

O discípulo deve, então, aprender a atuar em cada uma dessas três existências sem mesclá-las, não levando à terceira o que vive na primeira, ou seja, em seu mundo privado ou íntimo, porque isto, sendo exclusivamente seu, é do que mais deve cuidar para que ninguém possa se introduzir nele. Quando tiver que entrar nas atividades da terceira existência, que está completamente fora das duas primeiras, deverá atuar de outro modo, contemplando cada circunstância de um ponto de vista totalmente diferente daquele em que se colocou para a primeira e segunda existências.

No homem comum, a segunda existência tem por campo o meio familiar, seus amigos; para o discípulo, repito, é o ambiente logosófico, que abrange o lar, seus amigos e tudo o que o rodeia, vinculado diretamente a seus pensamentos e afetos. Aquele, geral-mente, mescla sua vida íntima com o que corresponde a sua segunda existência, em que parentes e amigos transferem suas coisas privadas para o externo, e onde cada um vive afastado de sua intimidade. Dali provêm depois tantas amarguras, tanto ranger de dentes. Quantos gostariam de ir atrás de suas palavras para voltar a ocultá-las dentro de si mesmos! Quantos gostariam de voar para recolher seus pensamentos! Mas quando estes já saíram da primeira existência e os demais fizeram brincadeiras com eles, como se fossem esses anéis que se jogam e vão passando de mão em mão, recolhê-los depois torna-se impossível.

Eis aí como o homem vai eliminando de seu próprio ser o que constitui seus valores mais sagrados: a intimidade. E não tendo já dentro de si essa intimidade, em outras palavras, não podendo achar-se dentro de si mesmo, vai em busca do que perdeu, procurando encontrá-lo nos demais; mas isto não é possível, por achar as portas fechadas e, mesmo que consiga entrar, nunca se sentirá melhor que em seus legítimos domínios, onde o ser vive acostumado a exercer seu próprio poder.

Nos casos em que esses domínios são abandonados e seus do-nos perambulam como extraviados, hóspedes ingratos chegam até eles, pensamentos de todo tipo, que se apossam deles, entrando e saindo a qualquer hora e em diferentes direções. É quando o ser deixou para sempre sua própria identidade, porque se identificou com aquilo que era completamente alheio à sua natureza e a esse lar no qual viveu feliz consigo mesmo ou, pelo menos, cômodo, por achar-se em algo que era seu e que podia levar com ele, sem que fosse impedido por esses pensamentos que conduzem a todas as partes, menos aonde o ser quer ir, e que, ao final, cerceiam seus movimentos porque grossas grades de ferro o impedem. Quantas tragédias se encerram nos presídios, hospitais e muitos outros lugares onde, em geral, os seres que abandonaram seu lar interno consomem suas vidas e para os quais são levados como cadáveres psicológicos a fim de terminar ali seus dias, reclusos, por serem nocivos aos seus semelhantes!

Veem, portanto, que os ensinamentos que estou dando têm uma importância capital, e será fácil compreender quão necessário é aplicá-los com inteligência à vida, para chegar a ser cada dia algo do que não se é e para que, mais adiante,

chegada a hora, cada um, fazendo uma análise retrospectiva, possa dizer com satisfação: “Quanto melhorei! Quanto avancei! Quanto realizei!”, pois, mediante essa análise, pode comprovar que já não é o mesmo de antes, aquele que, ignorando estas coisas, vagava indiferente, inconsciente, levado por entes-pensamento que vi-viam dentro dele, sem conhecê-los, sem saber sequer que existiam. É aí, nesses momentos, quando o discípulo, meditando, chega à conclusão de que é um dever inevitável contribuir para que muitos possam desfrutar desta imensa perspectiva que a Logosofia abre a todo o mundo, a todos os seres humanos.

E quando a humanidade aprender a viver em cada uma das existências a que me referi e souber o grande valor que este conhecimento tem, com toda certeza serão evitadas muitas lágrimas, muitas dores, porque haverá começado a viver a verdadeira vida. Vivendo-a como ela deve ser vivida, se compreenderá então que a existência não se reduz simplesmente a comer e vestir-se, ou a assistir filmes.

Muitas vezes, aconselhei consagrar todos os instantes que a atividade interna deixa livre para fazer com que o ensinamento logosófico se estenda, se vincule a outras mentes, e espero que, com o esforço em comum, possa ser advertido mais tarde um resultado esplêndido, resultado que anelaria encontrar quando voltar a dirigir-lhes a palavra.

Cada um sabe o que convém a seu ser interno, ou seja, o que tem que formar parte de sua primeira existência, para enriquecer cada dia mais seu lar interior e poder depois pensar em suas relações com a segunda existência; a esta, justamente, dedica uma parte do tempo que vive, e é nela onde passa quase todos os seus melhores momentos, recolhendo elementos valiosos para seu mundo individual.

Quanto ao mundo externo, cada vez que seja necessário atuar nele, haverá que pensar com serenidade sobre a melhor forma de fazê-lo, buscando transmitir nesse meio aquilo que vai formando parte do próprio ser, mas sem prejudicar nenhuma das duas existências. Para isto existem as reservas mentais, e o discípulo deve tê-las sempre prontas para utilizá-las em caso de necessidade.

As reservas mentais a que me refiro são aqueles conhecimentos que já lhes beneficiaram e que não são mais necessários, pois constituíram os primeiros elementos com os quais foram operando dentro de si mesmos. Isso constitui as reservas que o discípulo deve ter sempre prontas para poder atuar com discrição

e êxito ao auxiliar seus semelhantes.

Será bom recordar aqui que, assim como o homem não pode continuar usando o andador que tão útil lhe foi quando pequeno, razão pela qual cedeu-o a outros, ao discípulo acontece a mesma coisa em relação aos ensinamentos: muitos lhe são úteis a princípio; porém depois lhe são úteis para ajudar aos demais. Enquanto isso, ele vai evoluindo e, à medida que vai desenvolvendo suas forças, toma outros elementos de que necessita para continuar seu desenvolvimento.

De tudo isso resulta um estudo muito interessante, pelo fato de que cada discípulo pode identificar os elementos que lhe foram proveitosos no início e que são os mesmos que deve procurar oferecer a outros seres. É lógico que não se oferece a um bebê o que um homem utiliza, como tampouco é possível o contrário.

Agora eu perguntaria: para ser grande, o que é necessário ser antes? Pequeno, simplesmente. Em consequência, não há nada de especial em que cada um, para viver conscientemente as três existências, comece pelo abecedário, isto é, pelas compreensões básicas que levam ao conhecimento das altas concepções logosóficas.
Esse abecedário é, justamente, o que o pedagogo da Logosofia deve fazer conhecer mais cuidadosamente. Refiro-me ao significa-do que esta ciência atribui às palavras, o qual difere, na maioria das vezes, do que lhes é atribuído no mundo corrente. Para poder falar o mesmo idioma e entender-se, é preciso explicar aos que escutam pela primeira vez a palavra logosófica, que cada uma delas tem um valor particular; isto facilitará, em muito, o entendimento dos que – como disse – ouvem os ensinamentos pela primeira vez; porém, se não se tomam estas medidas, isto é, se não se estabelece primeiro um acordo sobre aqueles termos que têm um significado especial para a ciência que cultivamos, não será possível obter êxito ao transmitir os ensinamentos.

Como é compreensível, ninguém escuta com agrado quando lhe é falado em uma linguagem que não entende. Disto se deduz que, para aqueles que se interessam pelo ensinamento logosófico, o correto é começar falando-lhes de um modo familiar a seus entendimentos, isto é, com palavras cujo conteúdo esteja ao seu alcance, fazendo-lhes compreender depois que, sobre essas mesmas palavras existem outras interpretações substanciais para alcançar o conhecimento dos ensinamentos logosóficos, os quais, de modo algum, lhes serão inacessíveis. Daí ser oportuna a explicação sobre a natureza das palavras.

Uma coisa muito certa é que, para poder entender, deve-se aprender antes o idioma que se escuta. Pode-se ouvir uma conferência em chinês, por exemplo; ouvi-la muito bem, e não entendê-la. De que ser-viria, então, escutá-la?

Quero dizer que nem tudo consiste em ouvir, visto ser necessário começar por entender e compreender o idioma que se escuta. E se a isso se segue a análise das palavras, agrupando-se cada uma nos pensamentos que elas mesmas sustentam, se advertirá como esse idioma se transforma no interno; mais ainda, já não será idioma: serão entes animados, isto é, pensamentos que atuam sob a inspiração da inteligência e com os quais é possível entender-se melhor, se todos são dirigidos pela própria razão, que saberá escolher os bons e expulsar os maus.

Bem, quando deixarem o andador psicológico e começarem a caminhar, a ver que a cada dia sua força é maior, que suas mentes se abrem e que a luz entra nelas com mais vigor, então esse idioma irá se transformando dentro de cada um e logo perceberão aquilo que disse em uma conferência dada há pouco em Buenos Aires. Perceberão, de fato, algo grandioso: a diferença que existe entre o Verbo e a palavra. Esta é isolada; o Verbo, ao contrário, é o conjunto de todas as palavras que se identificam entre si e que provêm de uma mesma origem. Daí que o Verbo se identifique com todas as palavras que o integram. Quando as palavras são isoladas, isto é, quando carecem de um conteúdo de essência única que as identifique, não constituem o Verbo, pois não provêm de uma só e única fonte. O Verbo gera palavras constantemente, todas irmanadas entre si. Por isso são reconhecidas onde quer que sejam lidas ou escutadas.

As palavras são filhas do Verbo quando estão unidas e são da mesma natureza.

10

Sobre ética logosófica

Montevidéu, 21 de março de 1942

Antes de começar o tema sobre o qual falarei esta noite, quero chamar a atenção para a importância dos estudos apresentados em minhas conferências anteriores, por estarem estreitamente relacionados com o que motiva a exposição que vou fazer a seguir.

É necessário fazer uma revisão de tudo o que a Logosofia disse ou expressou até aqui, a fim de se vincular mais intimamente com o ensinamento. Logo observarão como seus ânimos se renovam e se fortalecem adquirindo maior vigor. É imprescindível, porém, que esse estudo siga acompanhado de uma atenção constante sobre a conduta de cada um; que não se altere jamais o equilíbrio que deve existir entre os conhecimentos que se integram à vida, ou seja, o realizado, e as consequências favoráveis e benéficas que uma manifestação sempre ascendente deve ter; isto é, que depois do estudo deverá seguir a prática, a realização, computando sempre a extensão do conhecimento com a extensão do progresso alcançado graças à sua aplicação.

Não ocupem a mente em coisas que não constituam um elemento útil para esta atividade que estão realizando. Quando ela está em plena evolução se acha em paz, tranquila, e o coração feliz, mas quando há alterações que dificultam o desenvolvimento do processo interno, quando a evolução diminui seu avanço, sobrevêm as agitações mentais, as incompreensões, a desorientação.

Esta é uma instituição eminentemente experimental e prática; nela se recolhem elementos muito valiosos para os mais altos juízos do entendimento, graças à observação constante e à experimentação. Penso, pois, que cada um saberá se colocar no lugar que lhe corres-ponde, como digno colaborador desta obra, utilizando o ensinamento como a mais poderosa arma, para defender-se de todo assédio ex-terno e interno dos pensamentos do mal. Fiquem sempre atentos e, como disse outras vezes, conservem em todo momento sua serenidade, até conseguir uma ampla integridade. Que nada nem ninguém seja capaz de destruir os conceitos que com o próprio juízo tenham estabelecido dentro de si. Sejam

capazes de conservar intacto tudo de bom que possuem e aquilo que lhes é útil e os auxilia, para seguir firmes e unidos rumo à conquista do saber.
Aqueles que não são capazes de defender o que consideram justo e bom são muito frágeis e se quebram quando a mais leve brisa fere sua sensibilidade. Estes seriam os formados com a má argila, visto que não seria verdadeiro neles o que não tem consistência alguma. O bom soldado jamais abandona seu posto, porque está incorporada nele a suprema ordem de honra na luta.

Nem todos os que participaram dos processos que existiram na humanidade foram capazes de continuar firmes até a conquista fi-nal, e se tem visto, por exemplo, quão grande foi sempre o egoísmo humano naquele que se desviava e se afastava do núcleo ao qual estava irmanado, ao tratar, instigado por pensamentos que o levavam a estranhos destinos, de deixar vagas nas filas para que outros sucumbissem com ele, tornando assim menos evidente seu fracasso.

Uma infinidade de vezes levantei os que se debilitavam no caminho, até os levei em meus braços; dei-lhes vida e força em diversas oportunidades; mas também devo obedecer às mesmas leis que faço conhecer e aos mesmos princípios que dito; e quando o axioma que determina uma lei ou um princípio se ilumina ante meus olhos, sou o primeiro a acatá-lo e respeitá-lo. Neste caso, é oportuno citar este: “A tolerância termina quando começa o abuso”. Seguem então os últimos conselhos ao que já não quer caminhar, não por falta de forças, mas por má vontade e porque outros pensamentos detêm seu avanço.

Conheço os homens porque conheço suas mentes, e cada vez que me tocou combater aquelas que, extraviadas, pretenderam destruir minha obra, observei que meus adversários tinham o olhar turvo, a testa enrugada e sempre temiam receber o que eles mesmos faziam aos outros.

Minha palavra é construtiva, e quando não descobrirem na do semelhante o eco desta vida que vai nas minhas, estejam atentos para não serem surpreendidos e comportem-se dignamente.

Jamais mesclei nos meus ensinamentos o nome de ninguém para diminuí-lo. Quem fizer o contrário, má é sua mente e piores suas intenções.

Tenho-me ocupado, muito especialmente, em levar às mentes o conhecimento das altas verdades logosóficas, cujo benefício imediato foi evidenciado tantas vezes naqueles que cultivaram, com auxílio delas, seu próprio espírito. Não sou

um filósofo daqueles que vêm ou vieram de países estranhos para ministrar cátedra, mencionando o que alguns disseram, sem ocupar-se das necessidades que reclamam as almas que escutam, às quais não deixam uma migalha com que saciar suas ânsias de saber. Minha cátedra se dirige principalmente a atender as necessidades internas, a dissipar as trevas que dificultam a boa compreensão mental e tornam o caminho mais árduo. Meus conselhos são focos de luz, e todo aquele que utiliza meu ensinamento honestamente jamais fica defraudado. Isto se acha na consciência de todos, porque ninguém pode negar sua virtude nem seu valor e porque ninguém ousou jamais pôr em julgamento uma só letra de cada ensinamento, cuja força expressiva e convincente basta para dissipar toda sombra de dúvida.

Quão triste seria para mim se, no futuro, não estando eu mais neste mundo, não fossem capazes de me representar dignamente e serem os condutores invencíveis deste ensinamento cheio de verdade e de vida, que a todos oferece tão bela oportunidade!

Não compreendo, discípulos, que possa existir entre vocês alguém capaz de ser perturbado pelo mais simples elemento estranho e que, em vez de situar-se dentro de si mesmo e pensar no que é e no que tem, se deixe surpreender pela astúcia de pensamentos temerários.
Minha prédica tem sido levada sempre à mente humana com o máximo de paciência e afeto, para que se compreenda que cada um deve ser dono de seus pensamentos, cuidando de não entregar sua mente aos que pretenderam fazer dela um joguete ou um instrumento de suas audazes sugestões ou ideias extraviadas. Que conceito poderia merecer aquele que assim o fizesse? Que confiança poderia dispensar-lhe? Que aproveitamento haveria feito de meus ensinamentos sobre defesa mental?

Eu ensino e ensinarei até o fim aos que buscam bons propósitos, aos que, depois de experimentar os benefícios do ensinamento, o adotam para alcançar os altos objetivos humanitários e de bem que contém; porém não poderia fazer o mesmo com os que pretendem se servir deles para finalidades egoístas, mesquinhas e utilitárias, por-que seria uma negação impossível de admitir.
Penso que todos vêm aqui porque encontram o bem, a paz e a luz do conhecimento e, ao mesmo tempo, contribuem para que essa paz e essa harmonia sejam permanentes. Sejam, pois, seus guardiões perfeitos, aprendendo a ser bons lutadores para que ninguém possa perturbá-las. Busquem sempre preencher os vazios que o mal deixa com todo bem que sejam capazes de

oferecer.
Um obstáculo pode ser intransponível para um, mas não para muitos. Uma pesada viga de ferro atravessada sobre um estreito caminho dificilmente seria retirada por duas mãos somente; já sabem que sempre, nestes casos, é necessária a cooperação de muitas para afastá-la e seguir em frente.

Nisso reside o segredo da colaboração. O obstáculo pode ex-ceder o esforço pessoal, mas deve existir a convicção de que esse obstáculo será eliminado com a colaboração de todos. Por isso disse ontem que cada um devia, utilizando-a pelo menos uma vez para algo útil, escrever no céu, com sua imaginação, a palavra “serviço”. Aquele que nada faz, que sempre encontra uma desculpa para justificar sua má conduta, sua negligência ou sua má vontade, não achará mais que o eco da realidade que lhe responde convidando-o a mudar.

Aqueles que me têm escutado em inúmeras circunstâncias sabem, por experiência, quanto bem recolhe a alma que sabe se conduzir, e quantas agitações e inquietações deve suportar quando não se com-porta como as práticas do bem lhe assinalam.

Jamais peço a ninguém que me diga quem é nem de onde vem; não olho se é branco ou negro, se é baixo ou alto, se é gordo ou magro. Recebo a todos igualmente e a todos ofereço o conhecimento de altas verdades, fecundas e grandes. Eis aí cumprido o “fazer o bem sem olhar a quem”. Mas nem por isso descuido da Lei de Caridade, que determina olhar a quem se faz o bem, isto é, observar se o ajuda-do faz bom uso dessa caridade. Não olho, pois, a quem, sempre que faça bom uso do bem recebido. Este é o sentido da frase. Ao que oferece seu serviço aos demais, ao que se conduz dignamente e sabe fazer bom uso do ensinamento, a esse ajudo sem olhar quem é.

Discípulos, expliquei-lhes o sentido desta frase, que muitos interpretaram tão erroneamente no decorrer dos séculos.

Prosseguirei referindo-me a alguns aspectos interessantes que surgem das atividades dos pensamentos.

Ocorre na mente humana, especialmente nas dos que seguem com cuidadosa atenção os estudos logosóficos, que ao aprender a conhecer os pensamentos e se acostumar a conviver com os melhores, chegam a familiarizar-se de tal modo com alguns deles que ocorre quase uma espécie de automatismo mental; é a

confiança que se dispensa aos pensamentos que têm sido tão familiares e aos quais se dá certa autoridade para que atuem dentro da mente, sem que isto seja motivo de maior preocupação para o ser, pois se habituou a observar a conduta desses pensamentos e os bons resultados de sua atividade.

Também existem outros pensamentos que, sem ter grande atividade dentro da mente, a ela comparecem, seja na qualidade de elementos secundários nos mandatos da inteligência, seja para distrair agradavelmente o coração. Mas acontece que chega um momento em que o ser adverte a ausência de um desses pensamentos e sente sua falta, notando que esse distanciamento da mente fez com que cada vez fosse mostrando outra fisionomia. Causam-lhe desagrado algumas insinuações que faz e, como reação natural de defesa, o observa e vigia. Pouco a pouco deixa de ser-lhe familiar; parece-lhe estranho quando com-parece à mente e, vendo que não se comporta como antes, que não se situa no núcleo dos pensamentos afins, opta por afastá-lo não o recebendo mais, pois sua desvinculação e talvez seu contato com outros pensamentos de natureza diferente o foram fazendo mudar até parecer-se com eles. É curioso observar como esse pensamento chega a pretender dos demais a mesma estima de antes, o mesmo conceito, o mesmo afeto; entretanto ele decidiu retirá-lo.

Isso acontece na mente humana – como disse – e pode-se apreciar com maior nitidez na dos discípulos que já têm certo domínio sobre a ação dos pensamentos, que os conhecem e que, ao conviver com eles, sabem em que cada um contribui para os fins de sua evolução ou ainda para os fins da conservação de sua conduta, de sua moral e de sua honra.

Quando isso ocorre – e o digo porque pode acontecer a muitos dos que ainda não conhecem a vida dos pensamentos –, costuma acontecer também que, por considerações errôneas, chega-se a sentir lástima de desprender-se desse pensamento que – repito – já constitui um elemento estranho e corrosivo dentro da mente. E é aqui, justamente, quando ele aproveita para infiltrar o sutil veneno de suas intenções. Trasladando estes movimentos à vida dos seres, pode acontecer também que, em um núcleo de pessoas, ocorra o mesmo caso.

O referido anteriormente dá a pauta da importância que tem o discernimento e como é necessário para não sucumbir jamais nos braços do mal, do engano, por descuido, por inadvertência.

É meu dever iluminar sempre o caminho e, sobretudo, projetar luz diáfana sobre

as sombras temerárias.

Disse uma vez que fixar a vista sobre quem não podia sustentar o olhar à altura de seus olhos era mau para ele. Por isso se deve olhar o mentiroso fixamente, atentamente. Ver-se-ão sombras em seus olhos e, através deles, um eclipse em sua mente.

Quanto valor tem a palavra que previne do perigo e que, querendo-o, imuniza também contra ele!

É um fato comprovado na observação reiterada que realizo sobre as mentes que aquele que escuta um pensamento mau, que escuta uma injúria dirigida a outro, é porque tem em seus ouvidos pensamentos afins; é porque dentro dele, dentro de sua mente, está a injúria, e, quanta vergonha não haverá de sentir um ser que se acredita justo ou nobre, ao ver-se convertido em triste veículo do mal, do vexame ou da má intenção! Como se adverte a perda de toda pureza, de todo pudor, quando a humilhação se apodera de um homem e o transforma em um ser baixo e vil!

Elevem-se, pois, acima desta débil condição humana e gravem bem minhas palavras em suas mentes; levem-nas a suas consciências, porque elas têm sempre uma missão a cumprir. Se as valorizarem, se compreenderem o que significam para suas vidas, e se suas consciências reclamam com frequência minha presença para oferecer-lhes o bem-estar que causa a palavra do conhecimento, se comportarão como bons discípulos e não farão nada que contrarie o anelo íntimo de cada um de seus corações, tornando-os merecedores de que volte a estar com vocês, derramando esta luz e este bem, tão necessários nestes momentos em que o mundo parece desmoronar, vencido e derrotado pelas correntes do mal.

Busquem sempre o refúgio de sua intimidade em vez de utilizar os maus pensamentos como conselheiros, e busquem também, como incentivo e estímulo, o calor do ensinamento, o calor deste ambiente de estudo e aperfeiçoamento. Sejam trabalhadores conscientes desta obra e não coloquem jamais seus pensamentos fora da mente para não serem agarrados pelos vampiros do ambiente mental externo. Sejam unidos, e que essa união represente o símbolo de sua felicidade.

Já disse um dia que, no Velho Mundo, esses imensos pensamentos-forma que absorviam nações inteiras chocavam-se entre si, convertidos em monstros do

espaço, em monstros mentais, em insaciáveis egrégores que buscam o extermínio da espécie humana. Por que, então, descuidar do que deve ser tão caro para a consciência de cada um? Jamais sonhem quimeras, discípulos; sigam sempre em busca de toda realidade, para aproximar-se dela com a segurança de não se perder nos labirintos da ficção.

11

Alcances do conhecimento logosófico no processo de superação

Montevidéu, 22 de março de 1942

Hoje vou tratar de alguns pontos que considero de vital importância para o desenvolvimento regular do processo de realização, no esforço de superação integral que o ensinamento logosófico propicia a cada ser humano. Sempre adverti que atribuía um valor imponderável a esse processo, ao qual se deve dedicar a maior atenção, visto que nada expressa, com mais clareza e eloquência ao entendimento, seu ingresso efetivo ao plano da evolução consciente quanto os avanços que denotam a obra construtiva que está sendo realizada dentro de si mesmo.

A tarefa de aperfeiçoamento deve abranger toda a existência, já que é uma obra eterna e a mais preciosa que o homem pode executar. Conforme se avance nela, será dado beneficiar-se e contribuir para o progresso da civilização humana.

E sendo assim, sendo que o empenho deverá ser sustentado pelo estímulo constante que proporciona o aumento do saber, cujo entesouramento enriquece a alma e satura a vida de inefável felicidade, não se pensará jamais que faltará o alento que permita não desanimar nos momentos amargos de prova, ou nos temerários arrojos do pensamento, em suas lutas pela conquista do ideal em disputa com a adversidade.

Para triunfar em todos os transes difíceis que devem ser afrontados, é necessário que exista um equilíbrio entre os alcances daquilo a que cada um se propõe realizar e o conteúdo dos conhecimentos que se vão forjando no interno do ser; isso determinará com maior precisão as forças com que se pode contar e a consistência do estado mental, o qual deve estar firmemente apoiado pela certeza da regularidade com que se desenvolve o processo interno.

Não se deve esquecer – volto a insistir – que as fraquezas do ânimo provêm do quebrantamento da moral ou do pronunciado debilitamento das fontes internas de produção das energias vitais do ser. Como, pois, haverá de pretender tirar dessas fraquezas a força para realizar uma atividade que terá de demandar,

logicamente, como preço, o emprego de energias que somente encontra aquele que realiza um processo regular e firme?

O processo interno deve ser fundamentado com profunda convicção e com um enraizamento cada vez maior na consciência de que a verdade que um dia se manifestou como grande objetivo não haverá de converter-se em um engano, em uma mentira. A consciência necessita ter do ser essa segurança para não sofrer as consequências de sua anulação quando a razão se cega e a luz do entendimento se esconde para que os olhos não vejam. É por isso que tanto recomendo ao logósofo que se vincule intimamente com o ensinamento, cada dia e cada hora, com a maior consagração possível.

Não sendo assim, não se poderá ter a certeza de que todos aqueles conhecimentos que estão estampados nas páginas da volumosa bibliografia logosófica, como os que dei em inúmeras conferências e circunstâncias, se encontram dentro de si, pois ao observar a insegurança dos passos no trajeto que se percorre, será possível advertir que esses conhecimentos não foram assimilados, senão em ínfima parte; que o ensinamento não foi aplicado tal como se expressa à consciência de cada um; que esta falta de realização trouxe, por consequência, o debilitamento da vontade e também a desorientação. Mas quando se tem em conta, como sinal permanente, que o objetivo primordial da aspiração como ideal de superação deve constituir a máxima preocupação íntima, será fácil aumentar o volume da proporção assimilada devido à extensão do domínio que se sinta afirmar dentro de si e capacidade sempre maior para ir a fundo nos novos campos de atividade que o próprio ser aproximará de suas possibilidades.

A vida deve chegar a ser compreendida em sua essência, para que os desígnios de sua sublime finalidade possam se cumprir. Infelizmente, a quase totalidade do gênero humano não somente desconhece essa essência, como dá muito poucos passos, ou nenhum, para conhecê-la. Daí que cometa tantos atentados contra seu espírito e infira tantos agravos à sua natureza e ao que representa a razão de ser de sua existência.

Ninguém sequer suspeita que os sofrimentos, assim como as faltas e erros, são porções de vida que se desprendem do ser. Refiro-me a vida inteligente da alma, que, nesses casos, costuma ser interrompida pelos dilaceramentos da dor, da tristeza ou pelo sobressalto da responsabilidade. Não poderiam coincidir nem se conciliarem as horas que o entendimento respira em plena função normal, com

as que uma brusca mudança no estado espiritual e moral reclama. Entenda-se que não se trata da vida vegetativa do corpo, pois ainda que repercutam nele as comoções psíquicas, segue realizando normalmente sua função biológica. Quanto às alterações que esta função possa sofrer, não afetam, como no outro caso, a consciência do existir. Deve-se saber que, à semelhança das hemorragias fisiológicas, as do espírito contêm vida e que sempre, cedo ou tarde, suas consequências aparecem numa conjunção de pesares que – como dissemos – interrompem e impedem, por um tempo, que o feliz desenvolvimento de uma vida, em pleno fervor lúcido ou em suas simples manifestações correntes, possa continuar.

Esses acidentes – tão frequentes em muitos e que a longo prazo combinam os fios de um destino desventurado – são, repetimos, porções que se desprendem da vida natural do ser, da mesma forma que o tempo que se perde sem vivê-lo como se deveria viver.
Como se pode pretender então ser forte, quando se carece de energia vital por efeito de tais debilitamentos? Eis aí o porquê de a Logosofia aconselhar, com particular insistência, a conveniência de iniciar um verdadeiro processo interno de evolução consciente, ao oferecer com isto o meio para reconstruir a vida. De que poderá valer o simples estudo do ensinamento, quando se esquece que ele deve ingressar na vida na qualidade de força viva e ativa?
Em consequência, cada um deve buscar os fragmentos de vida que perdeu, enquanto permaneceu submerso na inconsciência, ignorando as supremas vantagens do conhecimento; reavê-los para si e, depois, ampliar a vida com o propósito de oferecê-la aos demais ou dispor dela na ajuda ao semelhante, para que este possa, por sua vez, encontrar a que lhe falta e sentir sua integridade, em sua acepção mais ampla.

No mundo comum ocorre quase sempre o contrário; muitos se reúnem para matar o tempo, desarticulando a vida ao levá-la daqui para lá em incontido frenesi, ou asfixiando-a nos antros do vício. O medíocre, cuja ignorância inibe seu entendimento, vive durante um bom tempo uma existência vegetativa, ignorando a vida preciosa que teria podido desfrutar se, nesse tempo, houvesse se ilustrado em conhecimentos que, iluminando sua inteligência, lhe concedessem a ventura de enriquecer seus dias com o ouro puríssimo e diáfano do saber.

Prestem, portanto, muita atenção a tudo o que eu disse, pois encerra realidades inegáveis. Enquanto tudo corre normalmente pelas vias paralelas do natural e do

lógico, tudo é útil para o entendimento e nada é inútil para sua observação e apreciação; porém, quando a ficção quimérica e o absurdo aprisionam o entendimento, a razão se eclipsa e tudo se torna infecundo.

12

A Logosofia entranha forças construtivas

Rosário, 25 de outubro de 1942

Não é com um estudo frio e especulativo do ensinamento logosófico que se consegue extrair conclusões de valor para a vida de cada um. Esse estudo a nada conduz; o ensinamento é essência viva que deve penetrar na vida e fortalecê-la e, enquanto o ser não se identificar com ele e o converter em norma invariável e guia de todos os momentos de sua existência, os esforços que realize com a finalidade de possuí-lo serão estéreis.

Farei, a seguir, uma exposição clara do que o ensinamento deve significar para o ser.

Muitas teorias, muitos ramos chamados do saber e sistemas considerados filosóficos existiram no mundo, porém somente tiveram por objetivo ilustrar o homem sobre uns tantos fatos ou coisas que se pensaram ignorados, sem que nenhum conseguisse determinar uma rota segura e real para sua evolução.

A Logosofia conta a respeito com duas forças poderosas que, ao unir-se e irmanar-se, levam o homem a cumprir as duas finalidades de sua existência: evoluir para a perfeição e constituir-se em um verdadeiro servidor da humanidade. Uma dessas forças é o conhecimento que oferece à mente humana; a outra, o afeto que ensina a realizar nos corações.

A ciência comum carece desse afeto, dessa força; é fria e rígida e, às vezes, especulativa e intemperante, como no caso da filosofia; a Logosofia, ao contrário, é conciliadora. Eis aí a grande diferença e o que explica por que é capaz de realizar prodígios sobre a alma humana, que parecem até inconcebíveis aos que permanecem alheios a tais possibilidades.
O conhecimento sozinho, sem o auxílio do afeto, torna-se, no que diz respeito a seu conteúdo específico, frio e insensível para a mente humana. A Logosofia produz justamente a fusão perfeita dessas duas forças: uma, estimulando poderosamente a inteligência, a outra, fortificando em alto grau os sentimentos do homem. Isso é o que contribui para aliviar as árduas horas de trabalho, pois, enquanto o estudo, a investigação e a realização podem causar alguma fadiga, a

força do afeto as mitiga e as suaviza e, unidas, mantêm vivo o entusiasmo que cada um alenta no interno de seu ser.

A ciência logosófica é muito ampla; abrange tudo o que existe. O ser não pode escapar de sua influência, que é a influência da própria Criação, fazendo-se presente nas manifestações mentais do homem. Estamos vivendo em um mundo onde, embora feito para os humanos, muito poucos adaptam suas condições à espécie da qual fazem parte. Os civilizados, como tais, são os que mais dignamente a representam, porém sem ter alcançado ainda as excelências que o espírito humano deve evidenciar.

A Logosofia veio para humanizar o homem, para dar a ele uma nova e ampla visão de sua existência e colocá-lo no caminho das grandes realizações; mas para isso é preciso criar muitas defesas internas; chegar a ser valente diante de todas as circunstâncias adversas, e a saber que a luta é lei da vida, devendo ser enfrentada uma e mil vezes, não com insegurança, mas com plena consciência de que é inevitável.

Para que o homem possa alcançar sua mais alta finalidade, é necessário que lute, sabendo fazê-lo; assim é como poderá conquistar esses triunfos que tanto fortalecem o espírito e imunizam a sensibilidade contra todas as agressões perniciosas do externo. É necessário, também, que saiba se colocar sempre com a maior discrição, tanto dentro de si mesmo como nos ambientes que frequente, procurando não se situar nunca onde não lhe corresponda. Temos visto muitos, e com muita frequência, ocupar posições imaginárias, crer-se o que não são, inflar-se de vaidade e prejudicar-se depois, quando a realidade os faz descer de sua falsa posição. Daí que o homem sofra, às vezes, enorme-mente por esta causa, chegando até o extremo de pensar que é injusto o que lhe acontece, porquanto não se detém a analisar sua própria conduta e a reconhecer em si mesmo a origem de seus fracassos.

Aquele que manifesta ser muito grande deve provar que o é. E se essa estatura moral e mental é falsa, logo as pedras que lhe serão atiradas de todas as partes se encarregarão de trazê-lo a seu lugar. Muitos são os que têm que diminuir-se ante os menores perigos; isto ocorre porque não são grandes, mas sim pequenos com pretensões de grandes.

A Logosofia quer que cada um cresça e saiba ser firme, não instável ou volúvel e exposto a todas as eventualidades. Para isso, é preciso submeter a própria vida a

um severo treinamento, a uma prática constante do conhecimento que anima este ensinamento, a uma observação sistemática de todos os fatos e coisas, para que nada afete o equilíbrio interno.

Uma das causas que mais dificultam a evolução consciente do ser é a personalidade, com sua característica egoísta. O homem nasceu para ser algo mais do que é, e para isso, é indispensável que saiba se constituir em um homem verdadeiro, em um ser que honre a sua espécie e seja para os demais um exemplo de virtudes cuja realização superior seja inquestionável.

A mente não deve se entreter jamais em ninharias que lhe roubam o tempo; é preciso elevar o entendimento por cima do vulgar e direcioná-lo para tudo o que seja importante e mereça ser observa-do; em resumo, para onde se possa descobrir algo com que enriquecer o acervo interno, à medida que as observações se tornem mais profundas e assumam contornos maiores.

Temos visto que existem no mundo comum diversos tipos psicológicos iguais, de idênticas características, como se fossem feitos em série. Assim, por exemplo, há os crédulos, que admitem tudo sem raciocinar, e os incrédulos que, raciocinando ou não, nada admitem; os acentuadamente egoístas, os charlatães, os jogadores contumazes, os servis, os néscios, os discutidores e muitos outros. Naturalmente que nos tipos compreendidos em cada série existe ainda uma variedade imensa, que distingue um do outro.
Pois bem, a Logosofia trata de criar novas séries de tipos psicológicos, com mentes adestradas que, eliminando as características negativas, manifestem as altas qualidades latentes no ser. É uma grande tarefa, na verdade, a de dotar a mente humana dos elementos necessários para que seja uma realidade a existência destes novos tipos psicológicos, altamente superiores aos comuns em inteligência, em moral e em sentimentos. Entretanto, já se podem observar quantas mudanças o ensinamento realizou na alma de muitos, os quais haverão de sobressair-se depois como destacados exemplos de seu poder transformador.

O conhecimento logosófico vai dirigido à mente, porque é nela onde se elaboram os elementos com que cada um haverá de atuar em seus diversos campos de ação; onde se desenvolvem as energias; onde se orienta a vida; onde se oferece à razão todos os recursos para que julgue, e de onde se levam ao coração todas as satisfações que o homem experimenta quando começa a saber, a saber de verdade. É como se surgisse no interno do ser uma nova vida extraída das profundezas da velha vida, uma vez que experimenta a imanência de algo

superior a ele, de algo que se identifica com seu sentir e, ao mesmo tempo, transparece em sua própria consciência, como uma esperança longa e intimamente concebida.

A vida humana não pode jamais ficar circunscrita ao simples fato de existir, porque então seria similar à vida vegetativa dos animais; ela tem uma missão a cumprir, a de superar-se, conquistando, palmo a palmo, os tesouros que a Sabedoria Universal guarda em seu seio e oferece aos que são dignos de possuí-los, ou seja, aos que se aproximam deles dignificando-se e mostrando a regularidade de um pro-cesso conscientemente realizado. Somente assim se poderá merecer a graça de obtê-los; somente assim se inspirará confiança à força mesma que haverá de ser prodigalizada no ser, como prêmio dessa Sabedoria.

Daí que a Logosofia advirta sempre que não se deve trair essa força, pois quem assim fizesse seria irremediavelmente repelido por ela.
Quando, por falta de conhecimentos, o homem não é capaz de compreender certas desgraças que acontecem a seus semelhantes, experimenta dentro de si um grande sofrimento; isto ocorre porque não tem defesas internas que o imunizem contra o mal que, assim como chega aos demais, pode chegar até ele. A ação vital da Logosofia consiste, precisamente, em ensinar a todos a ser conscientes de sua própria existência, para que não vaguem como sombras pelo mundo, à mercê das mil circunstâncias adversas que, continuamente, os cercam por toda parte. Quem se dedique a seu estudo deve ser diligente e estar atento a todos os movimentos que ocorram ao seu redor; deve saber fixar uma norma em suas atuações e não se esquecer jamais que entrou em uma atividade que para ele tem que constituir o todo de sua vida. Dessa maneira fará com que ocorra nela uma notável mudança, devido à própria ação dos pensamentos que foi ordenando e disciplinando.

Se cada um se afirmasse nesta concepção e olhasse a vida como um campo experimental, acudindo a ele com decisão, com plenitude de forças, veria que essa vida lhe oferece uma infinidade de motivos para observar, para aprender e levar a seu acervo interno conhecimentos que lhe servirão muito em suas atividades diárias. Ruim é quando a mente se distrai e, relaxada a vontade, se entrega à inércia, deixando que penetrem pensamentos que a perturbam ou a levam por outros caminhos. Nada pode o ser realizar enquanto não afirmar dentro de si a vontade de impor sua decisão numa constante atividade, até conseguir o que se propôs.

No princípio, é o simples estudo do ensinamento logosófico o que convém a cada um; segue-se a obtenção dos conhecimentos e, de-pois, o modo de aplicá-los à vida para que a fecundem. Este é o ensinamento vivo, a palavra que não fere nunca e que, passando de uns a outros, estabelece uma comunhão de sentimentos, de pensamentos e de anelos, originando todo um movimento capaz de alcançar vastas projeções.

Para que esta aspiração de todos os que cultivam o conhecimento logosófico seja uma realidade, devemos difundir, cada dia com maior empenho, o pensamento que o anima, a fim de que muitos outros esforços sejam somados aos nossos; tantos, que nossa verdade chegue a ser familiar em todas as partes. Assim, poderemos ver, num dia não distante, como se vive e se sente este novo ensinamento em milhares de lares que o terão adotado devido aos inúmeros benefícios que dele recebem.

Até que isso se converta numa realidade, temos que trabalhar infatigavelmente. Nenhum outro interesse nos guia que não seja o de consagrar nossas vidas a serviço da humanidade.

13

Possibilidades humanas na realização do pensamento

Buenos Aires, 18 de março de 1943

Antes de começar esta conferência, quero dizer-lhes que, sendo minhas palavras simples, puras, suaves e frágeis, estão acostumadas a viver em um ambiente de recolhimento, de silêncio; de modo que, quando as pronuncio, necessitam desse mesmo ambiente para que se manifestem vigorosas, cheias de vida e se apresentem ao espírito de todos com plena clareza. Volto a repetir: são frágeis, recatadas; peço-lhes então que se abstenham de aplaudi-las porque as espantariam e fugiriam assustadas, resultando que não poderiam retê-las dentro de si, como é meu anelo e deve ser o de cada um.

Bem, minhas palavras desta noite haverão de reafirmar o que lhes disse da vez anterior, ao dirigir-lhes a palavra por ocasião de receber no seio desta Instituição um grupo de aspirantes que haviam concluído os cursos de informação preliminar, ministrados aqui regularmente. Como o que expressei naquela ocasião já foi publicado na revista Logosofia, recomendo aos que me escutam pela primeira vez que o considerem como preâmbulo das palavras que pronunciarei a seguir.

Confirmo, como disse então, que, efetivamente, ingressam numa Instituição de adiantamento mental, em seus três aspectos: intelectual, moral e espiritual. Isso implica, portanto, uma obra de aperfeiçoamento e capacitação em todos os campos.

O ensinamento logosófico propende a criar uma superpolarização do extremo biológico e fisiológico da vida orgânica, com o ex-tremo psicológico e espiritual da vida mental. Busca a harmonia interna e tende assim a levar o ser para o equilíbrio que restabelecerá dentro dele a paz, o bem-estar e a felicidade. Mas essa não é uma tarefa fácil, e tampouco se deve pensar que com simples movimentos mentais se consegue realizá-la.

A este mundo chamado Fundação Logosófica se vem para realizar, justamente, o cultivo das faculdades internas, o despertar de virtudes adormecidas, a extirpação dos defeitos que enfeiam o espírito e a eliminação de deficiências,

tudo o que favorece o cumprimento dos melhores anelos.

Se esquadrinharmos o espírito da maioria das pessoas, encontraremos semblantes que denunciam profundos dramas internos, preocupações de toda índole, amargas decepções; enfim, olhos que falam de tristeza e pessimismo. E se os interrogarmos sobre as causas desses estados de depressão, angústia, infelicidade, ninguém saberá responder-nos com segurança, com certeza, a que obedecem.

Por que as almas aparecem mergulhadas nesse estado incerto e obscuro, como se a vida cordial, franca e risonha agonizasse nelas? Por quê? Simplesmente porque carecem destes conhecimentos, os quais, aplicados à inteligência, a facultariam para discernir sobre seus próprios pensamentos, com exatidão, clareza e convicção.
O que na verdade oprime o espírito, o que provoca inquietudes e desassossegos é a pobreza mental. Poderemos ser ricos economicamente, porém, se não somos capazes de oferecer, a nós mesmos, as enormes vantagens que a riqueza do conhecimento pode proporcionar, haverá muita miséria dentro de nossos palácios ou de nossas vestes. Se essa fortuna nos sorri, faça-mos com que ela jamais sirva para fins egoístas e a utilizemos, ao contrário, para dar forma e realidade aos pensamentos construtores ou operários das grandes obras que ainda permanecem sem se manifestar no âmago da mente, onde quase não chega o menor resplendor. Seja esta, pois, uma chave para os que esterilizam sua existência, vivendo alheios à felicidade que poderiam conquistar, caso se propusessem a franquear as portas de um novo destino, mais promissor, mais brilhante e mais digno, por certo, de suas condições e capacidade.

Os homens tiveram, nas primeiras épocas, seus grandes estímulos no descobrimento de terras ignoradas, de continentes, de ilhas e uma infinidade de conquistas que foram as bases do progresso atual. Com o passar do tempo, as buscas do saber se desviaram para as fontes técnicas, conseguindo ali extraordinários êxitos. A ciência alcançou grandes progressos, embora limitados a um reduzido número de seres em relação ao todo da humanidade, o que implica que não possa ser tida em conta como estímulo geral. O conforto chegou a seu limite máximo, como consequência desse desenvolvimento e, assim, tudo quanto o homem pensou parece ter alcançado metas pouco menos que insuperáveis.

O que fica, então, por fazer às gerações de hoje? Não há mais terras a descobrir;

os gritos da própria ciência emudecem ante realidades que não sabe compreender; o conforto enfastia por-que se desfruta demasiado dele; as diversões relaxam o espírito pelo abuso que se faz delas. O que fica, pois, para que as gerações do presente possam responder, como as de outrora, aos desafios dignos de sua época?

A Logosofia responde: fica o mais grandioso que existe para realizar e que, nesta grande etapa, as gerações de hoje e as vindouras terão que cumprir: o avanço para as altas regiões do entendimento; o esforço por levar o ser, como alma humana, para o encontro de sua própria explicação como ente físico; para a eternidade que não tem sabido compreender ao viver um tempo peremptório, sem valor algum. Em outras palavras: o avanço para a superação.

Tem-se falado tantas vezes que a idade do super-homem haveria de chegar... Pois aí está: é esta a etapa em que se poderá alcançar esse ideal forjado, esse objetivo – quem não o tem? – que está além de suas possibilidades.

Eis aí o que cada um deve aspirar: realizar esta superação, por-que então deixará sua condição de ser comum, para constituir em verdade este super-homem que haverá de nascer em cada natureza humana; o que haverá de reger seus destinos, consciente do poder que lhe assiste e que, ao exercê-lo, lhe permitirá transpor as limitações a que o homem está submetido. Mas, para alcançar essa meta – que para o pensamento de hoje pode parecer prodigiosa –, é necessário consagrar-se à sua realização, como objetivo, com toda a plenitude das forças.

A Logosofia oferece todos os meios para isso e, ao que é digno de mérito, revela os melhores conhecimentos que haverão de auxiliá-lo poderosamente em seus esforços de superação. Já assinalou, como algo imperioso e imprescindível, o conhecimento da própria mente; e, em seguida, do sistema mental e dos pensamentos. É indispensável conhecê-los como à própria vida e manejá-los inteligentemente para que, por sua vez, proporcionem ao discernimento todo o necessário para compreender as causas que privaram os homens de descobrir a explicação de sua existência. Isso parecerá algo incrível, inconcebível a quem não está acostumado nem familiarizado com o verbo logosófico; porém, bastarão simples palavras, que esbocem imagens singelas, para poder palpar com as mãos do entendimento a verdade que encerra tudo o que estou dizendo.

A Natureza é sábia e contém o néctar da Sabedoria. É a primeira professora do ser humano. Quem, acaso, lá na infância, na primeira infância, não povoou sua

mente com presenças animadas? Discípulos, essa foi sua primeira vida social. E essas presenças com que povoaram sua mente – criando, convertidos em semideuses dentro dela, um mundo que era seu –, não obedeciam, dóceis, a seu manda-to e lhes prestavam essa grande homenagem que somente se pode tributar ao Criador? Justamente, porque foram os criadores desse mundo, dando-lhe vida e vivendo nele.

Acaso, quando eram crianças, não recordam ter dado uma aula em sua mente e ter repreendido os alunos mais rebeldes, gritado com eles e também olhado com benevolência para os que eram mais simpáticos? Não respondia tudo isso ao menor movimento de sua mente? Não formavam exércitos mentais, cujos soldados, vestidos com diversos uniformes e marchando sob suas ordens, encerravam os inimigos no calabouço e os castigavam? Não estavam, então, acompanhados por presenças que lhes eram gratas? Não observavam, com orgulho, como acatavam sua vontade, recebendo o respeito que merecia deles?

Que lhes revela isto? Que se na mente de uma criança, de uma pequena criança, existe um poder de retenção de imagens e figuras de seres, cujos movimentos não passam inadvertidos à sua atenção, e até pode manejá-los a seu capricho, agora, os seres já adultos, podem fazer o mesmo com os pensamentos que estão em sua mente e constituem seu diminuto mundo interno. Que isso é possível, as próprias crianças o estão demonstrando; porém, é indubitável, as presenças animadas que hoje ocupam sua mente têm de ser diferentes daquelas da infância, quanto à sua realidade e ao serviço que necessariamente devem lhes prestar. Devem-se buscar companhias que sejam gratas a seu espírito, que os ajudem em seus esforços, em seus afãs, e que, ao mesmo tempo, sejam um auxílio poderoso para o entendimento. Presenças verdadeiramente animadas, que contenham vida e força e estejam sempre à sua disposição; que não dificultem a ação de seu discernimento e cujos movimentos não ignorem, de forma que saibam sempre onde elas estão, seja dentro ou fora da mente; que saibam reconhecê-las como suas e ter a segurança de poder utilizá-las em benefício de sua própria vida.

É isto o que a Logosofia ensina; esta é a verdadeira ciência do conhecimento. E somente assim será possível renovar-se total-mente, trocar de semblante, deixar a máscara triste, pessimista e tosca, e tomar a doce, que há de se transformar em fisionomia natural, cujo olhar, antes turvo, cheio de sombras, aparecerá claro, iluminando tudo o que vê.

E, sendo assim, sendo que o entendimento pode ter à sua disposição tanta

riqueza de elementos, não lhes sugere isto a possibilidade mais que certa de que cada um possa mudar seu destino? Ilustramos como um destino o estar condenado, por tempo indeterminado, em uma prisão; no entanto, se o comportamento do preso é inquestionável, se sua conduta merece a atenção e o apreço dos que cuidam dele, esse destino não poderá mudar? A pena que cumpra não será atenuada e ficará em liberdade muito antes do tempo fixado?
Todos os seres humanos estão condenados por tempo indeterminado, porém está neles sair antes ou depois da prisão que os mantém presos dentro de si mesmos. Essa prisão é a ignorância, a incapacidade, a impotência. Como o homem haverá de romper esses três barrotes que fecham a janela de seu presídio? Haverá que rompê-los com sua inteligência, pensando em como fazer para poder passar por eles e conseguir sua liberdade.

Que outra coisa senão o conhecimento, senão o despertar das faculdades internas que promovem altas atividades para o desenvolvimento espiritual, tornam isso possível? Pensem bem nisso; é muito triste estar encarcerado, é muito triste permanecer tanto tempo às escuras. Em cada um está o poder de libertar-se e desfrutar de uma vida melhor, participando das maravilhas de um mundo mental que não é para os seres comuns, maravilhas que, longe de prejudicar, ampliam a razão e a mantém em seu verdadeiro lugar, estabelecendo um perfeito equilíbrio entre a reflexão e as sensações.

14

Aspectos do conhecimento logosófico

Montevidéu, 21 de março de 1943

A circunstância de achar-me rodeado por todos, dando-lhes ensinamentos, permite-me, também, captar instantaneamente os problemas do ambiente, particulares ou coletivos, e as preocupações que embargam a mente de cada um. Daí que me seja possível, com extrema facilidade, oferecer o ensinamento oportuno, o conselho adequado e a reflexão serena sobre os pontos que neste instante mais interessem ao pensamento de todos.

Geralmente, no curso dos estudos logosóficos e, à medida que se avança no processo de superação, mais de uma dificuldade é encontrada para alcançar a necessária compreensão dos novos conhecimentos que ingressarão ao acervo próprio. É lógico que isto ocorra, pois é a consequência natural do esforço consciente da inteligência, em busca de um maior volume de sua potência reflexiva. Mas quando essas dificuldades são criadas por fatores estranhos ao desenvolvimento normal das atividades internas, torna-se indispensável determinar as causas e indicar os meios de eliminá-las, uma vez que estas se pressupõem negativas para as finalidades da evolução e da capacitação que se busca.

Já assinalei que a inércia é um dos inimigos mortais da vida humana, ou seja, da vontade e da livre disposição da alma. A distração, o esquecimento e o prurido de perder o tempo em coisas mesquinhas, no afã de julgar a conduta alheia, atentam também contra a vida inteligente e ativa, que pugna por encontrar seu equilíbrio em esforços conscientes de assimilação do conhecimento.

Estamos realizando uma obra grande, que requer a participação e a colaboração ampla de todos. O trabalho de cada um deve ser contínuo e, se possível, cada vez mais intenso. Tanto o trabalho individual como o de todos, em conjunto, há de unir-se em um acentuado esforço, em níveis sempre maiores, para a consumação da obra empreendida, que todos, unanimemente, queremos que seja perdurável e indestrutível.

Não se deve começar atividades que serão interrompidas depois por fraquezas

impróprias da vontade, nem tampouco retroceder os passos que foram dados para frente, já que não existe causa alguma que o justifique. E embora não se possa pensar que isto ocorra entre os que aqui estão, não deixo de mencioná-lo, pela frequência com que tais modalidades se advertem no temperamento humano e que revelam sua inconsequência e suas deficiências. Direi mais; direi que, frequentemente, se pode observar a instabilidade do pensamento, porque, na maioria dos casos, se atua sem um incentivo próprio e sem ser conduzido tampouco pela firmeza de um propósito e de uma vontade capaz de não esmorecer até alcançar o objetivo concebido. Essas vacilações, típicas da psicologia humana e que podem ser atribuídas, em muitos casos, à falta de conhecimento e de integridade consciente, são as que atrasam aqueles que não descobriram ainda as vantagens do empenho firme e contínuo, causando-lhes estancamentos.

A inteligência não pode atuar com clareza de conceito enquanto não se tenha fixado na consciência esse grande desiderato que cada um deve plasmar dentro de si com o objetivo de alcançá-lo. Toda grande obra requer grandes empenhos e a participação de vontades fortes e decididas; requer também unir o esforço em labores inteligente, realizados com suma paciência. Devemos pensar que a ciência que cria a arma de destruição não é a que permanece e perdura no mundo em que vivemos. É a ciência da inteligência que cria o entendimento dos homens pela palavra que dá vida aos fatos, a que há de ser imutável e imortal na alma de todos, pois as palavras dessa ciência não são outra coisa que a manifestação do pensamento construtivo, e os fatos, sua realidade.

Podemos pensar, então, que muitos fatos poderiam ser considerados exemplos vivos das manifestações puras daqueles que querem para a humanidade, isto é, para o semelhante – como nós queremos –, o mais grandioso que se pode anelar.

É interessante observar a semelhança que existe entre os que se agrupam buscando algum objetivo irrealizável ou a realização de um sonho quimérico, e os que, conforme conta a história, pretenderam levantar uma torre até Deus. Essa semelhança parece demonstrar que se conservam ainda vestígios bastante acentuados da modalidade daqueles tempos; assim vemos, também, como muitas vezes as energias se dispersam devido ao desentendimento mútuo, e se termina por abandonar os projetos e sua execução.

Foi dito que a Torre de Babel não pôde ser concluída por haver Deus pronunciado uma ordem terminante, que consistia numa mudança automática e

instantânea na forma de os homens manifestarem o pensamento, expressando-o em diversas linguagens; daí que os que construíam a Torre, ao encontrarem-se de repente falando línguas diferentes, não conseguissem se entender.

A explicação disso é que um projeto tão disparatado não podia ter prosseguimento. O pronunciamento obedeceu, sem dúvida, ao pensamento de comover a mente humana, presa da obstinação, e reencaminhar os homens pelos foros da razão, tão incipiente naquela época como é hoje na maioria. Mas esse pronunciamento não teria, além disso, outros alcances e transcendência? Passaram-se os séculos e os seres humanos, apesar de haverem superado a dificuldade dos diferentes idiomas e mesmo falando a mesma língua, não conseguem se entender. Não será porque o que pretendem hoje é tão absurdo como fora então aquele projeto bíblico?

Na alegoria que nos mostra a imagem da Torre de Babel em construção, existem conteúdos que, bem interpretados, assumem contornos muito interessantes. Representa, justamente, fatos que haverão de se repetir muitas vezes no correr das épocas. Não dizem outra coisa as colunas truncadas dos gregos, expressão do pensamento incompleto e de vidas que fracassaram como fracassam povos e mundos. A maioria das obras não concluídas está simbolizada nessa Babel. E não há nada que possa influir mais, no sentido de abandonar sua execução, do que a desinteligência e a incompreensão entre seus colaboradores.

Frente a estas observações, compreenderão que não sou partidário de construir uma torre, e convirão comigo que seria ridículo reproduzir o feito de Babel. Já expliquei em outra oportunidade: não é construindo uma escada material que se pode escalar até a suprema verdade, mas sim construindo cada um sua própria escada mental, pois é por ela que se há de ascender, iluminado pela inteligência, até essa Fonte Universal que dá origem à vida e a tudo o que existe.

A obra logosófica, que vem sendo realizada há mais de dois lustros, vai se afirmando cada dia mais, ao mesmo tempo que cuida de tudo o que possa afetar seu livre desenvolvimento enquanto fundamenta e assegura que todas as possibilidades convirjam em um mesmo ponto da aspiração unânime, para que culmine na mais formosa das realidades. Mas, para cumprir com êxito cada uma das etapas sucessivas desta grande empresa, é indispensável que exista um entendimento mútuo e geral. O que deve ser praticado é a aprendizagem do idioma que surge do espírito da própria obra, para que ela seja profundamente compreendida em seu fundamento e em sua essência.

O simples fato de pensar que a Sabedoria Logosófica contém to-dos os elementos indispensáveis para dar caráter e volume a uma obra cujos contornos ninguém poderia precisar, já é uma grande vantagem e um estímulo poderoso para que não diminua um ápice a participação das boas disposições para com ela. Não se deve esquecer, tampouco, que a comprovação dos inúmeros benefícios que o conhecimento logosófico traz diariamente é um índice inegável de sua fecundidade construtiva e, ainda que em verdade se possa dizer que nos achamos no princípio, chegará o dia no qual, ao se expandirem estes conhecimentos, serão muitos os que se beneficiarão, como hoje se beneficiam os que aqui estão, ao aplicá-los à vida e apreciar seus resultados.

É de suma importância que cada um seja capaz de expressar com a maior clareza o conteúdo do pensamento logosófico e que esse conteúdo, uma vez expressado em palavras, isto é, desprendido de suas mentes, não caia no esquecimento. Convém que permaneça sempre ao alcance de sua vista, para não ser desvirtuado ou, como acontece também, subtraído e modificado.

O pensamento emitido deve conservar intacta a pureza de sua origem, pois assim é como se dá o sentido à palavra; deste modo, cada um poderá reconhecer o das suas próprias, uma vez que o seu conteúdo não poderá ser alheio ao acervo de suas ideias e pensamentos.

Penso ser oportuno recordar aqui a importância que assume o ato de gerar as palavras que se usam para expressar o pensamento. Logosoficamente, sabe-se que, à medida que o ser humano vai evoluindo e sua cultura e instrução sejam, portanto, maiores, a linguagem habitual se modifica por uma gradual superação na emissão do pensamento. Ao mudar as expressões, as palavras vão tomando um sentido superior, as imagens se fazem mais claras e o próprio pensamento despoja-se da plumagem com que antes era revestido. Refiro-me à exuberância de argumento que costuma sobrecarregar os conteúdos simples e que, embora esgrimido a modo de explicação, poucas vezes convence; na verdade, não é outra coisa que essa plumagem a que me referi.

A Logosofia expressa que, quando o ser atinge níveis muito eleva-dos de consciência, sua mente se mostra diáfana e os pensamentos que se nutrem nela são quase transparentes. Para maior convicção, temos que Deus é a suprema síntese de todas as coisas e que, para chegar a Ele, o pensamento deve necessariamente resumir-se nessa grandiosa síntese. Devo manifestar, entretanto,

que se deve compreender bem o que quis dizer ao falar de síntese, pois não é o caso de recorrer a um laconismo que nada expresse ou, melhor ainda, que não expresse o pensamento tal como foi concebido ou como se manifestou na razão, pois não se deve deixar nunca para os demais o trabalho de interpretar laconismos incongruentes, que na maioria das vezes distam muito de ser uma síntese equivalente a uma exposição bem fundamentada; com o que se corre, além disso, o perigo das tergiversações ou interpretações arbitrárias.

Chegar a ser sintético requer haver resumido a si mesmo numa síntese; isto é, haver chegado a ser capaz de expressar o pensamento com leves movimentos mentais que impliquem uma compreensão quase simultânea nos demais. Porém, tais movimentos devem ser precedidos por uma série de outros movimentos já confirmados como razões de entendimento mútuo; somente assim se estabeleceria uma verdadeira ponte de união entre uma mente e outra. A razão da confiança, da boa-fé, é o ponto de conexão entre dois entendimentos pelo fato de que, enquanto um emite seu pensamento, o outro o recebe por um acordo direto que provém da tolerância e do respeito comum – tão natural nas pessoas cultas – e, também, da afinidade no sentir e no pensar.

É por isso que tenho insistido tanto em que se expresse a nova concepção logosófica com a maior clareza possível, tratando cada um de assegurar-se de que a ideia emitida foi bem captada. É assim como se compreenderá realmente a missão de difundir estes conhecimentos.

Acontece muitas vezes que, ao expressar o pensamento logosófico, não se têm em conta alguns fatores que vou determinar, e que devem acompanhar àquele que expõe, em todas as suas atuações. São eles: a disposição de ânimo, a serenidade de espírito e a convicção do propósito de bem. Há de ter-se presente que nem todas as circunstâncias são propícias para o desenvolvimento dos temas desta índole e, portanto, devem buscar-se as situações que favoreçam e estimulem o ato de oferecer o ensinamento. Convirá também procurar, por todos os meios inteligentes, que as exposições aludidas harmonizem, de certo modo, com a predisposição de quem as escuta, tornando-as gratas a seu espírito. Quando não forem claras ou existir alguma dificuldade em ser compreendidas, deve-se repeti-las, sem subtrair da manifestação anterior nenhuma de suas partes, mas sim completando-as com imagens analógicas, a fim de conseguir o efeito compreensivo que se almeja. Alcançado este, se estabelecerá imediatamente uma corrente de simpatia e até de apoio mental entre os participantes da conversa, propiciando-se desta forma uma posterior convivência de critério.

Penso que compreenderam com alguma profundidade o valor destas palavras, que marcam rumos e orientam os cultores da Logosofia para uma verdadeira conduta; e se levarem em conta o que acabo de expressar, verão como esta obra de superação e fonte de um novo saber irá se agigantando de forma que poderá ser vista em todos os âmbitos do mundo.

Sejam, pois, trabalhadores leais e decididos desta obra que tende ao melhoramento real das condições da inteligência; e quando uma parte da humanidade perceber tão grande realidade, se haverá consumado outra das mais formidáveis jornadas na história do esforço, do empenho inteligente e da nobre aspiração da consciência humana.

15

A vida em seus profundos alcances

Montevidéu, 23 de março de 1943

Em um dos ensinamentos dados já faz tempo, disse que preferia que a palavra "crer" fosse substituída pela palavra "saber". Disse-o então porque era necessário, pois muitos não tinham o verdadeiro critério do que encerra este vocábulo. Não obstante ter aconselhado que deveriam saber, acreditaram em minha palavra. Mas esse crer, que utilizaram com tanta espontaneidade, é a ponte que se estende entre um entendimento e outro, e é, também, como um adiantamento daquele saber com o qual não contavam ainda em seu acervo e no qual tiveram que primeiro crer, para depois poder ir comprovando, pouco a pouco, a verdade do que iam crendo. Mas esse crer, que se foi convertendo em saber, não é um crer fanático nem imposto com o rigor de um dogma; é o crer que transforma em saber a palavra pura e certa que ofereço a todos, para que seja discernida e apreciada em seu justo valor, pois, enquanto as inteligências não estiverem maduras para compreendê-la imediatamente em sua essência, deverá ser recebida com as mãos do entendimento e submetida aos ditados da razão.

Nada pode causar-me mais satisfação que o fato de expressar hoje, depois de tantos anos predicando o saber, que não defraudei o mínimo que fosse os que seguiram meus passos, pois cada palavra pronunciada foi sucedida por outra que a confirmou. Em todo momento convidei-os a tocar essas palavras com sua inteligência, a palpar seu peso e seu conteúdo. Analisando-as e comprovando seu valor é como aprenderão a respeitá-las. Elas levam dentro de si um fragmento de vida; não as espremam egoisticamente em suas mãos, para que não morram nelas. Abram suas palmas e as recebam com altruísmo, sem nenhuma intenção egoísta, e verão como essas palavras irão confirmando, dia após dia, hora após hora, a verdade incorporada nos conhecimentos que encerram, e como essa verdade poderá ser proclamada por todos os âmbitos do orbe com valentia e pureza, sem que a malícia do mundo possa inquietá-la nem desvirtuá-la.

E esse fragmento de vida que elas contêm, o que é? Um fragmento de verdade, porque a verdade é a plenitude da vida, a luz que tudo ilumina, o fulgor divino que se esparge pelo mundo para indicar o caminho da libertação. Mas o mundo não a vê; troca essa palavra sublime pelas materiais e utilitárias do ambiente

comum e assim é como ocorre, sem que se possa evitar, a grande confusão que hoje, da mesma forma que em outras épocas, existe no seio da humanidade. Acaso não o evidenciou Pilatos, quando perguntou ao Mestre o que era a verdade? Tão estranho, tão alheio estava a ela, porque havia vivido sempre na ficção, no engano e na mentira. Essa palavra, com seu conteúdo, não podia ter acolhida no seio de uma sociedade que havia chegado aos limites da corrupção e do relaxamento. Teria aquele homem compreendido, caso lhe houvesse sido respondido com a verdade? Não tinha já pronta em sua mente a sentença, qualquer que fosse a resposta recebida?

A palavra que encerra a verdade não pode ser pronunciada em ambientes violentos nem naqueles onde aparentemente reina a paz, senão onde ela represente uma necessidade imprescindível para o espírito, como é a água para o organismo. E disse nos ambientes onde reina a paz em aparência porque, no conceito comum, considera-se que há paz quando não há guerra. O que menos se suspeita é que a guerra constitui a culminação de uma série de violências que foram gestando silenciosamente a tragédia nas mentes humanas. Antes de manifestar-se na fúria das armas, a guerra vai se incorporando nos seres, até que estes a anseiem como se fosse o único e supremo desafogo de suas paixões. Ela é a reversão de todos os princípios, a negação da realidade vivente expressada na vida que cada ser humano contém, pois a guerra, desde seus primeiros sintomas nesses ambientes onde a paz é aparente, atenta contra a vida e seu único objetivo é destruí-la.

O trabalho dos homens que hoje têm em suas mãos a organização futura do mundo será infrutífero se pensarem que a paz poderá ser estabelecida com objetivos permanentes sem ser antes cultivada na mente de cada um. Como será possível a harmonia entre duas pessoas, se numa só, dentro dela mesma, existem lutas e guerras? E como será possível entre muitas, em iguais condições? Dentro da mente existem tendências similares às observadas nos ambientes públicos; os pensamentos pugnam por assumir o poder individual para depois conduzir o homem conforme seus desejos e caprichos.

Veem, então, que esta obra, grande e transcendente, pode assumir contornos gigantescos. Venho ensinando a muitos a cultivar a paciência inteligente, a não forçar o tempo nem tampouco a perdê-lo. Tenho ensinado assim a cultivar os verdadeiros amigos nos quais se pode confiar. Disse, numa oportunidade, que eu tenho um amigo muito grande, o tempo; e mencionei também uma amiga, a paciência. Deixo-lhes a incumbência de descobrir outros amigos que estão ao

meu redor, e que também podem ser de to-dos, se quiserem acolhê-los como tais.

É necessário, insisto mais uma vez e insistirei sempre, vencer a morte para sentir e saber o que é realmente a vida. Vence-se a morte vencendo a inércia, que é a ausência de vida; vencendo a distração, que é a ausência de consciência, enquanto o coração pulsa ao ritmo do que chamam de vida. Verão, então, que essa vida contínua, essa vida sem as interrupções da inércia, do desânimo, do decaimento, do pessimismo, do ócio, lhes encherá de felicidade, por ser uma vida que contém força e que constantemente infundirá alegria e bem-estar a todos. Está em suas mãos encher de vida esses vazios; se não os de ontem, pelo menos poderão evitar os do futuro, preenchendo a vida para poder desfrutá-la amplamente, para poder estender suas perspectivas e também o tempo, porque é lógico que quanto mais vivam, mais haverão de dispor de tempo; ao contrário, tempo passado na folga é tempo que se vai, que se perde.

E se querem expandir a vida mais ainda, unam à própria alegria a alegria do semelhante. Unam o próprio esforço ao de outros e sentirão, assim, que a vida ganha mais corpo, porque o que os demais sentem, por reflexo sentirão também. É como se todas as vidas se constituíssem numa só, gigantesca. Se por própria conta, por exemplo, desfrutam de dez episódios, desta outra forma poderão desfrutar de cem, de mil, de incontáveis acontecimentos; porque cada alegria, cada benefício que seu semelhante conquiste será seu, e desfrutarão dele. E, sendo assim, a existência ganhará outro significado.

Isto deve ser entendido em sua plenitude. Na Natureza, todas as partículas que a configuram colaboram entre si. Daí ser possível
– pelo concurso de todos os elementos da Criação – que surjam os vegetais e deem belas flores e frutos.

Se colocarmos uma plantinha num vaso, deixando-a no pátio, só servirá para distrair egoisticamente nossa vista, pois a planta se esterilizará, uma vez que sua semente cairá sobre o piso frio, que não pode recolhê-la e, portanto, não será possível continuar existindo em outras plantas surgidas de sua própria semente; porque, que colaboração o piso ou o mármore pode prestar à semente? Mas, se em vez de cair em local infecundo, encontrar terra fértil, umedecida pelo sereno da noite ou pela irrigação que alguma mão caridosa lhe oferece, veremos surgir uma planta aqui, outra ali, e muitas mais, sucessivamente.

Se cada um trabalhar, avançará; ao contrário, isolando-se em si mesmo, sua

semente cairá também sobre o piso frio e não haverá continuidade de vida porque morrerá ali. Mas se, assim como as plantas que crescem em terreno fértil, cada um lançar ao seu redor a semente de seu entendimento, e muitos estenderem prodigamente as mãos para regá-la, logo haverá muitas plantas da mesma estirpe, da mesma semente.

Não é possível ir contra os desígnios eternos, porque eles são os princípios inalteráveis que constituem a vida imortal; e se a Natureza, que é obra do Supremo Criador, está dando esse sublime exemplo, o ser humano, dotado de inteligência, não pode pensar de forma oposta, contrariando na própria vida esse princípio de colaboração e de irmanação. Tem-se visto muitas vezes um arbusto dar sua sombra a uma planta que nasce, preservando-a assim dos raios ardentes do sol ou protegendo-a do granizo. E tem-se visto também essa planta ganhar corpo e alongar seu caule, protegendo depois o mesmo arbusto que no princípio lhe deu sua sombra benfeitora e que possivelmente teria morrido, levado pelos vendavais, se não se achasse sustentado pelo tronco dessa planta à qual ofereceu generoso amparo.

Isto nos demonstra que dentro da magna Criação existem milhares de pequenas criações que cumprem um desígnio comum. Entretanto, que diriam se esse arbusto ficasse com ciúmes e pretendesse que um raio fulminasse a árvore que dá sua sombra a ele que, como arbusto, chegou ao máximo de altura para a sua espécie?

Poderão observar na Natureza algo também muito curioso: existem árvores que com suas raízes alimentam as de outras pequenas plantinhas, e há também as que, por baixo da terra, lhes absorvem a vida e as secam. Espero que todos sejam como as primeiras e ofereçam a vida às plantas pequenas, mostrando-lhes as raízes de seu conhecimento, de seu exemplo e de sua moral, para que essas plantinhas se nutram com esse exemplo, com esse conhecimento e essa moral e cresçam robustas. E, por acaso, não irá cada um saborear esse fruto que depois vai nutrir sua velhice?

Uma das formas mais sublimes de abrir o entendimento à verdade mais pura é acercar às possibilidades humanas o elemento capaz de nutri-lo, permitindo-lhe criar uma nova individualidade.

16

Realidades que instruem o espírito

Montevidéu, 17 de julho de 1943

Nesta oportunidade tratarei sobre alguns pontos substanciais, cujo profundo significado haverá de impressioná-los vivamente, ao mesmo tempo que, espero, promoverá em todos muitas reflexões saudáveis.

A verdade não se prodigaliza a quem não sabe respeitá-la e render-lhe o culto que deve inspirar. De modo que, para uma verdade penetrar na mente humana e permanecer nela, é necessário efetuar uma prolixa limpeza mental e varrer todos os pensamentos que não lhe sejam gratos. Quando isso não ocorre, acontecem lutas mentais que dificultam o avanço do ser para as regiões do conhecimento. Em tais circunstâncias, enquanto, por um lado, anseia-se a verdade e esta é invocada para que nos auxilie iluminando nossa inteligência, por outro, o elemento vil da frivolidade reage; enquanto uma propicia a identificação do ser humano com o bem, a outra se empenha em arrastá-lo pelo caminho do erro e do mal.

Esse é um dos conflitos internos que mais amarguras levam ao coração inocente; um dos que mais dificultam a livre ação do pensamento humano e que, provocando frequentes crises, causa tantos desequilíbrios e mal-estares internos. Vamos, pois, até as causas que determinam esses conflitos e, como bons cirurgiões, tomemos o bisturi e as pinças para extirpar, por meio de uma operação mental, todo elemento estranho que encontrarmos per-turbando a vida que cada um tanto ama. Cada um extrairá o mal de si mesmo para melhorar a saúde do espírito.

Considerado o período de existência física, veremos que, na realidade, este é breve em relação à imensidão do tempo. Entra-se no mundo às cegas e à mercê de todas as contingências imagináveis, sem defesas. O homem é um ser inofensivo, mas, pela inexperiência, pela ignorância e pelas tendências negativas, pode converter--se num ser nocivo para sua própria espécie.

Entra-se no mundo sem ter o menor conceito nem do que seja a vida nem do que seja esse mundo, por não existir em parte alguma um ensinamento que propicie a

compreensão na juventude, para que esta possa constituir suas defesas mentais e penetrar na vida ao menos com algum adestramento.

Em geral, o ser inicia-se na vida envolto numa névoa, a qual não é mais que um fragmento quimérico conservado das fantasias da infância. Daí que cada qual o faça aos tombos e deva andar às cegas durante um longo tempo, sendo atingido inúmeras vezes pela realidade das necessidades humanas. Descobre que não há nele mesmo somente coisas visíveis, mas também coisas invisíveis. Por isso, quando o homem chega a cumprir algumas etapas da vida e sua mente busca por toda a parte esse algo que, sem saber definir, sente que existe, começa então um período de transição; desaparece aquele fragmento de névoa quimérica e em seu lugar surge a realidade pessoal, por meio da qual entende a linguagem do mundo, a linguagem das necessidades físicas. Mas eis que também o espírito reclama logo sua realidade. Aparece, assim, a realidade cósmica e, frente a ela, muitos se defrontam com sua própria limitação, porque é a própria realidade pessoal a que limita os seres quando estes querem abarcar a realidade cósmica sem haver transcendi-do antes o pequeno círculo de sua volúvel personalidade. Assim é como a maioria tropeça, caindo no vazio da fantasia e da ilusão.

Os que cultivam o conhecimento transcendente podem ver, com facilidade, como a Logosofia conduz cada inteligência para que possa conhecer e palpar, em primeiro lugar, qual é sua própria realidade, para que saiba distingui-la sempre da realidade dos demais e, sobretudo, da realidade universal.

Como é natural, isso sugere que não se pode fazer, por exemplo, um grande esforço, sem haver treinado antes em graduais esforços sucessivos, pois, não sendo assim, se romperia o equilíbrio, se afrontaria a lei e se desmoronaria a convicção interna, falsamente concebida. Mas quando se realiza uma série progressiva de esforços e se prepara o ânimo para um de grande envergadura, este se cumprirá com toda felicidade, permitindo ampliar as possibilidades e, com elas, a realidade pessoal; fazendo isso repetidamente, realidade pessoal chegará a confundir-se com a realidade universal, cujos eflúvios penetrarão no ser interno para saturá-lo de poder e de força. Mas é necessário ter presente que a atividade que um dia se decide empreender para tão elevado fim não deve ser interrompida, quando se quer que cumpra seu grande encargo.

Efetivamente, assim como não poderíamos interromper a entrada do oxigênio que respiramos, nem privar o corpo humano de muitas das funções requeridas por sua própria constituição, assim também o corpo mental, uma vez que começa

a viver em sua plenitude, não pode ser privado dos elementos necessários à sua existência. Se isso é tido em conta e é realizado, o espírito irá vigorizando-se enormemente, e o que hoje pode parecer impossível de alcançar, se tornará fácil num futuro próximo e conduzirá outras realizações.

É necessário aprender a ser grande, mas antes deverá medir-se própria pequenez, pois esta seria uma forma de ver a si mesmo sobre a palma da mão e ver, também, de que modo esse pequeno ser pode ir crescendo, até assumir a estatura do gigante a que cada um aspira. Poderia se pensar que, dando-lhe muito alimento, crescerá rapidamente; mas, possivelmente seja seu abdômen o que se consiga fazer crescer, e não sua estatura. Entretanto, de que valeria dar-lhe tanto alimento, se depois for abandonado, esquecendo-se que ele existe? Ao contrário, caso seja fortificado todos os dias, levado a realizar o exercício necessário e protegido de tudo o que possa causar-lhe dano, certamente irá crescer de forma harmônica e progressiva.

É muito o que o homem deve aprender no vasto campo da Sabedoria. Com esse fim, agregaremos ao exposto esta noite outra imagem de vivo colorido e profunda concepção.

Entre as tantas coisas que devem preocupar o ser humano, acha-se a de buscar a unidade dentro de si mesmo para não se perder no labirinto de suas próprias contradições. Deverá concentrar todos os seus esforços para o encontro dessa integridade pessoal, e essa unidade será achada por ele quando tudo se tiver afirmado sobre convicções inabaláveis. Para tal fim, se buscará estabelecer a união entre os pensamentos e os sentimentos, entre a razão e a consciência, visto que enquanto essa união não existir, se viverá numa permanente contradição consigo mesmo e, em consequência, com os demais.

Quando a consciência tiver participado de qualquer fato que estabeleça tal vinculação, não se poderá negar a existência desse vínculo, pois tudo quanto o ser faça conscientemente formará parte de sua própria vida. Separar-se dessa parte vinculada estreitamente a ele significaria negar essa vida, subtrair parte de seu conteúdo, falseá-la e reduzi-la a uma expressão miserável.
Eu sempre mantenho vivo em mim o pensamento que enlaça meu ser com todos os fatos de minha vida; por isso experimento a sensação da amplidão de minha vida. Vejo isso aqui, entre os presentes, e vejo em todos os lugares onde meu espírito se faz presente em fatos reais, em fatos que, depois de ocorridos, permanecem como se tivessem vida própria. Não é esta obra filha de quem a

criou e a vem nutrindo com sua sabedoria? Não são filhos inegáveis de meu espírito todos os fatos pro-movidos pelo meu pensamento? Por isso lhes infundo vida própria, pois se alguma vez a minha se apagar, a obra e meus feitos seguirão vivendo e levarão minha vida, como a tenho levado eu, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo amor, com a mesma abnegação e com a mesma paciência.

Acaso, esta obra não é filha de uma alta concepção, cujos eleva-dos empenhos têm por fim beneficiar à humanidade? Ela tende a criar uma verdadeira fraternidade, formando entre todos os seres uma pátria comum, incorpórea, onde não existem fronteiras, se-não o espírito do amor na verdade.

Sei muito bem quanto custa alcançar em vida a realização das supremas aspirações da alma, e sei também que sempre cresceram tardias as palmas da glória e que elas foram a mortalha ideal dos grandes; mas sei, também, que é possível superar com o esforço o que para outros parecia desígnios inexoráveis.

Cada vez que ausculto os seres humanos e advirto neles os sintomas de um melhoramento, percebo ali, no mais íntimo de seu ser, que o anelo de se elevar é, em princípio, por terror ao abismo; apenas quando vão se acostumando a ascender pela escala da evolução é que se dão conta da enorme diferença que existe entre caminhar para baixo e fazê-lo para acima.

Tem-se dito que o céu une e a terra desune; se isto for verdade, não há outra saída que ascender ou, pelo menos, manter-se a uma prudente distância da terra, o que já será haver consegui-do muito, ainda que isto não seja tudo. Eu aconselharia mais: aconselharia não se afastar da terra nem subir ao céu, melhor ainda, alcançar a mesma distância entre este e aquela. Sugeri-ria dividir a vida em duas partes, uma pertencente ao céu e outra à terra; que numa governe o espírito e na outra a razão, para evitar que a terra, num descuido do ser, o cubra e o sepulte.

Se isto se alcança – o que é muito possível, uma vez que ninguém está privado de tal prerrogativa –, a felicidade pode ser completa. Saber conduzir-se entre o céu e a terra é voar com liberdade, posicionando-se com a mesma facilidade tanto no céu como na terra. Isto impedirá o apego demasiado às coisas terrenas e fará com que se conceda um maior espaço de preocupação ao que cor-responde ao céu de nossas aspirações e esperanças comuns; ao céu, que não é senão a paz e a felicidade que tanto busca o ser humano e que somente experimenta aos

sorvos, de vez em quando.

Com estas palavras, penso que deixo em todos que me escutam a sensação de haver desfrutado por alguns instantes da grata companhia desses pensamentos, que, solícitos, vieram da fonte logosófica para mostrar-lhes, mais uma vez, o inestimável valor do conhecimento transcendente, quando este se manifesta com todo o vigor de sua força estimulante e expressiva.

17

Imagens da atividade logosófica e suas projeções

Buenos Aires, 11 de agosto de 1943

Ao celebrar o décimo terceiro aniversário de nossa querida Instituição, sinto que forças gigantescas saturam meu espírito, cuja poderosa influência estimula minha vontade para prosseguir nesta titânica luta de forjar para a humanidade presente e futura as novas normas de vida que hão de ser gratas ao espírito individual e à Vontade de Quem criou a figura humana.

Hoje recebi um incontável número de cartas e telegramas; é a palavra de uma infinidade de discípulos que por este canal chega até meu coração, para advertir-me de que não estou só na luta, e que juntos haveremos de batalhar e vencer, nas lides futuras, contra a tendência do mal e dos desvios da razão e do sentimento. Quem lhes fala já promoveu em muitos seres uma nova vida, limpa das impurezas da ignorância e do falso saber, e testemunhada em múltiplas formas. O ensinamento que prodigalizo, único em seu gênero, vai dirigido às profundezas da alma e faz vibrar as fibras adormecidas para que o homem possa escutar dentro de si essa voz que, há séculos, vem se extinguindo até ficar totalmente encoberta: a voz da consciência, que ressurge agora solicitada pelas exigências de uma cultura superior.

O ensinamento logosófico tem suas formas particulares de expressão e requer de cada um, individualmente, uma atenção plena para que não se dilua antes de chegar ao lugar que lhe corresponde, no mais íntimo do coração. Vem para recordar aos homens muitas coisas esquecidas e estabelecer uma ordem mental, uma ordem na mente de cada um e na de todos em conjunto. Entretanto, para isso será necessário deixar que o sentimento panteísta sature o espírito, a fim de experimentar, ao evocar a ideia do Todo, a doce realidade de sentir no mais profundo do ser a pureza de uma irmandade que enlace as almas com toda a Criação.

Dir-se-ia que a mãe Terra está por dar à luz um novo futuro para a humanidade. Entretanto, ele não nascerá robusto e cheio de vida, se os que estão nela para recebê-lo não lhe oferecerem as forças de seu espírito, sua boa vontade, sua abnegação e sacrifício, tornando--se verdadeiramente dignos desse futuro que já se vislumbra no alvorecer de nossos dias vindouros.

Advirtam, pois, aos que ainda não sabem, que aqui, há quase três lustros, se está cultivando o conhecimento logosófico; que está aqui, justamente, o núcleo vital do novo ensinamento que há de florescer no espírito dos homens, quando estes o compreenderem e o difundirem por todos os âmbitos do orbe. Para esse fim trabalho incansavelmente, dedicado inteiramente à obra. Sigo em dia com os acontecimentos e com o tempo, sem perder de vista o horizonte que surge ao longe, onde a vida termina.

Eu lhes digo, discípulos, que quando proclamei como caminho único o processo de evolução consciente, o fiz porque sabia com plena consciência que não existiu nem pode existir outro que conduza o ser humano com a mais absoluta segurança até as sublimes regiões da perfeição. E se considerarem que a figura humana, ao longo dos séculos, desde que existe habitado a Terra, tem conseguido superações progressivas e alcançado certo grau de lucidez mental que lhe permite perceber muito do que antes passava inadvertido para ela, considerem também possível que essa superação alcance, para a consciência individual, metas desconhecidas mediante sua realização consciente.

O dia de hoje é para mim algo mais do que um aniversário. Reparem que vencemos uma etapa de intensas lutas, nas quais tivemos que pôr à prova a consistência dos princípios e verdades que a Logosofia encerra, cujos resultados todos conhecem. Coincidências insuspeitadas fizeram com que eu experimentasse, justamente hoje, a imensa ventura e o enorme regozijo de haver cumprido esta etapa ainda cheio de vida, cheio do maior de todos os afetos e do afeto de todos, e de ter aberto, inteiramente, os portões do ceticismo e do negativismo reacionário que, obstinadamente, se mantinham fechados à livre passagem do pensamento logosófico, isto é, do pensamento criador.

Inicia-se, pois, uma nova etapa. Estou firmemente convencido de que a Instituição irá aumentando sua fortaleza dia após dia; que os triunfos serão mais frequentes, e a semente que foi lançada em muitos sulcos mentais está perto de germinar. Não se surpreendam, então, se virem chegar, num futuro próximo, muitos seres quase preparados para escutar de viva voz o ensinamento logosófico. Mas, não se esqueçam que isso implica um desenvolvimento mais pleno de suas atividades, uma maior atenção a tudo quanto concerne à obra. E se já experimentaram quantas satisfações se recebe no curso das atividades logosóficas, penso que se aprestarão a colaborar com maior entusiasmo, mais vigor e mais vida nas atividades futuras que lhes corresponda cumprir.

Muitas vezes fiz notar a diferença que existe entre o ensinamento logosófico e outro qualquer dos já conhecidos nas diversas épocas da história. O ensinamento logosófico é ativo; contém vida e contém força. Sendo assim, não é possível pensar que ele possa atuar sozinho e cumprir seu objetivo de bem, dentro do ser, sem a colaboração individual. Não é possível pensar que somente com sua leitura se conseguirão resultados satisfatórios para o processo individual; é necessário mais; é necessário praticá-lo, vinculá-lo à vida; em uma palavra, absorvê-lo em toda sua plenitude. Devem fazê-lo chegar a todos os âmbitos do ser e saturar o corpo e a alma, e que seja a mente a receptora e projetora dessa vida que recebe, pois somente assim cada um poderá desfrutar dos imensos benefícios deste ensinamento, tão fecundo em suas concepções e em suas realidades.

Estamos vivendo um desses ciclos álgidos em que a humanidade, cansada, suporta as penúrias a que foi arrastada pelas nefastas correntes mentais que surgiram por império de ideologias exóticas. Mas tudo indica que está próxima de expulsar definitivamente, mesmo à custa dos mais cruéis sacrifícios, esses pensamentos que minaram a mente de tantos, para mal do mundo. Daí que eu sempre aconselhe não descuidar do cultivo das faculdades internas, a fim de promover o constante desenvolvimento das aspirações que se forjaram no fundo do coração; que o ensinamento que ofereço a mancheias e que, em belíssimo caudal, estendo por todos os confins, seja recebido e compreendido por aqueles que buscam o benefício do conhecimento logosófico. Isto requer que cada um coloque o indispensável de sua parte, o que a Lei de Evolução logicamente exige: o esforço. O esforço para compreender e assimilar o ensinamento, o esforço para ampliar as aptidões que se tenham ou edificar outras novas que permitam um desenvolvimento mais amplo e livre do processo interno. Nada é possível sem o esforço, mas esse esforço deve ser inteligente e contínuo para que os resultados que se busquem sejam verdadeiras realidades.

É meu anelo, discípulos, que possam me seguir por longos trechos e ainda, caso consigam, até o final. Iremos transpondo assim cada um dos limites que assinalam paradas ou esperas prolongadas na vida comum; e verão como se chega a conquistar dentro de uma só vida o que tantos milhões de seres não puderam em muitas: o bem que somente o conhecimento que está acima do ser comum pode outorgar, e que somente se oferece aos que se fazem dignos e obedecem com acerto à palavra que, em rigor da verdade, conduz até a fonte de onde emana a Sabedoria.

Se dirigirmos a vista ao longo da história e dos séculos, veremos como foram castigados os que pretenderam utilizar o conhecimento com finalidades egoístas ou mesquinhas. A responsabilidade é imensa; daí que o homem, para alcançar os altos conhecimentos e não se extraviar eclipsado por suas debilidades, deva acostumar-se a uma disciplina consciente, que afirme no interno de seu ser as convicções profundas que haverão de preservá-lo de qualquer alteração na conduta a seguir. Que cada passo que dê seja consciente; que suas pernas não tremam quando se encontrar mais alto que os demais e que saiba descer também de onde estiver, para auxiliar os que estão mais abaixo. É assim que se pratica a Lei de Caridade, a verdadeira, a que nos fala da caridade suprema, cujo começo tem origem nas próprias raízes da Criação.

Se quiserem chegar a ser dignos da sentença que assinala que o homem foi feito "à Sua Imagem e Semelhança", deverão assemelhar-se em tudo a essa Imagem, reproduzindo em si mesmos tudo de bom que observarem ao seu redor, como também tudo aquilo que não realizaram antes, por tê-lo ignorado. Esta é a causa pela qual insisto em que os homens devem abrir seus espíritos ao eflúvio dos pensamentos construtivos e continuar com firmeza pelo caminho reto, até erigirem--se em hábeis construtores de pequenas criações que, no futuro, possam assemelhar-se Àquela, da qual são partículas viventes. Que suas mentes sejam fecundas e não estéreis e sirvam aos fins dessa Criação; que não se acomodem egoisticamente na indolência e satisfaçam as exigências do espírito, para que este possa se prodigalizar, mesmo no além-túmulo, em conhecimentos de outra espécie.

Espero que não lancem sobre as areias do deserto esta semente que ponho em suas mãos. Que minha palavra continue se repetindo em contínuos ecos dentro de cada um, e que, mais tarde, passados dias, meses ou anos, se encontre sempre presente em suas mentes e em seus corações. Ela é portadora do bem que se traduz no melhor a que se pode aspirar: a felicidade em sua mais terna e pura concepção. Busquem sua companhia em todo momento e encontrarão nela um conselheiro que jamais defraudará suas esperanças. Não se afastem, porém, da realidade a que me referi, mergulhando na indiferença ou na indolência; trabalhem ativamente e busquem, dia após dia, um maior melhoramento e uma posição firme e permanente, conquistada para seu próprio coração.

Valorizem, em seu justo alcance, este ensinamento que recebem diretamente. Meditem sobre ele, e quando receberem outros dos que costumo dar em tantas

oportunidades, formem com eles as imagens que hão de levá-los, com toda segurança, ao conhecimento de grandes verdades.

Espero, discípulos, que, compreendendo minha palavra, convirão comigo que nada pode ser realizado quando não existem convicções plenas. E sendo estas os motores que impulsionam a vontade e mantêm vivo o entusiasmo e a alegria, ponham tudo quanto disso haja em cada um para que o futuro que se abre ante seus olhos seja de grandes perspectivas. Que a obra que estamos realizando encontre em cada dia, em cada hora, um operário a mais oferecendo-se para ajudar a levantar este grande edifício, e que cada tijolo que nele se coloque seja posto com amor e tenha a consistência do eterno.

Eis aqui tudo o que lhes digo neste dia em que se completam treze anos de insistente luta; treze anos que contêm muitos mais, se contemplarem a riqueza de fatos que povoam sua história. E que maior aspiração poderiam ter que a de anelar que os treze anos vindouros se encham ainda mais de fatos que sirvam de pontos luminosos para os que virão atrás, fatigados e desorientados, pelos caminhos do mundo?

Sejam verdadeiros construtores, e que cada uma de suas palavras, de seus pensamentos, promova sempre, onde quer que seja, um são despertar para a vida superior, para a atividade e para a alegria. Esta é a missão do logósofo: extrair do mais profundo de si, de suas próprias convicções, a palavra certeira, adequada, oportuna, para oferecê-la a quem, por um instante, possa duvidar da realidade desta obra que estamos realizando.

18

Decadência e evolução

Buenos Aires, 18 de novembro de 1943

Vou tratar esta noite de alguns pontos sobre questões que considero de suma importância para a compreensão de todos. Solicito, portanto, a maior atenção e aconselho oferecer aos ensinamentos que escutarem, uma digna hospedagem em suas mentes.

Em repetidas oportunidades disse que o conhecimento logosófico difere em muito do comum; daí que não se possa entendê-lo pelo simples fato de escutá-lo uma, duas, três ou mais vezes, ou ainda lê-lo com a máxima atenção, onde quer que tenha tomado forma escrita. Vejo-me, portanto, na necessidade de vestir este conhecimento com trajes diferentes a cada vez, para torná-lo mais familiar ao entendimento de todos. Todavia, acontece que esses trajes são trocados no vestiário mental que cada qual possui dentro de sua mente e, como é natural, os ensinamentos não se sentem cômodos onde não são compreendidos em seu verdadeiro aspecto; assim, não passa muito tempo sem que fique na mente somente o traje, por ter desaparecido o que estava dentro. A repetição frequente dos conhecimentos que a Logosofia oferece, revestidos com diferentes formas e dando a impressão de novos conteúdos, facilita enormemente sua assimilação, pois nem sempre a mente está capacitada para surpreender todos os detalhes e matizes que logicamente existem, e que devem ser descobertos cada vez que se toma contato com eles.

De algo que muito poucos se deram conta ainda, é da imensa transcendência deste conhecimento para o presente e o futuro; transcendência que se irá reconhecendo à medida que os dias passem e os próprios fatos ofereçam plena luz e revelem o porquê do ensinamento logosófico.

Há muito tempo que a humanidade abandonou-se em uma espécie de indiferença a tudo que verdadeiramente justificasse sua própria existência. Distanciou-se assim do verdadeiro conceito que se deve ter sobre as leis universais, desviando, poderia dizer-se, de todos os caminhos que Deus abriu, como sendas propícias, aos homens que quisessem aproximar-se d’Ele. Por outro lado, a influência de um materialismo inflamado de ambições e de conteúdos totalmente nocivos para

a consciência humana foi, gradualmente, fazendo com que os seres humanos chegassem até a desconhecer sua própria finalidade e a origem de tudo quanto na Criação está oferecido, sem limitação, à sua livre vontade.

Mas como isto não podia durar, à medida que as gerações foram aumentando o volume desses desvios, até culminar numa decadência universal, tiveram que sobrevir esses reajustes supremos que fazem o homem recuperar a razão; poderia dizer, sem temor de equivocar-me, que com esta guerra que atualmente assola tantos povos do mundo termina o reinado da mente inferior, da mente que se inferiorizou por esse mesmo materialismo que, depois, a impediu de elevar-se e alcançar a paz que seus próprios pensamentos foram destruindo durante dias, anos e séculos. A tal grau de descenso chegou essa mente comum, que é muito fácil comprovar hoje, para onde quer que se estenda o olhar ou dirija a palavra, que uma enorme porcentagem de seres não quer ouvir falar de outra coisa senão daquilo que possa servir a seus interesses mesquinhos ou distrair seus minutos, à margem de toda seriedade, zombando de quem se dirige a eles com o afã de levar um pouco de luz às suas mentes, obscurecidas pelo signo da decadência. Mas nem todos se encontram nesse estado; existem seres que anelam libertar-se da influência nefasta desses pensamentos que diariamente visitam a mente e permanecem nela com objetivo de dominação. Muitos deles escutam a palavra logosófica e pressentem, mais do que sentem, a verdade que contém; atraídos instantaneamente por este novo gênero de conhecimentos, os recebem como se vislumbrassem neles a chave de sua própria libertação. Começa, então, o árduo, paciente e grande trabalho do ensinamento logosófico na alma dos que o acolhem com alegria e entusiasmo; árduo, porque enquanto começa a obra de reconstrução moral e espiritual no interno, deve ir destruindo tudo o que se opõe aos seus elevados fins. Em uma palavra, o processo de aperfeiçoamento deve ser realizado em harmonia com o que constitui a alma individual. E enquanto se vai operando na mente, em forma gradual, uma depuração de pensamentos nocivos e prejudiciais ao bem que se busca, a presença nela de conhecimentos que dão força de expressão à inteligência permite que a mente superior surja vigorosa e que, gradualmente, vá tomando corpo até alcançar definitiva-mente uma nova forma individual. Assim, pois, enquanto se vai abandonando tudo de inútil que a mente comum continha, se incorpora outra que vem cumprir a missão máxima a que a humanidade poderia aspirar: a de fazer com que cada ser humano que conseguiu despertar para a vida superior não se ressinta e até pereça ante as grandes mudanças e as fortes transições pelas quais deve passar, e já está passando, por causa da atual hecatombe.

Dentre as limitações que impedem os seres humanos de conceber a realidade tal como ela é, uma delas é a que inabilita a inteligência para discernir sobre o porquê das mudanças sofridas durante a vida, e daquelas exigidas pelas circunstâncias, às vezes com celeridade imediata. Ao mesmo tempo, essa limitação dificulta enormemente a diligência que cada um possa tomar para preparar-se rapidamente, a fim de poder transcendê-las sem os riscos a que a ignorância expõe. Mas este é, naturalmente, e descrito de forma geral, apenas um dos tantos aspectos que devem ser contemplados à medida que os dias passem e a presença de novos fatos sacuda, às vezes com violência, o entendimento, não permitindo a muitos que compreendam por que ocorrem as coisas e nem que se expliquem como até os mais distantes devem experimentar rudes transformações nos diversos campos da vida.

O que esses homens que guiaram os povos durante o último quarto de século fizeram em todas as partes? E o que fizeram os povos, por sua vez? Se, seguindo simplesmente a crônica diária, fôssemos examinar a evolução do mal que foi tomando forma e corpo no mundo, veríamos que os homens chegaram à despreocupação e até à submissão, visto que não puderam ver nem atacar o mal ainda no começo.

Em tais condições, a decadência foi se acentuando, e como já não era possível o entendimento entre os povos, ou nem ao menos entre as famílias e, diria mais, nem sequer consigo mesmo, deveria sobre-vir algo muito grande que convulsionasse a alma de todos. E assim, por esse meio, uma vez que desprezaram os outros, os homens irão compreendendo, pouco a pouco, que é necessário reconstruir a vida humana sobre bases mais sólidas, mais permanentes e fazer dela o que verdadeiramente seja digno aos olhos do Criador.

Não faz muito tempo disse ser frequente, em tempos de paz, que se escutem queixas amargas contra Deus pelo naufrágio de um transatlântico, por exemplo, onde tantos seres inocentes perdem a vida; mas depois, os homens fazem a guerra e afundam centenas de navios, onde milhares de pessoas perdem a vida. Também é frequente sentir angústia e pena quando um terremoto abre fendas na terra e sepulta uma cidade inteira; e, no entanto, incendeiam-se cidades e queimam-se vivos seus habitantes. Diante deste quadro, Deus tem o direito de sacudir a terra de vez em quando e pôr os homens no caminho de uma vez por todas, fazendo-os compreender que perderam o direito de queixar-se do que ocorre por efeitos da Natureza. Quem destrói mais o que faz parte da humanidade: os terremotos, as inundações, os vulcões em erupção, ou os

próprios homens que, quando extraviam totalmente o juízo, com toda soberba pretendem endireitar o mundo à força de matanças e destruições?

Isto deve chamar à meditação, e assim se conseguirá entender que se perdeu até o direito de muitas coisas, porque não se soube conservá-las; porque os seres humanos têm sido indiferentes aos inúmeros sinais que indicam e indicaram, desde séculos atrás, o desvio e também a forma de corrigi-lo e seguir por rotas positiva-mente retas, à luz da verdade universal, rumo aos mais sublimes despertares do entendimento.

Quero destacar uma coisa esta noite como fundamental: um homem não pode pretender alcançar certas verdades enquanto conserva dentro de si certas mentiras; não pode pretender transfundir-se na natureza superior enquanto a inferior permanece sem a intenção de ser abandonada; não podem existir por muito tempo em sua mente pensamentos de índole superior enquanto nela se encontram os de índole oposta, uma vez que tornarão impossível sua vida e, na luta pelo predomínio da razão, uma série de contradições se promoverá nos atos e nas palavras que pronuncie.

Aconselho, pois, a cada um, aumentar a sensação de consciência em si mesmo, à medida que se determinam os movimentos que a inteligência executa diariamente; que não se deixem entregues ao automatismo rotineiro os movimentos mentais que decidem a atuação diária individual; que cada um saiba até que ponto é capaz de permanecer num estado verdadeiramente consciente de seus atos e do domínio de seus pensamentos e palavras; e que chegue, também, a comprovar o grau de capacidade que alcançou para utilizar os conhecimentos com eficácia no desempenho das funções, como membro da sociedade humana.

Estes ensinamentos tendem a facilitar – como disse – a compreensão de todos, no comportamento diário consigo mesmos e com os semelhantes; e, tendo-se optado, de verdade, por uma superação certamente efetiva, não se deve descuidar dos pensamentos que visitam a mente, selecionando-os e utilizando os melhores, pois são estes os que haverão de levar a alegria e o bem-estar ao coração e os que irão auxiliar a razão em seu trabalho constante de depuração da substância mental com a qual serão elaborados os conhecimentos que tornarão fecundas as realizações do futuro.

É imprescindível, portanto, desenraizar uma a uma as aderências da vida comum; e note-se que disse “aderências”, assinalando com isso tudo o que não é

necessário para a existência digna. De-vem renascer, no mais profundo do indivíduo, as ânsias da vida, mas não da vida em suas meras manifestações materiais, senão da verdadeira, da que enlaça toda a existência; da que promove as sensações mais sublimes na alma humana; da que permite desfrutar das maravilhas da Criação pela inteligência compreensível de todos os seus movimentos, que não devem passar inadvertidos à penetração individual. É preciso abrir o juízo aos eflúvios das correntes mais fecundas, fazer com que as paredes mentais se limpem de todo preconceito e julgar cada coisa pelo seu verdadeiro valor, por uma profunda penetração e não por uma simples olha-da superficial, como é costume.

Se os seres querem de verdade transcender esse estado de vida que espargiu por todas as partes o descontentamento e a infelicidade, cada um deve aprestar-se a edificar dentro de si o verdadeiro, o que não morre, o que é imortal. E uma vez que mencionei o imortal, me atreveria a provar que existem possibilidades inegáveis de alcançar essa imortalidade.

Os homens quiseram alcançá-la, durante muito tempo, sem se preparar para semelhante empresa; pretenderam até voar com o corpo, enquanto a mente permanecia submersa na matéria. Eu pergunto, agora, se o ser humano é considerado, respeitado e recorda-do por seu corpo, ou pelo que é como ascendente moral, intelectual, espiritual. O que é que sobrevive quando o corpo é abandonado? Sobrevivem os pensamentos que habitaram a mente daquele que se foi, daquele que deixou seu corpo e se ausentou em aparência, pois permanece presente, falando-nos, muitas vezes com bastante frequência, para saturar geração após geração com a luz de suas inspirações geniais e seus honrosos exemplos. Quantas vezes o conjunto desses pensamentos não formou um ideal que guiou a reflexão dos homens através das épocas? Quantas vezes, acaso, não se acariciaram esses pensamentos na mente e se experimentou o bem que fizeram e continuam fazendo a quem os recorda? E quantas, não foi preciso recorrer a eles para cultivar os próprios, ou tomá-los como exemplo, ou como alento e estímulo nos momentos de vacilação?

Quer dizer, então, que não morre o que na verdade havia de imortal na alma daqueles que, ao desprenderem-se de sua forma física, permanecem presentes na recordação de todos.

Quem efetivamente morre é aquele que não teve pensamentos grandes; pensamentos que, transcendendo sua própria mente, fossem em auxílio dos

demais. Este é o que na verdade perece, por-quanto é esquecido ao irem-se com ele, também, as possibilidades de sua imortalidade, ao ir-se com ele o egoísmo que tantas vezes germina nas mentes, não por falta de instrução nem de elementos com os quais pode realizar em si mesmo uma obra de bem, senão porque se rejeita a ilustração, porque são negadas as realidades e desprezadas ao mesmo tempo todas as oportunidades que possam se oferecer ao ser humano, para seu melhoramento e evolução.

Daí a necessidade que imperiosamente o espírito deve reclamar, de experimentar na própria vida a sensação dessa imortalidade; de trabalhar com entusiasmo, de estudar, estudar sempre, porque a vida é um constante estudo. Cada um deve se tornar um perfeito técnico na arte da observação – como disse não faz muito tempo –, e que o juízo seja um verdadeiro laboratório em que se possam realizar as mais sublimes combinações e alcançar pelo esforço, pela capacidade cada vez maior da inteligência, um contato permanente com o mundo mental, onde as coisas não morrem, onde se percebe verdadeiramente, em plenitude de espírito, a sensação do imortal.

Muitas vezes, durante a vida, se apresentam interrogações que aguilhoam insistentemente o espírito, como as que se referem à imortalidade ou à possível reencarnação da alma em outras vidas; e seria também o caso de apresentar aqui a seguinte resposta: para quê? Para fazer e ser o que se fez e se foi nesta vida? Estamos nos referindo, entenda-se, aos que nada ou muito pouco foram e fizeram na atual existência.

Por outro lado, seria muito diferente se o ser, em empenhos pacientes e continuados, realizasse progressos fecundos em sua evolução, pois aí sim seria possível que se produzisse o despertar da consciência como sensação de continuidade das vidas, uma vez que teria deixado, antes de partir, algo próprio, algo que, ao voltar, poderá ser incorporado à existência. Entretanto, o que haverá de encontrar, na hipótese de encarnar novamente, aquele que encerrou egoisticamente sua vida em um mutismo absoluto e não se preocupou em alcançar o bem para si pelo conhecimento, nem, muito menos, em ajudar a seus semelhantes em obra alguma? Seria o caso de pensar que, se retornasse ao mundo, lhe ocorreria a mesma coisa que àquele que espera receber grande acolhida em seu regresso de uma longa viagem e somente encontra rostos estranhos que esperam a chegada de outros viajantes. Aquele que esquece suas obrigações para com os demais não pode pretender que estes o recordem e o tratem com afeto. O próprio choro da criança ao nascer, é como se fosse o

primeiro protesto que lança aos quatro ventos, porque penetra no mundo em condições tão desvantajosas. Tanto é assim que não demora em observar-se nela a soberba e o capricho, como se renascesse com todas as calamidades de seu caráter e de seus descuidos morais. Poderia dizer-se que tudo o que havia levado consigo volta a brotar por todos os seus poros. E o pai tem que corrigi-la com frequência; ensiná-la a ser melhor, mais dócil, mais humilde, sem pensar que esse é, precisamente, o ensinamento que ele mesmo recebe em sua luta diária.

Não se pode pretender, pois, recolher frutos que não sejam merecidos. E, uma vez que se queira sobreviver e reconhecer-se nas próprias obras e pensamentos e nos próprios afetos, deve-se dar nas-cimento dentro de si, desde já, sem perda de tempo, a essa imortalidade, em um constante empenho de superação, sendo em cada dia melhor que no anterior. Que a própria conduta, na esfera dos grandes princípios que regem a existência humana, seja um símbolo de grandeza e, também, o sinal de sua imortalidade.

19

Forças que atuam no cenário do mundo

Buenos Aires, 18 de março de 1944

O presidir a inauguração das atividades logosóficas de estudo e investigação do corrente ano responde ao propósito que me anima de estimular, com minha atenção pessoal assídua, as atividades a que dou início hoje.

A atividade logosófica não deve ficar circunscrita a uma simples tarefa mecânica, deve ser uma atividade construtiva; e naquele em que verdadeiramente se manifestem os sintomas evidentes de uma clara compreensão da obra, regerá sempre o pensamento de que, onde quer que se encontre, haverá para ele uma oportunidade que se oferece para aumentar sua capacidade perceptiva, seja na observação dos demais, seja na de si mesmo.

A vida humana se desenvolve alternando-se sob a influência de duas forças: a do bem e a do mal, e tanta é a influência de ambas na natureza humana que até se confundem. Daí que o bem, de que muitas vezes se desfruta, provenha somente da força do mal, não sendo mais que um bem aparente, circunstancial: um engano. As consequências se advertem logo que a alma se interna nos domínios dessa força negativa.

Do que o ser humano necessita para conhecer e descobrir onde essas forças atuam? Da razão, que todos sem exceção possuem, mas que não está capacitada para discernir em que aspectos se confundem e até onde alcança a influência perniciosa daquela que tantos tormentos causa ao coração humano.

Frente a esta interrogação, as inteligências se mostram indiferentes, ao não poder desentranhar o mistério e não compreender o porquê dessa disputa sinistra. Esta é a causa pela qual o mal se alastrou tanto e se apossou do mundo. Na verdade, são pouquíssimos os que optam por dar-se ao trabalho de descobrir em que se diferenciam essas forças; a maioria prefere continuar sem se preocupar com o problema, deixando que o mundo prossiga sua marcha à mercê daquilo que, para ela, está além de seus próprios domínios.

Contudo, está demonstrado até a evidência que a alma é capaz de se sobrepor ao

mal e vencer a luta contra ele, quando a inspiram pensamentos de identificação plena com as forças do bem, que são as que fundamentam, precisamente, o que não se destrói, o que não causa nenhuma dor a ninguém, embora cause muitos incômodos e sacrifícios, pelo fato de que as virtudes que engendram obrigam a se comportar atendendo aos ditados da consciência moral.

Os conflitos bélicos que afligem a tantos países do mundo são consequência do excesso das ambições humanas, as quais têm sua sanção nos cruéis sofrimentos que a humanidade deve suportar depois. São estas as grandes lições de Quem criou a criatura humana; lições que corrigem e endireitam o pensamento desviado dos homens. As leis universais não podem ser tão desconhecidas por estes, a tal ponto que cheguem a situá-las totalmente à margem de suas existências, pois elas se manifestam de múltiplas formas e são muitos os sinais que as denunciam. A lei magna é a que rege o equilíbrio universal, e é lei soberana em todas as partes e para todos os seres que existem na Criação. Quando essa lei é infringida, quando é desobedecida, seus ditados supremos, que encarnam a Vontade todopoderosa, se pronunciam, corrigindo o desvio e retornando ao curso normal os excessos provocados pelo desequilíbrio.

Assim, por exemplo, se uma pessoa é rica e desfruta de luxos e comodidades e, de repente, levada por pensamentos de esbanjamento, e sem poder frear seus impulsos descontrolados, perde o que possui, deve sofrer o castigo que lhe impõe o ditado dessa lei, isto é, retornar às necessidades de outrora, se antes foi essa sua situação, começando por juntar novamente os centavos que com tanta insensatez desprezou nos dias de abundância. E, possivelmente, muito lhe custará recuperar aquela situação que tinha, se não colocar na obra seus melhores e maiores empenhos. Em seu afã de reunir de novo o dinheiro gasto, não busca, afinal de contas, outra coisa que o equilíbrio de sua situação econômica.

Sabe-se que quando irrompe uma guerra, sobretudo das pro-porções que assumiu a atual, toda a engrenagem econômica e social dos países mais diretamente afetados acaba por se desarticular. Ao produzir-se tamanho desequilíbrio, os seres vivem, poderia-se dizer, como que suspensos no ar, pois não encontram em tal transe nada firme em que se apoiar. Nesses instantes de suprema angústia, é quando renasce o afã de voltar à normalidade. Voltar à normalidade não significa outra coisa que achar novamente o ponto de gravidade, ou seja, o equilíbrio que foi alterado pela irreflexão humana. Quando os povos saqueiam os cofres do Estado e, cedendo à influência do feitiço adventício de uma liberalidade

descontrolada, entregam-se a prazeres cada vez mais nocivos para a família humana, sucumbem, sendo a vitalidade nacional absorvida precisamente pela falta de recursos. Assim advêm as grandes crises e as convulsões internas, com as perturbações de toda ordem que as acompanham. O desequilíbrio força então a alavanca do rigor e as guerras sobrevêm como único meio possível – tal é a soberba humana – de emendar as faltas, devendo os homens, por fim, e após horrível tragédia, retomar as velhas ferramentas de trabalho.

Vimos como as forças do mal tomam corpo, primeiro individualmente e depois coletivamente, para debilitar a vontade dos seres. Por efeito disto a alma adoece e se acha indefesa; indefesa para as lutas que deve enfrentar, os reveses que deve sofrer e as angústias a que se vê obrigada a passar, porque as poucas forças que ainda restam agrupadas em torno dessa vontade que se quer fazer prevalecer dominando as debilidades, vão se extinguindo, pouco a pouco, como a luz do candeeiro, quando o combustível chega ao fim.

Diferente é quando os seres humanos, vinculando-se uns aos outros em estreita compreensão do que significa uma verdadeira irmandade de ideais e de consciência nos propósitos que guiam a existência, prestam-se auxílio em mútua colaboração e, juntos, unidas todas as vontades, ou, melhor dizendo, os fragmentos de vontade que cada um pode oferecer como concurso próprio para superar a existência geral, contribuem para que se vençam os obstáculos e os espíritos se fortaleçam, estimulados, dia após dia, pela convicção cada vez maior de que nessa força de união reside um fragmento da força universal.

É uma realidade evidente que cada um, em forma reduzida, possui essa força universal, e é também uma realidade que pode aumentá-la na identificação de objetivos com os outros seres que seguem iguais rotas de evolução, nutrindo-se, por sua vez, com essa força máxima, quando se apresta a aumentá-la com seu esforço, do mesmo modo que se aumenta o volume da inteligência quando esta se nutre com a força cheia de luz e de sabedoria que se plasma em todas as coisas criadas; que se move, vive e se manifesta em todos os seres humanos, muitas vezes sem que eles mesmos o advirtam.

Como puderam observar, o ensinamento logosófico tende a despertar o entendimento na realidade, contra a qual a ignorância humana tanto se choca. Os princípios que a Logosofia estabelece são universais; por isso podem ser aplicados a tudo que existe. Não é possível falar hoje de um processo individual, sem focalizar o pro-cesso da humanidade e até o do mundo inteiro. Vive-se

nestes momentos uma das grandes crises históricas; o desequilíbrio é imenso, o desvio esbarra nos limites de toda tolerância universal e já se advertem indícios inconfundíveis de que se aproxima um reajuste inevitável, inexorável, da conduta humana. E não se deve pensar que, se a uma parte do mundo, a um fragmento da humanidade coube passar por esse crisol tão duro, tão instrutivo e tão depura-dor, não irão chegar até aqui, a esta outra parte da humanidade, as consequências desse reajuste. Aquele que pretenda desatender a voz da realidade e permanecer indiferente, continuando com os mesmos pensamentos rudimentares de antes, irá sofrer duros contrastes. Quem sabe quão poucos poderão superar a mudança, se não se prepararam para que esta não os aniquile!

Tudo isso, volto a afirmar, acontece pela obstinação das mentes em não querer ver o que, justamente, mais lhes deve interessar. Os fatos não ocorrem porque sim, e se os seres humanos fazem uso da razão, devem analisar esses fatos e descobrir suas causas. A guerra anterior foi um sinal que deveria ter bastado aos homens que habitam o Velho Mundo para corrigir o rumo de seus passos extraviados. Não o fizeram, e eis que se encontram hoje, novamente, diante de uma lição maior, mais intensa, mais dolorosa ainda do que a anterior. Se, depois desta contenda que comove todos os seres da Terra, o homem não se emendar e sua mente continuar obstinada em não reconhecer que existe – acima de sua soberba, de sua arrogância e das mil condições superiores que falsamente se atribui – uma inteligência suprema que dita preceitos inexoráveis, os quais devem ser cumpridos impreterivelmente, o gênero humano está chamado a sofrer graves retrocessos.

É por isso que tanto mais digna será nossa obra quanto mais se preocuparem em fortalecer a confiança no futuro, baseada em uma ampla capacitação que permita focalizar com acerto os problemas vitais da existência, ao mesmo tempo que novos e fecundos conhecimentos abrirão horizontes promissores para a investigação e o esclarecimento de tudo o que até hoje permaneceu indecifrável e obscuro.

Sei que ninguém vem aqui atraído por qualquer vantagem material, mas sim com o ânimo de trabalhar por seu próprio aperfeiçoamento, o que torna mais meritório o esforço e realça mais o sentido moral com que inspira suas atividades. De igual modo, bem sabem que tenho consagrado, há quase três lustros, longas jornadas de intenso labor para ajudar a todos na árdua tarefa de cultivar as faculdades da inteligência e, também, as virtudes, que somente florescem quando o empenho individual não se debilita e, paralelamente, a

evolução espiritual permite que se manifestem, respondendo a elevados objetivos e não menos elevados fins humanitários.

Convoco, pois, nesta data em que se iniciam as atividades do ano, a boa vontade de todos os assistentes deste ato, para trabalharem sem esmorecimentos nesta obra de bem que estamos realizando, continuando-a com mais entusiasmo, no momento em que seus nobres fins vão se cumprindo, à medida que os benefícios alcancem maior número de seres. Esta será nossa modesta contribuição para a nova humanidade que surgirá da atual hecatombe, cuja importância e transcendência a posteridade julgará.

20

A razão e o conhecimento

Buenos Aires, 24 de março de 1944

Vamos falar nesta oportunidade algo sobre a razão e o conhecimento e, talvez, sobre algum outro ponto interessante.

Existe na mente uma razão, faculdade à qual muitos atribuem um papel importantíssimo, primordial, ao considerar ser ela a que discerne sobre o bem e o mal, a verdade e o erro, o belo e o feio, o grande e o pequeno. Bem, eu perguntaria agora, em que medida esse discernimento se ajusta aos ditados da verdadeira razão; em que a razão da mente comum baseia seus juízos? Porque o certo é que não se pode falar de razão sem estabelecer diferenciações, nem sem antes conhecer o significado do que ela é e representa em realidade.

Todos os seres humanos possuem uma mente igual e as mesmas faculdades, de modo que todos desfrutam do privilégio de ter uma razão. Entretanto, consta a todos nós que essa razão, ou os juízos elaborados por ela, são negados com reiterada frequência, tornando-se necessário lutar para defender o que se sustentou, não obstante ter consciência de não tê-la perdido. Outras vezes acontece que se quer ter mais razão do que os demais, como se esta faculdade fosse igual ao dinheiro, que uns têm mais e outros, menos, embora nem sempre por justiça de seus méritos. Observamos também que na criança, por exemplo, existe uma razão, da mesma forma que no adulto, mas não pode utilizá-la nem se servir dela como as pessoas que já cumpriram seus bons anos de vida; também há seres de idade avançada que tampouco podem servir-se de sua razão, não porque lhes falte, senão porque nunca a cultivaram.

Possivelmente sejam pouquíssimos os que se preocuparam em perscrutar dentro de si mesmos a fim de saber o que é a razão.
A razão é e não é uma faculdade. Existe e não existe, e só atua com base nos conhecimentos que se tenha. É o conhecimento que lhe dá vida; sem ele não poderia exercer sua função diretriz como faculdade central da mente, pois o conhecimento constitui sua razão de existir.

Daí que a razão da criança não possa discernir sobre uma mesma questão

exatamente como o faria três ou quatro anos mais tarde. E daí também que, ainda que exista em todos – como dizíamos antes – o que se tem chamado de razão, nem todos podem se servir dela como cor-responde, nem experimentar a segurança do que discerne, porque a razão não pode julgar somente pelo império de sua existência como tal.

A razão requer o auxílio imediato do conhecimento para poder discernir; ela não pode estabelecer nenhum juízo sem antes haver buscado e reunido os elementos indispensáveis para tal função. De modo que os conhecimentos aumentam o volume e a consideração do juízo que essa faculdade central chamada razão vai elaborando, a qual, nutrida por esses conhecimentos, pode fazer com que estes, por sua vez, nutram a razão de outros.

De tudo isso se depreende que, quanto maior o conhecimento, maior a razão; e se os conhecimentos formam também a base permanente da existência, visto que esta encarna e se expande dentro de si mesma na intensidade da vida, é lógico pensar que, quando a razão se nutriu e se nutre constantemente com o conhecimento que lhe faz experimentar a realidade de sua função diretora, a consciência surge despertando em uma existência nova, que lhe dá, justamente, a consciência de tal realidade, uma vez que a razão não pode atuar sensata-mente sem experimentar, antes, a consciência do saber pelo conhecimento. Algum dos presentes pode julgar, por acaso, o que ocorre neste momento em qualquer uma das ruas de Buenos Aires, como aquele que está assistindo a um fato? Impossível; entretanto, se alguém lhe relatasse e mediante a reconstrução mental do fato, poderia chegar a julgá-lo; mas se algum detalhe houvesse passado despercebido, ou se quem transmitisse a imagem do acontecido não o fizesse com fidelidade, seu juízo não poderia ser como o daquele que viu e conheceu o ocorrido em todos os seus detalhes.

Por exemplo, quem se achasse em uma floresta poderia encontrar a planta para curar-lhe uma ferida, sem conhecê-la? Não; e até pereceria no mesmo lugar onde cresce a erva salvadora. Ao ignorar sua existência, não pode fazer uso dela, nem sua razão pode julgar sobre seu valor medicinal; ao contrário, aquele que a conhece, por meio desse conhecimento a utiliza e julga, ao mesmo tempo, sua bondade para curar feridas.

É muito comum, na maioria das pessoas, emitirem-se juízos apressadamente, sem pensar que estes, por lei natural que gravita sobre todas as consciências, devem ser depois modificados, pois a verdade, ainda que por momentos esteja

distante, costuma sempre aproximar-se e, às vezes, tão oportunamente...
O que ocorre é que a verdade é muito rica, enormemente rica, e a mentira muito pobre, enormemente pobre; e sendo a verdade tão rica, veste inúmeros trajes, conforme as circunstâncias em que tenha que atuar, e depois os deixa, oportunidade que a mentira aproveita para se vestir com eles, aparecendo assim, durante um tempo, como verdade. Mas a mentira tem um rosto que certamente não é como o da verdade, resplandecente e com graça divina. A mentira, querendo imitá-la, no final é descoberta, pois devendo mostrar-se repetidamente, acaba revelando sua mistificação.

Na Criação existe uma infinidade de maravilhas que passam totalmente despercebidas a todos. A Logosofia vem, precisamente, revelar essas maravilhas à inteligência do homem.

Há no ser humano duas tendências que estão flutuando constantemente: uma é a que trata de conduzi-lo em todos os movimentos mentais de sua vida para o que é passageiro e instável; a outra, a que tende a levá-lo para o permanente. Desta última é que provêm as perguntas que o ser formula, buscando explicação ao muito que necessita ser explicado para satisfazer as necessidades de seu espírito.

A Logosofia define as perguntas em dois planos totalmente diferentes e atende somente às que correspondem ao plano do permanente, do eterno. Aquelas que são inspiradas pela curiosidade comum, que não têm nenhuma transcendência útil, são colocadas no plano do passageiro, do fugaz e instável.

As simples definições somente servem para acalmar uma inquietude momentânea. As interrogações que o investigador expressa devem antes ser elaboradas com plena consciência do valor que a explicação delas representa para sua vida. E quando observar diariamente as coisas, os fatos, e em seus estudos meditar sobre cada um dos aspectos que lhe interessam vivamente, deve sempre fazer com que tudo o que recolha como explicação de suas interrogações seja trasladado ao plano do permanente, do eterno; que essa explicação, uma vez recolhida e absorvida, não permaneça como traste inútil dentro da mente, senão que esteja lá para se servir dela cada vez que as circunstâncias o requeiram, pois somente assim é como a vida toma corpo e se torna possível sua expansão sempre mais ampla, tanto interna como externamente.

Não se deve fazer da vida algo inservível que se desintegre por não se haver tido a precaução de uni-la a uma existência firme, permanente e eterna. Os fatos da

vida comum, as atividades diárias – já o disse – transformam a vida em uma natureza inferior, que sucumbe diante das tantas contrariedades que a ignorância e a falta de conhecimento provocam.

É necessário refletir e meditar com serenidade e paciência sobre os altos alcances da vida, quando esta, em um contínuo esforço de superação, consegue transpor as limitações da humanidade comum, a qual não busca a vida superior – ou seja, aquela que oferece o conhecimento de altas verdades que a mente vulgar não pode apreciar –, nem se esforça em alcançá-la; porque não é possível que elas sejam compreendias por uma razão incipiente, por uma mente indisciplinada, por uma inteligência que, em vez de uma tocha acesa, é uma vela funerária. Quantas vezes uma desgraça não teve que iluminar a vida, quando poderia tê-la iluminado uma alegria!

Ninguém poderia dar um passo além de suas possibilidades desde que a humanidade nasceu, se não fosse pelo conhecimento que, constantemente, impulsionou o espírito dos homens e os estimulou e animou para prosseguir a luta e vencer.

O conhecimento é a substância eterna que, ao ser assimilada, permite ao homem experimentar a sensação do eterno. Aquele que não estuda, que não vai em busca do conhecimento, limita sua existência e restringe suas possibilidades ao mínimo. Por isso falei esta noite sobre o que é a razão e o que pode ser, em sua máxima ex-pressão, para a consciência humana. Daí que torne a insistir acerca da necessidade de ordenar os pensamentos na mente; de efetuar as reflexões com serenidade, com prudência, com discrição, e, sobre-tudo, conscientemente, fazendo com que dessas reflexões surjam necessidades de um saber mais profundo e que as interrogações se desenhem com precisão na esfera mental. Depois de tais reflexões, se verão aparecer inúmeros detalhes que terão de ser utilizados inteligentemente para elaborar, dentro das próprias possibilidades, conclusões acertadas e firmes.

Não se deve permitir que os pensamentos vaguem dentro da mente; a distração é sempre nociva para o espírito. Conformando as exigências do espírito à prática constante de uma observação se-rena e eficaz para o próprio juízo, com toda certeza que, ao falar depois em qualquer oportunidade e expor as conclusões a que se chegou, já não será negada a razão, pois ela sozinha se imporá pela evidência de seus lógicos raciocínios.

E, para terminar, se algum dos presentes quer confirmar a verdade do que escutou, recorra a seu próprio coração e à sua própria reflexão, expondo-lhes seu comportamento anterior frente a todos os episódios nos quais sua razão teve de intervir e a conduta que, desde este momento, conhecendo os elementos escutados, irá seguir como norma para as atuações futuras.

21

A perfeição humana e os erros do homem

Buenos Aires, 25 de março de 1944

Mais de uma vez os seres humanos tiveram que se perguntar por que tendo Deus criado todas as coisas e sendo elas perfeitas, o homem é imperfeito. Estou certo de que todos os discípulos já conhecem a resposta; porém, caso a tenham esquecido, vou recordá-la.
Efetivamente, todo o criado é perfeito, assim como é perfeito o arquétipo do ser humano em seus dois aspectos: físico e psicológico. Mas, por uma exceção inquestionavelmente justa, dada a faculdade suprema que encerra e que responde à vontade inexorável de quem o criou, quis Deus que cada ser humano conhecesse por si mesmo qual é sua perfeição.

Sem exclusão alguma, todos partiram do mesmo ponto: do nada aparente em que vivem os seres no plano da inconsciência; e lhes foi dado dispor de faculdades com as quais nenhuma outra espécie conta; faculdades que chegam a penetrar na essência divina, quando o homem consegue internar-se na esfera do conhecimento. Mas para isso deve transcender a incerteza, a ignorância, a escuridão e penetrar no mundo, tantas vezes quantas sejam necessárias, a fim de familiarizar-se com essa escuridão e permitir, assim, que seus olhos distingam os semelhantes e todas as coisas que encontrarem em sua passagem.

É evidente que, se o homem ignora suas próprias possibilidades e não sabe tampouco que elas, ao existirem, poderiam servir para iluminá-lo nos trechos profundamente escuros de sua vida, vai desarticulando esse jogo de faculdades, alterando-as até chegar a uma virtual imperfeição. E uma vez nesse estado de imperfeição, foi fazendo muitas coisas imperfeitas, cometendo muitos erros, tanto que eles serão, por longo tempo, a causa de inúmeros males que acometeram, acometem e continuarão acometendo a humanidade.
Entretanto, não é que o homem tenha sido abandonado à sua própria sorte, pois a todo momento lhe foi dado perceber sinais que, aproximados da inteligência, puderam iluminar e guiar seu entendimento para as altas necessidades que o espírito exige para libertar-se da imperfeição a que chegou. Prova disso é que, à medida que a humanidade avança, de época em época, os seres humanos, embora lentamente, também vão avançando e evoluindo. Mas os erros e tudo

quanto foi feito imperfeito pelos homens são, precisamente, os que sempre têm travado o caminhar das gerações em seu afã de alcançar a identificação com o arquétipo, per-feito como tudo que foi criado.

Daí, pois, a imensa amargura daquelas almas grandes que surgem de tempos em tempos no mundo, quando observam – elevadas acima da conduta comum e tendo alcançado, pelo esforço e o cultivo da inteligência, o contato com altas concepções –, as imperfeições e erros dos homens, sobrevindo-lhes o caloroso anelo de acercar a seus ouvidos a palavra conselheira e os elementos que poderiam eliminá-los e restabelecer seu equilíbrio moral e psicológico.

O trabalho é grande e árduo, porque os seres humanos estão tão identificados com os mencionados erros e imperfeições que é necessário fazê-los voltar a vista para eles repetidas vezes, a fim de que os percebam. O mal está tão enraizado que, quando se quer iniciar esta tarefa sublime de auxílio às inteligências, se advertem os bem conhecidos gestos de ceticismo, desinteresse e também de egoísmo. Quase sempre se prefere deixar que os dias passem e os males que se padece aumentem a preocupação dos que vierem depois. O que me-nos se pensa, na realidade, é que tudo quanto se faça colaborando na Obra Universal, permanece e se incorpora à própria vida. Acaso, sem ir mais longe, não puderam observar quantas aflições e incômodos causa o contato com as falhas humanas, qualquer que seja o terreno em que o ser humano desenvolva sua atividade? Falhas que dão origem a todas as injustiças, pois muitas vezes se materializam em normas sociais, em hábitos, em leis que inundam os códigos e extraviam diariamente o pensamento daqueles que têm poder de mando, seja qual for sua posição, promovendo equívocos em suas mentes, que se manifestam até naquilo que se pensa ser vantagem e benefício para os demais.

Levantam-se depois os protestos, acirram-se as inimizades; em uma palavra, a vida adoece pelo acúmulo de tantos erros. É como se continuamente fosse necessário sustentar a existência com as mãos, tendo que afastar, aqui e ali, as coisas com as quais se tropeça, porque cada passo que se dá, diria-se que rompe com esse efêmero equilíbrio que as mantêm em suspenso ou em seu lugar. Efetiva-mente, dá a impressão de que tudo está mal disposto, mal colocado. Mas o grave é que, depois de passar, as coisas voltam a ficar como estavam. Costuma-se observar que muitos até se voltam para ver o que acontece ao que vem atrás, e ainda sentem algo de regozijo ao ver que aos outros acontece a mesma coisa.

A marcha é, pois, lenta. Mas se poderia dizer que existe uma medida entre a ignorância humana e a paciência de Deus, e assim, quando a ignorância não existir mais, possivelmente não haverá tampouco mais paciência em Deus, porque não será necessária. A questão é saber qual das duas terminará primeiro: se a ignorância do homem ou a paciência de Deus.

Observando os ambientes do mundo, será fácil compreender, por meio do temperamento adotado pelos seres de experiência e de saber para com os de inteligência incipiente, qual é o que Deus adota para com os homens. Frente a um perigo, aqueles lhes aconselham, tratando de impedir que ocorra o inevitável, quando a mente se obstina em fazer as coisas equivocadamente. Mas, uma vez esgotados todos os recursos para convencê-los do mal que os ameaça, a intervenção cessa. É comum ver isto nas crianças, às quais muitas vezes se deixa que ajam conforme seus desejos, respeitando essa liberdade nascente que começa a mover-se no espaço social, mesmo que ao final aconteça o inevitável: queimam-se, tropeçam, caem, machucam-se, etc., tudo o que poderia não ter ocorrido. Os homens fazem o mesmo que as crianças: são adverti-dos e recebem nas mãos todos os meios para que possam se desenvolver com folga e viver numa constante superação, porém, não escutam; ao contrário, rebelam-se contra o conselho da realidade evidente, manifestada em múltiplos sinais que iluminam igual-mente a todas as inteligências. Daí que aconteçam tantos transtornos no mundo, que se tropece com tantas dificuldades e que, no afã de superá-las, custe tanto encontrar as soluções.

Possivelmente não se pensou até aqui que, na tarefa de reconstrução da vida humana, nessa tarefa que deve ter por finalidade eliminar as imperfeições e o acúmulo de erros cometidos, todas as vontades devem ser empenhadas, todas, sem exceção. E digo isto porque quando forem muitas as que estiverem dedicadas a essa tarefa, as demais deverão, queiram ou não, seguir essa rota de aperfeiçoamento traçada. Evidentemente, os que primeiro iniciarem a marcha e os que, na esfera de suas possibilidades, tiverem começado antes esse labor de eliminação ou destruição de seus artifícios – que existem no homem porque este os criou e os adotou desde que se conformou com os defeitos que sua própria imperfeição acusava –, serão os colocados em melhor posição e com maiores vantagens.

Para que cada um chegue a constituir-se tal como o arquétipo humano foi criado, se requer, como se pode apreciar, uma constante e vigilante atenção sobre todos os movimentos internos, especialmente os mentais, os quais a inteligência regula

para que sirvam aos fins do aperfeiçoamento. Vemos assim que o conhecimento é a própria vida; que, sem ele, é árida e fria e carece dos atrativos superiores que a tornam grande e querida; sem ele, tudo cansa e satura, porque cada desejo tem um limite estreito, e estreitos são também os objetivos que sustenta. Os anelos que podem tornar os seres humanos grandes ficam esterilizados dentro deles mesmos, por parecer-lhes inatingíveis como aspiração íntima.

É interessante fazer notar que, a quem procura se superar, a quem se empenha, busca e trabalha, a Providência o ajuda, acercando aos conhecimentos que encontrou, outros que a eles se vinculam e com os quais enriquece sua inteligência. Já dissemos isto em outras oportunidades. No plano dos conhecimentos acontece o mesmo que no mundo, nas relações entre os seres: a vinculação mútua traz com frequência outras relações, outras amizades, antes completamente ignoradas e fora da esfera em que se atua.

Coisa igual acontece com aqueles elementos de sabedoria que se buscam com afã e que, muitas vezes, são portadores de conhecimentos excelsos: ao alcançá-los, apresentam a outros com os quais o ser se vincula. Assim se procria o saber na mente, e quanto mais elevado este é, tanto mais o homem se eleva nessa vinculação da inteligência, afastando-a dos pensamentos inferiores ou que somente podem levá-la a se relacionar com outros cujo contato não seja favorável. Quantos homens de ciência, em busca de algo determina-do, encontraram o veio que os levou a descobrir o que nem sequer haviam pensado! Este episódio, tão comum na investigação, qual-quer que seja o plano no qual se efetue, evidencia que, com o empenho e o esforço, se promove a atividade de muitos pensamentos. E enquanto uns investigam por um lado, outros o fazem por outro, sendo possível encontrar, muitas vezes onde menos se pensa, algo melhor do que se buscava. É o prêmio ao esforço, ao afã, ao trabalho, à constância, à paciência, e é o prêmio que, outorgado a um, serve para toda a humanidade, porque a toda ela beneficia.

Ao contrário, existem também os que recusam os progressos, que preferem a rotina da comodidade às novas formas de conduzir a vida. E o curioso nesse caso é que, com muita frequência, enquanto renegam os avanços, servem-se deles e os adotam inconscientemente.
Acontece assim nestes momentos em que se está apresentando à mente humana uma oportunidade para alcançar espaços intangíveis para a limitação comum; espaços que se conquistam seguindo as linhas luminosas que a Sabedoria Universal vai traçando; espaços que estão cheios de presenças que irão oferecer

a todos os humanos a felicidade que antes não puderam obter neste mundo de imperfeições, erros e misérias.

É possível que, depois da brusca e grande transição que a humanidade está sofrendo, sobrevenha a compreensão – cuja conquista tanto custa à mente – para encarar a vida de outro modo e edificar com miras eternas, dentro das possibilidades humanas, essa obra de aperfeiçoamento que foi encomendada ao homem, para que a realize. Somente então, este será digno de ocupar a verdadeira hierarquia para a qual foi criado. E logo poderá ser chamado, certamente, como o fora antes, “rei da Criação”, porque terá sabido compreender seu enigma e conhecer sua própria criação, com o que terá a chave para interpretar a Criação Universal.

E, para finalizar, direi mais, uma vez que isto plasma a imensidão do ensinamento. Se foi possível ao homem cometer tantos erros e acumular tantas imperfeições, também lhe foi dado – porque tem faculdades para isto – eliminá-las, fazê-las desaparecer, alcançando o que se ajusta à verdade, em uns casos, e corrigindo erros, em outros. Eis aí o imenso jogo estendido por todas as partes do mundo, jogo que ainda não se pôde aprender; por isso são tantos os perdedores. Quando se aprender esse jogo, posso assegurar que se ganhará muito; e serão tantos os ganhos que, com eles, será possível vencer todas as resistências que se opõem ao aperfeiçoamento humano.

22

Adaptação psicológica

Buenos Aires, 13 de abril de 1944

Ao inaugurar estas conferências quero recomendar, em primeiro lugar, muita atenção; tanta que não seja exclusivamente para este momento, senão para que perdure mesmo depois de escutar estes conceitos do conhecimento logosófico. A atenção que reclamo é para que possam extrair dos ensinamentos conclusões de efetivo valor.

É sabido que nem todos podem perceber o ensinamento com a mesma clareza, uma vez que isto depende do estado em que se encontre a mente individual no momento de escutá-lo; mas todos podem se beneficiar com ele se, após escutá-lo, o revivem para analisá-lo e encontrar o fundo de verdade que contém.

Observei em algumas ocasiões que, ao concluir uma exposição logosófica, alguns dos ouvintes iniciam imediatamente outros te-mas, interrompendo assim a atividade criadora da palavra. Daí que seja muito pouco o que fica dessa palavra, mesmo quando no momento de ser escutada se tenha experimentado uma impressão profunda sobre as verdades expostas, ou uma sensação de manifesta aprovação interna.

Devo fazer presente também, para melhor compreensão, que os que assistem a estas conferências não chegam em igualdade de condições mentais. Cada um tem seus problemas, que preocupam com maior ou menor intensidade sua mente. Recomendo, pois, que eles sejam deixados em suspenso por alguns instantes, para que se possa perceber com maior clareza o que vou expor.

É tendência geral situar-se dentro do próprio problema; eu aconselho que a posição seja sempre impessoal, isto é, que se pense do mesmo modo nos problemas dos demais, e que, em vez de acentuar a preocupação no próprio, se trate de buscar a conexão que este tem com os problemas de seus semelhantes e, mais amplamente ainda, com os de toda a humanidade.

Estamos vivendo um desses instantes em que a alma dos povos parece estar em crise. Poderia acrescentar que é o instinto comum que agoniza, vítima de uma

doença que o vem consumindo até debilitar totalmente o organismo psicológico. Podemos ver isto em muitos pontos do mundo.

O materialismo se expandiu e, como todas as coisas, seu verdadeiro enunciado foi tergiversado. Assim é como foi transformado em paixão, egoísmo e separatismo. Na realidade, o materialismo devia ter seguido a rota do espírito, emancipando o homem das aderências corrosivas que vêm carcomendo o sentimento humano.
A Logosofia vem dar uma nova palavra, desnuda e limpa, que, por ser nova, defende seu conteúdo e posição contra o manuseio inescrupuloso de entendimentos mesquinhos e as especulações das mentes reacionárias a toda evolução. Ela declara que o princípio universal, feito lei para os seres humanos, acha-se expressado na evolução consciente, a qual se manifesta por meio do conhecimento que satura a vida, lhe dá energias e permite que a inteligência resplandeça em toda sua magnitude. Esse conhecimento, que é uma força que conjuntamente opera e reopera na alma dos seres humanos, abrange tudo; e, sendo assim, deve-se pensar que não é possível permanecer alheio a ele.

Toda força adquire seu ímpeto à medida que vai atraindo os elementos afins para a sua órbita de ação, ocorrendo a onipresença dessa força tão logo tais elementos se identifiquem com ela. Por exemplo, o saber logosófico é uma força que, assimilada por alguns primeiramente, e encarnada depois no espírito de todos, faz fluir por conduto das mentes individuais a verdade que contém como expressão de sabedoria. Cada estudante de Logosofia é representante dela, e sua palavra não fica limitada à sua própria confirmação, senão que está respaldada pelo testemunho de todos.

Para que isto possa se constituir na realidade que o princípio anteriormente enunciado indica, deve-se acentuar o mútuo conhecimento nos que cultivam tão alta ciência; se conseguirá, desta forma, que nenhum obstáculo dificulte o estudo e a aplicação do ensinamento, facilitando-se ao mesmo tempo, em grande medida, a vida de relação, uma vez que tal conhecimento traz como resultado o respeito e a confiança entre os que o praticam. Logicamente, para que isto aconteça é preciso cuidar das formas de tratamento, de modo que se revele sempre a brancura do propósito. Que cada um possa esperar do semelhante o que poderia esperar de si mesmo, sem esquecer, como é natural, que o semelhante se acha nas mesmas condições em relação ao que ele deve lhe oferecer.

Assim é como se eliminam o egoísmo e a mesquinhez; assim é como se cultiva a

nobre franqueza do espírito, a lealdade interna, pois tudo isso é indispensável para que a obra de alta edificação moral se realize, inquestionavelmente, em cada ser. Quem aspira a beneficiar-se com esta realidade não deve permanecer alheio às obrigações, aos deveres e às preocupações que a vida reta do espírito impõe, ou sentir-se isento deles.

É verdade inquestionável que a força do conhecimento, quando estabelece vínculos diretos na relação mútua, permite a associação dos pensamentos e, mais adiante, a irmandade das almas.

São muitos os que hoje estão empenhados neste labor, ao qual dedicam seus melhores afãs e no qual encontram motivos sobejamente fundados para orientar de modo definitivo o curso de seus passos.

O estudo do conhecimento logosófico permite experimentar uma verdadeira sensação de amparo, proteção, segurança, confiança; todo o contrário do que acontece na vida comum, na qual grande parte da massa humana vive numa completa orfandade, uma vez que é muito difícil encontrar o conselho ou a palavra capaz de auxiliar a própria inteligência. Não se deve esquecer quanto frio sente o espírito quando, achando-se sozinho, desconhece o meio de acercar-se ao calor reparador da ajuda ansiada.

Poucos são os que, obrigados a desenvolver-se por seus meios e esforços pessoais – o que é muito digno e muito nobre – podem afastar a tempo os obstáculos que se interpõem em seu caminho. A maioria se desvia ou, simplesmente, percorre muitas vezes o mesmo trecho antes de encontrar a saída libertadora.

Estas conferências têm por objetivo principal determinar qual é e qual deve ser a posição real do estudante, em matéria logosófica, para que não haja dúvidas no que diz respeito à maneira de interpretar os ensinamentos, cujo conteúdo exato não está relegado somente ao esforço do discípulo. Todos podem expor seu pensamento, inquirindo sobre qualquer ponto tratado que não tenha sido compreendido, pois o que a Logosofia quer é que cada um tenha uma segurança plena acerca do que deve representar o ensinamento para si, e de como deve utilizá-lo para aplicar à sua própria vida e para o bem da vida dos demais.

Para todos os seres humanos existem inúmeros mistérios; mistérios que têm permanecido ignorados durante séculos e séculos pelos que não se dispuseram

decididamente a descobrir o que eles encerram e em que medida o seu conhecimento pode proporcionar a felicidade. Ninguém, ou muito poucos são os que se ocuparam em buscar as chaves para decifrá-los. Geralmente, somente aqueles que sentem o despertar de uma inquietude interna interessam-se pelo que está além do conhecido na vida comum; e é a partir desse momento que começa a se estabelecer um contato entre a vida individual e a vida universal que, embora muitas vezes seja indireto, nem por isso é menos positivo. É então quando o homem começa a preocupar-se de um modo especial com a história da humanidade, com os fatos históricos mais significativos de seus semelhantes e com tudo quanto a Natureza apresenta à sua vista e à observação de sua inteligência. Esta inquietude é a que mantém vivo o anelo de arrancar das profundezas ignoradas os segredos que iluminarão seu espírito.

Há nos seres humanos um poder que não sabem utilizar, mas do qual, pelo rigor das circunstâncias, devem se servir inconscientemente para alcançar objetivos naturais, porém difíceis, no correr das épocas. Refiro-me ao poder de adaptação, que é um dos que com maior precisão exercem sua incumbência.

O homem, por sua constituição psíquica, mental, espiritual e física, é um ser adaptável a todas as mudanças e a todas as situações em que a vida o coloca, à medida que avança para seu aperfeiçoamento.

Pode-se dizer que é geral – visto que acontece com todos –, a reação que o ser experimenta quando, pressionado pelas circunstâncias, deve aceitar situações às quais, por própria vontade, jamais haveria tratado de adaptar-se. O tempo, com a série de reflexões que sustenta em seus poderosos meios de expressão, faz com que o homem admita e aceite mudanças e situações, e se adapte a elas, mas sem alcançar – salvo exceções – a compreensão exata de tais fatos. Daí a diferença entre os que se adaptam por obrigação e os que buscam a adaptação natural, com plena noção do que isto significa para seu processo evolutivo.

Ninguém ignora que na vida ocorrem muitos episódios que costumam terminar em tragédias, transformando quase instantaneamente as situações individuais. Não utilizando o poder de adaptação, o sofrimento se torna, em geral, desesperador, consome a vida e subjuga o espírito, fazendo com que este se encolha no interior do ser, coibido e triste, sem esperanças de redenção.

Aquele que tem, por exemplo, todas as comodidades, se acostuma a não experimentar incômodos de nenhuma espécie; mas se, admitindo como possíveis

uma série de mudanças que podem acontecer no curso de seus dias, se adapta a elas com antecipação, agilizará seu espírito e poderá depois, caso ocorram, adaptar-se realmente a elas com facilidade. Se, num constante treinamento, experimenta isto como algo real, verá como se vigoriza e até se imuniza contra as situações adversas, as dificuldades e os transtornos que acontecem frequentemente em sua vida.

O poder de adaptação é como uma palavra de ordem. Saber adaptar-se significa haver compreendido um dos sinais com que a Vontade Universal se expressa.
Caberia pensar talvez, sem pretensão analógica por certo, que o primeiro exemplo o haveria dado Quem criou todas as coisas, visto que parece haver se adaptado à modalidade dos seres humanos, não se surpreendendo pelo que eles fazem e esperando pacientemente que as leis corrijam os extravios ou, melhor ainda, os desvios humanos. Isto nos faz ver também que, como Pai de toda a Criação, é a expressão suprema da magnanimamente; porém o homem não deve abusar dela porque prejudicará a si mesmo. Se, em vez disso, buscasse a oportunidade de colaborar na ação construtiva das leis que mantêm o equilíbrio universal, encontraria as maiores e mais vivas satisfações que seu coração pode experimentar.

Devemos citar aqui a Lei de Adaptação, que rege os atos uni-versais e humanos. Esta lei permanece ignorada para todo aquele que não experimentou a necessidade de cumprir seus instrutivos ditados; mas, para quem buscou seu apoio, realizando primeiro o processo lógico de adaptação que a realidade lhe impõe em suas múltiplas manifestações, assume já o caráter de um poder, porquanto o ser pode adaptar-se à vontade e conscientemente a todas as situações ou às mudanças que a vida lhe apresente, como também, e especialmente, às que sua própria evolução impõe.

A Lei de Adaptação é tão inflexível que não admite meio ter-mo entre uma e outra situação: muda-se ou não se muda. De maneira que, se aconteceu um fato que obriga a uma mudança, permanecer no mesmo estado ou condição equivale a viver à margem da realidade e, portanto, a sofrer intensamente. Isto é o que sempre acontece quando o homem resiste às mudanças; daí que a dor, as misérias, as angústias brotem por toda a parte, e o sofrimento seja um visitante quase permanente dos corações humanos.

Ao expor seus profundos conceitos, de tão grandes alcances humanitários, a Logosofia o faz propendendo ao bem-estar e à felicidade geral, e na esperança de

que, compreendendo cada um sua transcendência, se proponha a difundir amplamente o pensamento que este ensinamento anima. Que a semente seja lançada pelo mundo, a fim de cair em muitas terras férteis, e, mais adiante, se presencie o agradável espetáculo de vê-la germinar por toda a parte, para o bem da humanidade.

A Logosofia não é, certamente, como muitos podem pensar, uma espécie de panaceia com a qual basta somente tomar contato para se beneficiar, resolvendo imediatamente todos os problemas e transformando a vida em um paraíso terreno, tudo isso sem o menor esforço próprio. Isto seria ir contra as leis que regem a existência, estabelecidas para indicar ao entendimento humano que a culminação feliz daquilo a que o coração aspira alcançar somente pode ocorrer mediante a realização do esforço correspondente.

A Logosofia ensina e dá os elementos para que com eles todos possam focalizar seus problemas e, com serenidade e mais luz na mente, resolvê-los à medida que vão sendo tratados. Convém ter presente que, frente ao problema que surge, costuma produzir-se na reflexão esta circunstância: o problema que se agiganta depois de haver surgido, e as possibilidades da mente que se esfumam. O trabalho é agigantar a potência da mente para diminuir o problema. Isto se consegue reunindo os conhecimentos que o debilitarão, reduzindo-o, e que no final vencerão a resistência que ele opõe, permitindo ao ser encontrar a paz que havia sido interrompida. Esta é uma luta que não admite descanso, porque quanto mais ativa se ache a mente, mais recursos encontra para esclarecer tudo o que corresponde à sua intervenção direta. Daí que a inércia mental seja a causa primordial da inibição da inteligência em sua função discernente, dificultando assim a livre expressão da vontade como força capaz de vencer as resistências e resolver as situações complicadas.

Espero que, com estas palavras, haverão de entender muitas coisas e que, colocando-as em seu critério, como corresponde, possam usá-las a todo o momento para tornar mais eficiente seu trabalho diário a favor desta obra altruísta que se está realizando.

possível que algum dos presentes esteja alheio a tudo o que já se traz realizado e a todos os exemplos que existem como demonstração de verdades inquestionáveis para a ilustração geral; exemplos que falam da possibilidade de evidenciar a força destas palavras, aplicadas com estupendos resultados em numerosos casos e circunstâncias que formam a história desta nova ciência do

saber humano.

de se anelar que esta conferência preparatória tenha aberto os canais mentais para receber os eflúvios da palavra sábia, e que continuem sem descanso solicitando a luz que a Logosofia tão generosamente difunde. Amanhã, esses canais poderão converter-se em conexões, para que outros possam receber por seu intermédio a mesma luz e a mesma verdade.

Penso que todos comprovaram a diferença substancial entre os conhecimentos comuns e os que esta Mater Sciencia oferece; estes são de outro caráter, de outra essência, e se dirigem para outros horizontes. Do trabalho que com tais elementos os que hoje assistem a esta conferência desenvolvam, dependerá que nas próximas possam experimentar as saudáveis reações internas que o conhecimento logosófico promove; reações que estampam na vida uma nova genialidade e permitem a modificação do caráter, ao mesmo tempo que vão se configurando as novas verdades que irão reinar no pequeno mundo interno individual. Espero que assim seja e que estes conhecimentos frutifiquem na alma de todos.
O tempo tem um grande valor. Alguma vez falarei detidamente sobre o que ele significa. Não posso pensar, nem por um instante, que algum dos presentes pretenda fazer, a quem lhes ensina, perder o tempo; todo o meu afã tende, precisamente, a que cada um o aproveite até nos menores espaços, colocando-se sempre em posição vantajosa e seguindo, se possível, adiante do tempo, a fim de que este não o ultrapasse.

Na próxima vez, verei o que ficou destes ensinamentos em cada um. Advirto que me agrada muitíssimo quando eles voltam para mim por meio de sua compreensão, buscando um complemento: aquele que reservei, precisamente, para que o encontrem por si mesmos, oferecendo-o, em última instância, para que ocorra o contato direto com o conteúdo real do ensinamento.

23

O mundo próprio

Buenos Aires, 21 de junho de 1945

Cada vez que falo aos que participam ativamente do estudo da Logosofia, enquanto dou os ensinamentos, sinto necessidade de observar seus acertos e desacertos, a fim de confirmar os primeiros e corrigir os segundos. É uma pena que os últimos sejam, às vezes, em maior número; mas isto é muito natural, porquanto os acertos são difíceis de alcançar e os desacertos muito fáceis de cometer.
Na vida logosófica, se incorre nos desacertos quando não se atendem devidamente às indicações, conselhos e instruções recebidos, ou quando não se é consequente com as normas que se ditam. Entre-tanto, apesar de nem todos prestarem a devida atenção ao processo de superação que devem ir realizando desde o momento em que tomam contato com o ensinamento, todos sentem uma irresistível atração pelo conhecimento logosófico; todos, em maior ou menor medida, experimentam sua bondade e seus benefícios.

O ensinamento logosófico, oferecido em abundância e prodigalizado em múltiplas formas, não pode cumprir seu objetivo se quem o recebe não lhe proporciona o campo propício para que fecunde seu entendimento, tornando possível que a evolução consciente seja uma realidade e não uma ficção. Por outro lado, os muitos conselhos que são oferecidos ao estudante para que ajuste sua conduta a uma disciplina superior, direcionada a criar um clima adequado às manifestações de sua consciência em íntima comunhão com seu pensar e sentir, são de indiscutível eficácia para a rápida assimilação dos conhecimentos a que aspira.

Tem-se repetido muitas vezes que não se pode tratar o ensinamento logosófico como o ensinamento comum, familiar ao entendimento de todos, pois o primeiro se dirige à própria vida e auxilia o ser para que lhe seja possível criar seu mundo próprio, onde seus pensamentos possam viver com liberdade; onde possam ter também livre manifestação tanto os sentimentos que animam os atos de seu coração, como os pensamentos que animam os atos de sua vontade; onde viva tudo quanto teve vida nele e onde tudo o que ali nascer permaneça no futuro de sua existência. Viver nesse mundo deve constituir, pois, a maior ventura para o

ser humano, uma vez que não pode haver alegria mais pura e terna que a proporcionada por tudo aquilo que está contido nele.

Há pouco tempo, fiz referência a algo muito importante para os que me escutavam naquele momento. Recordo ter dito, então, que os presidiários muitas vezes faziam em suas celas o que jamais haviam feito enquanto gozavam da mais absoluta liberdade, e relatei que, em certa ocasião, tendo-me aproximado de um preso que realizava trabalhos muito bonitos, perguntei-lhe se, antes de estar ali, também os fazia. Respondeu-me imediatamente que não, afirmando que nunca sequer havia pensado em tal possibilidade. Também fiz referência a ter perguntado a ele: “E o que você faz para não morrer de angústia neste calabouço?” Ele respondeu: “Eu penso... imagino muitas coisas; imagino que estou em diversos lugares, que sou livre; remonto a outras regiões, sonho acordado...

Assim as horas passam, e nesses instantes em que certamente me parece que sou livre, vivo feliz”.

Quem se sentir culpado de faltas ou erros, imagine-se dentro de uma cela e realize nela o que não pôde fazer em liberdade; desse modo, poderá experimentar a ventura de uma liberdade até então não sentida nem compreendida.

O rigor costuma ser um bom mestre na vida; instrui e corrige. Por meio dele as coisas se fazem, embora quase sempre inconscientemente, sem uma noção clara do que se realiza. Mas o rigor que impomos a nós mesmos tem, no entanto, uma finalidade: a de disciplinar-nos e animar-nos na execução de nossos projetos.

Para construir esse mundo a que nos referimos, deve-se fazê-lo conscientemente e com vontade, não forjando ilusões inatingíveis nem fazendo com que os títeres da imaginação dancem, mas tratando de que os que atuem no cenário mental sejam atores verdadeiros que depois participem de todos os atos da vida por viver. Isto quer dizer que, nesse mundo, somente devem habitar pensamentos que tenham nascido ou tenham sido recebidos nele para cumprir uma alta finalidade.

Deve-se ter presente que esses pensamentos, da mesma forma que os seres humanos, não podem nascer e manifestar-se de repente na vida como adultos; requerem nascer e crescer, adaptar-se a uma modalidade, encher-se com a vida

que cada um seja capaz de lhes dar, para que, quando se necessite deles, sejam a fiel expressão da vontade de quem os utilize, e cumpram sua função.
Pois bem, se nesse pequeno mundo em formação se introduzis-sem, por exemplo, elementos estranhos à sua natureza, poderia alguém viver em paz, sentir-se feliz e levar avante seus projetos de bem, tal como queria? Não, visto que seria perturbado constante-mente e suas compreensões seriam diminuídas.

O fulgor da inteligência deve servir para iluminar o futuro da vida do homem, fazendo com que seja dono de suas forças e disponha delas à vontade para conhecer os meios com os quais alcançará o que se propôs. Para isso, será necessário não descuidar um minuto sequer do grande processo de formação espiritual, visto que não é possível caminhar às escuras havendo luz na inteligência. Se esta luz existe, que sirva para iluminar o caminho; que o homem saiba calcular as distâncias entre a concepção de um projeto, seu processo de realização e sua culminação, a fim de não deixar relegado ao acaso, como fazem tantos, o cumprimento do que se deseja ou do que se dispôs a realizar.

Quando na vida diária o ser humano concentra sua atenção nas atividades que desenvolve durante o dia e, atento a seu esforço, busca a solução para os problemas que se apresentam e os resolve, experimenta com isto uma grande alegria. A tal fim tende, justamente, o ensinamento logosófico; a capacitá-lo para que possa ser amplo dentro de sua vida, feliz ao perceber a sensação de que existe e de que essa existência é conduzida por ele mesmo. E quando chegar ao domínio de tudo o que lhe é próprio, já poderá se remontar muito alto ou descer aos abismos, sem cair quando estiver em cima e sem extraviar-se quando estiver embaixo, porque saberá orientar-se e preservar-se de tudo o que, sendo alheio a seu conhecimento, atentar contra sua verdadeira existência.

Quanto vazio há na alma, quanta ficção na mente e quanta escuridão dentro do ser humano, quando não sente em si a condição e a capacidade de criador e animador consciente de sua existência!
Tendo-se experimentado que a tristeza, o desgosto e até a indiferença deprimem e diminuem a força da vida, é inegável que também se pode experimentar que a alegria é vida; mas não a alegria externa, senão a que nasce do interno, ou seja, a alegria que surge da consciência, que se enche de vida e que não se manifesta somente no rosto, como ocorre com a proporcionada pelos momentos de prazer fugaz; refiro-me à alegria que, como luz, surge da consciência ao experimentar que se existe.

Assim, pois, que cada passo, cada ato, cada pensamento e, enfim, tudo o que lhes é próprio, constitua em todos uma alegria pura; e que essa alegria se exteriorize a toda hora, como se fosse a manifestação de sua própria vida. E assim, quando estudarem, seja a alegria que presida o estudo; quando repousarem, seja a alegria que presida seu repouso; quando trabalharem, seja ela que presida seu trabalho, e seja igualmente ela a que presida sempre todos os instantes de sua vida. E se conceberem isto como algo grande, como uma verdade incontrastável, como algo que penetre no mais fundo de seu ser, não se privem dessa alegria afugentando-a para fazer com que ocupe seu lugar o desgosto, a amargura, a indiferença, o ceticismo e tudo o que atenta contra o livre desenvolvimento da vida interna.

O conhecimento logosófico ensina a viver uma nova vida e ilustra sobre como cada um deve comportar-se com ela; isto demonstra que ele vai muito além do conhecido até o presente.

Milhares de ensinamentos que transmitem esse conhecimento estão depositados em muitas páginas brancas. Quanto mais frequentes forem as visitas dos estudiosos a essas páginas, tanto mais compreensão haverá naqueles que as leiam com detenção e amor.
Nenhum ensinamento, por mais distante que estiver da data em que foi dado, deixa de pertencer ao presente e ao futuro. Todos contêm elementos auxiliares para dar a cada um o poder de criar esse mundo interior, no qual o homem deve acostumar-se a viver, para não perecer de aflição nesse outro mundo, em que todos vivem fora de si mesmos e, por essa causa, sofrem, enganam-se e sucumbem.

24

O livro dos imortais

Montevidéu, 11 de agosto de 1945

Sinto-me imensamente feliz de encontrar-me nesse dia rodeado por todos vocês. Cumpre-se assim, um anelo meu: o de presidir os atos comemorativos do 11 de agosto nesta filial de Montevidéu. Celebremos, pois, o décimo quinto aniversário da fundação desta Instituição de tão elevados estudos humanitários, com a íntima alegria de nos sentirmos unidos em tão grande ideal; ideal que inspira e fortalece o espírito em seus afãs de superação e de bem comum.

Vou referir-me nesta noite a algo que não está escrito nem se ouviu em parte alguma; algo que ocorreu há muito tempo e que, para mim, é tão certo como certa é a consciência que tenho de que hoje existo; mas, certamente, isto não quer dizer que seja assim também para os demais. Têm o perfeito direito de duvidar, de não crer, mas isto não reduzirá, em absoluto, a consistência da verdade que vou expor. De maneira que, com essa ressalva, lhes será fácil escutar sem inquietar-se o espírito. Repito: o que vou relatar não está escrito em nenhum livro porque, quando isto ocorreu, os fatos não eram registrados de forma escrita.

Mais de uma vez observei que, entre os presentes, existem os que se impacientam porque não conseguem levar suas inteligências a planos de maior domínio sobre os conhecimentos. Essa mesma impaciência é a que tece os argumentos contraditórios que em seguida desdizem suas reiteradas afirmações anteriores. Ocorre então que, quando contrariedades de qualquer índole perturbam seus ânimos, queixam-se e manifestam não estar satisfeitos, e assim é como em algumas oportunidades expressam haver recebido um bem enorme do conhecimento logosófico e haver experimenta-do muitas coisas impossíveis de experimentar sem ele e, em outras, se mostram desanimados e pensam e afirmam que é muito pouco o que conquistaram. Seria o caso de perguntar aos que assim se comportam, se essa queixa é justa, fazendo-os ter em conta o que fizeram para merecer mais. Tal atitude irreflexiva pode conduzir, por outro lado, à perda de toda convicção e segurança; é como se fosse sendo retirado, de uma quantia que se possui, algo que vai deixando de formar parte do próprio haver.

Estes fatos da instabilidade consciente dos seres humanos vêm de muito longe. Eis aqui a lenda que anunciei, ao pronunciar minhas primeiras palavras:

Um dia, quando a humanidade começou a ter consciência da vida e do mundo em que vivia, os seres humanos que formavam essa humanidade queixaram-se a Deus. Disseram-Lhe que alguns faziam coisas muito boas e outros, coisas muito más; que uns trabalhavam e outros não, e que, no entanto, nada disso era informado a Ele. Que não havia registro das ações boas nem tampouco das más. Deus teve, então, um gesto de imensa alegria ao perceber que seus homens, os homenzinhos da Terra, começavam a fazer uso de seus entendimentos e achou justa essa queixa; tão justa que, a partir desse dia, começou uma nova era para a humanidade, porque pronunciou uma sentença que, até o presente, vem se cumprindo inexoravelmente: “Aquele que se destacar, que dignificar sua espécie, que se mostrar justo e fizer boas obras será justificado em um livro, e a todos aqueles que merecerem figurar nele, ao ler seus nomes, os glorificarei.”

Disse que esse livro representava o portal por onde os homens penetrariam em Seu Reino e seriam honrados e se chamariam imortais, mas que também seriam anotados nele os piores, para que os homens, ao lerem seus nomes, sentissem horror deles. Deus disse também que, quando Ele lesse esses nomes os apagaria do livro, fazendo com que ninguém os recordasse; e que se alguma vez alguém o fizesse, seria tão somente para apontar um renegado.

Pois bem, os que escutaram esta sentença ficaram em silêncio, pensando, sem dúvida, em como haveriam de fazer para poder constar naquele livro. Daí nasceu nos homens o nobre afã de serem mais do que eram; de fazer o bem e superar-se. E passado o tempo, surgiram os primeiros nomes que seriam escritos em tão grande livro. Muito poucos, certamente, alcançaram tão alto desígnio; de milhares e milhares, apenas alguns conquistaram a dourada meta de constar em suas páginas eternas. Houve aqueles que, enfurecidos por isso, começaram a fazer o mal para que seus nomes apareces-sem de alguma maneira no livro, e dessa maneira também foram escritos nele os nomes dos primeiros grandes infames que a humanidade teve, ou seja, dos primeiros renegados.

Tudo isso fez nascer na consciência humana o sentido da responsabilidade: não se poderiam esquecer as palavras escutadas, as quais, com grande eloquência, davam a entender que as páginas desse livro seriam para os bons e não para os maus. O espírito de todos os seres humanos estimulou-se enormemente com isto, mas, como sempre acontece, nem todos souberam cultivar esse estímulo e fazer

dele um verdadeiro culto, sem contaminação de nenhuma espécie. Contudo, mesmo sendo reduzido o número de homens que professou o culto a esse estímulo, desses poucos descenderam outros que, seguindo o exemplo daqueles, gravaram também seus nomes no livro. Os que conseguiram uma grande superação, os que alcançaram grandes conhecimentos, instituíram a primeira escola na qual deveriam iniciar-se os aspirantes à alta honra por eles merecida.

Esse livro se chama História, e é o que explica a toda inteligência humana quais foram os que puderam penetrar nele e quais os seus méritos. Por muito tempo teve influência poderosa entre reis, príncipes, chefes de Estado e sobre todos os homens que por sua dignidade, herança e saber, haveriam de constar nele. Daí seus empenhos para que as páginas nas quais deveriam aparecer seus nomes fossem espelhos de suas vidas enobrecidas no bem e isentas de manchas.

Isto explica a enorme responsabilidade daqueles homens que não atuavam egoística ou caprichosamente, pois, sabendo que de-viam ingressar nesse livro e que por ele seriam julgados – primeiro por seus semelhantes e depois por Quem ditou aquela sentença e abriria um dia suas páginas –, seus afãs tenderam sempre à conquista do bem pelo bem mesmo, e todos os seus atos foram sempre regidos por elevados pensamentos.

Quando, com o passar dos anos e das épocas, os homens esqueceram a conduta e o exemplo daqueles que os precederam, tornaram-se indignos de constar em tão valioso livro, caindo no desprestígio e na nulidade. O que hoje ocorre no mundo tem muito a ver com essa decadência e impostura que abriu um parêntese no juízo da História.

Há princípios que são eternos, que são inexoráveis e, por mais domínio que se tenha para subjugar os povos, não se pode mudar nem transtornar a ordem existente e precipitar no caos o processo da civilização. As leis são, como os princípios, de essência eterna; todas elas devem ser reais e lógicas para a inteligência dos homens, e se alguma lei os faz perceber que não é possível encher um copo pequeno com dez litros de água, com isso também os leva a compreender que não se pode modificar o que é imodificável.

No transcurso dos últimos tempos tem havido muita inquietude no mundo; e os homens foram tão impacientes que, em vez de esperar novamente a palavra de Deus, confiaram suas queixas a intermediários que “tudo resolvem”. Daí que tivessem de sofrer depois o mais bárbaro dos desesperos e o mais cruel dos

martírios, pagando muitos deles com a vida a semelhante credulidade. Que responsabilidade podiam ter os que pretenderam e prometeram eliminar as causas das queixas dos homens? Nenhuma. Isto deve promover, em consequência, horas de profunda reflexão.

Teria sido bem diferente se, pelo menos, tivessem confiado naqueles que inspiravam responsabilidade; sobretudo naqueles cujos antepassados gravaram seus nomes na História, naqueles que jamais teriam atuado contradizendo os que os precederam em suas posições de alto significado político, social, científico, etc., porque estes, como aqueles, sempre se empenharam em merecer um lugar na História. E, repito, não fica registrado nela quem não haja com-provado perante o mundo ter beneficiado a humanidade com algo, seja mediante obras de bem, seja deixando exemplos instrutivos para seus semelhantes. Daí que se possa dizer que esse livro agrupa toda uma estirpe de homens que se destacaram por seus feitos; e nada pode ser mais auspicioso nem mais estimulante para o homem do que saber que seus semelhantes, por seus méritos, por seus esforços, por seus exemplos, mereceram a honra de ser anotados nele e de ter forjado por si mesmos sua própria grandeza.

Falei assim, neste dia, porque parece ter se encerrado com ele um dos grandes capítulos da História.

necessário que as novas páginas contenham muitos nomes; isto significará que muitos terão sabido alcançar essa honra, distinguindo--se entre a humanidade anônima. Não se esqueçam que cada um dos que estão inscritos representa um símbolo, e que, em respeito a esses homens, muitos outros são respeitados. Por exemplo, respeitam-se os argentinos por San Martín e pela legião de próceres que consolidaram a nacionalidade; os uruguaios, por Artigas e pelos demais homens que inspiraram e forjaram o destino de sua nação. E como estes, muitos outros povos são honrados por seus homens proeminentes, como se eles fossem os verdadeiros anjos guardiões de seus respectivos povos. O mínimo que se pode fazer, então, não é tratar de ser digno de herança tão augusta? Cada um, pois, na medida de suas forças, deverá empenhar-se em seguir essa senda e, mesmo que não consiga registrar seu nome no livro sagrado, feliz dele se, aproximando-se cada vez um pouco mais, puder alentar a esperança de constar um dia em suas páginas. Estou certo de que o farão, se tomarem como certa esta outra verdade: no dia em que esse livro se fechar, será muito triste se ficarem fora dele.

de se esperar que todos os seres que integram as gerações do presente se

disponham a colaborar no grande trabalho de reafirmação dos valores humanos e na construção de um mundo melhor, onde a paz deixe de ser um mito para converter-se na realidade mais formosa a que todo ser possa aspirar.

Que esta data que celebramos hoje sirva de alento e inspiração para levar adiante, sem esmorecimentos, esta obra de bem que com tanto amor e constante esforço vimos realizando sob a orientação e sábia direção da Sabedoria Logosófica.

25

Os recursos humanos ante o drama universal

Montevidéu, 2 de março de 1946

Nestes momentos em que a humanidade não está refeita ainda dos males que a angustiaram durante os últimos anos, é dever de todos os que a integram deter-se um instante para refletir. De uns tempos para cá ocorreram coisas que é necessário saber a que obedecem, para não ser surpreendido enquanto se transita pelos caminhos do mundo, pois estes costumam ter trechos muito estreitos, que convém atravessar sem desânimo a fim de alcançar as altas metas, cuja simples ideia estimula o espírito humano, enchendo de força e valor o homem que sabe superar as situações críticas com valentia, com serenidade e com firmeza em suas convicções e em seus propósitos.

Disse, anos atrás, e fui repetindo ao longo do tempo, que vi-riam dias muito duros para a incipiente compreensão humana; duros por suas características bruscas, violentas e desmedidas. Mas nada ocorre sem motivo; tudo responde a uma causa. Prevenir-se contra os efeitos derivados desta causa é lei do conhecimento, visto que a referida lei permite ao homem que compreendeu o porquê de sua vida no mundo discernir, em cada eventualidade, sobre qual deverá ser sua colocação ou sua posição e, obedecendo ao impulso espiritual de conservação, buscar que nada afete sua vontade nem as forças com que deve contar, cada vez que tenha que enfrentar situações adversas.

O drama que a humanidade vive hoje, sem exceção de povos nem de indivíduos, é o drama que tem vivido sempre, mas que em certas épocas se aguça, quando os homens debilitam suas fontes internas e se desinteressam em manter, e até superar, suas condições morais e espirituais, que são as mesmas em todos os seres humanos.
São muitos os que já pagaram seu tributo neste drama. Alguns pagaram muito caro, certamente, com suas próprias vidas; outros, com grandes amarguras e sofrimentos morais e físicos. Há também os que continuam ainda angustiados e mergulhados no mais cru ceticismo por efeito da desorientação que os mantêm em constante aflição, sem que consigam compreender por que as coisas ocorrem e por que os inocentes sofrem da mesma forma que os culpados, sendo este o resultado de um processo de desintegração mental e moral seguido pelo ser

humano, que, em sua maioria, achou sempre mais cômodo que os outros pensassem por ele. Eis aqui uma atitude que, estendendo-se ao restante dos homens, propiciou, por fim, que ninguém pensasse por si mesmo, confiando em que os de-mais assumiriam a responsabilidade de oferecer as soluções que a todos, por igual, correspondia haver buscado e tratado de oferecer a seus semelhantes.

Pois bem, deve-se trazer o mundo de volta ao caminho do qual saiu por negligência exclusiva dos homens, e assim como estes não encontraram a menor dificuldade em confiar no que o semelhante
– próximo ou distante – pensava, hoje devem fazer retornar essa confiança a si mesmos, para que seja fixada no pensamento próprio, porque, na realidade, o ser humano carece é de confiança. Tanta confiança foi dada e tanta foi tomada dos outros que o abuso terminou em uma desconfiança geral. Portanto, é necessário e de imperiosa urgência reconquistar a confiança perdida; retornar ao interno o que foi dado em posse aos demais tão desprevenidamente, sem pensar jamais nas consequências de tal imprevisão.

Os passos difíceis que hoje a humanidade deve dar terão que estar assegurados – se esta não quiser sucumbir no caminho – pela realidade de uma promessa que haverá de ser cumprida; promessa que encerra em si outra de maior alcance, e que cada um deve se formular intimamente: não desanimar nestes momentos difíceis; ser valente; confiar em si mesmo. Tendo isto presente, fazer também a promessa de que haverá de realizar a palavra empenhada a Quem o criou: ser melhor e acercar-se a Seu Mandato Supremo de assemelhar-se a Ele pela perfeição. Isto ensejará o cumprimento de outra promessa: sobreviver à catástrofe; sobreviver a todos os males para poder ser arauto de uma nova civilização; arauto de heroicas épocas que levará como mensagem o conhecimento extraído do estudo, da observação e da experiência que hoje se está vivendo.

Uma vez aconselhei que, quando alguém se sentisse doente, aumentasse mentalmente o volume de sua doença até o ponto que lhe exigisse um cuidado dez vezes maior; isto, como é natural, lhe evitaria os descuidos e faria com que pudesse recuperar a saúde fácil e prontamente. Disse o mesmo para o caso em que se devessem percorrer longas distâncias: triplicá-las na mente para que ficassem menos cansativas. Neste dia repito o conselho, convidando a que as reflexões sejam mais profundas. Isso ajudará a família humana a sobreviver à tragédia que está vivendo. Deve-se, pois, multiplicar o mal ante o próprio juízo e

criar defesas cem vezes maiores, tal como se faria – de acordo com o dito antes – frente a um inimigo; isto é, multiplicar imaginariamente suas forças para que, ao mesmo tempo, se multipliquem as defesas e seja mais fácil vencê-lo.

Para aumentar as proporções do mal, o mais eficaz é pensar que amanhã, talvez hoje, agora mesmo, todos tenhamos deixado de existir. Desta maneira, supondo que o mal seja tão grande, tão insuportável que já tenhamos morrido, sobrevirá imediatamente a íntima alegria de advertir que não foi isso que ocorreu. Então, ao experimentar que vivemos e que não perdemos a vida, nosso espírito se reanimará e novas forças nos permitirão lutar sem que o espectro da morte nos surpreenda, pois já teremos experimentado seu efeito na representação interna dessa realidade; e, sendo assim, não nos preocupará mais, porque, centuplicando o mal, o teremos reduzido à sua mínima expressão. Entretanto, para que a realidade imaginada seja mais vivida, será necessário recordar esse instante todos os dias, como se na verdade tivéssemos morrido, pensando em seguida que sobrevivemos a essa mesma morte e que as crises históricas não acontecem em um dia, senão que seguem um processo, curto ou longo, e que ninguém sabe quando será o momento em que tocará a cada um passar pelas arcadas do temível e insondável mistério da transição que a alma experimenta ao apagar-se a vida.

A humanidade sobreviveu desta vez a uma das maiores comoções que a história de seus violentos sacudimentos bélicos registra. Não sabemos quando poderá ocorrer outro; o essencial é nos acharmos preparados. Isto requer fazermos de conta, desde este instante, que todo o futuro é como uma nova vida que se abre ante nós. Certamente, depois de haver experimentado a sensação de que deixamos de existir – como tantos outros que deixaram de verdade – e que, não obstante, segui-mos vivendo, a vida terá outro sentido, outro caráter e se chegará a ter a vontade disposta para manter o espírito firme na luta, para que nada possa nos afetar, quando o mal, na realidade, pretenda nos ferir.

É uma verdade insofismável que abaixo do zero não há nenhuma quantidade que possa ser somada e que tudo o que o ser avance, partindo da unidade, se irá somando e permitirá que os dias amargos que possam sobrevir o encontrem pronto para resistir, sem que nada debilite suas energias nem tampouco obscureça sua mente; mas é indispensável que não se façam as coisas pela metade e que todas estas reflexões sirvam para fortalecer o espírito e compreender sua transcendência. Se isto for recordado nas horas difíceis, imediatamente se verá como o ser se recupera, adquire novas forças e tem

presente que, enquanto houver vida, a alma lutará com perspectivas de seguir vivendo, principalmente quando se estiver vivendo além da morte, dessa morte da qual cada um se salvou providencialmente.

Estou certo de que, se aqueles que caíram vencidos pelo sofrimento, pela dor e pela angústia das situações penosas tivessem concebido estes pensamentos, teriam se salvado. Efetivamente, podem-se perder bens, casa, lar, afetos, mas tudo isto é factível de retornar ao patrimônio individual; a vida em sua forma humana, não: ela não está no rol do que o homem pode recobrar.

Poderá objetar-se que a orientação que estas reflexões implicitamente levam é original. É verdade; porém, atualmente são mui-to necessárias, como também é necessário o vínculo de humana compreensão que deve unir a todos, visto que o espírito busca a companhia do espírito, o qual, nas passagens amargas, minora a intensidade de uma dor ou de um sofrimento. De modo que, estando unidos e o sofrimento sendo repartido entre muitos, ele será alivia-do porque, enquanto uns sofrem, os demais poderão mitigar seu padecimento. Cada um, solicitamente, oferecerá sua ajuda quando seja preciso, pois nem sempre ocorre a mesma coisa a todos no mesmo momento; pode acontecer em tempos diferentes. O essencial é compreender o que significa poder moderar um sofrimento e até eliminá-lo. Esta é a ajuda mútua que o presente momento exige como um imperativo, porquanto se está vendo o grande desvio que há no mundo, onde, em vez de ajudarem-se uns aos outros para atenuar seus pesares, os homens fazem o contrário: tratam de aumentá-los, de aumentá-los reciprocamente.

Neste drama que a humanidade está vivendo, os pensamentos exercem papel principal. É preciso saber preservar-se, portanto, daqueles que, ferindo a sensibilidade e até a própria natureza, podem afetar seriamente a razão. Cada um deve ser consciente do que pensa e também da utilidade que poderiam ter os pensamentos que estão servindo de preocupação a todos os homens da Terra. Seria um erro muito grave a persistência em continuar confiando aos demais o que incumbe a todos igualmente como dever e como capacidade de fazer; isto é, pensar por si mesmos, buscando a solução dos respectivos problemas, tanto quanto a capacidade o permita. Dessa maneira, se recobrará a confiança em si mesmo e naquilo que é de cada um. Conseguindo-se realizar isto, se poderá evitar ser arrastado por essas correntes mentais – como o comunismo, por exemplo – que buscam engrossar suas fileiras com os que não pensam, obrigando-os a caminhar, não por onde gostariam de ir, mas por onde querem os que movem essas correntes. Quem se deixa conduzir por esse caminho incerto e

duvidoso não terá direito a se queixar amanhã de tudo quanto possa afetar sua evolução e sua vida.

É preciso pensar; mas pensar bem, com fundamento, discriminando as situações com absoluta certeza e com serenidade de juízo, para saber qual é o melhor caminho a tomar. E embora isso tenha uma perspectiva externa na vida dos seres humanos, existe também outra de imperiosa necessidade interna: a de pensar no que se é e pode chegar a ser seguindo as diretivas da consciência.
Não se deve esterilizar a vida vivendo-a rotineiramente, mecanicamente; ela requer que lhe seja dado a cada dia, e se possível a cada hora, um novo estímulo. No homem existiu sempre, por lei natural, a inclinação para a posse; possuir uma coisa tem se constituído em todas as épocas num prazer, experimentado desde o momento em que se pensou na posse até sua conquista. Isto, naturalmente, dá um conteúdo à vida durante todo o tempo em que o pensamento da posse se mantém vivo; sente-se uma sensação agradável e feliz que chega a presidir a vigília e até o sono, sobretudo quando ocorre a aproximação do que se quer alcançar. Observe-se como, enquanto dura e se realiza a aspiração, o ser vive venturoso com tal perspectiva. Mas nem todos sabem situar sua razão no campo da sensatez e, com frequência, ocorre que se busca possuir aquilo que, em rigor de verdade, não corresponde ou está fora do alcance ou da capacidade de poder conquistar. Em tais casos sobrevém invariavelmente a decepção, estado que todo ser inteligente deve evitar.

São muitos também os que, havendo experimentado essas horas felizes vividas até o instante de alcançar o que se quer, em seguida se desviam buscando o alheio; e é ali quando o que antes constituiu um tempo feliz se transforma em tempo incerto e cheio de torturas.
Na realidade, a vida é um constante possuir; possuir cada dia mais, sem ambição; possuir o que se vai criando como capacidade de posse. Se temos, por exemplo, uma casa pequena e gostamos de cachorros, e queremos ter vinte, trinta ou cinquenta, nossa casa se converterá num canil, e não poderemos viver nela porque não criamos a capacidade para essa posse. Mas se nossa casa for ampliada, se houver nela espaço suficiente para que os animais possam viver comodamente, sem transtornos, sem tornar a vida impossível, não haveríamos criado um problema ao possuí-los.

Em geral, quando se tem uma atividade determinada e se quer ampliar o campo de ação para outras atividades, deve-se, primeiramente, preparar e organizar o tempo e as aptidões a fim de não fracassar. Além disso, na prática, como o anelo

de posse vigoriza a vontade, sempre se consegue predispor o espírito para maiores empreendimentos; e assim, mesmo que a preparação não tenha sido suficiente, as novas atividades se cumprem corrigindo os erros que poderiam ser cometidos. Casos análogos existem aos milhões; o essencial é saber o que se quer, e saber, ao mesmo tempo, conservar aquilo que vai sendo agregado ao patrimônio, seja moral, espiritual, intelectual ou econômico.

Sendo a vida humana um constante possuir, a maioria ignora, não obstante, como é possível cumprir este desígnio sem que cada posse, em vez de dar felicidade, produza tormento e aflição. Para isso, deve-se criar a capacidade de posse. É preciso saber – repetimos – o que se quer possuir, e saber, também, se tal posse irá se identificar com a vida sendo elemento fértil para o cultivo de futuras prerrogativas. Deve-se possuir, então, aquilo que ofereça felicidade com vistas ao eterno, para que esta não seja efêmera. Esta verdade, sendo uma lei que abre muitos princípios e que toca todas as ideias, deve ser para cada um o sol que ilumina os dias de sua existência.

Se queremos possuir uma ideia para nos servir dela e obter felicidade, comodidade, alegria, etc., será necessário, antes, estarmos bem certos de que, quando a possuirmos, saberemos ser leais a ela, donos dela, não fazendo-a servir jamais a fins mesquinhos e inferiores, porque feriríamos essa parte da natureza sobre a qual toda ideia nobre parece estar incrustada; e, ferindo-a, ocorreria, como lógica consequência, o aviltamento da mente, reduzindo-se consideravelmente as prerrogativas para uma nova conquista.

Muitas vezes se tem visto as pessoas sentirem felicidade enquanto buscavam por todas as partes do mundo a posse de um selo, a qual manteve viva nelas a ilusão de encontrá-lo; uma vez em suas mãos, colado no álbum, este se fechou e acabou ali a posse. Tal fato constitui a negação da própria posse, porque toda coisa nova que se possua deve enriquecer, a partir desse momento, o acervo pessoal e tudo o que forma a própria vida, aumentando a felicidade, a alegria e oferecendo uma nova possibilidade.
Eis aí, pois, como o homem pode traçar uma norma de conduta, buscando, na posse de algo que embeleze sua vida ou lhe dê conteúdo, o vigor de que tanto necessita a alma nos momentos difíceis e que somente a felicidade sabiamente experimentada e vivida, bem como a alegria e a confiança no que possui, podem lhe dar. Não é olhando para cá e para lá e dizendo: “Gosto disso, e disso também, e daquilo, e daquilo mais”, que se poderia encontrar prazer para muitos dias, senão que esse prazer se há de encontrar na segurança de sentir-se dono do

que já se possui e em saber que ainda se pode chegar a possuir muito mais, com inteligência e bom juízo.

Para não ir mais longe, acrescentarei o seguinte: que cada um trate de pôr em prática o que acaba de escutar; isto é, que trate de possuir algo mais, para que isso seja um estímulo. Não podendo ser mais, que se comece com uma noz; por algo se começa. E digo isto, porque é bastante possível que muitos tenham pensado em possuir algo muito mais valioso do que uma noz, esquecendo-se de que é necessário criar antes a capacidade de possuir e saber ser dono, depois, dessa posse; sobretudo quando se tem em conta que na noz se acha a possibilidade da árvore. E enquanto a mente se prepara, fazendo um bom enfoque dos pensamentos que determinam a posse a que se propõe, o ser, estimulado pela perspectiva que esta lhe abre, deixará de lado muitas coisas que em outras circunstâncias lhe haveriam preocupado e amargurado, para que nada diminua essa ideia que se estende até a conquista de algo. Depois de conquistar e chegar a ser dono dessa posse e de outras mais, surgirá nele, configurando-se como uma ética superior, a necessidade de ser pródigo, de dar parte do que é seu, que poderá realizar sem afetar em nada suas posses. E são momentos felizes os que o ser experimenta quando é capaz de dar; é aí quando ele se enaltece e se cobre de dignidade; isto, na mesma proporção em que se rebaixa quando pede sem haver feito antes o esforço para conseguir por si mesmo.

É necessário dar um conteúdo à vida, e este pode ter seu volume aumentado em razão da qualidade das posses a que se aspire e da quantidade delas que se alcance. O conhecimento é uma das posses a que mais o ser humano deve aspirar, uma vez que a posse do conhecimento facilita a posse de tudo mais. Então, mesmo que em determinado momento se perca integralmente o material, as posses espirituais serão conservadas intactas. O material, como dissemos anteriormente, poderá ser reconstruído, poderá ser novamente possuído; entretanto, que o homem nunca caia na aberração da conquista exclusivamente material, porque lhe faria perder o patrimônio do espírito, de essência eterna.

26

Princípios éticos sobre convivência humana

Montevidéu, 10 de agosto de 1946

Nos primeiros tempos costumava dar os ensinamentos tendo em conta que os que me ouviam, a humanidade, o mundo, achavam--se às vésperas de grandes acontecimentos. Fiz referência a todos estes acontecimentos em muitas oportunidades, mas minhas palavras, que anunciam o que está além do presente, o que está oculto aos olhos da inteligência pelas névoas do futuro, ficaram sem ser compreendidas, e ainda que muitas delas tenham sido guardadas pelos discípulos, nem todos – repito – as compreenderam ou pressentiram seu alcance. Daí que há algum tempo venha ocupando minha atenção em explicá-las. Efetivamente, expliquei muitas, mas nem assim foram compreendidas, porque existe sempre na mente uma resistência natural para admitir o que se escuta como reflexão superior; porque se pensa sempre que o tempo ou os fatos do futuro poderiam modificar tais reflexões. Mas o certo é que não foram modificadas, e como minhas palavras foram em grande parte publicadas, elas podem falar hoje com a mesma eloquência com que as pronunciei pela primeira vez.

Entre o anúncio da profecia ou inteligência que esquadrinha o futuro, e a realidade do presente, há uma distância que é necessário cobrir; para cobri-la é preciso que transcorra o tempo e, neste transcurso, cada um, seguindo-o, irá observando a verdade do que foi dito.

Repetidas vezes precisei internar-me no mundo em que vocês estão, para recolher os pensamentos que ambulam por toda parte, sem que se dessem conta disso; para observar de perto todas as coisas que ali existem; para lutar e conhecer até aquilo que, parecendo insignificante, adquire uma grande importância quando, ao ser descoberto, manifesta sua força. Depois volto aqui e também a outras partes, em diversas ocasiões, para lhes oferecer o resultado dessas observações, as quais explicam muitas daquelas coisas antes inexplicáveis, aconselhando-os, cada vez, a ajustar a conduta à realidade dos momentos que o mundo, a humanidade e todos vocês estão vivendo.

O que acontece e o que sempre aconteceu, em todos os momentos cruciais da

história humana, é que o homem não consegue encontrar a si mesmo e, muito menos, completar sua vida com aquilo que lhe falta. Daí que se tenha chamado o ser humano de ente imperfeito, porque requer aperfeiçoar-se, isto é, chegar a completar-se, pois não é mais que um fragmento de uma figura que é necessário terminar.

Isto acontece com todos, sejam ricos ou pobres, belos ou feios. Uns têm o que falta a outros, e o que a uns falta, outros têm; e assim sucessivamente. Mas o grande problema reside em que ninguém quer dar ao outro o que tem, porque pretende que o que tem seja melhor do que o que lhe falta e outro tem. É nesse verdadeiro labirinto de cotações dos fragmentos humanos onde se encontra a causa maior de todas as dissensões, e é, ao mesmo tempo, de onde parte a equivocada posição de todos os seres, sem exceção, que poderia ser definida com uma só palavra: incompreensão.

Isto se agrava ainda mais pelo fato de que os homens, por momentos, compreendem uma coisa e, depois, manifestam ignorá-la ou não compreendê-la; e não havendo segurança nas ações ou nos pensamentos, não perdurando o que deve ser permanente, a desconfiança toma corpo e se estende como algo contagioso por todas as partes. Entretanto, há mais ainda; muitos emprestaram ou deram ao semelhante o que a este faltava e a eles sobrava, mas depois, por qualquer circunstância como, por exemplo, uma desavença passageira, o retomaram, deixando-o outra vez, se não mais incompleto, pelo menos carente dessa peça que lhe era tão necessária. E assim vem seguindo a humanidade: dando e tirando sem chegar nunca a se completar.

Não existiu, por certo, palavra alguma que, percorrendo todos os âmbitos do mundo – onde hoje, como ontem, como desde o princípio, desde os primeiros tempos, estamos habitando –, ensinasse aos homens estas verdades, razão pela qual têm sobrevindo nele tantas calamidades. Nada de positivo, nada de permanente haverá nesta Terra, enquanto não se fixar no ser humano o verdadeiro conceito do eterno; e o eterno é o que não muda; o único que não deve mudar; aquilo que cada um consagra dentro de si mesmo como bom, como justo, como belo.

Quando os seres se aproximam mutuamente, o fazem atraídos por influência simpática ou afinidade – o mesmo digo de homens como de povos – e, durante os primeiros tempos se prodigalizam afeto, respeito e os melhores desejos uns aos outros. Mas isto não dura muito e sobrevém o inevitável: o distanciamento.

Voltam, então, a separar-se, interpondo-se entre eles distâncias que antes não existiam, pois não foram capazes de conservar o que em determinado momento apreciaram como sendo justo, natural, agradável ou necessário.

Vou destacar a seguir uma dessas imperfeições ou defeitos que contribuem para agravar as situações na vida de relação.

Como não existe no homem um verdadeiro controle, uma efetiva capacidade de concepção instantânea dos fatos e das coisas, este é frequentemente surpreendido por suas próprias reações e, assim, enquanto o coração, sempre pródigo, é amplo em outorgar seus créditos, a mente, menos generosa, reage para cortá-los. Temos visto este fato em toda amizade desde que nasce e, também, sempre que os sentimentos do ser são invocados. Imediatamente, nesses casos, o coração pega seu talão de cheques e contribui para tornar menos grave a situação daquele que expressou seu precário estado, material ou espiritual; mas, tão logo o coração volta a recolher-se, a mente, reagindo, tira o cheque do bolso e o destrói.

E isso ocorre diariamente também entre os povos. Vemo-lo atual-mente nas grandes assembleias que se realizam no mundo. Enquanto o coração dos homens que devem resolver grandes problemas abre suas mãos, a mente volta a fechá-las. Não há possibilidade, nessa contínua reação entre a mente e o coração, de se chegar ao equilíbrio, pois para isso seria necessário alcançar o domínio do justo e a penetração para distinguir o verdadeiro do falso.
Este é um dos grandes problemas invisíveis; dos problemas ainda não visíveis para a inteligência daqueles que devem resolver os demais, apresentados pelas situações que promovem estas grandes transições pelas quais deve passar a humanidade.

Sua solução não pode ser alheia ao conhecimento das leis que regem o Universo, e os homens devem chegar a compreender algum dia que, enquanto não modificarem suas próprias condições internas, seguirão infringindo constantemente essas leis, as quais deixam sentir depois seu rigor castigando a raça humana. Somente quando puderem voltar ao caminho traçado pelos grandes princípios pronunciados ao manifestar-se a Criação, os homens conseguirão deter-se nessa louca corrida que os precipita ao extermínio.

Deus fez o ser humano para que este O encontre por meio de uma verdadeira evolução consciente. E encontrar a Deus é compreender sua Criação; compreendê-la por intermédio de todas as coisas que tomam contato com a

consciência. É também colaborar na grande tarefa de ajuda mútua, para que cada um ache seus fragmentos perdidos pelo mundo; aqueles que faltam à figura humana para chegar a ser completa, ou seja, semelhante à imagem do Criador.

Muitas vezes, observando detalhes, pequenos detalhes, ensinei a descobrir grandes causas. Por exemplo, vi em uma fisionomia humana um defeito que obrigava a pessoa que o possuía a sorrir com frequência para dissimulá-lo. Deste modo se tornava simpática, dando graça à sua expressão enquanto ocultava, até fazer desaparecer, o defeito que a enfeava. Eis aí como esse ser, inconscientemente, encontrou dentro de si um fragmento que estava colocado ao contrário e que, portanto, desfigurava sua fisionomia; possivelmente perdeu esse fragmento por haver sido mau caráter, o que fez com que imprimisse em seu rosto, em momentos de exasperação, um gesto que depois não pôde apagar.

Um detalhe como este faz pensar que não somente é necessário encontrar os fragmentos que faltam para completar a figura humana, como também é preciso cuidar muito dos que já se têm para não perdê-los, pois, o que faria o homem, por exemplo – e isto para materializar a imagem –, se lhe faltasse uma orelha e a encontrasse ao mesmo tempo que perde seu nariz?
Agora, seguindo com este ensinamento, vamos a outras situações que ininterruptamente se apresentam na vida.

Em geral, cada um espera, se não tudo, pelo menos noventa por cento dos demais, parecendo-lhe ainda muito esses dez por cento que põe de sua parte. Esta posição tão equivocada faz perder muitos afetos, muitas amizades e relações, às quais algumas vezes se segui-rá vinculado, mas somente em aparência. Assim, pois, é mais conveniente que cada um coloque cem por cento de sua parte, confiando tudo, se possível, às próprias possibilidades. Isto dará a oportunidade de poder servir a si mesmo e, excedendo essa porcentagem, ser-vir aos demais, podendo fazê-lo da melhor forma, inculcando-lhes que coloquem também de sua parte os cem por cento de suas possibilidades, visto que o grande dilema do mundo, desde o princípio até o presente, e que ainda alcançará o futuro, está na luta entre dois grandes: o indivíduo como figura humana, aquele que Deus criou sobre a Terra, e o coletivismo, como símbolo da animalidade, ameaçando absorver o indivíduo. O primeiro é positivo, uma vez que existem nele uma inteligência e uma maneira de sentir que ninguém poderá dizer que lhe deu, senão um só: Deus; e o que Deus outorgou ao homem não pode ser modificado sem que a humanidade sofra os mais cruéis descalabros. Para que o indivíduo possa enfrentar o monstro do coletivismo – o negativo –, que trata de

absorvê-lo e anulá-lo, deve aperfeiçoar-se, completar-se; então será invencível, quando consiga ser digno de transitar pela Terra como Deus quis que transitasse, vivesse e se estendesse na família.

O homem deverá mover-se no mundo sem pretender suplantar o semelhante ou tomar seu lugar, pois cada um tem o seu, que pode ampliar sem incomodar ninguém.

É necessário buscar, então, todos os fragmentos de imperfeição que diminuem a figura humana. Se, entre esses fragmentos, forem encontrados alguns que suplantem até a própria figura, deverão ser destruídos pouco a pouco; por exemplo, se um deles é o egoísmo, deverá ser combatido até que se consiga eliminá-lo e substituí-lo por algo útil para a existência e para os desígnios da Criação. Se for encontrado o da propensão ao ócio, será necessário destruí-lo, colocando em seu lugar o fragmento que corresponde, ou seja, o que enche a alma de vigor e induz à atividade, à ação e ao constante movimento, sempre sinal de vida, qualquer que seja sua manifestação.

Estou dando uma chave para ir encontrando os fragmentos que faltam ao ser para poder completar a si mesmo; se lhes custa achá-los, virei ajudá-los com muito gosto, abrindo seus entendimentos e tornando seu juízo mais claro e sua visão mais profunda.
Disse há alguns momentos que, devido a uma tendência muito enraizada no homem, se espera sempre noventa por cento dos de-mais, e mesmo esses dez por cento que se oferecem parecem mui-to. Vejo isto em todas as manifestações da relação ou vinculação humana; valoriza-se muito mais o que se dá do que o que se obtém e, naturalmente, isso promove uma constante luta de apreciações, porque é lógico que, em tal situação, as partes que atuam não julguem o fato na mesma medida. Agora, se invertermos a imagem, isto é, se quem recebe aprecia em seu justo valor o que recebe, já não interessa em quanto possa estimá-lo quem deu e, de sua parte, cria a si mesmo uma obrigação moral à qual, se é inteligente e apto, saberá corresponder, ao mesmo tempo que valorizará com exatidão o que seja capaz de dar.

Prosseguindo com os motivos que surgem da vida de relação, faço--os notar que muitas vezes se esfria o calor de um afeto ou de uma amizade porque não se mantém intacta a recordação do fato que a originou. Vou explicar-lhes, tomando, por exemplo, a todos os que, em seus dias de juventude, tivessem dado tudo o que as circunstâncias lhes houvessem exigido para conseguir isto ou aquilo.

Milhares ou milhões de lendas, que depois foram fonte inesgotável de novelas românticas, nos mostram o muito que o homem se-ria capaz de fazer ou de sacrificar para conquistar o carinho daquela que em seu coração chama sua bem-amada. E, da mesma forma, a mulher em relação ao homem.

Plasmada a imagem ideal, e uma vez constituída a vontade a ser empregada para a conquista dessa aspiração, tudo se vai construindo com fios de seda e de marfim. Sobrevém então a realidade, quando um e outro satisfazem sua aspiração e a imagem ideal começa pouco a pouco a empalidecer, desaparecendo os fios de seda e de marfim. É que havia ali plasmadas duas imagens ideais: a dele e a dela. O encontro de ambos não foi o encontro das duas imagens e então, cada um, tomando por sua vez o pincel, a vai modificando, porque, considerando a sua muito superior, pensa que foi demasia-do generoso.

Qual é o pincel que começa a mover-se na mão desse artista incógnito que plasmou no éter um quadro que tão somente ele podia ver, admirar e adorar? A realidade; aquela que, mostrando por um lado o que é, oferece a possibilidade daquilo que pode ser, e somente pede para pôr mãos à obra com o afã tolerante que aperfeiçoa sem danificar o que quer modelar. Esta é, na verdade, uma arte a que contados seres prestam culto; muitos tentaram, mas, pouco depois de começar, a impaciência, as exigências injustas e depois o desânimo acabaram por alterar a imagem, deixando-a semi-destruída.

Mas algo dessa imagem ideal sempre fica; fica a força do afeto, a força da recordação que, em constante revivescência, fixa em cada um sua conduta. Essa parte da imagem ideal é a que influi nos momentos em que os seres se desencontram, se desconhecem ou se rechaçam; nos momentos em que, por causas não muito graves, se suscitam desgostos, desavenças ou atritos. É a que influi para acalmar a agitação, suavizar o erro e até para perdoar, porque quando a imagem física, nos instantes de raiva, se apaga para os olhos que a veem, a imagem ideal aparece mostrando-se a esses mesmos olhos, revestida sempre de recordações, de afetos e de história; dessa história que juntos viveram, participando dos dias felizes e dos dias de dor. Essa imagem, e não outra, é a que influi para que os seres se reconciliem e se reencontrem, estreitando seus espíritos no amor dessa imagem.
O que ocorre entre os seres humanos, qualquer que seja seu vínculo, e entre os povos, sempre tem uma causa que está além das causas que se supõem. Não é a última gota a que faz transbordar o copo, mas sim toda a água que o enche, fazendo que uma gota a mais não possa caber nele. De modo que a causa não

está na gota, e sim nas muitas gotas que o copo contém.

Como disse antes, quando dois seres se conhecem e se vinculam amistosamente, ambos são pródigos em atenções; cada qual procura tornar mais cômoda a amizade do outro. Entretanto, mais tarde se esquecem disso e, materializando o espiritual, convertem o que é puro, nobre e sublime, nesse tipo de espigas que não servem para alimentar o corpo nem a alma, mas para varrer a sujeira; convertem essa instância de amizade, que conceituavam grata para o espírito, para o coração, para a própria vida, em uma vassoura, da qual um ditado muito velho diz, generalizando, que serve quando nova e depois só aparenta varrer, deixando tudo como estava, ou ainda pior.

Sobrevém, pois, o que inevitavelmente acontece quando se menosprezam as coisas que o uso desgasta. Os que provaram um dia os prazeres de uma doce amizade deslizam pela encosta da indiferença e começam a se desobrigar mutuamente das atenções que antes se prodigalizavam, sem que por isso cada um deixe de pretender para si mesmo a manutenção permanente dessas atenções que, como obrigação, pensa que lhe devem.

A amizade – símbolo de irmanação leal dos espíritos –, que no lar se nutre no amor e no afeto, quantas vezes sofre o descuido daqueles que depois buscam, sem achá-la nunca, a causa de suas desavenças e até de seus distanciamentos. É que a atenção deve ser cultivada sem afetação, fazendo com que esse traço gentil, que tanto atrai e obriga, aconteça naturalmente.

Não se deve esquecer que a relação e a vinculação entre os seres estão constituídas por uma série de coisas e fatos que se entrelaçam. De nós depende que se mantenham como no primeiro dia em que se estabeleceram, pois do contrário se destroem; acontecerá o mesmo que com um suéter, cujos pontos, ao soltarem, irão destecendo-se, pouco a pouco, não restando ao final mais que um fiapo como recordação dele. Este é o drama da vida, do mundo, da humanidade.
O temperamento humano é muito suscetível; porém em todos os seres existe uma boa condição, a qual permite corrigir erros, aplainar dificuldades e atenuar reações; essa condição é a que deixa o ser perceber o que o outro fez em seu favor, mesmo que não esteja à vista; a que faz com que aprecie uma atenção, não pelo que ela possa significar como valor material, e sim como valor moral ou espiritual. Essa condição se transforma em virtude quando, receptivo o ser ao bem recebido, contribui para que se manifeste internamente a necessidade de cor-responder a esse bem. É então quando se inicia novamente e se afirma esse

intercâmbio de atenções, o qual, algumas vezes por ignorância, outras por incapacidade para compreender o que representa para a vida, se deixou de realizar, e que, como disse, tanto contribui para suavizar as amarguras que os esforços cotidianos trazem consigo.

O mundo é um grande campo de luta; de luta amarga e dura, que frequentemente coloca à prova a resistência humana. Cada homem, poderia se dizer, leva consigo um drama permanente e, na vida do lar, é a mulher a que deve interpretá-lo e compreendê-lo, se é que ela mesma não o vive tão intensamente quanto ele. É um drama que o homem não pode narrar, porque somente sua revivescência poderia sacrificar as poucas, escassíssimas reservas de que às vezes dispõe para lutar no dia seguinte; daí que prefira muitas vezes silenciá-lo, ocultá-lo, ou afastá-lo do âmbito familiar.

A mulher, como disse, deve compreender esse drama e participar dele, buscando tão somente aliviar quem o sofre ou quem é seu ator, fazendo com que encontre em sua companhia o que não encontrou, talvez, na companhia dos demais. Aí a mulher começará a elevar-se, a afastar-se da mulher vulgar, a ser aquela que sabe ver na fisionomia do que chega, muitas vezes com a alma destroçada, não o simples homem que constituiu seu lar, mas o que luta para mantê-lo e dignificá-lo. Então o lar se tornará doce e tranquilo, e será o verdadeiro refúgio onde cada um encontrará a calma que procurou por todas as partes sem encontrar.

Acontece com frequência que tanto o homem como a mulher esquecem sua colocação no seio do mundo, da humanidade, de seu povo ou de sua família; esquecem que a vida encerra, que deve encerrar outro significado muito maior do que aquele enganoso que oferece quando se desenvolve dentro do comum e vulgar. Quando isto começa a ser compreendido, a vida se transforma pouco a pouco, busca outros incentivos, e as lutas, amargas e difíceis, são suportadas com mais coragem, mais energia e mais esperança.

Quando falo, já sabem que não o faço somente para vocês, e sim para todos os seres humanos, a fim de que hoje, amanhã, ou dentro de um século, ao ler o que agora lhes digo, encontrem algo útil para si.

Estou deixando um caudal de ensinamentos profundos; me dirão o valor que encerram tão logo consigam experimentar internamente a influência da verdade que contêm. Todos induzem a pensar por que os ensinamentos de Logosofia tendem a despertar o grande significado da vida na mente dos que se nutrem com

eles, e por que uma vez concebido esse significado é preciso não afastar jamais a vista dessa concepção, para que ela viva sempre junto de cada um, pois, se morresse, morreria também toda possibilidade de superar e ampliar a vida até alcançar sua plenitude.

27

Pelos caminhos do pensamento

Montevidéu, 11 de agosto de 1946

O fato de que estejam presentes neste momento em que celebramos o décimo sexto aniversário da Fundação Logosófica, o interpreto como um reconhecimento aos longos anos de trabalho e à verdade contida em cada ensinamento que escutaram no transcurso destes anos. Se preferi celebrar aqui este novo aniversário é porque conservo desta filial, unido a um carinho muito especial, muitas recordações forjadas no andar do tempo; por isso é que me encontro hoje aqui, como se aqui mesmo houvesse dado nascimento a esta obra, na qual coloquei toda a minha vida, todos os meus afãs e tudo quanto possuo e que ainda não conhecem.

Nem tudo consiste em ensinar, ou seja, em transmitir simplesmente um ensinamento. Para quem conhece os profundos mistérios que se ocultam na natureza humana, ensinar é criar; e para que este ensinamento possa ser compreendido, é necessário que exista, em quem o recebe, o campo propício para que cumpra sua incumbência.
Sei muito bem que todos os que me escutam não o fazem com os ouvidos que muitos dos presentes já conhecem. No princípio – e isto aconteceu aos que vieram ontem e seguirá ocorrendo aos que vêm hoje e aos que virão amanhã –, os que me escutam o fazem com outros ouvidos, isto é, por meio daquilo que até esse momento formou seu acervo de conhecimentos; por conseguinte, meu ensinamento não pode chegar do mesmo modo a todos. Alguns buscaram a verdade em várias partes, outros destinaram muito de seu tempo a atividades diversas, próprias da vida corrente; não é possível, pois, que aquele que amadureceu seu pensamento na engenharia escute e compreenda minha palavra como aquele que o fez na medicina, no comércio, na indústria, na agricultura ou na política, porque cada um tratará de compreender-me recorrendo às reservas desse saber que constituiu a preocupação de quase toda sua vida. Daí que haja tido que trabalhar tanto para que o engenheiro, o comerciante, o industrial, o político, o filósofo, o literato e o poeta chegassem a escutar-me com os ouvidos que o Saber Logosófico foi preparando; os únicos que permitem compreender o ensinamento em todos os seus aspectos e alcançar o conhecimento sem que pensamentos estranhos interrompam este trabalho.

Este é um princípio que rege cada circunstância da vida; entrego-o para que o usem. Observem a si mesmos, diariamente, quando falam com qualquer pessoa, e verão que o ouvido com o qual escutam não é sempre o mesmo. Isto se comprova muito facilmente. Falem, por exemplo, a alguém que se encontre muito preocupado, sobre um assunto alheio a esta preocupação e comprovarão que seus ouvidos, parecendo escutar, estão ouvindo outras coisas. Falem a outro melhor disposto e, ao escutá-los, o fará com os ouvidos da própria linguagem que utilizam e os compreenderá. Esta é a causa por que existem tantas incompreensões, pois ninguém se dá ao trabalho de observar com que ouvidos o estão escutando quando fala.

O princípio mencionado, ao ser usado e praticado, beneficia e economiza tempo; este já não é perdido como quando se fala a ouvi-dos que não escutam ou que o fazem por meio de um determinado pensamento ou de uma preocupação.

Por existir em quase todas as mentes esses pensamentos e preocupações, poucos são os que, ao escutar uma palavra, compreendem seu conteúdo. Mas eis que minha palavra foi pronunciada mui-tas vezes e, sendo sempre a mesma em seu fundamento e em sua essência, ainda quando as figuras que expresse sejam diferentes, teve a grande virtude de se fazer escutar pelo ouvido com que deve ser escutada: o ouvido preparado com o estudo, com a observação, e pelo constante contato mantido com os que estão nas mesmas condições. Esse ouvido – repito – requereu uma preparação especial: a que dá o convencimento embasado na comprovação da realidade que o ensinamento manifesta sempre. Mas, ainda assim, esse ouvido deve ser mantido livre de interferências, porque quando os deveres que se têm para consigo mesmo são desatendidos, o espírito se desalinha, a mente se turva e o ouvido volta novamente a entorpecer-se para a recepção da palavra.

Eu aconselho a todos os que em verdade querem continuar este trabalho de superação e de bem, não descuidá-lo um só minuto de tempo; desse tempo que até agora não lhes foi possível oferecer a esta preparação que não se consegue em parte alguma, uma vez que o ensinamento logosófico explica com um realismo poucas vezes visto o que sempre parece inexplicável àquele que não acostumou sua mente a pensar, a sua inteligência a observar e sua vontade a manter-se com constância até alcançar o fim anelado.

Nestes longos anos, tenho ensinado a pensar; tenho demonstra-do quão útil é

alcançar as ideias por si mesmo. E para isso precisei pensar por todos uma infinidade de vezes, entregando-lhes meu pensamento para depois sugerir coisas que cada mente se via obrigada a conceber como próprias. Facilitava assim o trabalho individual na iniciação do pensamento e fazia com que começassem a pensar, criando em todos um poder que até então não tinham, porque na vida comum usavam, como tantos dos que vivem nela, o pensamento alheio; poucos ali são os que pensam e, quando algum o faz, os demais recorrem a ele para que solucione os problemas que suas mentes são incapazes de resolver. Isto encerra um evidente egoísmo, visto que, como pensar dá trabalho, prefere-se a comodidade: que outros pensem para que depois se aproveite o pensamento do próximo.

A vida é pródiga em episódios devido à multiplicidade de aspectos de que o intercâmbio diário com as pessoas se reveste. Como não existem dois seres que possam pensar exatamente igual – embora muitos creiam o contrário –, logicamente sempre há diferenças no pensamento, até naqueles que nada pensam, o que promove em alguns uma série de inquietudes, visto que cada um, querendo ou não, confiou ao semelhante uma parte de seu sentir, ignorando se é correspondido com a lealdade que anela, para manter-se firme em suas próprias convicções.

Aconselho que pratiquem diariamente o ensinamento em todos os campos, em todas as atividades. Descobrirão assim o seu reflexo em cada fato, em cada passagem, em cada detalhe, mostrando-lhes o que antecipou como previsão. Vejam também – repito –, como primeira providência, com que ouvidos são escutados. Se não for com os ouvidos leais do entendimento, com os ouvidos do ser ávido de saber, que encontra em sua palavra um incentivo e uma esperança, troquem de tema e busquem um mais interessante para seu ouvido; por esse meio irão observando que para ser bem atendido deve existir um interesse, e que nem bem esse interesse desaparece, a atenção desaparece com ele. É inegável que para isso se requer paciência, porque a paciência é criadora; criadora quando a ela se unem a observação e o espírito de iniciativa, que cumprem sempre uma função edificante.

Na maioria das pessoas – já disse – não há disposição para pensar; essa é causa de que se escute, geralmente, com indiferença. Se a palavra não promove no que escuta um ato de verdadeira atividade mental, no qual se veja obrigado a pensar, ela se perde no labirinto dos pensamentos e das ideias que estão dentro de sua mente.

Todos vieram aqui atraídos por um ensinamento que lhes deu como promessa a segurança de uma vida superior pelo aperfeiçoamento e o cultivo do saber, e que fomentou em cada um a nobre ideia de ser melhor; mas a conquista dessa superação somente é possível depois de um tempo, durante o qual se torna familiar e é tido como próprio. É então quando são suplantados os outros ouvidos, os comuns, pelo ouvido logosófico; o ouvido daquele que compreende o ensinamento porque viveu muito do que ele lhe mostrou e porque o viu, apalpou e experimentou em numerosos instantes da vida.

No transcurso de dezesseis anos de ininterrupto trabalho, criei, na mente de muitos, ideias que antes não conheciam; promovi atividades até então ignoradas; dei bases para um futuro melhor e elementos de defesa para os momentos cruciais que a humanidade vive. Assinalei também, com destacada antecipação, fatos que ocorreram depois e preparei as inteligências para compreender por que ocorrem as coisas e como se pode preservar da contaminação do mal, apenas cultivando este ensinamento e mantendo-se sempre atento a tudo o que ocorre em torno de si. Espero, pois, que nos dias futuros estejam preparados para receber conhecimentos ainda mais profundos e mais próximos também da realidade que o mundo está vivendo.

Além deste trabalho de alta docência, no qual estou empenhado e no qual não descuido um só instante de fazer chegar-lhes minha palavra, de viva voz ou escrita, realizo muitas coisas e demonstro, uma vez que o faço à vista de todos, que tenho atividades como qualquer ser humano do mundo comum. Dias atrás alguém me perguntou por que trabalhava tanto e em tão diversas atividades, e imediatamente respondi-lhe: “Porque quero dar o exemplo a todos que seguem meu pensamento, ganhando o pão com o suor da fronte, vivendo as angústias dos que trabalham, ao mesmo tempo que estudo os homens em suas variadas características, para descobrir onde residem as falhas, os defeitos e as dificuldades que eles se criam inconscientemente, e oferecer-lhes as soluções mais apropriadas”.

Assim é como pude penetrar em muitos corações, em muitas mentes e em muitas intenções, e pude ver confirmado o que tantas vezes lhes disse: “Não são os homens os que atuam mal, mas os pensamentos que, apoderando-se de suas mentes, os conduzem pelas trilhas mais tortuosas”. E vendo, por meio desta realidade, que os homens se movem conforme seus pensamentos, me pergunto: Pode o ser humano encontrar assim alguma felicidade? Desfrutar da paz que tão

insistentemente reclama em momentos de aflição, de luta ou de desespero? Quem dentro dele governa suas ações e desvirtua muitas vezes seus melhores anelos? Os pensamentos negativos, que atuam movidos por uma força cega, e que, ocultos, sem ser vistos, cumprem uma missão devastadora em sua mente e o fazem viver numa constante aflição.

Conforme seja o pensamento que o ser tenha em sua mente no instante em que atua, assim será a conduta observada. Onde está o ser humano, homem ou mulher, que possa mostrar que é dono de si mesmo e que nada tenha para se reprovar pelo que os pensamentos tenham feito de sua mente? Tarefa de muita paciência, de muita vontade e de muita fé nas próprias forças implica a conquista de semelhante capacidade.

Há pensamentos que se manifestam nas fisionomias, porém há muitos outros que não estão à vista e, não obstante, atuam e movem todos os títeres da mente sem que jamais sejam vistos. Calculem, agora, como é possível levar pelo mesmo caminho todos os seres humanos, se neles não eclodiu o despertar interno nem ocorreu ainda o ato consciente de pensar, que é o maior que pode haver dentro da natureza humana. É pensando que se pode transmitir a palavra, o pensamento ou a ideia; e uma palavra que foi pensada e que se usa para fazer um bem, é a manifestação e a prova de que existiu o ato de pensar, que é, por sua vez, a primeira manifestação do espírito criador do homem.

Desde o instante em que o homem começa a pensar por si mesmo, já dignifica sua espécie; se afasta da irracionalidade que constituiu e constitui a animalidade; sente a influência das forças criadoras por efeito de sua mente, que o comove ante o próprio ato de pensar. Todos aqui, sem exceção, experimentaram este ato, e todos também sentiram grande alegria ao observar o resultado desse mesmo ato de pensar, que é filho da própria mente, da própria inteligência que o fecundou; desse ato que aproxima o ser daquele que o criou, porque lhe permite compreender do que é capaz.

O exercício da mente no ato de pensar – já o comprovaram – proporciona íntima e grata alegria, e quanto mais praticarem, mais fácil será e mais cuidarão para que não sejam influenciados, como foram antes, por pensamentos que, sem ser próprios, governavam sua mente.

O ensinamento logosófico tende, justamente, a promover na mente o ato de pensar; pensar que é também observar, meditar, refletir e selecionar. Ele tem um

poder sugestivo enorme, e esse poder é o que fecunda a mente e a prepara para que possa cumprir por si mesma sua grande finalidade: criar seus próprios pensamentos. Mas aquele que o escuta deve encontrar nessa sugestão o segredo que o ensinamento encerra. Como? Praticando e esforçando-se para cumprir o que, como nestes momentos, ele sugere.

Pensem por si mesmos, porém façam-no conscientemente e não uma vez ou outra, porque a mente é como um relógio, e como tal, deve andar sempre na hora, para o que não se deve esquecer de dar--lhe corda; isto é, é preciso colocar a mente na hora certa, ou seja, em dia com o trabalho que deve cumprir. Todo atraso prejudicaria e postergaria esse instante melhor que todos anelam para si.

O mundo passa hoje por momentos difíceis, porque – como disse faz tempo – os homens deixaram de pensar, e quando isto ocorre, é muito fácil arrastá-los a qualquer parte, até para os abismos ou para o inferno. Como não pensam, bastaria tocar uma corneta para chamá-los e todos atenderiam. Voltando assim ao espírito nômade, não lhes resta outra coisa que o extermínio, ou seja, a anulação completa do homem racional que, tendo consciência de sua existência, deixa de pensar e, portanto, de existir como ser independente, ainda que vista uma roupa e se olhe no espelho e, ao fazê-lo, creia que é um homem. O verdadeiro homem, o protótipo da espécie humana, aquele a quem se chamou de rei da Criação, porque foi feito à Sua Imagem e dotado do poder de criar, é o que cumpre sua missão e, ao cumpri-la, se assemelha ao Autor de seus dias, utiliza tudo aquilo que lhe foi dado para superar-se e, como causa primeira, cria o pensamento, exercita o ato de pensar e é consciente de sua capacidade de elevar-se acima dos que não pensam.

Digo-lhes isto porque ainda haverão de sobrevir horas difíceis. A mente que não pensa se acha indefesa, à mercê de qualquer pensamento; a mente que pensa conserva a integridade do ser, sendo muito difícil arrastá-lo para onde vão os que não pensam.

Quem ler ou recordar hoje o que eu disse há muitos anos, verá explicada esta recomendação e compreenderá o porquê de minha insistência em que não se descuide do ato de pensar. Como poderá conservar-se o que um dia se estimou como bom, se não se mantém a consciência desse pensamento? Mas sim, se mantém, quando se pensa e se julga conscientemente, afirmando em si os resultados.
Quando insisto para que determinado conhecimento penetre na mente e a

fecunde, é como se houvesse algo, mais além, que os que me escutam não podem compreender. Já dei a explicação em múltiplas oportunidades e ela é encontrada no que vai ocorrendo ao ser no curso da vida. Julgue cada um por si como é sua vida quando pensa e como é quando não pensa, mas vigie, isso sim, enquanto não pensa e também quando pensa e verá quão grande é a diferença.

Não recordo se foi aqui, ou em outro lugar, que contei uma vez uma passagem de minha vida; passagem que se reproduz em todas as vidas e que, geralmente, passa inadvertida. Disse, nessa ocasião, que conservava nítida a recordação de tudo aquilo que me havia sido grato, e que sentia por isso uma gratidão inalterável, mesmo tratando-se de algo inanimado. Isto teve uma virtude: a de resguardar-me de uma infinidade de males. Daí ter dito uma vez que a gratidão agiliza o ouvido e permite perceber o mal mui-to antes que ele chegue. A ingratidão, ao contrário, é uma surdez espiritual que impede escutar o perigo quando este se aproxima, e preservar-se dele.

Em pequenas coisas, fatos, circunstâncias, com frequência aparece a explicação de outras muito maiores que não poderiam ter explicação se não fossem vistas em menor escala.

Vou narrar em seguida a passagem ou episódio ao qual me referi antes. Quando era criança, encontrava-me numa fazenda e, como toda criança, gostava de me afastar das casas e correr pelos campos. Um dia, saí montado num cavalo, com o propósito de ir até um rio muito distante, que para lá chegar devia atravessar montes e serras. Depois de andar um pouco, encontrei no caminho o capataz da fazenda, acompanhado de alguns camponeses, o qual, ao ver-me, perguntou amavelmente aonde ia; ao responder que me dirigia ao rio, ele me disse: “Para chegar ao rio terá que passar por três porteiras; tenha cuidado, menino, porque lá tem gado bravo e quando vê gente nova é capaz de atacar”. Eu já havia ouvido falar desse gado, porém, por efeito talvez dessa célebre reprodução mental do dedo tocando o vidro da lâmpada, decidi seguir meu caminho. As porteiras que devia cruzar para chegar ao rio eram dessas antigas, cujas tábuas horizontais superpostas eram inseridas nos orifícios dos dois postes verticais, situados em ambos os lados do caminho. Ao passar pela primeira, recordei-me da recomendação do capataz, que me havia dito que a deixasse aberta ou somente com a tábua inferior colocada, para o caso do gado bravo me atacar. Quando passei a segunda, esqueci a recomendação e me afastei após haver fechado a porteira com todas as tábuas; ainda bem que ouvi, muito próximo, o zurrar de um burro e, acreditando que fosse um leão ou algo parecido, rapidamente voltei

para retirar as tábuas. Ao passar pela terceira porteira, próxima do rio, também tirei as tábuas. Descia já o vale quando vi, de repente, o gado pastando tranquilamente. “É isto que chamam de gado bravo?”, disse a mim mesmo, ao mesmo tempo que decidi passar no meio dele. Não havia transcorrido nem um minuto quando um touro enorme, que me pareceu ter vinte ou trinta metros cúbicos, levantou a cabeça, olhou-me fixamente e em seguida começou a correr em minha direção, e com ele todos os demais. Aí sim, eu vi o perigo e, fincando as esporas nas ilhargas do meu cavalo, passei como um bólido pelas porteiras. Vendo que levava vantagem, ao chegar à última, parei para fechá-la e deter assim o avanço das bestas.

Passado o mau momento, instantaneamente recordei do capataz. Emocionei-me; enchi-me de ternura e compreendi quanto bem sua palavra me havia feito; uma palavra humana, uma advertência... Recordo que quando lhe contei o ocorrido, disse-me: “Ah, rapaz! Você se salvou porque tirou as tábuas. Meu filho foi morto por este gado”. Compreendi, nesse instante, quanto pode encerrar uma palavra, e como ela penetra quando é dita para fazer o bem; compreendi também que esse homem quis salvar seu próprio filho em mim, e isto jamais pôde se apagar dentre as tantas recordações que existem em minha vida.

Vejam agora o que encerram algumas palavras, e recordem quantas vezes escutaram frases similares às que dissera aquele homem do campo, sem que as conservassem na memória, motivo pelo qual tiveram que passar, depois, por momentos angustiosos.

Eu guardo uma eterna gratidão a todos aqueles que, de uma for-ma ou outra, contribuíram para tornar mais grata minha vida, e estampo nessa gratidão a lealdade com que conservo essa recordação, que jamais pode empalidecer ali, onde se encerra tudo o que constitui a história de minha vida.

Recordar o bem recebido é tornar-se merecedor de tudo o que amanhã nos possa ser oferecido. Não esqueçam que, quando um pai dá um conselho, é porque já viveu tudo o que esse conselho encerra e que, ao expressá-lo, quer evitar ao filho o que para ele foi motivo de sofrimento ou causou-lhe dano.

Estão vendo, então, como as palavras levam em si fragmentos da própria existência; estão vendo, também, como elas adquirem outro valor quando preenchem a finalidade para a qual foram feitas, isto é, para preservar do mal e para combatê-lo, fazendo com que cada dia faça menos vítimas e cause menos

estragos na humanidade.
Do mesmo modo, cada um deve ser leal a tudo aquilo que uma vez mereceu seu afeto, sua preocupação, seu interesse ou sua atenção, e que cada um guarde gratidão a tudo quanto contribuiu para evitar um mal ou para tornar mais fácil e feliz sua vida, ainda quando não se tenha podido compreendê-lo e valorizá-lo em todos os seus alcances.

Esta verdade tem uma grande importância, tanta que, poderia afirmar, é essencial entre todas, pois forja a verdadeira irmandade no mundo, pelo conhecimento do bem pelo próprio bem. Todos aqui, que não são de pedra, que têm sentimentos e que com o conhecimento começam a pensar conscientemente, podem realizar a estupenda etapa de superação que se abre ante seus olhos como o melhor de todos os estímulos e o principal de todos os objetivos.

28

O conceito e seu significado essencial

Buenos Aires, 13 de novembro de 1946

Quando os ensinamentos que a Sabedoria Logosófica ministra não são aprofundados em metódicas meditações pelos que os leem ou escutam, de fato não podem ser compreendidos em todos os seus alcances e, menos ainda, praticados com o objetivo de se obter os benefícios que oferecem. Por esta razão é que são apresentados de modos tão diferentes, o que os torna mais acessíveis ao entendimento. Facilitado por esse meio o trabalho discernente, não é difícil captar o significado real do ensinamento e modificar aquelas imperfeições que, sem ser muitas vezes advertidas, são um evidente obstáculo para o desenvolvimento espiritual e até integral do indivíduo.

Um dos mais importantes propósitos do imenso caudal de conhecimentos compreendido no saber logosófico é o de voltar o homem para a pureza dos conceitos que, nas diversas épocas da existência humana, constituíram a chave com a qual era possível abrir os entendimentos e compreendê-los, os quais deveriam ser inalteráveis para a consideração e o respeito de todos, sem exceção. Os conceitos formaram sempre as verdadeiras reservas morais da humanidade. Sustentados neles, os homens podem viver em paz e inspirar mútua confiança; ao contrário, quando os conceitos são alterados: sobrevêm a confusão e o caos, seja no ambiente mental do mundo, seja no dos povos onde ocorrem tais alterações.

Antigamente existia uma tábua de conceitos, que Hermes chamou de “Tábua de Esmeralda”. Estes conceitos se elevavam à categoria de princípios pela força que assumiam ante a razão dos homens que lhes prestavam culto, o que significava para eles a adoção de um gênero de vida que os elevava acima dos demais.

O ensinamento logosófico tende, precisamente, a levar o homem ao culto desses conceitos, os quais expressou de múltiplas formas e indicou como imprescindíveis para que a vida de cada integrante do gênero humano seja digna de merecer a categoria que lhe corresponde como principal entre todas as espécies que habitam a Terra.

Existem diversas classes de conceitos. A uma delas corresponde um dos menos conhecidos ou comuns, ou, talvez, mais difíceis de descobrir, e é o que se forma pela unanimidade de compreensão de um conjunto de pessoas. Se, falando de um tema qualquer, surge um motivo para discorrer, e as opiniões dos que intervêm coincidem, do tratado se formará um conceito e, desde esse momento, todos compartilharão desse conceito e se irmanarão em um só pensamento. Se depois alguém esquece que participou dessa unanimidade e que afirmou absoluto acordo com o critério sustentado, feito ou, melhor dizendo, convertido em lei do conjunto, haverá traído, primeiro, à sua própria consciência, segundo, ao conceito e, terceiro, a todo o conjunto. Esse conceito significa a chave de uma linguagem porque, graças a ele, cada um sabe que existe em todos idêntica compreensão.

O que estou falando é aplicável a qualquer uma das esferas humanas. A luta pela manutenção dos conceitos que um dia foram conquistados pelos homens em conjunto, é o que promove hoje tantas agitações no mundo; a traição a eles os desuniu, e enquanto não voltarem a se ajoelhar ante tais conceitos, não poderá haver paz nem união entre os povos. Mas, voltando à nossa pequena esfera, quero destacar que, como criador de um ensinamento que busca nas mentes humanas o instante oportuno de conduzir os pensamentos à consagração dos conceitos que foram alterados ao longo das épocas, tenho lutado e insistido incansavelmente para que não se desviasse o rumo desse ensinamento, a fim de que ele pudesse cumprir sua missão de prevenir a razão dos homens primeiro, e ilustrá-los depois, sobre a enormidade do desvio sofrido e a necessidade de reintegrar, nos altares do pensamento, a imagem dos grandes conceitos que foram norte e guia de tantas gerações humanas.

Farei referência, também, ao conceito que se personaliza no ser, quando este já incorporou os conceitos aos quais prestou sincero culto e a cuja bondade deve a consideração e o respeito obtidos de seus semelhantes. Quando isto acontece, os próprios conceitos impedem de desviar-se ou atuar em aberta contradição com eles; mas, quando tal impedimento não se verifica, o valor pessoal diminui e o indivíduo fica totalmente desqualificado. A falta de lealdade a eles o converterá, inconscientemente, em um ser comum, em quem não se pode ter nenhuma confiança, porque não foi digno depositário de seus ditames. Isso ocorre com os homens, com os povos e com o mundo inteiro.

Quando a humanidade que povoa um mundo se desvia e trai os conceitos que estabelecem a ordem moral entre toda a comunidade, desconceitua-se e depois

demora a merecer novamente, de seus próprios integrantes, a confiança e o respeito que antes lhe dispensavam.

Se sobre isto se medita com certa profundidade, se advertirá que, para que os conceitos consagrados pelo conjunto não sofram alteração alguma e se evite serem traídos, é imprescindível que o conjunto se mantenha em estreito e constante contato com esses conceitos, porquanto essa convivência permitirá que exista entre todos a livre e serena observação das ideias, dos pensamentos e dos estados: psicológicos, mentais e espirituais, e, em nome desses conceitos, cuja força, de essência eterna, teve a virtude de unir muitos em uma compreensão clara, terminante e indiscutível, cada um poderá fortalecer seu espírito, renovar suas energias, consolidar sua amizade e elevar, dia a dia, o conceito de si mesmo.

A deserção de um membro do conjunto significa seu enfraquecimento na ação dos conceitos. Somente quando o ser está presente, espiritual e fisicamente, rodeando os conceitos com os demais, pode experimentar a alegria e a satisfação de saber que o que um dia foi branco para todos, segue e seguirá sendo branco; e aquele que pretender mudar sua cor terá que derrubar a força desses conceitos, devendo para isto apresentar outros maiores ou de maior valor, e enfrentar a interrogação de todos os que permaneceram fiéis àquilo que um dia ele consagrou em sua própria consciência, com um nome: o mesmo com que foi consagrado por todo o conjunto, à semelhança dele.

Neste instante vem à minha recordação uma velha lenda, talvez tão velha como a própria humanidade. Uma vez, em certo lugar do mundo, perdeu-se uma criança. O pai a procurou por muitos lugares. Um dia, já cansado, rendido, chegou a uma aldeia. Havia ali uma multidão de crianças festejando uma data. Quando o pai explicou ao prefeito o motivo de sua longa peregrinação, este lhe disse: “Veja ali quantas crianças! Se alguma delas é seu filho, prove e ele irá consigo.” As crianças rodearam o pai que havia perdido seu filho, e ele, em voz alta, pronunciou um nome. Com grande surpresa de todos, em meio à multidão ouviu-se uma voz: “Pai! Sou eu!” E esta criança já tinha outro nome, o que lhe colocou aquele que a havia acolhido; mas seu verdadeiro nome foi escutado por ela do fundo de seu coração.

Pode-se dizer, com plena convicção, que com os conceitos ocorre exatamente igual: eles atendem ao chamado de quem lhes deu vida e os consagrou como tais, e em vão alguém tentará mudar seu nome. Quando a voz que os chama é aquela que lhes infundiu a vida, os conceitos se erigem para dizer: “Sou eu!”,

livres de toda mancha.
Uma das principais causas, diria mais, a principal causa de toda desorientação, reside no desvio dos conceitos. Quando o homem se afasta deles, imediatamente sobrevém a desorientação, que impede a visão interna de advertir a ausência de segurança no rumo tomado e, também, o extravio na ação de encher o vazio deixado pelos conceitos.

O culto dos conceitos – já disse antes – é o que forma o patrimônio moral dos homens.

Os conceitos não nascem obedecendo a leis caprichosas; nascem de uma concepção, e toda concepção tem sua origem em uma lei.
Embora no primeiro caso que assinalei o conjunto possa consagrar um conceito, não se deve esquecer que esse conceito deve reger a conduta do conjunto; por exemplo, se dez vontades se afirmam sobre a compreensão de realizar determinada coisa, tal determinação regerá, a partir desse momento, a conduta do conjunto, posto que seus integrantes têm de conduzir a vontade à consumação dessa imagem que prometeram realizar.

Se alguém, entre os presentes, pode rebater este princípio que acabo de manifestar, seria muito grato poder manter uma discussão sadia, ampla e generosa sobre o tema.

Todo o conceito admitido deve reger, pois, a conduta de quem o admite. A consagração íntima de um conceito é, implicitamente, um juramento.

Nos tempos de Hermes, quando seus discípulos mais achegados se reuniam, efetuava-se a seguinte cerimônia: uma vez situados e sentados em seus respectivos lugares em torno de uma longa mesa, sete deles iam buscar uma arca que continha a “Tábua de Esmeralda”, isto é, a Tábua dos Conceitos. Uma vez colocada sobre a mesa, todos se punham de pé e, olhando-a, faziam um exame de consciência; em seguida, cada um registrava num papel seus erros, as faltas cometi-das contra esses conceitos, consciente ou inconscientemente ou por descuido, e depois guardava esse papel, que servia de guia para suas futuras atuações e para orientar sua vida. Depois disso, retornavam a arca para seu lugar e se retiravam em silêncio.

Essa simples cerimônia tinha também a virtude de pôr em evidência, entre os presentes, o que faltasse à reunião; e quando isto ocorria e o fato não era

devidamente justificado, era como se o ausente houvesse atentado contra a Tábua dos Conceitos, ainda que fosse apenas por não ter cumprido com esse encontro espiritual.

Um conceito que quero destacar agora, precisamente nestes momentos em que existe o perigo de que os homens se afastem dele e sobrevenha o mais espantoso dos desvios humanos, é aquele que foi consagrado por quase todos os povos do mundo como algo que jamais devia ser alterado: o conceito da amizade. Este conceito foi debilitado, não somente entre os povos da Terra, como também nos pequenos núcleos de homens; isso, sem dúvida, será a causa inevitável de más consequências para o futuro.
A amizade – já disse, e é comum ao entendimento de todos – nasce da simpatia mútua, mas, muito especialmente, da semelhança entre certos pensamentos que movem e inclinam uns e outros para preferências mais ou menos parecidas. Quando a amizade se torna conceito entre as partes de um conjunto, esse conceito, volto a repetir, rege todas elas. Nenhuma delas pode fazer dessa amizade um uso particular, diferente do que faz o conjunto ou a parte com a qual travou a amizade, pois estaria abusando da generosidade do conceito, ao qual deve prestar o culto de sua lealdade.

Quando a amizade não une os homens, é porque algo impede sua aproximação e os separa; e, quando a amizade não existe, tampouco existe o apreço e nem se pode inspirar confiança entre eles.
Não havendo amizade, a reserva recíproca é um fato lógico; mas quando ela une os homens em disposição de generosa tolerância, auxílio e colaboração mútua, toda reserva, todo isolamento conduz ao enfraquecimento dessa amizade e o conceito sofre devido ao mau uso que se faz dele.

Tenho visto como a amizade padece e se ressente quando quem fez dela um culto e a prodigaliza sem traí-la jamais em seus impulsos naturais de expressão não é correspondido com a franqueza, a lealdade, a clareza e a simplicidade que envolve o conceito. Inevitavelmente, nestes casos sobrevém a dúvida; o ser sofre e se esforça em conservar dentro de si a pureza dessa amizade, mas, no final, a não correspondência reiterada provoca a reação, e é aí que a amizade se rompe e surge a inimizade. Tenho pensado repetidas vezes nisto e observado que, se os seres humanos prestassem mais atenção aos deveres que contraem uns com os outros, evitariam para si muitos sofrimentos, muitos tropeços, e conservariam muitos amigos.

Aconselho, pois, a todos os que me estão escutando, reunir--se periodicamente em torno da Tábua de Conceitos que dei a conhecer e, como naqueles tempos a que me referi, pôr-se de pé no momento em que são colocados sobre a mesa, meditar sobre eles e recordá-los fazendo com que rejam permanentemente a própria conduta.

29

Em torno da meta ideal

Buenos Aires, 25 de novembro de 1946

Cada ser humano anda pela vida em busca de uma meta ideal; ideal porque as ideias, logicamente, são as que constituem, ou constroem, melhor dizendo, a ponte que une o mundo físico com o da ideação. Quem vive sem um ideal, leva a morte sobre os ombros.
O ideal é aquilo que cada um forja como poderoso estímulo para alcançar o que se propõe. Se esse ideal é superior, o espírito ascenderá à medida que o ser avance para as metas superiores que o próprio ideal lhe assinala; se é inferior, seus passos se encaminharão para metas inferiores. Quando o ideal é superior, o homem luta, se empenha e se sacrifica por conquistar, dia após dia, uma parte do ideal forjado, e se este abarca sua própria vida e até muito do que o rodeia, a lei exige não descuidar nem uma só partícula de tudo o que está compreendido nele. Poderá, eventualmente, atrasar o atendimento que esse ideal requer, mas nunca esquecê-lo e, menos ainda, desprezá-lo.

Enquanto o processo traçado por um ideal superior se desenvolve, apresentam-se ao homem múltiplas ocasiões para efetuar observações de importância. As experiências constituem, talvez, o maior valor, e quem não se detém frente a elas, presentes ou passadas, para extrair as conclusões que haverá de aplicar em suas futuras atuações, de fato detém ou atrasa sua evolução.
Quando se vai em busca de uma meta ideal, prudentemente deve-se pensar que, se algumas vezes os passos serão fáceis e rápidos, outras serão difíceis e penosos, e que somente a recordação de experiências passadas, de lições recebidas, poderá auxiliar nesses momentos. Eis aí por que a pretendida suficiência fez os seres humanos se perderem tantas vezes: supriram a recordação do verdadeiro com a falsa recordação e, assim, muitas coisas que em suas origens foram tomadas de fontes generosas ou de experiências que a benevolência de outros lhes ensinou a compreender foram apresentadas como próprias, isto é, como nascidas de sua própria fonte de inspiração, o que, em vez de solucionar sua situação, agravou-a, pois tais coisas não têm consistência alguma. É isso que acontece àqueles que, sem ter a preparação que a lei exige para sustentar uma natureza sábia, colocam-se na posição mencionada.

Os filhotes de pombos, que se lançam a voar deixando o ninho antes de ter as asas emplumadas, correm o perigo de cair e bater a cabeça. Poderia objetar-se que, se não fizessem esse ensaio, não aprende-riam a voar; mas o certo é que o ensaio prematuro costuma custar-lhes a quebra de uma asa, das patas, da cabeça, etc. Muito diferente é quando as aves-pai os conduzem, primeiro de ramo em ramo, depois de galho em galho, prolongando mais e mais as distâncias à medida que os filhotes, longe de enfraquecer, ganham força, pois um dia, com a arrogância própria dos pássaros que cumpriram o processo de seu desenvolvimento, conseguirão efetuar magníficos voos, sem perigo de cair vencidos pelo cansaço ou outras causas.

Admiro sempre a quem põe em todos os seus atos o empenho, a boa vontade e o grande anelo de superação, buscando ser em cada momento e em cada circunstância o responsável direto por eles. Quando o homem trabalha inspirado no bem e na superação, deve cuidar muito para que nada afete outros por sua causa. Esta deve ser uma de suas preocupações básicas toda vez que empreenda uma obra e exista alguém além dele para trabalhar e realizar a obra empreendida. Dessa maneira, se colocará no conceito geral tal como anela e como dita seu coração. Penso que esta é uma das maiores responsabilidades, a que faz manter uma atenção vigilante, mais sobre o que pudesse afetar os demais que a si mesmo; e isto não somente nas obras que se empreendem, mas também nos movimentos que se realizam em todos os aspectos da vida diária.

Seja qual for o ambiente no qual o ser atue, deve ter um cuidado muito especial para que não seja tão somente uma parte dele ou um fragmento de sua pessoa que frequente tais ambientes, senão ele em sua integridade: tudo quanto é, moral, física e espiritualmente. Assinalo isto, porque poucas vezes o homem o tem em conta; ao contrário, aquele que está nesses ambientes o têm em conta e segue as marcas de seus passos, procedimentos, conduta, pois tudo isso forma o conjunto do que ele é, o conceito de sua pessoa, que com maior eloquência se pronunciará sempre em sua defesa.

Em meu andar pelo mundo tenho convidado com frequência os que me rodeavam para seguir comigo um trecho, durante o qual lhes fazia observar, experimentar, atuar, explicando ao mesmo tempo fatos e circunstâncias que surgiam do contato direto com minha vida. Se assim fazia, era somente para ilustrá-los e para que bebessem, na própria fonte de origem, ensinamentos que não poderiam aprender nos livros, porque, se os achassem, demorariam muito tempo em advertir por esse meio os tantos pormenores e detalhes que constituem

um conhecimento ou verdade. Natural-mente que, se me detive, às vezes, dando ensejo a que se aproximassem de mim e vissem mais de perto as experiências que ocorriam, foi para que cada um pudesse acelerar um pouco o ritmo de seu andar avançando com maior segurança, ao compreender melhor o processo de sua própria evolução consciente, pois de outra maneira torna-se difícil e até lento o já dificultoso caminhar pela senda da vida.

Recordo haver aconselhado, em variadas ocasiões, caminhar nem muito rápido nem muito lentamente, nem tampouco esticando o passo além do que as pernas alcançam, nem encurtando-o até reduzi-lo ao passo de um anão. Os extremos são sempre perniciosos. Deve-se buscar em todo o momento a proximidade do normal, do equilíbrio e do justo, e não será demais que, de vez em quando, se suscitem, como necessidade natural, diálogos entre a mente e a consciência, visto que nem sempre ambas estão de acordo.

Sempre dou os ensinamentos fazendo com que eles penetrem nas vidas, nos corações, nas consciências daqueles que me escutam; e de-pois, após um silencio, após uma espera, se não observo essa reação natural que deve sobrevir, reação de estímulo, de entusiasmo e também de ansiedade por conhecer novos detalhes dos ensinamentos, dirijo minha atenção para outros pontos, para outros seres, oferecendo-lhes as mesmas oportunidades. Ninguém poderá negar que tenho ensinado muitas coisas; muitas dessas coisas que o homem não pode aprender em parte alguma, a menos que tenha suficiente longevidade para viver centenas ou milhares de anos e redigir um volume próprio no qual deixe registrados os conhecimentos obtidos nessa longa vida.

Espero reuni-los dentro de pouco tempo, para falar-lhes sobre algo que permanecerá como um dos grandes ensinamentos verti-dos por mim desde que comecei esta obra de superação humana e, nessa oportunidade, possivelmente me deterei em certas passagens, circunstâncias e detalhes que servirão de norte e guia para todos.
Relatarei, em seguida, um episódio interessante: uma vez, encontrando-me em um lugar dando ensinamentos, fiz alusão a situações, estados e atitudes, que um dos presentes identificou como ocorridos com ele. Ao manifestar-me, em tom de brincadeira, que eu havia me expressado contra ele, respondi que havia feito somente contra o que, dentro dele, atentava contra ele mesmo, contra sua vida, seu conceito e contra tudo o que ele era. Assim o aceitou e compreendeu, ou pelo menos aparentou compreendê-lo. Posteriormente expliquei-lhe que não me havia dirigido a ele, pois os casos se repetem e os ensinamentos não são

exclusivos para ninguém, mas para o mundo em geral. Uma vez impressos, alguém seria capaz, por acaso, de dizer até onde podem chegar e quem pode recolhê-los? Depois de um tempo, aquele que atuou neste episódio, cego pela fatuidade, foi distanciando-se por causa daquelas coisas que lhe havia assinalado como inimigas de seu ser e com as quais se havia identificado, malogrando, em consequência, seus propósitos de melhoramento.

Voltando aos pássaros, relatarei uma lenda mitológica que neste momento vem a minha memória. Certa vez, uma grande ave se encontrava com outras de sua espécie, que discutiam sobre qual delas poderia alcançar maior distância sem se cansar. Ouvindo-as, a grande ave convidou-as a segui-la, e todas voaram atrás dela. Diz a lenda que, quando as aves começaram a dar sinais de cansaço, a grande ave extraiu dentre suas plumas duas novíssimas asas, com as quais continuou voando enquanto as demais iam caindo vencidas pela fadiga.

Será fácil encontrar o significado dessa lenda, quando se pensa que nem todos possuem os mesmos recursos e que é lógico que pode mais quem conta com mais recursos. Por conseguinte, aquele que tem mais inteligência, mais paciência, etc., terá uma capacidade de voo maior que os demais, e sempre contará com um par de asas de reserva.

Aquele que não observa os movimentos que acontecem na vida diária, desde que se levanta até quando se deita, perde oportunidades magníficas para ampliar seu entendimento, uma vez que, tendo todas as coisas – até as mais distantes em semelhança – uma estranha parecença, uma estranha similitude, se aplicar o conhecimento obtido e aguçar a inteligência, conseguirá penetrar no fundo mesmo dessas coisas, as quais, sem exceção, interpenetram a vida do ser e, por sua vez, estão ligadas à vida universal.

Dias atrás, contemplando os sofás de meu escritório, notei-os um pouco maltratados, gastos, e pensei: “Se faço uso e me sirvo deles, permitindo, também, que sirvam a meus semelhantes, é meu dever conservá-los em bom estado.” Pensei também que um conserto seria a compensação pela utilidade que durante tanto tempo me haviam prestado. Ocorreu que, depois de uma esmerada reforma, os sofás ficaram como novos, prontos para servir sabe-se lá por quanto tempo mais. Investi nisso algum dinheiro, porém com gosto, pois devia dar algo a esses sofás que me permitiam sentar e, também, sentar muitos outros. Quantas coisas poderiam ter o mesmo ensinamento surgido dos sofás!

Recordo aqui um ditado que ouvi uma vez de um velho conheci-do: “Ao cavalo, como ao amigo, para que estejam sempre bem, não se pode cansá-los.” Isto sugere, como reflexão, que todas as coisas devem merecer nossa atenção, nosso respeito e, em especial, nossa reciprocidade quanto ao benefício que obtemos delas, se generosamente nos oferecem uma oportunidade de bem-estar, de felicidade ou de utilidade, na caminhada para a meta ideal que nos tenhamos proposto a alcançar.

Passando agora para outro ponto, farei a seguinte referência. Quando o homem tem a sensação e a segurança de possuir o domínio do tempo, que lhe permitirá cumprir com os elevados deveres que a superação de sua vida impõe, tudo é possível para ele. O mau, o terrível, é quando não dispõe de tempo, pois uma vez que este se foi, já não poderá recuperá-lo, tendo então que lançar mão do tempo futuro. Mas acontece que, como esse tempo futuro chega trazendo outras séries de alternativas pelas quais o homem deverá passar, nem sempre poderá ocupá-lo para repor o tempo passado no cumprimento dos deveres relativos a ele, os quais estão ligados sempre a fatos e circunstâncias que, se repetidos, criam novos deveres, às vezes, ainda maiores.

Se não existe no ser humano a consciência do verdadeiro, a vida flutua entre a realidade e a ficção e, continuamente, este é induzido a atuar em sentido contrário à sua própria inspiração. Isso acontece porque, achando-se a inspiração no plano do ideal, é necessário estar em permanente contato com ela para poder andar pela senda da realidade, sem desviar-se nunca para a da ficção.

30

Influxo da vida sobre o despertar da consciência

Montevidéu, 14 de dezembro de 1946

Cada vez que visito esta Casa tenho a sensação de vir de outro mundo; e efetivamente é assim, uma vez que nem vocês sabem quando vou nem quando volto, nem tampouco eu poderia dizer em que data voltarei. De modo que sempre, entre uma e outra viagem, abre-se um parêntese que pode durar dias, anos ou séculos. Por isso disse que tinha a sensação de vir de outro mundo; e é assim – volto a repetir –, pois meu mundo mental é diferente dos demais; tão diferente que às vezes sinto como se me encontrasse dentro de uma enorme vitrina, pela qual todos podem ver como trabalho, como luto, enfim, tudo o que faço, ainda que sem compreender nem tampouco descobrir a exatidão de meus movimentos e sem que muitos dos que me observam possam explicar por que não conseguem imitar meus movimentos nem me seguir nas lutas, na atividade e em todos os pensamentos que ponho em ação para que sejam seguidos pelos demais.

Tenho ensinado a criar o mundo mental, o mundo próprio, ao qual se deve acostumar primeiro o temperamento, a fim de poder viver nele, e, depois, todos os pensamentos que queiram habitá-lo. Mas é necessário que esse mundo mental não se isole, que tome contato com outros mundos mentais e que esse contato seja de harmonia, de paz e não de antagonismos nem reações contrárias à natureza sã e nobre do espírito humano.

Viver porque sim é muito fácil; todos o podem fazer, sem experimentar maiores inquietudes que as que se promovem nas horas do almoço e do jantar e nas horas do descanso, quando o corpo sente a necessidade de colocar-se em posição horizontal. Entretanto, ninguém deveria ignorar que mesmo nessa posição se deve acostumar os pensamentos a permanecer em pé, pois eles não necessitam repousar uma vez que não se cansam nunca. Cansam, ao contrário, a mente, e esse cansaço que se estende depois a todo o ser pode, inclusive, alcançar os pensamentos. E o que acontece nesses casos? Que os pensamentos se tornam preguiçosos, e quando o ser solicita seu auxílio tropeça com mil desculpas por que não podem lhe servir, vendo-se necessitado, então, a buscar outros pensamentos e a criar novas atividades se quiser cumprir seus propósitos. Por

isso dizia que, ainda que se esteja na posição horizontal, ainda que a cabeça repouse sobre o travesseiro, os pensamentos devem estar em pé, sempre vigilantes e ativos.

A vida não deve terminar como terminam as horas do dia, agonizando em um entardecer. A vida tem que ampliar seus horizontes; tornar longas as horas da existência para que o espírito, encarnado na matéria, experimente a grandiosidade de sua criação. Para isso tem que se renovar no passado e no futuro. No passado, reproduzindo constantemente na tela mental todas as passagens vividas com maior intensidade; no futuro, pensando no que ainda resta por fazer, no que se pensou fazer e, sobretudo, no que se quer ser nesse futuro. E quanto mais gratidão experimente o homem pelo passado, quanto mais gratidão guarde pelas horas felizes vividas nele, assim como pelas de luta e de dor, que sempre são instrutivas, tanto mais se abrirá sua vida a novas e maiores perspectivas de realização.

Não fundamentem, pois, suas aspirações em coisas limitadas, que não conduzem mais que a fugazes momentos de satisfação. Levem seu pensamento a todos os âmbitos da Criação e busquem em qual deles vão atuar, e experimentarão assim os prazeres da existência pela própria natureza de suas reações internas. Cumpram o plano de evolução, conscientes de que chegarão gradualmente a concepções maiores no conhecimento que se abriu à inteligência humana, e verão como surgem prontamente estímulos poderosos que levam a realizar coisas jamais sonhadas e que dão a segurança de sua realização; mas devem conservar sempre a serenidade de espírito, a recordação do prometido a si mesmos para a conquista de seus propósitos, por-que se começam por não cumprir consigo mesmos, como vão cumprir com os demais? Como vão cumprir com Aquele que lhes deu todas as possibilidades para se assemelharem à sua Imagem?

necessário, pois, não passar por alto os ensinamentos, porque eles contêm chaves de inestimável valor para compreender os mistérios da Criação e os do ser.

Muitos tropeçam com uma grande dificuldade em sua relação consigo mesmos: não sabem como se tratar, se por senhor ou por você; e é certo que, quando se aborrecem, tratam por senhor, e quando se reconciliam, por você. É natural que tal dificuldade exista, se o ser não chegou a se conhecer bem. O comum é dar-se excessiva confiança; nestes casos, o que está dentro faz uso dessa confiança, mas depois sobrevém o rompimento de relações. É preferível, então, que o trato

consigo mesmo seja cada dia mais íntimo e, para consegui-lo, deverá se conhecer melhor. Desta forma, ao falar com os demais se evitará ser desmentido de dentro, enquanto se expressa um pensamento. Frequentemente, acontece de se conhecer pelos olhos quem não diz a verdade; isso ocorre porque quem se encontra dentro o está denunciando. Quantas vezes, enquanto a mente fala, o coração, pelos olhos, a está desmentindo! Por tal motivo, é conveniente estabelecer uma harmonia entre a mente e o coração, pondo ambos de acordo; e se uma ou outra vez a mente lança uma mentira, que nas demais não deixe de atender os conselhos do coração.

tão inesgotável este tema do homem... Ele já fez tantas coisas; tantas coisas mal feitas que, com elas, daria para preencher milhões de enormes volumes.

Há pouco tempo alguém me disse que o mundo parecia por momentos um inferno. “De fato – respondi-lhe –, porém se deve ser mais vivo que o diabo para não se queimar nele e, ainda, transformar as chamas desse inferno em adoráveis carícias.”

Com muita frequência se ouve dizer também que “a vida é um inferno”. É lógico que seja assim, uma vez que são contados os que se lembram do céu. Por isso, a única forma de o homem recordá-lo é fazer com que viva um pouco no inferno em que está submerso, porque de lá começará a refletir e a pensar no além e no aquém, e em muitas outras coisas; e assim como passou tanto tempo sem recordar de Deus, nesse inferno sua recordação O buscará com insistência, e ali, na dor e na angústia, aprenderá a chamá-Lo e a pronunciar Seu nome, não mais em vão, mas por verdadeira necessidade; a chamá-Lo como deve ser chamado, sentidamente, sob a garantia de uma recordação permanente, de um oferecimento constante da própria vida a seu Criador. Então, Deus o escutará e transformará o inferno onde vive em um paraíso de felicidade.

Todas as leis universais estão estruturadas sobre bases eternas. Elas castigam os que as infringem, mas se movem tão pausadamente que não se nota quando o fazem. Ninguém nota o movimento das leis para o castigo, e quando isto é percebido, a lei já se moveu sobre toda a humanidade, castigando-a sem exceção para que cada um recorde que as leis universais não devem ser violadas. Uns recebem o castigo pela infração, e os que não, para que tenham presente que não devem incorrer nela. É preciso, pois, evitar o desânimo pelas coisas que ocorrem, ocorreram ou possam ocorrer no mundo. É preciso encará-las com valentia, posto que se estivessem todos sob a terra, certamente estariam muito

tranquilos e não se preocupa-riam com o que aconteceu nem com o que acontece ou vai acontecer; mas como estão sobre a terra, com maior razão, pois ainda poderiam ser chamados para serem testemunhas de coisas muito grandes. Então, pode isto ser motivo de desânimo, de desgosto ou de temor? Não; não é possível.

Forjem, antecipadamente, a imagem da imperturbabilidade e prossigam seu caminho sem se deter. Cumpram as etapas com valor, com empenho e com alegria, pensando sempre em conduzir os passos, todos os passos, para o bem, para a superação, para o cumprimento daquilo que pensaram realizar para si e para os demais, procurando fazer com que nada impeça essa caminhada, da qual somente cada um pode ser obstáculo.

A maior pedra é aquela colocada pela falta de vontade, pelo desânimo, pela resistência em realizar algo. Para evitá-lo, para que o ânimo não decaia em nenhum momento nem o espírito se veja fatigado por movimentos estéreis da imaginação, convém renovar sempre os estímulos e manter ágil a vida; ágil em todas as suas manifestações, assim não irão ancilosar-se os pensamentos nem os sentimentos, nem nada do que tenha intervindo ou intervenha no processo da própria existência. Tudo deve ter vida: o passado, o presente e o futuro. Aberto assim o arco desde o passado até o futuro, a vida se amplia; já não fica limitada ao presente nem atada ao passado, nem teme o futuro, pois, aberto o grande leque da existência, vivendo o passado e o presente, e estendida a visão para o futuro, o ser haverá conseguido dominar a força cega com a inteligência de seus movimentos e, estando viva a recordação de tudo o que foi, fez, está fazendo e fará, terá já uma tarefa formosa, formosíssima, com que se ocupar.

Nada pode causar maior ventura ao ser humano que fazer desfilar constantemente pelo cenário de sua mente todos os fatos nos quais teve participação ativa; os ocorridos no passado, os que pertencem ao presente e ainda aqueles a que se propôs realizar no futuro, porque, no caso de não acontecerem, nesta projeção do pensamento sobre o porvir, mentalmente e antecipadamente estará vivendo no futuro.

Não se detenha o homem no presente. Não se interne no passado. Se olhar também para o futuro, amanhã, quando a morte puser fim à sua existência, terá vivido por antecipação o que já não poderá vi-ver impedido pela mesma morte. Haverá ganhado da existência um trecho a mais; haverá vivido parte do que não estava compreendido nessa existência. Em consequência, chegando ao final de seus dias, ao mesmo final de todos os demais, terá vivido parte do além, do que

está escondido no recôndito de todo o criado.

Esta é a função do homem: internar-se cada vez mais nas profundezas da Criação. A Criação está em todas as partes e, vivendo-se intensamente a vida, se viverá amplamente, ganhando esta um significado eterno e não passageiro, como as coisas que passam e se esquecem.

Sejam ativos permanentemente, como tudo o que Deus criou; como a própria Natureza, que está em constante atividade. Não repousem sobre o travesseiro levados pelo cansaço, mas sim para restituir energias. Com este único pensamento voltarão à atividade renovados, cheios de vigor, e cumprirão assim a grande missão que foi encomendada ao homem por Quem o criou.

31

Enfoques sobre temas de conjunto

Montevidéu, 14 de janeiro de 1947

Passei alguns dias nas praias do Leste; volto de lá reconfortado, pleno de energias. Necessitava muito deste descanso porque amanhã começa uma grande jornada de atividades, que espero cumprir com a mesma alegria e empenho de sempre. Ocorrerão mudanças fundamentais no desenvolvimento das novas atividades, e para enfrentar as lutas e dificuldade que possam se apresentar no caminho, em todos os terrenos, já preparei meu espírito. Levo em conta, também, ao empreender esta nova atividade, a satisfação de haver triunfado em grandes campos de ação; de haver triunfado depois de titânicas lutas, de intensos momentos vividos, uns após outros, em sucessão ininterrupta.

Quando chegou o instante do triunfo, recordo haver dito aos que me rodeavam: “Deus se pronunciou. Seja este triunfo uma oferenda que faço a Quem criou todas as coisas; e que esta oferenda, este ramo de rosas com os espinhos que protegem seus finos talos, seja todo um símbolo que, em eloquente linguagem, expresse o sentir de minha alma e leve em si uma só coisa, um só e único perfume: o da gratidão”.

Há aqueles que se regozijam com seus triunfos e engalanam sua personalidade com novas doses de egoísmo e vaidade. Eu quisera que todos os meus triunfos formassem um tecido, um tapete por onde passassem os anjos do Senhor. Não quisera conhecer jamais a traição de um momento de vaidade; prefiro a humildade no espírito. Somente assim os fracassos são mais suportáveis, as lutas se tornam mais suaves e não se está exposto a que a vaidade, ao sofrer um rude golpe, quebre o falso cristal da personalidade. Quisera que meu exemplo servisse de norte e guia para aqueles que seguem meu pensamento, e que cada passo que dê seja confirmado pelo avanço de meus próprios méritos e não atribuído a pretensos privilégios.
Estou no mundo como os demais homens da Terra e, da mesma forma que eles, me foi dada a oportunidade de conhecer, incursionando em todos os ambientes, tudo o que possa interessar a meu propósito, a meu propósito de bem, que é a grande obra de superação humana que venho realizando.

Disse, antes, que amanhã se inicia em minha vida outra grande etapa. É meu anelo que possam me acompanhar no pensamento, na palavra e na ação; que se renovem os ânimos; que vibre o entusiasmo e apareça em todos e para todos uma nova aurora promissora de um futuro pleno de felicidade. Mas é necessário entrar nesse futuro merecendo-o; deve-se ir para ele e não esperar que ele venha para nós. Indo para ele serão eternamente jovens; vindo ele para vocês serão eternamente velhos, porque esse futuro passará e passará, e todos irão envelhecendo sem conhecê-lo.

necessário meditar conscientemente acerca do conteúdo destas palavras; propor-se desde já a contribuir com algo mais para a obra; ser mais ativos; aprender a mover-se com mais agilidade nos ambientes em que cada um atue; deixar a prostração mental, a sonolência, que não leva mais que à inércia. Sejam ativos, ativos de verdade; dispostos a desenvolver uma atividade firme, segura e inalterável, e que seja contínua; isso engendrará vida em vocês e os preparará para entrar no futuro conhecendo-o de antemão.
indispensável, pois, viver os momentos históricos pelos quais vai passando a humanidade ao longo dos séculos, para que estas grandes culminações a que levam as épocas, quando os homens de-vem se aprestar para mudanças fundamentais, tenham seu significado na transformação integral do ser e em sua adaptação a novos tempos e ao futuro que virá.

Não ficar para trás; eis aí as palavras que devem estampar em to-das as partes onde possam ser vistas pelos olhos físicos e espirituais.

Não ficar para trás; avançar positiva e energicamente em busca de um amanhã melhor, sem desanimar na luta.

Aumentem, se possível a cada dia, as energias e mantenham o ânimo ágil, fazendo com que o espírito vibre cheio de alegria por algo que virá, por algo que cada um chamará para seu próprio bem.
Não se entreguem à tristeza nem à decepção, porque é o princípio da morte. Encham-se de entusiasmo; de entusiasmo sereno, sem gritos, sem alardes; desse entusiasmo que sentem as almas que sabem lutar e vencer. Não daquele das que caem nos primeiros com-bates porque gesticulam em demasia e gastam o fio de suas espadas antes do tempo.

Nesta, como em outras viagens, tive a oportunidade de falar com pessoas recém-conhecidas e todas elas manifestaram já ter alguma referência sobre o

ensinamento logosófico; um parente ou um amigo lhes havia falado dele. Quando isto acontece é porque a terra está preparada; convém, então, revolver os sulcos para que comece a surgir o trigo logosófico, o que vai dar a farinha para fabricar pães a granel e alimentar muitos dos famintos espirituais, que são a maioria.

E isso que lhes digo é uma verdade que comprovaram por si mesmos. Onde quer que vão, podem confirmar que o nome "Logosofia" é conhecido; que os ensinamentos e seu autor são conhecidos, por-que, ainda que não pareça, esse autor se move muito, anda por to-das as partes, e por onde passa tem a precaução de deixar cair uma ou outra semente de suas plantas favoritas. Depois, quando volta, quase sempre recolhe alguma flor. Se ele faz isso sem maior esforço, todos aqui também podem fazer.

Para realizar o bem, para levar a palavra sábia e amiga ao semelhante, é preciso estar preparado. Ofereçam, pois, seus melhores anelos, propósitos e esforços para que, em colaboração mútua, renovem-se as forças de sua vontade e cumpram neste ano uma atividade que complete dignamente uma das etapas mais brilhantes da história logosófica. Não devem esquecer que todos têm seu campo de ação, pequeno ou grande, mas sempre importante; os pequenos, porque podem ser grandes; os grandes, por-que podem ser ainda maiores.

Quero ter a impressão de que ninguém aqui desertará deste chama-do, e que irão se engajar nesta etapa de atividade intensa. Mas, se em seu transcurso se sentirem desanimar por um instante, chamem-me e virei reforçar seu ânimo com minha palavra, com minha ação e minha presença. A única coisa que peço é que estes chamados não sejam frequentes, e tenham presente que me agradaria se algum deles não fosse para pedir auxílio, mas para me oferecer o fruto do trabalho cumprido por todos, fruto que seria muito grato ao meu espírito.

No último número da revista Logosofia, em que foi publicado algo referente aos templos egípcios, puderam observar como os ensinamentos eram dados ali por meio de símbolos. Em todo simbolismo existe amalgamado um segredo que somente conhece aquele que o amalgamou, que esteve nele, pois não é possível que se revele desse segredo mais que uma pequena parte, por estar proibido dá-lo a conhecer em sua totalidade. A razão é muito simples: nem todos podem compreender aquilo para o qual não se capacitaram. É preciso, então, capacitar-se, trabalhar intensamente, para merecer a compreensão de tais segredos, visto que é impossível obter um conhecimento sem a prévia preparação requerida.

Aquele que recebe dinheiro sem ter cumprido antes um processo para ganhá-lo, vai gastá-lo facilmente, e tanto ele como quem o entregou logo ficarão sem nada, ainda quando o primeiro assegurasse ser capaz de duplicar o capital recebido.

Bem, farei referência agora a outro ponto, igualmente importante para o conhecimento de todos.

Não se deve esquecer que o chumbo serve para ser transforma-do em balas, que depois saem pela boca do canhão. É a única for-ma em que o chumbo, ao ser impulsionado pela pólvora, anda rápido. Com o chumbo da inércia também se fazem balas, e num dado momento estas mesmas matam todos os que, por inércia, permitiram que elas existissem.

Se não houvesse no mundo tanto chumbo, não haveria possibilidade de guerras, pois isto significaria que os homens teriam outra compreensão. Os ambientes se animariam, então, de um novo espírito de colaboração, e se suscitaria no mundo um verdadeiro concerto de ideias afins, e não contrárias; de ideias tendentes ao bem. Em uma palavra, os seres se encontrariam cumprindo a missão que cabe à humanidade: o aperfeiçoamento pela superação constante e a total eliminação da escória que arrasta ao longo dos séculos.

Nada pode ser mais negativo para o ser humano que se entregar à inércia, porque esta vai absorvendo-lhe a vida; e vida que se perde é uma parte dela que se tem a menos na vida que resta.

Disse em outra oportunidade que era necessário viver intensa-mente a vida e ainda internar-se no futuro para viver mais e ampliar todos os setores da atividade individual. Desta forma jamais se poderá sentir temor à morte, pois se estará vivendo com a vida. É ela a que estará dando o bem-estar espiritual e é ela mesma, também, a que estará cumprindo uma função sagrada: a de levar o ser à perfeição de sua imagem. Quem não fizer assim, quem se desviar desse caminho, estará sempre acompanhado de temores, sofrimentos e contrariedades estéreis.

Penso que todos amamos a vida, mas não pelo que a vida nos dá, e sim porque nos foi entregue para que façamos dela o melhor dos usos. Amamos a vida porque nos vem de Deus, que é Quem criou to-das as coisas; porque essa vida Lhe pertence e porque, amando nossa vida, amaremos a Ele. Portanto, cuidem dessa vida em sua forma, conteúdo e espírito, e orientem constantemente seus

pensamentos para as direções onde pressintam que vão encontrar algo que pertença a Aquele que lhes deu a vida. Que ao se inspirar em algo, sejam conscientes de que o objeto dessa inspiração pertence a Quem os criou; e não se esqueçam que toda inspiração deve nascer sempre como uma oferenda de realização: generosamente; nunca com intenções egoístas. Somente assim se podem superar muitas dificuldades na vida, no mundo, no contínuo batalhar e lutar contra os obstáculos que nos cercam. Se o homem conhecer qual é sua posição no meio em que vive, saberá conduzir-se conforme a conduta que essa posição determina, evitando os saltos que fazem perigar a estabilidade.

Meu grande anelo é que reine sempre a felicidade em todos, e que aumente dia a dia o entusiasmo e a fé nesse futuro que será seu, se o merecerem; que todos os aqui presentes desfrutem dessa nova vida que estão vivendo, enchendo-os de alegria e de esperança, e que em nenhum momento passe por sua mente pensamento algum que contrarie a boa disposição de seu espírito.

32

O equilíbrio no juízo dos valores

Montevidéu, 22 de março de 1947

Cada vez que devo dar impulso a algo, me agrada preparar antes o campo para que as rodas que vão conduzi-lo encontrem o caminho livre e possam, assim, ir muito mais longe. Vou, então, preparar o campo também nesta ocasião e, ao mesmo tempo, irei dando o impulso.

Mas não é questão de impulsionar as rodas sem saber em que lugar elas vão diminuir sua força, porque então fracassaria o cumprimento da aspiração, que seria a culminação do impulso. Deve-se saber onde poderão perder sua força, a fim de se estar pronto para dar-lhes um novo impulso; assim, elas terão um movimento continuado.

Venho dando muitos ensinamentos, já sabem, mas nem sempre puderam encontrar neles a resposta às perguntas que, embora não se formulem, existem em permanente incógnita dentro do ser. E não se formulam porque, para que se manifeste esse anelo de compreender algo mais do que se sabe, requer-se que surja antes a inquietude; por exemplo, a inquietude a respeito da própria vida. Para este ponto as minhas palavras de hoje se dirigem.

Apesar de serem muito numerosas as vidas que habitam este planeta; apesar de fazer tantos milênios que os homens e, natural-mente, a humanidade, caminham por este mundo, não se alcançou ainda a superação das condições que devem distinguir a espécie humana. Assim é como o mundo e os homens permanecem estanca-dos frente à sua impotência a respeito do que está além. Ninguém pôde penetrar nele porque custa muito ainda caminhar no que está aquém, no que está mais próximo do próprio ser, no próprio ambiente; em uma palavra, na esfera das atividades e da vida em geral.
Os homens vivem em todas as partes do mundo: uns estudando, outros trabalhando; uns lendo, outros escutando, e outros sem fazer nada; mas, entre a enorme quantidade de seres que se movem e cumprem suas atividades na ordem rotineira dos afazeres diários, promovem-se experiências instrutivas para o governo individual. Todos, sem exceção – uns mais, outros menos –, devem sentir diariamente, e algumas vezes de forma crua, a realidade dessas

experiências, cujo valor é muito grande. Pois bem, extrai-se devidamente o fruto de tais experiências? Faz-se delas o uso adequado? É disto, também, que vamos tratar nesta oportunidade.

Geralmente, não se faz qualquer uso e, quando alguém recolhe os resultados delas e os utiliza em suas atuações, o faz de forma egoísta, reservando os benefícios obtidos unicamente para si. Os que por algum motivo triunfaram ou vêm triunfando na vida, raramente dizem de que meios se valeram nem quais experiências lhes foram de maior utilidade para corrigir sua conduta; enfim, guardam para si o que, segundo eles, conquistaram à custa de muitos sacrifícios, de muitas preocupações ou de muitas amarguras.

Assim, pois, todos – visto que quem priva outros de auxílio sofre, por sua vez, as consequências do mesmo erro por parte de seus semelhantes –, ficam em uma total orfandade, desamparados pela mesma ignorância de tantos conhecimentos que poderiam ser conquistados por meio de tais experiências. Na verdade, se cada um oferecesse a seu próximo o conhecimento que delas se depreende, muitas experiências bastante dolorosas poderiam ser evitadas.

Não existem escritas, em parte alguma – porque possivelmente a ninguém foi dado abarcar semelhante empresa –, as inúmeras experiências pelas quais o ser humano está exposto a passar durante sua vida. Daí que a juventude se encontre completamente órfã de conhecimentos e carente de quem possa guiá-la com verdadeiro acerto pelo mundo no qual penetra, evitando-lhe dar tropeço após tropeço e livrando-a, com isso, do que costuma afetar enormemente o coração, a mente e o espírito nessas ternas idades. Não quero dizer com isso que se deva oferecer-lhe a mais absoluta facilidade, aplainando totalmente o caminho a percorrer, pois isso seria tão absurdo como o anterior; mas sim, facilitar-lhe em parte o percurso desse caminho, ajudando-a nos momentos difíceis com a luz do conhecimento extraído das experiências, com o objetivo de evitá-las. Isto seria uma obra grande, capaz de chegar a infundir muita confiança na humanidade.

A maioria dos seres, para não dizer todos, entra no mundo, repito, às escuras, sem saber aonde vai nem o que quer: os desejos de hoje são as torturas de amanhã; as aspirações se mesclam com as paixões que as anulam, alternando as fortes comoções internas com as inclinações naturais do ser. Que possibilidade se pode ter, então, de encaminhar a vida para uma determinada finalidade, quando se ignora o que se deve fazer e com o que se deverá contar para alcançá-la?

É evidente que se confia ao acaso o que deveria ser confiado ao conhecimento de tais coisas; não digamos à própria experiência, porque, quando chega o momento de confiar nela, já se caminhou muito e a familiaridade com as dificuldades é tal que as experiências se tornam meros incentivos de treinamento para manter ágil a recordação das passadas. É quando o homem, já capacitado, pode-ria oferecer a seus semelhantes seus conselhos acertados. Isto seria um ato generoso, caridoso, de grande valor.

Não se deve esquecer que, assim como o ser humano está carente de conhecimentos, com muita frequência supre essa carência com um enorme volume de vaidade, orgulho, soberba e super-estimação pessoal. E é aí, justamente, quando se equivoca; quando seus passos encontram as pedras que o fazem tropeçar, pois quando a cabeça se ergue impulsionada pela soberba, os olhos não podem ver por onde se caminha.

Encaminhar a vida não é tarefa fácil; não é tarefa simples. É necessário abrir primeiro o entendimento para que os eflúvios do conhecimento penetrem nele; mas abri-lo gradualmente, em uma absorção progressiva de luz que, iluminando a inteligência, ajude a compreender o verdadeiro valor das coisas, que não é o que comumente se lhes atribui.

É preciso chegar ao equilíbrio no juízo dos valores para poder discernir, em relação direta consigo mesmo, qual é o valor real que cada coisa possui. É habitual aumentar a dimensão de um valor e diminuir a de outro, conforme as conveniências ou as circunstâncias; mas isso não altera em absoluto seu valor efetivo. Aquele que o aumenta ou diminui é quem se expõe a sofrer as consequências. Assim, por exemplo, alguns costumam dar um valor excessivo a algo determinado e lhe dedicam grande parte de sua vida; tanto, que até chegam a deixar que esta seja absorvida integralmente. Mas eis que essa vida, ao ser absorvida por esse algo a que foi concedido um valor desmedido, se deprecia quanto à produção de valores positivos, porque o ser perdeu a plena consciência do equilíbrio sobre o valor das coisas.

É possível que nesse instante minhas palavras não sejam compreendidas com clareza. Isto é lógico, visto que estou tratando de um tema profundo; mas, naturalmente, elas devem propiciar um despertar, uma inquietude. Eu apresento uma pergunta e promovo uma inquietude sobre ela; cabe, portanto, aguçar o entendimento para alcançar seu significado.

Bem, voltando ao pensamento que estava desenvolvendo, acrescentarei que existem pessoas que passam a vida dedicadas ao culto de um valor e, quando envelhecem, se dão conta que esse não era o único, nem o melhor, nem o maior, nem o que mais lhes convinha, e que, ao mesmo tempo que prestavam culto a esse valor, podiam ter feito o mesmo com muitos outros, consagrando a seu cultivo idêntico empenho, constância e entusiasmo. Digo isto porque, apesar de os seres terem a sensação de que quando deixam de respirar já não existem, posso assegurar-lhes que não é assim, que tal coisa é uma ilusão, por-que a existência não pode se reduzir a uns tantos anos de vida. O que acontece é que, quando se deixou de respirar aqui, se começa lá, para onde se deve evitar ir carregado com muitas coisas, uma vez que essa carga impedirá elevar-se mais rapidamente.

Para isso, convém que a vida se expanda na vida dos demais; que, enquanto o ser existir, exista também parte de sua vida na dos semelhantes; assim, quando deixar este mundo, seguirá vivendo nele, e isso, justamente, é o que o ajudará a elevar-se mais rapidamente e a regressar depois. No transcurso das gerações vão se cumprindo as etapas de vida física, e quanto mais a vida do ser tenha se estendido nas obras, no exemplo e em tudo o que tenha sido capaz de criar infundindo vida, tanto mais contribuirá isso para identificar a si mesmo em seu regresso.

Estou certo, muito certo de que, aquele que quer tudo para si, pensa que o que acabo de dizer não é verdade, pois sabe que ele está entre os que não irão voltar. Até nisso é egoísta! Quem, se pudesse ir buscá-lo, iria fazê-lo se ele nunca fez nada de útil para ninguém? Ao contrário, com que satisfação iríamos em busca daquele que viveu entre nós e deixou nas almas uma confiança que nunca tiveram e nos corações uma esperança que, como chama de viva luz, permitiu à vida manter-se feliz no calor de seus afetos! Quem não iria em busca daquele que foi grande na concepção de suas ideias e generoso na amplidão de seu espírito, sabendo que voltaria a escutar suas palavras cheias de vida e a vitalizar e fecundar com elas seu espírito?

Eis aí a diferença, a simples diferença que existe entre uma vida e outra: a fecunda e a estéril, a altruísta e a egoísta.

Novamente quero chamar a atenção sobre qual deve ser a com-preensão da vida, da missão sobre a Terra; a compreensão do que aconteceu, acontece e

acontecerá. Certamente que não é fácil. Mas o conhecimento logosófico, que, como a gota de água que perfura a pedra, penetra gradualmente no entendimento criando defesas, acalmando inquietudes ilógicas e promovendo inquietudes lógicas, anulando aspirações insensatas e despertando aspirações sensatas, pouco a pouco corrige a rota e corrige também o andar do caminhante, apressando seu encontro com o ideal que forjou para si e que durante tanto tempo procurou, enquanto dava voltas e mais voltas sem poder alcançá-lo nunca.

Certamente já leram o primeiro artigo publicado no último número da revista Logosofia. Ali está bem clara a definição de pessimismo e ceticismo. Quero acrescentar, não obstante, umas palavras mais. Por meio delas poderão ver como a falta de defesas mentais, de recursos mentais, anula muitas vezes o entendimento; o reduz, o limita, e termina por privá-lo de toda compreensão.
O pessimismo é um pensamento criminoso que, entrando com ânsias de extermínio na casa mental, mata todos os pensamentos que vêm em auxílio de quem está em perigo e necessita de ajuda para sair dessa situação difícil. Daí o vazio mental que encontramos no pessimista. E é lógico que assim seja: se todos os pensamentos morreram metralhados pelo pensamento pessimista, o que vamos encontrar? Nada mais do que os cadáveres daqueles que poderiam ter servido para ajudar a encontrar uma solução. E mais ainda: o pessimista se anula porque pensa que a vida termina por causa de uma simples contrariedade, de um revés ou um momento crucial, e esquece tudo o que tem pela frente, tudo o que lhe resta por viver, entregando sua vida, abandonando-a nos braços da negação, do desespero ou da indiferença, que é igual. Esquece mais ainda: esquece que, embora a vida lhe pertença por ser ele quem a desfruta e quem se serve dela, não a deve atirar, como um despojo qualquer, à boca de lobos famintos.

A vida deve ser cuidada e enaltecida; devem-se cultivar todas as possibilidades que contém e fazer delas um jardim, ainda que seja só para ter a ventura de recolher, de vez em quando, de cada planta que a própria mão semeou, cultivou e aperfeiçoou, uma flor. O conjunto de todas essas plantas serão as obras realizadas; as flores, as consequências úteis dessas obras. Mas a planta principal, a planta humana, na qual se concentram todos os movimentos da concepção interna, essa merece o maior dos cuidados e a maior atenção. E sendo necessário pensar em cada dia no que se fez por ela, eu pergunto: surgiu a inquietude promovida por essa interrogação? É indispensável que surja e, frente a ela, responder, se não com fatos, pelo menos com a intenção do pensamento decididamente dirigida para a consumação desses fatos, que irão coincidir sempre com o aperfeiçoamento das qualidades do ser.

Se o homem deixa que sua mente seja absorvida pelas preocupações diárias ou por qualquer outra coisa que direta ou indireta-mente possa atraí-lo, será impossível dedicar mesmo a menor parte de seu tempo à eliminação de suas deficiências, ou o que é igual, ao aperfeiçoamento de si mesmo. Mas se chegar a encontrar seu próprio centro de gravidade, se conseguir encontrar dentro de si o grande estímulo para poder experimentar depois a ventura que produz toda transformação que eleva o ser, certamente que, a partir desse momento, sua vida ganhará outro alento e suas faculdades atuarão de maneira muito diferente.

Não é possível inspirar confiança a outros quando essa confiança não existe em si mesmo, nem esperar o respeito do semelhante se, frente a ele, o próprio interessado está faltando com o respeito à sua pessoa. Tampouco é possível transmitir uma verdade quando se carece da consciência de sua realidade. Com tais erros, o ser se mo-verá de um lado para outro, porém jamais chegará a realizar nada. É necessário ter a posse do convencimento, a segurança do conhecimento; do contrário, chegada a oportunidade de querer oferecer a outros o que generosamente foi concedido a ele mesmo, faltará a consciência daquilo que se oferece, e todos terão direito de duvidar de quem não demonstra ser dono do bem que quer transmitir.

Eis aqui uma das principais preocupações que cada um deve ter: a de criar em si mesmo a segurança sobre o que conhece. Esta se cria quando as vacilações e as dúvidas são eliminadas, e sinal evidente de sua eliminação é quando não se interrompem o empenho e a ação ao ir em busca de um conhecimento ou de uma verdade que supera as próprias condições e eleva a vida.

Há pouco dizia a alguns amigos que costumava semear nas páginas da revista Logosofia, em áreas diferentes e à semelhança de como se semeia um extenso campo, ideias de diversas espécies, para poder fazer um dia, quando quisesse colher toda essa semeadura, de cada espécie um grande silo, isto é, um grande livro. As diferentes atividades que desenvolvo durante o dia, classificadas em sua ordem correspondente, são também como semeaduras que, unidas, vão dando depois um resultado. Se fizerem o mesmo, encontrarão uma grande felicidade interna, pois conseguirão experimentar o que significa dominar as próprias possibilidades; regular as aspirações, as ambições, e manter o equilíbrio, esse equilíbrio tão necessário em todos os movimentos, primordial na vida de superação e no caminho do aperfeiçoamento, no qual se abrem as perspectivas, se multiplicam as possibilidades e se afiança o espírito ante o ser

positivamente confiante em sua própria capacidade.

Quando se habituarem a submergir sua mente, sem interrupção, nessa água mental que Deus criou para que os homens vivam e se nutram e se mantenham de pé; quando banharem todos os dias sua mente nessa água cristalina das perfeições, que faz perdurar no ser a sensação de eternidade, dessa eternidade da qual são fragmentos como existência, verão que todas as angústias da vida física diminuem de tamanho, porque estarão dominando esses momentos que para muitos parece que abrangem a vida toda. E sentindo a eternidade em si mesmos, farão com que esses momentos não sejam mais que meros episódios de sua vida; serão minimizados ao passar por cima das dificuldades num salto mortal para a eternidade. É as-sim que se sente e experimenta a eternidade da vida, segura no ser como físico, perdurável no ser como espírito. E então já não causarão dano à sua vida nem à de seus semelhantes com angústias inúteis enquanto se precipitam esses momentos que parecem abranger tudo, e continuarão a caminhada, triunfantes, para a conquista do supremo bem pelo aperfeiçoamento.

33

Caracterizando realidades objetivas

Buenos Aires, 17 de maio de 1947

Quando se observa o crescente número de pessoas que chegam a esta Instituição em busca do conhecimento logosófico, é lógico pensar que isto se deve a que se sintam atraídas por sua força construtiva e pela valiosa contribuição de seu ensinamento. Se não fosse assim, se alguém tivesse pensado encontrar outra coisa, nesse mesmo instante se haveria equivocado.

O conhecimento não se busca com os olhos nem se encontra por-que sim, ao acaso. É preciso preparar antes o espírito para recebê-lo; e isto se faz cultivando a inteligência, pondo o campo mental em condições para as observações que irão fertilizá-lo.

Nesse afã natural de todos os seres humanos por descobrir as chaves que abrem as portas da Sabedoria, é imprescindível que cada um ponha sua matéria-prima; o primeiro elemento para elaborar a nova individualidade. De nenhuma maneira é possível aceitar que, num vaso velho, se possa colocar um conteúdo generoso{2}. É necessário, pois, preparar o vaso para receber esse conteúdo e isso, natural-mente, é um dos primeiros imperativos exigidos pela Lei que rege todos os conhecimentos.

Há muitos anos, a Logosofia vem se dirigindo aos que a praticam para depositar em suas mãos porções de elementos valiosos e de suma utilidade, imediatamente aplicáveis ao cultivo do próprio campo mental, isto é, ao aperfeiçoamento das condições e da vida integral do ser. Tem demonstrado, por meio de seu ensinamento, quão possível é a capacitação do indivíduo em sua máxima realização, quando o fim que este busca é inspirado pelo bem.

Pelas portas da Instituição Logosófica, fundada há dezesseis anos, desfilaram muitos seres. Uns ficaram; outros se foram. É o mesmo processo da vida: uns nascem, vivem, permanecem no mundo; outros vivem nele um tempo muito breve e se vão. Os que matam dentro de si um ideal, uma aspiração ou um anelo, formam o cortejo desse fúnebre processo que leva sempre ao mesmo lugar, intranscendente e estéril.

Nossa Instituição está regida por normas comuns a qualquer instituição, porém gravita sobre ela algo mais; uma lei superior, encarna-da no afeto, que permite a cada um encontrar afinidade e simpatia nos demais, e aos corações vibrar em uníssono, num sentir inspirado na superação pelo conhecimento e pela emancipação total das travas mentais, produto dos pensamentos perniciosos que obstruem o livre desenvolvimento da inteligência. Eis aqui o valor da lei do afeto.

Nada é possível construir no bem se não se põe nesse empreendimento algo da própria vida; e esse algo deve estar representado no que mais calor dá a essa vida, que é o afeto a tudo o que existe na Criação e, em especial, aos semelhantes que afinam com os pensamentos e sentimentos.

Nestes momentos de grandes transições mundiais, em que os homens não se definem e todos querem fazer prevalecer sua razão aferrando-se a ela como se fosse a mais elevada, o conhecimento logosófico avança lento, mas seguro, e pergunta aos que pretendem ter a razão, expondo-a com toda soberba como se fosse a última palavra: o que é a razão? É frente a esta pergunta que aparece, projetando-se sobre a tela do mundo, a triste realidade dos que nada sabem sobre ela, em sua elevada acepção.

Pois bem, a razão produz razões, das quais depois fazem uso a inteligência, a imaginação ou as paixões. Além disso, é muito frequente ver como são confundidas as razões com a razão, que é como confundir os efeitos com a causa. Os homens se empenham em sustentar razões baseadas em determinado fato ou episódio, as quais consideram leis inalteráveis. Fazem isto sem pensar que a razão cria razões para cada circunstância e que, portanto, cada uma dessas razões não tem por que servir em todas as circunstâncias, uma vez que sempre variam os fatores que concorrem para a formação de fatos ou casos, de per si eventuais. Para evitar todos os inconvenientes derivados desta lamentável confusão, a Sabedoria Logosófica recomenda exercer o poder de adaptação em cada fato ou situação que se vive, recorrendo sempre à razão superior que as leis universais indicam ao homem.

Quem poderia dizer, então, que este ou aquele tem razão, se em toda razão exposta se percebe claramente o motivo que a sustenta? Têm sido expostas na mesa mundial das opiniões, por acaso, as razões que contemplem uma razão superior a todas, que seria a da conservação da raça humana? Não; até este

momento, não. Enquanto os demais interesses não forem relegados em favor deste e todas as razões se concentrarem na razão mencionada, ou seja, a conservação da espécie humana, qualquer outra razão será inútil para alcançar uma compreensão cabal dos deveres humanos e estabelecer uma paz duradoura no mundo.

Quão doloroso é ver esquecidos os princípios sagrados da geração humana, que fizeram os homens superiores aos demais seres que habitam a Terra! Quando se descuidam desses princípios, quando se pretende voltar o homem à condição de nômade, se está dando um grande passo para trás e, com isso, um grande golpe na consciência individual.

Não se infringem as leis impunemente e, muito menos, as estabelecidas por Quem criou o Universo; e se o ser humano foi dotado de uma inteligência e de um coração para que experimentasse as sensações e as reações de seu temperamento e de seu espírito, é porque Aquele que o criou instituiu, implicitamente, a unidade humana, o homem, com o objetivo de que estabelecesse dentro de si o princípio da Criação, sentindo por si mesmo – por estar habilitado para isto e por ser inócuo o auxílio de outras consciências – a realidade de sua existência mediante a comprovação de sua capacidade de pensar, discernir e sentir, e ainda de instituir, com a participação de sua inteligência e de seu coração, o juízo favorável ao equilíbrio normal de sua própria vida.

Pretender deslocar esse equilíbrio humano equivale a destruir a individualidade. Destruída a individualidade, desaparecem as reações que promovem no espírito a sensação de existir, de ser, de criar, de viver e de guiar-se livremente pelo mundo, com o auxílio de todos os elementos postos ao alcance do homem para que desfrute de tudo o que foi criado no Universo.

34

Responsabilidades supremas dos homens

Montevidéu, 4 de outubro de 1947

Já é inquestionável que o conhecimento logosófico tem a virtude de reativar a inteligência e promover no espírito de quem o cultiva novos impulsos em direção a seu aperfeiçoamento.

Na vida comum, individual ou coletiva, geralmente se carece desse imponderável auxiliar que é a palavra que fecunda o campo mental; palavra que promove estímulos que depois se convertem na força dinâmica que incita a andar cada dia um trecho a mais por esse longo caminho da vida, no qual, à medida que se avança, surgem novas interrogações e incentivos.

Quando se estende a visão pelo panorama que as perspectivas do presente e futuro da humanidade oferecem, não se pode senão experimentar uma profunda e justificada preocupação. Para poder alcançar as origens e surpreender as causas – cujos efeitos, ocorridos em grandes distâncias de tempo, se tornam quase que incompreensíveis, por não se haver encontrado uma explicação que satisfaça a ansiedade com que cada ser humano busca desvendar o mistério –, é necessário remontar a visão a todos os processos seguidos pelos povos que formam a humanidade.

Naturalmente que as primeiras interrogações que se abrem com caráter universal são as seguintes: Que força invencível tem arrastado tantas vezes os povos para a guerra? Por que pairam sobre o mundo presságios de grandes epidemias morais, políticas e sociais? Por que há tanto mal na Terra? Por que tantos padecimentos? Por que essa infinidade de coisas que atentam contra a vida e a felicidade dos homens? E enquanto alguns o atribuem a isto ou àquilo, a causa verdadeira parece não ter sido encontrada por ninguém. Se nos dispusermos a buscá-la e nos remontarmos ao longo das idades, percorrendo, para encontrá-la, todos os tempos, certamente a encontraremos. Essa causa é a soma de todos os erros cometidos pelos seres humanos. Todos os males que se padeceram, padecem e padecerão, foram e serão sempre consequência de seus erros.

E como ninguém está isento deles, todos – uns mais, outros menos – têm que

sofrer os efeitos. Se é no campo político, por exemplo, os governos cometem equívocos, sucedendo-se uns aos outros sem que nenhum corrija o mal feito pelo seu antecessor; é lógico então que, por esta causa, sobrevenham momentos difíceis, amargos, nos quais a lei, inexorável, faz cumprir a restituição do equilíbrio. Tantas correções dos erros passados e tantos novos erros cometidos se combinam e recombinam, formando-se assim um emaranhado, do qual, às vezes, é muito difícil sair. Também no campo econômico, em um comércio ou em uma indústria, por exemplo, em que se mal gastam os recursos, chega um momento em que o capital se esgota e se deve começar de novo, fazendo as naturais correções para sanar as finanças. Em todos esses casos se experimentam as consequências dos instantes de grande liberalidade ou desordem. No caso da saúde, se ela é descuidada e ainda desperdiçada, sofrem-se igualmente os conseguintes efeitos, manifestados em doenças, dores, enfraquecimentos, etc.

De modo que – é bom repetir – a soma de todos os erros humanos é o que faz existir tanto mal no mundo. E isto, como é lógico, leva a refletir que, se no mundo inteiro houvesse consciência desta verdade e todos se propusessem a conduzir-se de acordo com uma conduta superior, tratando de cometer o menor número possível de erros, a humanidade poderia entrar numa etapa de desenvolvimento evolutivo muito mais feliz que as anteriores.

Este seria, também, o único meio de se alcançar a paz, visto que se a realização de uma conduta superior se estendesse pelo mundo como uma necessidade imperiosa, imprescindível, o futuro por viver não seria afetado. Porque, na realidade, todos os erros em que se incorre afetam o futuro, do mesmo modo que os erros de ontem, ou seja, os que precederam à atual etapa da vida, afetam o presente.

A indiferença para com os erros, tanto os que se vêm cometendo como os passados, é o que semeia muitas desgraças e desventuras para o futuro. E isso acontece tanto no individual como no coletivo.
Todo erro em que se incorre terá inevitavelmente sua repercussão, pela qual sempre se terá que esperar, porque, cedo ou tarde, a lei exigirá uma reparação. Corrigir o erro é, pois, evitar sua consequência. Controlar os movimentos, tratando de produzir acertos em vez de erros, é semear o bem futuro, bem que será tanto para si como para o semelhante.

Existem verdades tornadas conhecimentos que, assim como as chaves, tanto viram para um lado como para o outro. Quando giram para a direita, abrem as

portas do entendimento; quando giram para a esquerda, as fecham; tudo depende de como se queira usar. Se conservar essas chaves é um bem, é igualmente certo ser um mal perdê-las ou fazer delas mau uso.

Cada um buscará na história de sua própria vida os males que sofreu ou precisou sofrer, e analisará se estes são o resultado de seus próprios erros ou dos erros dos que o precederam. Ao fazer isso, buscará também a forma de diminuir os efeitos dessas consequências, produzindo, como dissemos antes, acertos em vez de erros. Se este trabalho fosse efetuado por todos no mundo inteiro, não passaria muito tempo antes que se notasse um enorme alívio na humanidade, pois o peso opressor que representa tanto mal acumulado teria diminuído consideravelmente.

Deve-se ter muito presente que os erros se manifestam não somente nos fatos, mas também na palavra e no pensamento. Um pensamento equivocado pode fazer incorrer em erro se não é descoberto a tempo e neutralizado ou anulado antes de ganhar corpo e aparecer em um dos tantos atos que se realizam na vida.

Prosseguindo com o tema dos erros, acrescentarei que estes costumam ser invisíveis para quem os comete, porque o mesmo estado de embriaguez com que comumente cada um superestima sua pessoa, o impede de vê-los. Ao dizer embriaguez, quis expressar o contrário de sensatez, porquanto se o ser estivesse de verdade em sã consciência, poderia julgar-se mais razoavelmente, mais humanamente, advertindo que, ao não existir nele a segurança no acerto, se expõe a errar. Como é natural, para poder julgar-se com equanimidade, será também necessário cultivar o senso da precisão, que regula os movimentos do pensamento, da palavra e dos atos, com o qual se poderá ver, por exemplo, que o que se faz com precipitação, por impulso, por paixão, ou levado por um momento de entusiasmo desmedido, conduz sempre ao erro, salvo, logicamente, raras exceções.

Não deve passar despercebido, a quem se propõe realizar um propósito, a imagem que nesse momento está exercendo atração sobre ele, qualquer que seja sua espécie, assim como a responsabilidade que lhe incumbe sobre seus atos, pensamentos e palavras, tendo muito em conta que, quando estas se materializam, cedo ou tarde sobrevêm as consequências, favoráveis ou desfavoráveis. Assim se eliminará aquela tendência de jogar a culpa nos outros pelo que cada um mesmo faz.

Tudo o que venho dizendo deve levá-los a refletir que o erro é humano; e sendo

humano, humana deve ser também a tolerância. E sendo humana a tolerância, é igualmente humano e razoável que os seres se ajudem mutuamente, se não a corrigir seus erros, pelo menos a evitá-los, visto que todo erro que se consegue evitar é um mal que se afasta do futuro.

A falta de seriedade na afirmação do que se diz é um dos tantos erros que causam confusão, semeiam desconfiança e fazem com que os prejuízos não se façam esperar.

Tal insensatez, ao subverter a verdade, faz com que o homem pense que um embuste cada vez maior apagará o anterior. Mas não é assim: sua maior dimensão não destruirá nunca os embustes expressados anteriormente, que permanecerão igualmente de pé. Te-mos a prova naquilo que aconteceu a um personagem que já não existe, que disse uma vez que, para convencer a multidão, eram necessárias grandes mentiras. Afinal, ocorreu que estas o apanharam, tendo terminado seus dias tomado pelo pânico provocado por suas próprias mentiras, pois havia desencadeado com elas uma força que o consumiu e exterminou. Isto explica como o homem pode desencadear com seus embustes forças que depois se voltam com violência contra ele, justamente quando menos espera e quando mais desejasse afastar o mal de si. O embuste é como uma bola, cujo rebote é tanto mais forte quanto maior é o impulso que recebe.

Para explicar melhor certas contradições que o ser humano apresenta em seus pensamentos e conduta, bastará formar a imagem que nos mostra metade realidade e metade ficção. Ver-se-á, assim, com quanta frequência ocorrem os chamados “mal-entendidos” ou as interpretações errôneas, que se devem ao fato de, em mais de uma oportunidade, atuar somente uma das metades; e bem se sabe o quanto uma ideia se hipertrofia sob a sugestão do entusiasmo desmedido ou da ilusão. Daí também a dificuldade para edificar um conceito sólido e inalterável da própria pessoa. Somente ao refletir sobre a conduta seguida durante a vida, o ser se convence do quanto é necessário viver melhorando--a empenhada e constantemente, uma vez que o resultado dos pensamentos, palavras e atos é o que inspira o respeito e a confiança. Ambos, respeito e confiança, se forjam por meio da repetição incessante dos atos de bem, visto que ninguém muda o material com que construiu uma parte de sua casa (prestígio), por outro de qualidade inferior, se o utilizado é à prova de ciclones.

A dualidade mencionada obriga o ser a se controlar continuamente, e é na luta contra essa metade artificial que desenvolve a parte que lhe assegura a posse do

bem para sua vida e consegue sobrepor-se à adversidade. O empenho constante de superação é o dínamo que move a vontade do homem para a conquista de sua integridade moral.

Se cada um pensasse seriamente nisso e procurasse fazer com que a verdade triunfasse sempre em seus pensamentos e atuações, veria que, à medida que se consagra, vai sendo menos difícil amparar-se na realidade, porque então será a própria realidade que governará seus atos. Quantos há que, vivendo na aparência da verdade, devem desmentir a si mesmos em cada ocasião!

Se o homem tivesse presente em todos os momentos de sua vida que os pensamentos, palavras e atos o ligam a seus semelhantes e também a seu passado e a seu futuro, facilmente compreenderia que dele depende forjar sua felicidade ou sua desventura. Certa-mente que não é tarefa fácil a do aperfeiçoamento das qualidades humanas, mas ela fica amplamente compensada com o bem que tal realização favorece.

Ao fazer um exame de seus valores, o homem não deve superestimar o que deve ser a justa medida do próprio conceito. É preferível que os demais deem a pauta a respeito do valor de seus merecimentos. Desta maneira, saberá regular sua conduta a fim de que a parte que nele existe floresça a cada dia, dando-lhe uma flor a mais de felicidade para adornar essa vida tão atribulada, tão penosamente vivida, por causa, repito, dos males que o ser deve sofrer por efeito dos erros do passado e dos que comete no presente.

Cada dia se faz mais necessário que o homem confronte os momentos que a humanidade vive com sua própria conduta, para ver se é possível diminuir essa montanha imensa de erros que ameaça arrasar o mundo; coisa fácil de fazer quando, esforçando-se em diminuí--la, se comporta como deve, como a lei exige: sã e lealmente.
Faça-se, pois, o indispensável para que logo se possa respirar no mundo o ar feliz da paz. Para isso bastará, tão somente, que uns poucos seres ponham seu empenho em fazer com que sejam muitos os que sigam esse exemplo.

Conseguir que as próximas gerações sejam mais felizes que a nossa, será o maior prêmio a que se possa aspirar. Não haverá valor comparável ao cumprimento dessa grande missão, que consiste em preparar para a humanidade futura um mundo melhor.

35

O conceito da precisão no aperfeiçoamento individual

Buenos Aires, 9 de agosto de 1948

Para preparar o campo mental, para preparar o espírito dos que me escutam a fim de assegurar os benefícios que os ensinamentos trazem, devo recorrer a uma série de reflexões que facilitem sua clara compreensão. Iluminar as mentes no conhecimento logosófico implica, muitas vezes, a realização de um trabalho verdadeiramente hercúleo. Todos – uns mais, outros menos – têm em suas mentes uma série de pensamentos, de conceitos, opiniões, preconceitos, e enfim, de tudo o que comumente forma o acervo pessoal. Para iniciar-se na vida logosófica e fazer com que o conhecimento chegue a fundo e cumpra sua finalidade, deve-se, como é natural, corrigir conceitos, enfoques errôneos do critério pessoal e muitas outras coisas contidas no referido acervo.

É este um trabalho paciente, sereno e tenaz, que se cumpre à medida que o ser vai predispondo seu espírito à realização da verdadeira evolução consciente para a qual é guiado. Começa assim uma nova vida quando a consciência desperta para todas aquelas coisas a respeito das quais permanecia como que sonhando. Deste modo, chamado o ser à vida consciente, sua mente permanecerá em constante atividade e poderá alcançar o objetivo almejado sem maiores dificuldades.

Todos os seres humanos vivem a vida, porém, evidentemente, nem todos são conscientes daquilo que vivem no curso de seus dias; e não o são porque muitos detalhes, grandes e pequenos, passam despercebidos, permanecendo muitas horas do dia vazias, ou, pelo menos, sem que tenham consciência alguma de tê-las vivido.

A Logosofia aconselha e propõe exercer um controle das atividades mentais, bem como da conduta diária, para que, no fim do dia, cada um seja dono do que viveu, registrando-o na consciência. Ao discriminar com imparcial reflexão sobre o resultado de seus esforços, isto é, sua produção, e em que ocupou o tempo de que sua mente dispunha, verá quais foram as horas férteis e quais as estéreis. As dedicadas ao estudo constituem um ato de produção, bem como o tempo que se dedica ao processo de evolução consciente e a toda outra atenção

que assuma caracteres construtivos. Falamos aqui da produção superior, ou seja, da que deixa saldos favoráveis para o espírito. O trabalho rotineiro já não o é, se a vida é destinada a ele, excluindo-a de toda outra preocupação superior. A criação de um pensamento ou de um projeto, como também a realização de um ato de bem, de um gesto generoso, são fatos de uma vida produtiva, sendo, portanto, tempo fértil, isto é, produção. As horas em que a mente divaga, sem se ocupar com nada ou fazendo-o em coisas sem importância, é tempo estéril, tempo transcorrido sem viver, tempo que passa sem deixar na consciência nenhuma recordação do vivido nessas horas que, em muitos, se prolongam pelos dias, meses e anos.

Mediante esta forma de observação se verá como a vida vai se tornando muito diferente do que era antes, quando passavam horas, dias, meses e até anos sem que nada se fixasse nela. Há mais ainda: é necessário escrever; registrar diariamente, para si mesmo, os pensamentos férteis que se teve e os fatos que constituíram atos dignos de uma nova vida, não se esquecendo de anotar todos os momentos vividos infertilmente. Deste modo, se verá que os últimos terão sido maioria, enquanto que os momentos em que a mente produz e impulsiona o ser a atuar conscientemente terão sido minoria; mas chegará o instante em que esse aspecto negativo mudará e a vida se tornará fértil. Quando isso acontece, a vida se amplia, e o ser, tendo presente a vida que antes passou despercebida, esterilmente, experimenta agora com toda intensidade essa amplidão, ao ter consciência de todos os momentos vividos, por meio dos quais experimenta a verdadeira sensação de existir.

Mas, naturalmente, para chegar a penetrar nos conhecimentos logosóficos requer-se uma vocação superior; se requer prodigalizar--lhes um tempo, como a todas as demais coisas da vida e, também, uma atenção e uma dedicação que não devem ser interrompidas. Dessa maneira, as compreensões se seguirão uma após a outra, complementando-se e aperfeiçoando-se. Os conhecimentos vêm imediatamente depois das compreensões.

Quando a própria vida começa a experimentar os benefícios do conhecimento logosófico, tudo vai mudando de aspecto, pois já não se veem as coisas com os olhos de uma mente geralmente distraída, indiferente ou semi-adormecida, constantemente fatigada por tantas atividades infférteis do dia, senão que se veem de modo diferente, isto é, com a mente atenta. É natural que quando as coisas começam a se manifestar, despertem interesse. Quando se penetra em um quarto escuro o qual se vai iluminando gradualmente, se perceberá pouco a pouco tudo

o que há nele. Somente então começará o interesse por ver essas coisas, por estudá-las e avaliá-las, pois antes, por não haver luz, não despertavam interesse algum, uma vez que, apesar de existirem, não haviam tomado contato direto com a inteligência, porque esta não as via. Do mesmo modo, quando não há luz na mente, quando se permanece às escuras a respeito de tantos conhecimentos que existem, estes, apesar de existirem, não podem ser descobertos pelos olhos dos que não estão capacitados para vê--los, sendo como se não existissem. Salvo essas duas, ou três, ou dez preocupações da vida diária, é como se não houvesse nenhuma outra coisa digna de ser tida em conta pelos que levam, as-sim, uma existência comum. Ao contrário, tais conhecimentos existem para os que souberam tomar contato com as coisas cria-das, com as coisas que estão em cada parte, em cada lugar por onde transitam ou por onde costumam passar durante a vida. É que aquele que desperta sua vocação superior, converte-se em um verdadeiro investigador, em um trabalhador incansável que busca o saber, o verdadeiro saber, que é o conhecimento que não somente dá a satisfação de possuir algo mais, como também expande a vida dotando-a de uma força superior; isto que é o grande e o interessante para todos.

Penso ter dito, da vez anterior, que cada um devia se internar em seu próprio mundo e que o saber logosófico os guiaria, levando-os pela mão, ao longo do caminho que conduz àquele, iluminando-os para que, no caminhar, fossem vendo mui-tas coisas. Disse também que, quando encontrassem pedras ao passar – que seriam os preconceitos e os falsos conceitos –, iria afastando-as para que cada um pudesse avançar sem tropeços; que quando encontrasse de súbito algo belo, algo digno de deter a caminhada, diria a um ou outro, para expressar a alegria do achado: “Veja! Achei uma virtude! É sua! E você, mesmo tendo-a, não a conhecia!” Mas disse também que, do mesmo modo, quando encontrasse uma pedra, exclamaria: “Detenha o seu passo: é um defeito!” E a afastaria imediatamente do caminho. Se o primeiro fato deve ser motivo de alegria, o segundo não deve causar dor, mas alegria também.

Este é o ensinamento que penetra profundamente na alma, que faz sentir e experimentar a vida, guiando, ao mesmo tempo, para um mundo de conhecimentos do qual era impossível sequer suspeitar que existisse. Os conhecimentos logosóficos são muito diferentes dos que se costumam recolher em uma ou outra parte, por pertencer e estar conectados à própria vida do ser. Isto explica por que tomam tanta força e tanto significado, fazendo com que, à medida que avança, cada um se sinta fortalecido, com o ânimo renovado, experimentando a sensação da verdade que opera interna-mente, transformando.

Desse modo, a vida estéril se converte em existência feliz, cheia de forças e de experiências nobres e grandes para o porvir.

Assim, cada um pode ir profetizando a si mesmo. Medindo o que fez até esse momento, no curso de um ano, pode estabelecer, sem dúvida alguma, o que poderia fazer no ano seguinte permanecendo alheio ao cultivo do conhecimento logosófico, e o que fará com sua ajuda, enquanto sua vida vai se transformando. Em mais cinco anos, contará já com tempo para antecipar os avanços que, a julgar pelos anteriores, poderá alcançar. Mas se estancar, se deixar de se preocupar com sua evolução, ocupando o tempo no externo, em olhar para os outros em vez de olhar para si mesmo, os dias, os me-ses e os anos passarão como antes. Não é o ensinamento logosófico o que deve se internar no mundo de cada um, e sim o próprio espírito é quem deve percorrer o caminho, renovando a vida até alcançar sua máxima perfeição.

Este é um trabalho delicado e paciente, no qual cada um deve pôr o melhor de si mesmo; trabalho no qual se avançará serena e conscientemente, tratando de realizar tudo aquilo que não se tem e de eliminar tudo o que se tem e não serve. Assim, por exemplo, quem carece de paciência deve criar a virtude da paciência, e quem não tem tolerância deve criar a virtude da tolerância; do mesmo modo, quem é intolerante deve eliminar sua intolerância e quem é impaciente deve eliminar sua impaciência.

Por outro lado, no campo mental logosófico os juízos devem ser bem amadurecidos, e nunca temerários nem levianos, pois quem assim fizer correrá o risco de equivocar-se lamentavelmente. Todo juízo que hoje se possa formar sobre qualquer coisa será modifica-do invariavelmente, porque, para estabelecer um juízo, é necessário possuir um conhecimento perfeito do que se julga; se o conhecimento é incompleto, incompleto será o juízo. Deverá, portanto, ter-se presente que todos os juízos ou opiniões que se possam formular sobre algo são momentâneos. Desse modo se evitarão muitos equívocos, sobretudo quando um desses juízos, encontrando-se na mente, for alterado por algum pensamento formando uma obstinação, difícil de eliminar depois. Bem se sabe que toda obstinação cria dificuldades e reações, inconvenientes a um estado natural e positivo para a educação logosófica.

Todos devem ter em conta estas palavras e saber que, de forma gradual, paulatina, deve-se desenvolver na mente o verdadeiro sentido ou conceito da precisão.

Para isso, é imprescindível familiarizar-se com a Logosofia em todos os seus aspectos; não é possível pensar que, lendo ou escutando seus ensinamentos, já se terá uma impressão e uma opinião cabal sobre ela. Depois de lê-los ou escutá-los, é necessário ainda meditar muito sobre eles; na meditação amadurecem reflexões muito valiosas. Mais tarde se vai associá-los à vida, aplicando-os em cada oportunidade; se um ensinamento é mal aplicado, a forma de aplicá-lo poderá ser corrigida depois, fato este que permite ampliar seu conhecimento.

Não é, pois, questão de se pensar que o conhecimento logosófico seja algo que se obtenha facilmente, bastando ler, escutar ou receber explicações dos demais; é preciso aprender a aplicar o ensinamento à vida e vivê-lo em toda a extensão da palavra. Vive-se o ensinamento quando este preside, diria, quase todos os instantes da vida, e não, como muitos poderiam pensar, falando o dia inteiro de Logosofia. Uma vez assimilado, se atuará de acordo com ele, e assim, sem mencioná-lo, o ensinamento aparece, porque, ao ser vivido, se converte em exemplo no ser; e o exemplo fala com mais eloquência do que a palavra. É lógico, então, que quem segue o ensinamento e faz do conhecimento logosófico um verdadeiro culto em sua vida, deva transparecer esses conhecimentos mais com o exemplo do que com a palavra.

36

A arte de ensinar e a arte de aprender

Buenos Aires, 19 de agosto de 1948

Entre a arte de ensinar e a arte de aprender existe uma grande diferença, não obstante ambas se acharem intimamente vinculadas. Geralmente, quem começa a aprender o faz sem saber por quê; pensa que é por uma necessidade, por uma exigência de seu temperamento, por um desejo ou por muitas outras coisas, às quais costuma atribuir esse porquê. Mas quando começa a vincular-se com aquilo que aprende, vai despertando nele o interesse, ao mesmo tempo que se reanimam as fibras adormecidas da alma, que começa a buscar, chamando ao estudo, os estímulos que irão criar a capacidade de aprender.

Entretanto, o que é que o ser aprende, e para que aprende? Eis duas indagações às quais nem sempre se podem dar respostas satisfatórias. Aprende-se e se segue aprendendo, adquirindo hoje um conhecimento e amanhã outro, de igual ou de diferente índole. Primeiro se aprende para satisfazer às necessidades da vida, procurando conquistar uma posição por meio do saber e, ao mesmo tempo, solucionar muitas das situações que a mesma vida apresenta. Quando se concluem os estudos, é como se na mente ocorresse uma desorientação: tanto o universitário, ao obter seu título, como aquele outro, ao concluir sua especialização. Enfim, quando essa vida de estudos termina, começam as atividades nas diversas profissões, o que paralisa a atividade anterior da mente dedicada ao estudo; muitos até chegam a esquecer aquela constante preocupação que antes tinham, de conseguir cada dia um conhecimento a mais, encontrando-se como os que, tendo concluído o percurso de um caminho, não sentem a necessidade de dar um passo a mais, por não achar o incentivo de um objetivo capaz de propiciá-lo. É esta uma das causas de onde provém tanta desorientação nos seres humanos.

Por outro lado, os que, além dos estudos da profissão, aprendem outras coisas, aprendem, muitas vezes, sem ter verdadeira consciência disso. Acumulam uns tantos conhecimentos, mas de-pois – salvo exceções – não sabem o que fazer com eles; não sabem usá-los para o seu próprio bem nem para o bem dos demais. Assim é como são vistos aprendendo ao acaso, aqui e ali, sem ter um guia que os leve para uma meta segura e lhes permita fazer, de tudo, uma aprendizagem útil

para si mesmos e para seus semelhantes.

Ao dar a conhecer seus ensinamentos, a Logosofia deixa claro que existe uma imensidão desconhecida para o homem, na qual ele deve penetrar. Dá a conhecer, além disso, que enquanto se interna nessa imensidão, que é a Sabedoria, isto é, enquanto aprende, pode também ensinar. Porque a arte de ensinar consiste em começar ensinando primeiro a si mesmo, ou, dito de outro modo, enquanto por um lado o ser aprende, por outro, aplica esse conhecimento a si mesmo e, ensinando a si mesmo, saberá depois como ensinar aos demais com eficiência.

Dissemos no começo que a arte de ensinar é muito diferente da arte de aprender. Efetivamente, tratando-se do conhecimento transcendente, que guia para o aperfeiçoamento, não se pode ensinar o que se sabe se, ao fazê-lo, não for refletida, como uma garantia do saber, a segurança que cada um deve dar com seu próprio exemplo. É aí, justamente, que a arte de ensinar torna--se difícil, porque não se trata de transmitir um ensinamento ou mostrar que se sabe isto ou aquilo; quem assim fizesse se converteria em um simples repetidor do ensinamento, em um autômato, e seu trabalho careceria de qualquer eficácia. Outra coisa é quando, por meio da palavra de quem ensina, coincidente com seus atos, vão se descobrindo qualidades relevantes; e outra coisa é, também, quando se vai manifestando a capacidade de assimilação naquele que escuta e aprende; então, quem aprende, aprende de verdade, e quem ensina, ensina conscientemente.

Um ensinamento pode ser transmitido bem ou mal por quem ensina, mas o fato de transmiti-lo mal não tem porque implicar em má intenção ou má vontade; comumente é transmitido de forma errônea por não ter sido bem entendido, vivido e incorporado a si mesmo. Quem assim faz não possui, certamente, o domínio do ensinamento, que permite não esquecê-lo mais; e está longe de ser como aquele que, de posse de uma fórmula, pode reproduzir seu conteúdo a qualquer momento. Esquece o ensinamento quem não teve consciência dele e, por isso, encontra-se na mesma situação de quem aprende. Essas particularidades da arte de ensinar e da arte de aprender devem ser tidas sempre muito em conta.

Para cultivar essas artes, quando se aprende, é preciso situar-se sempre na posição mais generosa, que é a de aprender sem mesquinhez, a de aprender para saber dar, para saber ensinar, e não com objetivos egoístas, fazendo-o para usufruto próprio, exclusivo, que é, em última análise, a negação do saber.

A Sabedoria Logosófica prodigaliza-se, por isso, aos que mais tarde saberão ensinar, aos que terão em conta, ao fazê-lo, todos os detalhes que comumente passam despercebidos e depois travam o entendimento dos seres.

Quem é generoso ao aprender, é generoso ao ensinar; mas nunca se deverá exceder nessa generosidade, pretendendo ensinar antes de ter aprendido.

É necessário conhecer a fundo a psicologia humana, para descobrir todos os subterfúgios que existem no complexo e misterioso mecanismo mental do homem.

Quando se inicia a heroica empresa do próprio aperfeiçoamento, é necessário acostumar-se a caminhar com firmeza, sem vacilações nem desacertos, buscando sempre a segurança no próprio conhecimento, e quando aquela não existir, este deve ser cultivado, para que se consiga obter esses frutos que fazem, depois, a felicidade interna.

Falando agora do conhecimento logosófico, deve-se advertir que, ainda que pareça, este não é igual, definitivamente, ao conhecimento comum. Tem uma particularidade que o distingue e que cada um percebe, comprova e confirma à medida que vai realizando seu processo de evolução consciente. Esta particularidade se manifesta no fato de que estes ensinamentos servem para ser usados na própria vida; aplicando os conhecimentos que deles emanam numa observação diária de si mesmo, consegue-se uma superação constante, que leva a compreender, mais adiante, o caráter universal do Saber Logosófico. Isto deve ser recordado a todo o momento, para se tratar o ensinamento como ele é: algo novo para o próprio saber individual, algo que se deve tomar com todo carinho, com toda dedicação, sem descuidar nunca de nenhuma de suas indicações.

O conhecimento transcendente, ou seja, o logosófico, expressa tudo que o homem pode conhecer ao internar-se nos arcanos da Sabedoria. É a tocha convertida em luminária que, passando de mão em mão, pelas gerações, seguirá iluminando a vida dos que buscam no aperfeiçoamento de si mesmos a própria inspiração; inspiração que também surge observando-se os sábios e nobres exemplos que a história registra, e que, igualmente, registra o coração humano quando presencia todos os casos em que um homem surge acima dos demais, mostrando os caracteres inequívocos de uma estirpe superior.

A Logosofia tem, pois, a missão de arrancar o homem dos planos inferiores de consciência em que se encontra, para levá-lo, gradual-mente, passando por processos alternados de superação, a conquistar o domínio consciente de suas possibilidades humanas. É então quando deixa de ser um homem comum, um ser comum, para converter-se em ser superior; capaz de transmitir seus conhecimentos aos demais e auxiliar os que carecem de vontade para poder sobreviver às penúrias que devem suportar na vida.

Quantas vezes não ouvimos um ou outro dizer que desejaria encontrar a si mesmo? Acaso, estas palavras, um tanto angustiadas, não dão a entender que se perdeu de vista, ou que se extraviou, uma vez que não pode encontrar-se? Em iguais ou semelhantes condições muitos recorrem à fonte logosófica. Não seria o caso de se perguntar aqui como pensam encontrar-se? Os que buscam a si mesmos, têm sequer uma vaga suspeita do que na verdade são? Iriam se reconhecer ao se encontrar? Formaram uma imagem exata daquele a quem buscam? Porque aconteceu mais de uma vez que, quando chega a oportunidade de serem apresentados ao ausente, exclamam ante ele: “Este não sou eu, até parece!” E continuam depois a busca, cada vez mais infrutífera. O que acontece, simplesmente, é que formaram uma falsa imagem do que pessoalmente creem ser, e o resultado é que cada um busca, em vão, a quem sua ilusão adornou generosamente com qualidades e virtudes. Ninguém quer ser, portanto, aquele que na realidade é; daí a desilusão ao encontrar-se.

Tendo em vista essa realidade, a Logosofia permite, com seus conhecimentos, realizar um claro discernimento do problema, e auxilia, com elementos de juízo de grande valor, a quem anela se superar, inclinando-o à tarefa de realizar um processo consciente que culminará quando se converter naquele que antes havia imaginado, sem que na realidade o fosse. Desse verdadeiro encontro consigo mesmo surge o despertar promissor de uma vida fecunda, destinada a cumprir altos desígnios de bem.

A vida é o campo experimental onde ocorrem as lutas e onde cada um vence ou é derrotado; mas é, também, o cenário onde o espírito se tempera verdadeiramente e onde, pouco a pouco, com grande vontade e entusiasmo, vai se lavrando um novo e elevado destino.
Tudo isso, naturalmente, convida a refletir com serenidade. Cada um terá que tomar a decisão de seguir firmemente sob a direção do conhecimento logosófico, ou desistir dele, por inércia, arrastado para outros caminhos. Se a decisão de seguir for tomada, será necessário caminhar sem se deter, estudando, analisando,

observando e tirando sempre, de cada observação, felizes conclusões.

37

Em busca do conhecimento causal

Buenos Aires, 16 de setembro de 1948

Tocarei esta noite em alguns pontos de grande importância para a vida. Com o conhecimento que a consideração de cada tema traz, naturalmente, pode-se estabelecer com grande facilidade a diferença fundamental que existe entre a concepção logosófica das coisas e as concepções comuns.

Muitas vezes foi dito que é necessário ser bom e que se deve fazer o bem. Isto foi repetido de várias formas e, poderia se dizer, quase que em todos os lugares; mas sempre aconteceu que, depois de serem escutadas estas palavras, não se teve um conceito claro do que elas significam nem de como realizar o que recomendam.
Tão logo nasça o propósito de ser bom, o sensato seria formular a si mesmo estas perguntas: “Dizem-me que devo ser bom e este é meu propósito, mas, que devo fazer para alcançá-lo? De que maneira devo proceder? Com que meios conto?” A mesma coisa quando se trata de fazer o bem: “Que devo fazer? De que forma? Com que meios?” Poderiam surgir ainda outras indagações: “Como comprovarei que sou melhor a cada dia? Que fatos o demonstrarão? Como comprovarei que fiz o bem? Por meio de que fatos poderei confirmá-lo? Uma longa série de indagações poderiam ainda seguir às anteriores, porém se não se conta com nada mais que o propósito de ser bom, isto não bastará para consolidar uma compreensão ampla de cada indagação formulada. Passarão depois dias, meses, anos, épocas talvez, e aquelas exortações de ser melhor e de fazer o bem serão relegadas ao esquecimento pela mente, continuando-se na posição da maioria, que faz o bem inconscientemente, seja a si mesmo, seja a seus semelhantes, isto é, sem ter real consciência de que na verdade são melhores ou de que fazem o bem.

Traçarei, em seguida, uma imagem que irá explicar e fazer com que se compreenda a magnitude desse pensamento que guarda tão louvável propósito. Todos aqui têm um passado e um presente que conhecem; mas também têm um futuro que não conhecem. Durante sua vida, o ser vai criando um futuro que é a consequência ou o resultado da forma como viveu seu passado e está vivendo seu presente; daí que, analisando-se estes dois períodos de tempo, não seja difícil

predizer o que poderia acontecer no futuro, porquanto as predições estão baseadas sempre no conhecimento do passado. Natural-mente que nem todos conhecem esse passado, ainda que creiam o contrário. Na maioria dos casos é ignorado, porque a mente humana, ao esquecer tão facilmente tudo o que faz de mau, recordando somente o bom, pode-se dizer que não conhece esse passado. Tal é, pois, o passado que todos creem conhecer de si mesmos, e estou certo de que, se cada um pintasse sua própria imagem com seu passado, lhe colocaria uma auréola bem visível atrás da cabeça. Mas o certo é que, assim como se levam em conta as coisas boas que se fez, também há Quem leve em conta todas as más. Estas últimas são dívidas que, inexoravelmente, mais dia, menos dia, terão que ser pagas.

Assim, quando ocorre um contratempo, quando acontece o que cada um considera um mal ou uma desgraça, o atribui à fatalidade, à má sorte, ao destino; enfim, a muitas coisas, sem que nunca asso-me na mente humana o pensamento que aponte a própria culpabilidade ou o causador desse mal, que é o próprio ser.
Pois bem, é completamente lógico que se tenham cometido muitos erros ou se tenha feito tanto mal; mas isto não deve ser motivo de pesar algum, quando no presente se tem a oportunidade de possuir, de um modo certo, o conhecimento que permite saber como o ser pode se proteger contra os males do futuro, pois se tem já algo grandioso; algo que deve encher o coração humano de sã e verdadeira alegria.

Sabendo positivamente que, ao melhorar as condições do ser, aperfeiçoando-as ao máximo, se está assim fazendo uma obra de bem, isso já expressa com grande eloquência que, enquanto se está ocupado nesta obra, é muito difícil que se pense em fazer o mal. E, ao estar ocupado em uma obra tão digna e tão elevada como é a do próprio aperfeiçoamento, tenham a certeza de que isto significa abrir um mundo de possibilidades para se fazer o bem, e que todo bem que se realiza com plena consciência de seu significado é um mal a mais que se desvanece entre aqueles que, por ignorância, foram cometidos. Assim é como cada um vai cumprindo uma missão redentora dentro de si mesmo, sem que se acumulem em seu futuro as consequências de erros cometidos que devem necessariamente ser desatados da vida humana algum dia, sendo esse o momento em que o ser humano se liberta e deixa de ser oprimido pelas recordações que costumam sobrevir subitamente nos momentos graves, como que para mostrar as consequências que em tais momentos seu causador deve sofrer.

De posse do conhecimento causal se lavra, pois, um porvir; forja-se um futuro,

que já não é incerto, para a vida de quem está vigiando constantemente todos os seus atos, seus pensamentos e suas palavras, para que estes não provoquem mais danos do que os provocados nos tempos em que não se era capaz de ser consciente desses mesmos atos, pensamentos e palavras.

Esta tarefa do aperfeiçoamento individual que, como foi dito, não é impossível, embora seja difícil, pode chegar a ser fácil à medida que se vá compreendendo profundamente a importância que tem e que terá para a vida a obra que deve ser realizada dentro de si mesmo. Mas é necessário cuidar muito dos detalhes, porque estes podem entorpecê-la e torná-la fatigante e até pesada.

Muitos, por exemplo, entre as tantas deficiências que apresentam, têm a de incomodar-se frequentemente por pequenas coisas; isso, como é natural, impede que a capacidade de reação atue com serenidade e reprima o movimento interno de incomodidade. Para isso, é necessário acostumar-se com todos os incômodos; sentir felicidade até nos momentos em que a comodidade nos falte, pois devemos aprender a sentir-nos cômodos em meio a todos os incômodos. Desse modo, se conseguirá vencer a referida deficiência; depois, qualquer coisa nos proporcionará um grande prazer, até a menor comodidade, aquela que antes teríamos desprezado, pensando que merecíamos muito mais.

Outra coisa da qual se deve desfazer quando se busca um melhoramento é o pensamento de que os outros nos sirvam, uma vez que, se fosse assim, deixaríamos esquecido nosso ser, a quem nós mesmos devemos servir. Por outro lado, querer que os demais nos sirvam, permanecendo nós mesmos indiferentes às necessidades alheias, transforma-se numa pretensão, e as pretensões têm o vírus da violência, por não haver nelas nem aspiração nem anelo. A pretensão sempre quer se impor; é algo caprichoso que fecha os olhos da consciência para inflamar a imaginação com coisas irreais. Assim, os seres chocam-se uns contra os outros, desviando cada vez mais da rota que devem seguir, justamente porque a pretensão, ao manifestar-se, não invoca nenhuma razão além da proveniente de um desejo incerto, que o próprio ser não sabe explicar.

A aspiração, ao contrário, é sã e elevada; busca-se sua realização pelo próprio esforço, sem escorregar nunca pela encosta da pretensão, que, como disse, é um sinal de violência.

Cada ser humano deve aprender, pois, a servir a si mesmo, a ser capaz de realizar com bom ânimo seus próprios afazeres. Desse modo, com seu exemplo poderá

ajudar os demais na adoção desta conduta, tão prática quanto benéfica. Fica também entendido que jamais deveremos nos sentir incomodados ou desconfortáveis; é preciso dominar essa deficiência e estar sempre bem dispostos; somente diante de uma boa disposição os incômodos e os pesares fogem, os quais, com frequência, provocam o homem até fazê-lo cometer coisas que nem sequer havia pensado.

Esta é uma nobre tarefa que cada um, como operário de si mesmo, deve ir realizando, por traduzir-se numa obra que representa a própria vida e na qual conseguirá obter para si o mais elevado pagamento que se pode receber, que é a felicidade conquistada pelo esforço individual, que não prejudica ninguém, ao contrário, ajuda os demais a que possam também realizá-la para serem igualmente felizes, aumentando, assim, a própria felicidade e tornando possível o cumprimento de todos os anelos, ao facilitar com isso a Obra Magna da Criação.
É necessário que se compreenda isso sem levar a mente além de onde vão as palavras e de onde elas se situam. De outra maneira não será possível obter compreensões claras deste ensinamento que, como um banho de luz, iluminará suas mentes. Dia após dia sentirão um novo vigor, um novo ânimo, ao mesmo tempo que aumentará sua capacidade para fazer o bem conscientemente, certos de focalizar os conceitos em sua verdadeira essência e de alcançar compreensões inequívocas das coisas que irão servir depois para o próprio aperfeiçoamento.

38

O senso da colocação como norma de conduta

Buenos Aires, 23 de setembro de 1948

Um dos tópicos que tratarei nesta oportunidade é o da coloca-Vou me referir sobre como se colocar na época que compete a um atuar, em meio às circunstâncias que surgem em função acontecimentos diários e, enfim, em todos os momentos que o presente e o futuro oferecem ao ser.

Assim, por exemplo, quando se observa o que acontece no mundo, no mesmo instante se experimenta ansiedade frente ao futuro, tanto pelo que há de vir, quanto pelo que há de ser da própria pessoa. São muitos os que vivem em uma constante desorientação, temendo esse futuro que, em outras épocas, os seres esperavam cheios de confiança, alegria, entusiasmo e fé. Hoje é esperado com temor e só se pensa nos dias muito sombrios que aguardam a humanidade; é como se no presente se estivessem vendo sinais que pressagiassem horas trágicas para ela. Mas o que ninguém pensa é em como se colocar no presente e no futuro para enfrentar com valor, com energia e com fé consciente tudo o que possa acontecer nos dias de amanhã.

Para tal fim, é necessário recorrer sempre às fórmulas supremas estampadas em cada grande conhecimento, para que elas, como tochas luminosas, iluminem a consciência dos seres em meio aos dias escuros que possam sobrevir. Para isso, fazendo-se de claro intérprete entre as fórmulas supremas a que me referi e o entendimento de cada um, a Logosofia indica normas de conduta para que os seres saibam situar-se em posição segura, a fim de ficar, se possível, imunizados contra o mal.

Vejamos: o homem possui uma capacidade de resistência que nem sempre é conhecida ou provada por ele; essa capacidade manifesta-se, na maioria das vezes, em instantes de grandes perigos ou de grandes sofrimentos.

Geralmente se afirma – pois é pensamento comum – que não se-ríamos capazes de aguentar ou resistir a isto ou àquilo; entretanto, colocados à prova em momentos de grandes sofrimentos e dificuldades, nos damos conta, não sem certo assombro, que somos capazes de resistir ao que não acreditávamos possível

e ainda a muito mais. Com assombro – disse –, isso se comprova nas situações difíceis, reconfortando-se o espírito sem danificar as bases da moral e nem as do próprio ser físico.

Daí, pois, a necessidade de saber-se capaz de resistir a grandes sofrimentos, contrariedades e perigos; e quando a consciência desse pensamento se tiver fixado, o ânimo deverá ser mantido sempre disposto a suportar as maiores calamidades, porque é assim que poderão ser superadas com mais inteireza, serenidade, resignação e compreensão as contrariedades e sofrimentos de menor grau que aqueles inicialmente supostos.

Esta é, em síntese, a tradução dessa fórmula suprema para saber se colocar e se preservar de muitas coisas, cujas causas essenciais residem em si mesmo. Tratando de não provocar o mal nem criar dificuldades, sofrimentos ou perigos por própria culpa, cada um terá vencido a primeira grande batalha pela conquista do bem, reservando então todas as suas forças e energias para preservar-se das causas alheias a si mesmo; dessa forma, o mal será menor, assim como o sofrimento, os perigos, as contrariedades e tudo o que atenta contra a vida. Isso é habituar-se a caminhar pelo mundo evitando ser cada um a causa de seus próprios males. Certamente, existe grande diferença entre sofrer os males que o próprio ser se cria e que, de acordo com nosso julgamento, devemos considerar como sendo justos, e os males que deve-mos suportar injustamente, isto é, sem nossa culpa.

Pudemos apreciar, pelo exposto, que, salvo raras exceções, ninguém sabe se colocar em relação a esse futuro no qual cada um fixa sua atenção; em outras palavras, ao que se quer ser ou possuir. É necessário fazer penetrar profundamente o olhar dentro de si mesmo, a fim de comprovar qual é a própria capacidade criadora para produzir energias e para resistir à ação de todos os elementos que se oporão a nossas aspirações. Podemos ter um grande propósito, por exemplo, e nos dispormos a alcançá-lo com nosso esforço, afã e entusiasmo; no entanto, a inércia, o desestímulo, o descuido ou a desatenção se opõem, atentando constantemente contra a boa disposição que criamos para alcançar tal propósito. Qual é a capacidade para resistir e ainda anular a ação dos elementos que atentam contra nossa boa disposição? É isso, antes de mais nada, o que se deve buscar dentro de si mesmo, pois é muito fácil perceber todos os projetos que são forjados diariamente, para que o ser, passado algum tempo, ainda se encontre dizendo “vamos ver”.

Não é possível ir ao encontro do futuro com as mãos vazias, com o ânimo decaído, com desgosto, carentes de vontade, arrastando atrás de si enormes calhamaços de ideias embrionárias, como se com isso se quisesse demonstrar que houve boa vontade para projetar. Nesse caso, melhor seria que o ser humano permanecesse imóvel até conceber o luminoso pensamento de finalmente realizar esse projeto, constituindo-se em uma verdadeira entidade humana, capaz de realizar o que concebe ou o que cria.

Este é, pois, o momento de centrar bem a mente, aprendendo a julgar os tempos do passado e do presente; somente assim cada um poderá atrever-se a julgar sobre o futuro, tomando por base o que tenha conseguido fixar como norma no presente e como norte para o futuro. Poderemos, então, caminhar firmes, serenos e seguros pelo mundo, sem temor de que esse mundo caia sobre nós.
Há algo em que muito poucos pensam quando veem aparecer o futuro sombrio, cheio de ameaças e de tremendos fantasmas trágicos: o que esse futuro pode pretender de nós? Levar nossa vida? Mas por acaso a vida não está em perigo a cada minuto? Não escapamos a todo instante de perigos por onde quer que seja? Se tivermos este pensamento bem situado na mente, pensaremos com toda sensatez que o futuro sombrio nada mais é que um perigo a mais que poderemos contornar com o mesmo risco do tijolo que poderia cair subitamente sobre nossas cabeças. Afastado assim o pensamento de incerteza, concentraremos todo nosso esforço no trabalho amplo e grande da própria superação, e feliz será o momento que levar consigo o último minuto da vida, se nos encontrar realizando tão nobre, grata e sublime tarefa, pois levaremos, como derradeira recordação, a última coisa que fizemos para nosso próprio bem, que implica, também, no bem dos demais.

Com esses instrutivos ensinamentos, poderão forjar em suas mentes o conceito da colocação ante o futuro, visto que eles abrirão, ao mesmo tempo, diversas sugestões às quais poderão corresponder projetando, sobre cada uma delas, seu próprio sentir e pensar, o que lhes permitirá identificar-se com o pensamento que convida a meditar e impor a si mesmos uma conduta superior.

A força do conhecimento logosófico acelera as mentes, dotando-as de energias e aquietando os pensamentos que se agitam em seu interior e travam o livre movimento das faculdades. Obtido o domínio individual, será fácil comprovar o quanto é diferente o estado psicológico, moral e espiritual alcançado pelo ser, se comparado com o de todos aqueles que o cercam em seu andar pelo mundo.

Geralmente, em todas as mentes se nota a presença de pensamentos vagabundos; e os chamo assim porque não fazem nada a não ser vagar de uma mente a outra. São pensamentos dos quais não se conhece a origem, mas cuja presença se nota facilmente, porque em seu percurso pelas mentes não fazem mais do que perturbá-las, agitando-as e enchendo-as de falsos temores. Mas a mente de quem cultiva a Logosofia deve acostumar-se a saber pensar e a dirigir seus próprios pensamentos, para que nenhum deles possa convertê-lo em mais um fantoche, dos tantos que esses pensamentos agitam e anulam.

Se todos se esforçarem em trabalhar com estes conhecimentos, aprofundando-os até alcançar seu mais alto significado, certamente conseguirão saber como colocar-se no presente e no futuro. Apenas isso já constitui um bem muito grande, por se tratar de elementos de grande valor para a própria defesa, que servirão para imunizá-los contra o mal. De cada um depende evidenciar essa defesa, pondo em prática o aconselhado; mais adiante comprovarão se foi possível experimentar uma verdadeira felicidade ao aplicá-lo à sua vida, beneficiando-se com seus belos e grandes resultados.

Não obstante, devo insistir que é necessária a melhor disposição de ânimo para dominar este ensinamento, a fim de ser útil a todos, no mais amplo sentido da palavra.

Para resistir aos momentos de desgosto, de pesar, de aflição, de violência e de mal-estar, é necessário acostumar a fazer todas as coisas, até as menores, com verdadeiro gosto e jamais com desagrado. Custando o mesmo trabalho, os resultados são opostos. Melhor dizendo: custa mais quando são feitas com desgosto, porque neste caso o trabalho se torna mais pesado. No que me diz respeito, costumo fazer tudo com o maior prazer, como se para cada coisa extraís-se de mim mesmo o sumo da felicidade. Isso se deve ao fato de não fazê-las friamente, como coisas sem vida, realizadas por obrigação e alheias a tudo o que me pertence. Desse modo, o que com tanto gosto faço aqui ou ali, ganha vida, fala e se move, por lhe ter dado meu calor, minha vida e meus pensamentos, experimentando, cada vez que o contemplo, a felicidade que emana de tudo o que se faz com prazer. Ao contrário, os que trabalham a contragosto, quando contemplam o que fizeram, jamais experimentam um miligrama sequer de felicidade, causando-lhes desgosto, às vezes, sua simples recordação. Assim é como cada um vai estreitando sua vida e tornando-se duro, áspero e egoísta.

É preciso fazer brotar a alegria interna para que se transforme em boa disposição, de modo que tudo seja feito com gosto e nunca se mortificando por isso ou aquilo, pois se estaria tirando todo valor do que foi feito. Quando uma coisa é feita com gosto todos a valorizam, desprezando-a quando é feita a contragosto. A diferença entre uma e outra forma de atuar é muito notável, sem dúvida; só esse fato deve estimular a todos, de hoje em diante, a fazer as coisas como devem ser feitas, isto é, com o mesmo gosto com que Deus fez tudo o que existe.

39

Particularidade da Logosofia

Buenos Aires, 30 de setembro de 1948

Vamos falar esta noite sobre certa particularidade do ensinamento logosófico.

Geralmente, os que tomam contato com a Logosofia observam algo nela que não podem definir; é sua força que atrai, que entusiasma e promove no ser interno uma série de movimentos que o fazem experimentar a necessidade de superar a si mesmo.

Entretanto, à medida que se conectam com um ou outro ensinamento, advertem que não os podem abarcar; e, embora compreendam que eles devem se acondicionar à própria vida, a inércia mental faz com que, mais de uma vez, o efeito causado ao escutá-los ou lê-los se esfume. Apesar disso, fica sua recordação, sentindo como se esvoaçassem na mente, como uma brisa matinal que convida a despertar.

Tudo isso ainda não é suficiente para definir essa particularidade da Logosofia. E tal fato não acontecerá enquanto não se do-minar profundamente o conhecimento que permita assentar dentro do ser uma grande quantidade de ensinamentos, aos quais se possa prodigalizar toda a atenção e o calor do afeto que merecem. Entretanto, essa particularidade se manifesta quando o incipiente investigador da Logosofia, em seu afã de que o ensinamento permaneça dentro dele, busca comunicar aos demais o pensamento logosófico, como uma necessidade interna. Ao comunicá-lo, nota como se prontamente aflorassem em sua mente múltiplas ideias, que aparecem como que imantadas por uma força interna que antes não possuía; é que aquilo que começa a compreender atrai muitos dos ensinamentos que acreditou esquecidos. Desse modo percebe que, nessa comunicação ao semelhante, encontra o prazer de sentir como os ensinamentos logosóficos permanecem nele; cada palavra que pronuncia é seguida, como compensação, pela recordação de muitas daquelas imagens plasmadas um dia na sua mente e que, por esquecimento, por descuido ou por inércia, foram se apagando até desaparecer.

Vejam, então, como é conveniente o treinamento, o constante movimento de

tudo o que na mente vai formando parte da vida e que deve encontrar seu encaminhamento definitivo como orientação fixa e inalterável.

Mas apesar da circunstância citada, que, penso, muitos têm experimentado, existe outra que tem igual virtude. Efetivamente, quando não houver ninguém a quem comunicar o pensamento logosófico, busquem quem está mais próximo de vocês, dirigindo-se ao seu próprio ser interno. Formulem perguntas, tal como um semelhante faria; assim, em vez de ser outro quem as formule, poderão fazer perguntas a si mesmos e ver como, em resposta a tais perguntas, afloram pensamentos que, em muitos casos, nem sequer suspeitavam que pudessem responder tão solicitamente ao chamado da inteligência.

Toda palavra logosófica leva uma força fertilizante, ao mesmo tempo que contém um acúmulo de sugestões em gestação que, como um leque, abre-se depois à meditação. Essas sugestões, propiciadas sempre pelo ensinamento logosófico, são as que despertam o entendimento, promovendo uma série de movimentos internos nitidamente percebidos e observados por meio das múltiplas circunstâncias em que se focaliza a atenção. Por isso, cada ensinamento vai, por intermédio da mente, diretamente à consciência, pois deve forjar nela o sentido real de todas as coisas e, ao mesmo tempo, apagar para sempre as luzes de todo artifício que a ilusão antes tivesse acendido.

O conhecimento logosófico cria um mundo novo e real. Tudo o que é novo atrai por si próprio, mas este mundo novo tem, além disso, a virtude de tornar agradável essa realidade que oferece, sem que se sinta nenhuma dor quando o ilusório for se dissolvendo gradualmente até desaparecer.
O caminho da perfeição é muito longo. Meditando bem, deve-ríamos anelar que esse caminho jamais termine e que a vida dure tanto quanto seu percurso. De modo que, assentado este princípio, nada deve parecer inatingível ou tão pesado que tenhamos que desistir, pensando ser longo o caminho. Mais longo será se nos afastar-mos dele, pois afinal, e apesar de tudo, deveremos percorrê-lo.
Esta severa exortação, que nosso próprio sentir consciente nos formula, adquire sua máxima expressão quando se adverte no homem o predomínio de certas características acentuadas que o tornam instável, intemperante e inconstante. Essas falhas de sua psicologia, apesar dos séculos, ainda o impedem de encontrar seu verdadeiro centro de gravidade. Foi dotado de razão e ainda desconhece o seu uso, devendo alcançar este conhecimento por meio de seu avanço na conquista de seu grau mais alto de aperfeiçoamento.

Justamente, o fato de quase não saber usar sua razão explica a ocorrência de tantos infortúnios, como provam as constantes desinteligências entre os homens. Como última lição que o fracasso no emprego da razão humana proporciona, sobrevêm as guerras, as revoluções e os extermínios. É lícito perguntar aqui se os que atuam nos planos diretores das nações usam suas próprias razões para se entender, como é que essas mesmas razões encontram depois a guerra como solução, ou seja, como razão final?

Isso, naturalmente, acontece e acontecerá com grande parte da humanidade até que o conhecimento verdadeiro amplie sua influência algum dia, fazendo com que muitos sigam a marca luminosa que irá guiá-los até as altas concepções da inteligência. Começará então individualmente, isto é, em cada ser humano, o trabalho inevitável e permanente de seu próprio aperfeiçoamento. Mas para que possa realizar esta tarefa, difícil, mas não impossível, será necessário encontrar a unidade dentro de si mesmo; chegar a ser sempre um, e não dois, como é costume que todos sejam. Todas as boas qualidades deverão ser unificadas no ser, enquanto se eliminam as deficiências que se têm ou se possam ter.

São estes dois trabalhos de Hércules que é necessário realizar, pois as deficiências, que são as que fortalecem a personalidade humana e as que enganam com frequência o próprio ser, são também as que, convertidas em uma espécie de diabo pessoal, aconselham constantemente o homem a acreditar ser o que não é. Um ser desta índole é o pior dos crentes, porque chega a converter a si mesmo em um pequeno deus, pessoal e infalível; e como é lógico, erguido sobre semelhante pedestal, recusa toda tentativa de aperfeiçoamento e anula todo esforço que tenda a desarraigar nele essa recôndita crença.

É doloroso ver como são derrubados tantos deuses de barro; deu-ses aos quais, depois de reduzidos a nada, é necessário levá-los pela mão para que observem e compreendam seus erros e desacertos.

Cada ser humano tem uma partícula divina. A ela se devem dirigir os melhores anelos e exaltá-la, para que o homem encontre sua verdadeira condição de humano e para que, depois da transição que isso implica, possa experimentar dentro de si a sensação de sentir-se acima da limitação que o envolvia e com liberdade para elevar seu pensamento, nas asas do qual penetrará nos planos onde poderá indagar, investigar, perguntar e receber respostas que, como raios de luz, penetrarão em sua mente para iluminar sua inteligência e enchê-la de conhecimentos.

Impõe-se, pois, a realização dos dois trabalhos mencionados, por-que sem isso é impossível conseguir algo permanente. A razão deve ser educada, e a forma de fazê-lo é vigiando-a em seus acertos e em seus erros, controlando-a continuamente e comprovando as consequências e os resultados depois de cada reflexão, até alcançar, na repetição dos acertos, a consciência plena que cada um deve ter.

Nesta tarefa não devem existir interrupções, pois assim como ao amanhecer o sol recorda a todos os seres humanos seus deveres, convidando-os a trabalhar, também a própria responsabilidade, convertida em sol individual, deverá nos recordar constantemente nossos deveres e nos convidar ao trabalho.

É necessário alcançar os mais elevados cumes na compreensão de cada conceito, porque a partir desses cumes se poderá então respirar o ar puríssimo e diáfano do verdadeiro conhecimento. Enquanto os seres estiverem se debatendo em pequenas, egoístas e mesquinhas compreensões, a atmosfera estará sempre viciada e permanecerão como náufragos, tentando se agarrar a algo firme para se salvar, enquanto suas forças se esgotam num empenho estéril. Todos aqui, que não são náufragos, podem atuar de outra maneira e subir um degrau mais a cada dia na escada que leva à perfeição; desse modo, o conhecimento superior iluminará suas inteligências e fará com que não existam conflitos em ninguém. E quando terminarem em cada um as contradições, os desacordos e as desinteligências, se haverá conquistado a própria unidade e então se estará capacitado para conduzir os demais a encontrá-la, cumprindo assim a verdadeira missão do ser humano. O homem terá compreendido, finalmente, tudo o que antes lhe parecia impossível que viesse a fazer parte de seus conhecimentos, e verá quanto aproveita daquilo que antes desprezou ou afastou de si com indiferença, preferindo a ociosidade ao trabalho em busca de seu aperfeiçoamento. Só então compreenderá todas estas coisas, e verá como o irreal desaparece para apresentar-se ante seus olhos a autêntica realidade, a qual lhe fará experimentar a verdadeira sensação de existir como ser consciente e não como ente que vive por viver, sem saber qual será seu futuro.

40

Fundamentos de uma ética superior

Buenos Aires, 7 de outubro de 1948

No conhecimento logosófico podem ser encontrados muitos elementos de valor que, inteligentemente aplicados à vida, corrigem muitos desvios do pensamento e também sintomas precursores de erros a cometer.

O motivo principal de meu tema de hoje permitirá compreender, claramente, que um dos maiores objetivos logosóficos consiste em modelar e aperfeiçoar o ser humano. Os ensinamentos que a esse respeito a Logosofia ministra começam por assinalar as deficiências e os defeitos, comuns nos seres. Eles ensinam a forma de conhecê-los primeiro, combatê-los depois, e, por último, eliminá-los.
Não obstante, há deficiências tão enraizadas que, apesar de a Logosofia assinalá-las muitas vezes, é como se o ser fechasse seus olhos para não vê-las e, efetivamente, assim ocorre com frequência, por estar identificado com elas até o ponto de parecerem formar parte de sua própria vida. Tais deficiências e defeitos são os causadores da infelicidade humana; a esses e a nada mais, devem ser atribuídos mui-tos dos males de que o homem e a humanidade padecem.

Se pousarmos a vista sobre cada ser humano, veremos que, em sua maioria, forma um falso conceito de si mesmo, razão pela qual crê ser mais do que é. Esse é um primeiro e grave defeito, causador do muito que haverá de padecer no curso de seus dias. Outro defeito é o de crer ser mais que o semelhante. Essa tendência de se diminuírem entre si acaba, finalmente, por tornar todos pequenos.

Sobre o primeiro dos defeitos mencionados, pode-se acrescentar algo mais. Frequentemente, o ser não somente acredita ser muito mais do que é, como faz também uma ostentação constante daquilo que supõe ser. Vivendo com essa falsa crença, deixa de se preocupar em ser efetivamente aquilo que julga ser; e quando tenta aperfeiçoar--se, angustia-se, desilude-se e desmoraliza-se ao perceber, depois de muitos esforços, que não avança nem consegue um real melhoramento, uma superação e uma pronunciada mudança em seu ser. Esta é a consequência da falsa apreciação de si mesmo, pois ao acreditar ser mais do que é, busca superar esse ser que ainda não existe, porque ele não deixou de ser

ainda aquilo que é. Quer dar um salto muito grande, e a Natureza ensina que nenhum processo se realiza aos sal-tos, e sim em medidas regulares e sucessivas de evolução.

É muito conveniente ter isso sempre presente, principalmente para ser justo nos juízos e na conduta diária.

A deficiência que acabamos de assinalar, que faz cometer tantos erros, tem sido comumente chamada de dupla personalidade; aquela que na verdade o ser é e a que imagina sua. Vejamos, a seguir, algumas das tantas situações que ela cria. Quando o portador dessa deficiência trata com um semelhante, o correto é que este se dirija à pessoa a quem vê, ouve e julga de acordo com o conteúdo moral, intelectual e espiritual que lhe oferece. Mas acontece que tais seres se sentem lastimavelmente diminuídos, ao ver que não são julgados de acordo com o que creem ser, mas sim conforme o que são. Acontece também o seguinte: quando o afetado por essa dupla personalidade mantém uma conversa com alguma pessoa, ocorre nele um desequilíbrio que se pronuncia em sua posição mental, porque, ao escutar, o faz, por um lado, sob a sugestão daquele que ele mesmo acredita ser e, por outro, conduzido por aquele que realmente é. Quem assim escuta, obstrui os canais do raciocínio, encantado na admiração de seu próprio ser, prodigamente imaginado, ocorrendo, deste modo, tergiversações e entendimentos errôneos entre as pessoas.

Refletindo sobre estas palavras, se compreenderá facilmente por que existem tantas desavenças entre uns e outros, e também por que cada um, estando fora de seu lugar, pretende estar bem colocado, isto é, em sua razão. No entanto, quem é na realidade algo ou muito mais do que aparenta, trata sempre de não se distanciar demais do semelhante, para poder observá-lo bem e escutá-lo melhor. Escutando bem e observando melhor, o compreenderá, sendo lógico que uma boa compreensão já é um elemento de valor e, até se poderia dizer, é uma ajuda instantânea que aquele recebe. É uma ajuda, porque é sabido que quando um ser aflito expressa sua emoção e seu estado de ânimo a um semelhante, ao encontrar nele compreensão, sente imediato alívio, não sendo assim quando não é compreendido, visto que sua aflição recrudesce imediatamente.

Em todo este jogo de movimentos mentais, é fácil ver como aparece sempre a parte negativa do ser, que é, ao mesmo tempo, sua própria negação e sua inimiga.

Para tornar mais clara e ampla a observação assinalada, convida-ria a todos para seguir com a maior atenção o curso desta reflexão: cada um busca com insistência algo e, nessa busca, põe todo o seu empenho, suas energias, seus afãs e seus anelos. E o que é que busca? Ser mais feliz, possuir mais; em síntese: ser mais do que é. Porém, preocupado com tal busca, esquece constantemente o que ela deve significar para sua vida.

Se, por exemplo, alguém está com sua casa vazia e quer ocupar todos os seus espaços com móveis e enfeites, é lógico que, uma vez cumprido esse anelo, deva sentir-se satisfeito e feliz. Pois bem, muitos passam a vida enchendo e esvaziando a própria casa: quando está vazia, imploram para que esteja cheia e, quando isso acontece, ficam saudosos dos tempos em que estava vazia, para voltar a sentir a aspiração de enchê-la.

Provaremos a verdade do expressado. Os que estão aqui presentes, não passaram a vida inutilmente; algo já possuem, uns mais, outros menos. Entretanto, se verificassem em sua mente, é certo que acha-riam nela muitas coisas esquecidas; possivelmente muitas dessas coisas são as que agora buscam com empenho conquistar, sem notar que já as têm há muito tempo. O ensinamento logosófico, com sua força construtiva, busca despertar a consciência para que esta ilumine toda a vida interna do ser. Se somos conscientes do que temos e nos sentimos felizes com essa posse, devemos cuidar para que nada nos afete e nem diminua em nós a consciência do que possuímos. De modo que, se somos possuidores de uma parte de felicidade, por exemplo, não a esqueçamos em nenhum momento e, muito menos, não nos amarguremos com os pequenos incidentes da vida diária, que surgem ameaçando perturbar a calma de nosso espírito.

preciso evitar sempre o ofuscamento, a obstinação e o descuido em que muitas vezes incorremos, por não prestarmos atenção ao que possuímos, pois, mesmo podendo desfrutar conscientemente dessa parte feliz de que dispomos, tornamos a vida triste, amargurando-nos por coisas que deveriam ser observadas com serenidade, sem deixar, em momento algum, que penetrassem no ânimo para afetá-lo.

Aquele que é consciente dessa parte de felicidade deverá antepôla como uma couraça contra o mal em todos os instantes de sua vida; quem seguir este conselho verá quanto bem conquistará. Antepondo essa parte de felicidade e de bem que tenha conseguido alcançar em sua vida, o mal certamente se esfacelará contra ela, e nada poderá então alterar a paz interna. Ao contrário, se

esquecemos o que temos, comportando-nos como seres irracionais, a parte de felicidade e de bem que tenhamos conquistado irá diminuindo, porque será afetada sensivelmente pela infiltração do mal, que não soubemos deter antes que penetrasse em nós.
necessário, portanto, cultivar muito a reflexão, evitando prenunciar-se com precipitação, pois nunca é tarde para responder com a palavra ou com o exemplo. O mau é quando se quer ter logo toda a razão e, pior ainda, quando se tem a pretensão de impô-la aos de-mais. Todos temos sempre uma parte de razão; entretanto, não é esta que utilizamos para nos entendermos com o semelhante, mas justa-mente a que não temos, isto é, a que cremos ter.
Se encontrarmos duas pessoas discutindo acaloradamente e até quase agressivamente, e nesse instante perguntarmos que animosidade existe entre elas para discutir dessa maneira, certamente não saberão responder com precisão o que fez com que chegassem a se tratar em termos tão agressivos; ou melhor, as duas dirão, ao mesmo tempo, que uma delas quis impor sua razão à outra. Agora vejamos: se uma de-las, em vez de querer impor sua razão, a desse à outra, buscando com isto acalmar sua pretensão, seu amor-próprio ou sua vaidade, quem teria saído ganhando? A primeira, absolutamente nada, e a outra tampouco, mas teriam evitado possíveis consequências amargas.

Isto significa que não devem existir desavenças entre os seres por motivos totalmente alheios ao que constitui a finalidade da vida, porque seria distrair a atenção, perder o tempo, gastar as energias, contrariar o espírito e relaxar o ânimo. Em consequência, quem é consciente de possuir uma parte de bem e de felicidade deve buscar, logicamente, ser amável, desculpando sempre os momentos intemperantes ou intempestivos do ânimo do semelhante, pois quanto mais o desculpar, mais haverá de merecer desculpa, se alguma vez incorrer no mesmo erro. Quão grato é para o espírito sentir como nos é devolvido o mesmo bem que tenhamos oferecido na desculpa ou na dissimulação do erro alheio! Com isto, somente, já estamos nos fazendo um bem, alimentando nossa própria felicidade.

Devemos converter-nos sempre em credores morais, e não em devedores; quanto mais belos forem nossos gestos, quanto mais elevação houver em nossos atos e pensamentos, quanto melhores forem nossas palavras e intenções, tanto mais tudo isso contribuirá para aumentar a própria posse da felicidade. Os momentos da vida serão mais gratos, porque experimentaremos a ventura de haver criado um estado aprazível dentro de nosso ser, depois de oferecer o esquecimento à ofensa, prodigando a doçura e o bem em todo o sentido. Lamentaremos se não

virmos o mesmo no semelhante; mas nem por isso nos sentiremos incomodados ou ofendidos por quem mostra sua inferioridade frente a nós, pois já é uma grande vantagem saber-se capaz de dominar as reações impulsivas do ânimo, enquanto se derrama, em doce expressão, a desculpa e a ternura do perdão, que abranda até as pedras mais duras.

Esta concepção de uma conduta superior permite refletir sobre os muitos instantes em que a experiência surge provando a têmpera de nosso espírito; com frequência, esta ou aquela circunstância nos oferecerá motivo suficiente para exercer a prática desse bem. E assim, bendiremos sempre a hora em que, recolhidos dentro de nós mesmos, pudermos contemplar o que somos capazes de fazer quando cuidamos do que alcançamos e que tanto anelamos ter, que é essa porção de felicidade cuja conquista terá custado a muitos suas lutas, lágrimas e sofrimentos, ou suas horas de grandes agitações.

Se recordarmos sempre nossas horas felizes, aquelas em que a própria consciência nos indica como suprema expressão da verdade, que não são vividas na Terra, mas sim horas em que se desfruta da liberdade do espírito, impregnando-se todo nosso ser de felicidade e de ternura com a alegria desse instante, como esquecê-las, então, quando nos encontramos em momentos de luta, se elas constituem o escudo protetor que há de armar nosso peito de valor e de força, e nosso espírito de temperança, de serenidade e de inteireza?

Se isso recordarem e o fixarem plenamente em seus entendimentos, descobrirão toda a beleza que encerra o ensinamento oferecido, o qual abre, para todos sem exceção, as portas de um futuro mais belo, seguro e promissor. Mas não sejamos ingratos buscando outro momento de felicidade por haver esquecido o anterior, enquanto nos debatemos em meio a injustificáveis desvios, intolerâncias e lutas estéreis.

Este ensinamento significa que cada um deve aprender a se servir dos meios com que conta e, se estes forem de origem legítima, todas as situações poderão ser enfrentadas com serenidade, com lucidez na inteligência e sem angústias. Este ensinamento, como todos os oferecidos pela Sabedoria Logosófica, serve para consolidar em seus corações e em suas mentes convicções plenas, surgidas de compreensões claras; mas estas últimas deverão ser ratificadas sempre pela prática constante do bem que os mesmos ensinamentos ditam.

41

A pressa como negação do tempo

Montevidéu, 14 de novembro de 1948

Seguindo o pensamento que há poucos instantes expus ante alguns estudantes sobre minhas intensas horas de trabalho, posso dizer que não transcorre um minuto sem que não tenha pensado ou feito algo e, naturalmente, este é o exemplo que apresento para que todos sigam.

Agrada-me enormemente observar os que trabalham, os que se preocupam e manifestam uma constante e permanente boa disposição para encarar os problemas que vão se apresentando no percurso e nos convidando a resolvê-los. Também me agrada mui-to dar meus ensinamentos aos que, após escutar minhas palavras, as recordam e consagram como fiéis companheiras. Ao contrário, aqueles que frequentemente esquecem tudo o que recebem da Sabedoria Logosófica me causam um verdadeiro pesar, pois os valores que a integram servem para ser usados inteligentemente e não para malograr uma superação nascente, quando o propósito inicial foi alcançá-la.

Cada um pode fazer um inventário dos bens espirituais, morais e mentais que possua. Nele aparecerá tudo o que foi realizado, todos os projetos e ideias concebidos, na certeza de que não ocorrerão omissões. Ao revisá-lo, será fácil fazer uma avaliação cuida-dosa e resolver cada situação, deixando-o atualizado. Será preciso pensar em tudo o que se observou e experimentou desde o início do processo e formar essa imagem, projetando-a para o futuro através dos dias, meses e anos.

Há muitos que não pensam em nada. Se nada pensam, se não convivem com pensamentos que favoreçam sua evolução, como podem, então, pensar em progressos? Como podem conquistar conhecimentos e penetrar nas profundezas do ignoto, se não fazem esforço algum para mover as rodas de sua própria vida?

Não esqueçam nunca a mão generosa e amiga, estendida sempre para ajudá-los, nem o conselho oportuno que lhes permite evitar dificuldades e transcender obstáculos. Esse é o meu trabalho constante, que chega a todos, embora nem todos o vejam.

A Sabedoria Logosófica é um manancial inesgotável de conhecimentos; frente a ela, devem abrir e preparar as inteligências a fim de permitir à mente captar, sem se equivocar, as grandes verdades contidas em cada ensinamento.

Aconselho, portanto, que se preocupem em andar, em ter atividade, em realizar um trabalho construtivo, porque no desempenho dessa atividade as aptidões se desenvolvem, se põem em prática os ensinamentos e se experimenta a realidade que cada um deles assinala à medida que se avança, ajudando a compreender a vida com maior amplitude. Mas é necessário trabalhar, pensar; pensar sempre em algo útil, pensar positivamente. É conveniente consultar diariamente a si mesmo sobre o que se fez, para ter um sono tranquilo e reconfortar o espírito.

O descanso é bom – em particular no que se refere à vida e atividade dos pensamentos, principalmente –, sempre que for precedido por um intenso período de atividade; não sendo assim, o descanso costuma causar mais cansaço que a própria atividade.

As horas da vida devem ser vividas como se fossem minutos, tratando de fazer muitas coisas em cada um deles, ou ao menos uma; assim, em uma hora, serão sessenta. Tudo se faz quando se quer, pois já sabemos que não há dificuldade quando nos decidimos a fazer algo. Mas não convém buscar as coisas fáceis; é necessário provar a capacidade no difícil. Isto permitirá observar, com maior exatidão, as mudanças favoráveis que cada um consegue em seu processo de evolução consciente.

Vou destacar agora uma das tantas deficiências que a maioria dos seres apresenta, causa de muitos dos males de que padece o homem e, por consequência, a humanidade. Essa deficiência, que apresenta curiosas particularidades, é a pressa. Quem vive apressa-do, quem tem urgência para tudo, é quem dispõe de menos tempo, por perdê-lo habitualmente em coisas sem transcendência.
A pressa, em algumas vezes fruto da impaciência, em outras, da ausência de controle na distribuição do tempo, torna o homem intolerante, violento, irascível e insensato. Esse febril afã de pretender que tudo se faça no ato ou que se encurtem as distâncias por obra de magia é tendência generalizada; observando uns e outros, comprova-se que nenhuma pressa tem razão de ser, salvo, naturalmente, os casos excepcionais. Poderiam citar-se milhares de circunstâncias que o corroboram. Limitaremo-nos a mencionar algumas: oferece um típico exemplo quem arremete seu automóvel a toda velocidade para chegar

o quanto antes ao lugar escolhido para suas férias e, na metade do caminho, se detém para lanchar despreocupadamente, às vezes com grande demora, para novamente se lançar em uma corrida desenfreada, bramando de ira em cada passagem de nível, parado devido ao cruzamento de um tranquilo comboio ferroviário; oferece um exemplo, também, aquele que, ao ser atendido em qualquer solicitação, manifesta como advertência que está muito apressado, ou protesta indignado pela menor demora, para passar depois longas horas em um bar, ou entretido com amigos. Poderia citar-se também o caso daquele que, tendo concebido um projeto, queria vê-lo realizado instantaneamente, deprimindo-se por qualquer dificuldade encontrada em sua execução, até finalmente abandoná-lo, por parecer-lhe que sua realização demoraria muito. Em singular contraste, temos um fato, repetido com certa frequência: é que os que atendem os apressados nem sempre se apressam, parecendo-lhes que aqueles se demoram deliberada-mente; ocorrem assim, entre ambas as partes, conflitos de apreciação do tempo, que raramente se conciliam.

Que frutos o apressado pode extrair de seu tempo, se depois o perde inutilmente, por viver em um constante estado de ofuscação? Não há dúvida alguma de que a reflexão e a paciência inteligente são as que levam o homem a serenar seu ânimo e a equilibrar seus estados psicológicos.

Se, encontrando-nos em um pomar e desejando comer uma fruta, reparamos que ela está verde, deveremos aguardar seu natural amadurecimento, apesar da pressa. Muitos, arrancando-a do pé antes da hora, sentem um sabor desagradável ao prová-la, desprezando assim um alimento que, saboreado oportunamente, teria sido delicioso. Com os propósitos ocorre algo similar; tem-se visto quantos seres os formulam sem ter a paciência de esperar até que se convertam em realidades, por querer saboreá-los, como no caso da fruta, antes de seu amadurecimento. Ao contrário, propicia-se o advento da realidade, seja no amadurecimento da fruta ou na culminação de um propósito, quando, no primeiro caso, se rega a planta com frequência, livrando-a das pragas que costumam afetá-la e, no segundo, se cultiva o propósito, esforçando-se na conquista de sua realização, enquanto é livrado das dificuldades que, à semelhança das pragas, costumam entorpecer seu desenvolvimento e até malográ-lo.

Os defeitos e as deficiências são sempre um grande obstáculo para a evolução, devendo ser eliminados para não anular a livre manifestação dos valores internos. Poder-se-ia muito bem dizer que grande parte dos infortúnios

experimentados pela humanidade acontece porque a imensa maioria dos seres derrota sua vida por não proteger a planta humana das pragas e parasitas mentais que a devoram, podendo-se destacar, entre seus mais obstinados inimigos, os aspectos mais proeminentes das deficiências do temperamento, um dos quais, sem dúvida, é o que acabamos de mencionar, por ser um dos aspectos negativos mais evidentes e mais prejudiciais à vida humana.

42

Reeducação integral pelo conhecimento logosófico

Montevidéu, 6 de fevereiro de 1949

Tanto na vida dos homens como nos processos históricos, assim como nos da Natureza, há momentos que caracterizam toda uma época ou dão relevo de imponderável valor à culminação de uma grande etapa. São esses momentos que, com caracteres eternos, se fixam na mente universal.

A maioria dos homens passa sua vida sem que esses momentos culminantes a façam perceber a grandeza de seu destino. Quando concentra seus esforços em determinada direção, só anseia a culminação de algo feliz, a obtenção daquilo a que cada um aspirou; mas ao chegar esse momento, que não é igual a todos os demais, o fato passa quase sempre despercebido, isto é, não se dá transcendência a ele. Não se pensa sequer que ele concentra o esforço, o sacrifício, o afã e as renúncias de toda uma etapa dedicada a esse fim. Daí que sempre se experimente um grande vazio, impossível de preencher.

Para esta obra que venho realizando há mais de dezoito anos, chegou justamente um destes momentos culminantes, que indicam a conclusão de uma grande etapa e o início de outra nova, ainda maior. Anuncio, portanto, esta nova etapa, retomando os fios que havia estendido por todas as partes, fios que conecto direta-mente à minha vida, para conduzir as atividades logosóficas como verdadeiramente convém aos altos ideais que sustentam.

Hei de trabalhar incansavelmente, como sempre, nesse esforço sublime que é toda uma criação e que se projeta depois para os homens na forma de ensinamentos necessários para eles, por não haver outros similares em nenhum lugar do mundo.

Esta obra tem ainda muitas partes que devem ser realizadas. Uma ideia do amplo caminho que deve ainda percorrer pode ser dada pelo fato inegável de que ela contempla tudo o que pode se conectar à vida dos homens e estende o conhecimento para que este, fecundando as mentes, faça nascer nelas novos pensamentos, sadios, nobres e fortes.

Penso ser já uma experiência universal, que tudo quanto os seres humanos do mundo inteiro aprendem desde criança, o façam deficientemente. São muitas as coisas que aprendem mal, as mesmas que, depois, a experiência corrige amargamente, deixando profundas marcas no espírito.

O conhecimento logosófico começa por reeducar os seres, fazendo com que aprendam bem o que aprenderam mal ou deficientemente; além disso, oferece um imenso acervo de ensinamentos para superar as condições humanas. Tarefa difícil, dificílima, certamente, mas que o autor da Logosofia realiza com a mesma disposição de espírito do primeiro dia, uma vez que, quando pronuncia dentro de si uma promessa, cumpre-a inteiramente; e é possível que a mencionada há alguns momentos seja a maior de todas as suas promessas.

Disse tarefa difícil, e acrescentarei ingrata; a mais ingrata de to-das, porque as mentes da maioria dos seres são desobedientes, rebeldes por natureza. São muitas as vezes em que devo insistir com uns e outros para que realizem o processo de superação, instando--os a recordar que, desde os primeiros passos, vêm experimentando a bondade inestimável do bem que foram recebendo.
Se há muitos séculos os seres humanos estão buscando a si mesmos, em cujo empenho têm sido auxiliados por filósofos de todo tipo e teóricos de todos os pontos da Terra, por que não se encontram? Simplesmente por esta razão, que é sem dúvida uma grande verdade:

É porque o homem quer encontrar um ser perfeito, que não seja outro além dele mesmo, e quando a realidade o revela cheio de defeitos e misérias, se decepciona, quase que espantado. Mas essa mesma realidade o faz compreender, também, que pode modelá-lo e aperfeiçoá-lo. Há quem fuja dela, sem pensar que o ser defeituoso o segue mais de perto que sua sombra, e o seguirá até o fim de seus dias. Mas há quem, longe de recusar esta realidade, começa por reconhecer a si mesmo nesse ser cheio de defeitos e escuta a palavra logosófica que está dizendo a ele como pode fazer para aperfeiçoá-lo. Sem dúvida alguma, esse já fez do ser feio um ser simpático, pelo menos; simpático, porque começa a realizar uma superação, gesto que, naturalmente, deve inspirar simpatia em todos.

Com muita frequência os homens se extraviam em meio a tanta confusão existente no mundo, e, em vez de se afirmarem de uma vez por todas no caminho que deverão percorrer com firmeza para a conquista das mais altas aspirações, deixam-se estar, descuidando--se e perdendo o tempo

lamentavelmente, esse tempo que, geral-mente, se diz ter todo ocupado.

Entretanto, a verdade é que cada um dispõe de um tempo para sua exclusiva vontade. Este é o que a superação reivindica para que seja dedicado a aperfeiçoar o ser deficiente, dotando-o de boas condições e forjando nele as excelências do espírito. É dessa maneira que cada um sentirá renascer em si, aos poucos, uma nova vida, como se um ser novo surgisse das cinzas do antigo. Quando isso ocorre, todas as coisas se transformam, porque já se compreende um dos desígnios superiores da vida.

As profundas satisfações experimentadas nesta atividade anulam as fadigas do trabalho ou os sacrifícios que se possam fazer. Portanto, todos devem prometer a si mesmos, num pronunciamento definitivo, que consagrarão seus melhores momentos a esta sublime tarefa de aperfeiçoamento individual, que proporciona tão gratas compensações.

Superar-se sempre: eis aí a palavra de ordem em todo sentido, porque de nada valeria repetir de cor os ensinamentos logosóficos descuidando de outras coisas, já que o conceito conquistado declinaria ante a observação dos demais.

É necessário cultivar constantemente o espírito, alcançando, com o auxílio do conhecimento logosófico, a melhor e mais elevada compreensão do que deve significar um ser culto, nobre, são de espírito, de alma e de corpo, para que essa compreensão possa ser então oferecida como exemplo. Quem quiser usar amanhã a palavra logosófica deverá possuir a autoridade que o exemplo lhe confere, para que esta palavra não seja desvirtuada e para que aqueles que a escutem o façam com respeito, com afeto, com tolerância e com gosto.

43

Orientação para a nova juventude

Montevidéu, 7 de fevereiro de 1949

Esta é a primeira vez que dirijo a palavra aos discípulos mais jovens do Uruguai, e o faço com a mais grata satisfação de meu espírito. Aguardei este momento por muitos anos. Via-os crescer e brincar, embora não me vissem, e enquanto aprendiam as primeiras sílabas do alfabeto logosófico – que não se compõe de letras, mas de sílabas –, pensava que um dia estariam reunidos aqui, para escutar minha palavra pela primeira vez.

Aprenderam, indubitavelmente, muitas coisas novas. Mas acham-se numa idade em que logo vão internar-se no mundo, nesse mundo que ainda não conhecem e que está cheio de surpresas. Esse é um mundo no qual devem entrar muito preparados para que a realidade não os castigue, fazendo-os sofrer repetidas vezes, para reconduzi-los quando se desviarem da boa norma. Carece-se nele de um ensinamento que aplaine o caminho, que abra as por-tas do entendimento para se perceber com facilidade todos os momentos cruciais da vida, aprendendo a transpô-los com inteireza, com serenidade e com valor.

Mas este lugar em que se encontram constitui meu mundo; ainda que pequeno, começaram a viver nele, e agora lhes digo que devem aprender generosamente, porque somente assim é possível estar em condições de ampliar a vida, sendo úteis a si mesmos e a todos os demais.

Aprender generosamente significa não aprender com egoísmo, buscando a aquisição de conhecimentos para a vaidade pessoal ou para vangloriar-se amanhã de triunfos exteriores, esquecendo que muito do aprendido foi ensinado para evitar sofrimentos e permitir a passagem pelos trechos difíceis no longo caminho da vida.

Aprender generosamente significa, também, abrir o coração para a verdade que se manifestou nele; e quando se aprende generosamente, também se ensina generosamente; ensina-se sem manchar a mente com nenhum pensamento egoísta ou mesquinho. Ao fazê-lo, se oferece aquilo que se recebeu primeiro, em homenagem à verdade manifestada em cada um, em homenagem aos

conhecimentos que foram assinalando a rota e indicando as atuações mais acertadas a cada passo.

assim que se pode manter a alma limpa e os âmbitos do ser ampliados, para que a consciência não permaneça sufocada nos pequenos limites do egoísmo e da mesquinhez.

Nesse mundo, que em aparência não mostra nada além do que os olhos veem ou os ouvidos ouvem, há muitos extraviados, muitos que aprenderam mal a lição e que, ofuscados por sua insensatez, buscam extraviar os demais.

Por isso é necessário que cheguem a ser muito fortes, aprendendo a manter sempre o domínio de si mesmos, para que ninguém tente nublar a própria visão e nem turvar o sentir, desviando os passos por caminhos perigosos.

Nada pode ser maior, mais grato nem mais feliz do que encontrar dentro de si mesmo todos os motivos para que a vida seja agradável, venturosa e amena. Em vão se buscará, por onde quer que seja, a felicidade que se acha nos dons permanentes do espírito. Quantos perdem o tempo e a vida confiando a outros o que devem confiar a si mesmos!

Quando a vida é contemplada com toda seriedade, com toda a amplitude que requer, torna-se alegre e nos oferece um campo propício para vencer em nossas lutas e sentir a capacidade viril que faz de cada atividade um triunfo, e de cada realização um pedaço de felicidade para oferecer ao coração.

por esta razão que é preciso cuidar muito da vida que começa na juventude; fazer de conta que está sempre doente, para oferecer-lhe sempre mais saúde; imaginar que não é feliz, para oferecer-lhe sempre novos motivos de felicidade, e transformar em um pensamento estável a decisão de superar a cada instante as condições que a rodeiam.

Não há ninguém que, em princípio, recuse ser melhor; todos querem sê-lo, querem ser muitas coisas, mas são poucos, muito poucos, os que concentram seus empenhos para que esses anelos se convertam em realidades. De modo que, se por um lado se quer ser bom, feliz e muitas outras coisas, por outro lado, há coisas que não se quer. Por exemplo: não se quer trabalhar; não se quer usar da paciência; não se quer ter incômodos nem preocupações; são muitas, enfim, as coisas que não se quer, sem que tampouco exista o anelo de superar a si mesmos,

para que essa superação chegue um dia a ser realizada como deve ser tudo aquilo que é justo, lógico e razoável.

Muitos esperam que os demais ofereçam seus pensamentos, para levá-los consigo por um tempo determinado; quando se cansam de-les, passam a outros, crendo-se nesse momento seus autores. Assim é como os mesmos pensamentos vão sempre de uns para outros.
A Logosofia tem ensinado a conhecer os pensamentos antes e a criá-los depois. É de se destacar que, quando isto acontece, quando alguém descobre que criou, que nasceu em sua mente um pensamento, percebe, também, que este é algo assim como um bebê que não chora e nem é preciso alimentá-lo com nada caro, mas que, por outro lado, é muito exigente, por ser proveniente do mundo mental, devendo-se dar a ele, como é lógico, as coisas desse mundo. Um pensamento dessa natureza não pode ser exposto a um ambiente frio, cheio de correntes mentais, porque pode sucumbir.

Claro que não é nada fácil criar um pensamento. Por isso, precisamente, a Logosofia ensina a cultivar as faculdades da inteligência, para que o campo mental fique livre de todas as coisas perniciosas que possa conter. Quando se criou antes a capacidade necessária para oferecer aos novos pensamentos o ambiente que requerem, terá chegado o momento em que estes podem ser criados pela própria vontade, e assim se poderá oferecer, a cada novo descendente de nossa vida mental, um ambiente ordenado, um lugar amplo e respeitável. Então, só então, experimentaremos a imensa ventura de haver ampliado, também, parte de nossa vida.

Muitos dos pensamentos criados pela Logosofia foram reparti-dos entre os que estão vinculados a ela para tornar-lhes a existência mais grata e permitir-lhes ter uma vida feliz. A companhia de tais pensamentos oferece, a cada instante, o auxílio do conhecimento que contém, formando-se assim este novo mundo onde se vão aquilatar valores de extraordinária grandeza que se estenderão então por todos os lugares, fazendo-se conhecidos e oferecendo aos de-mais a felicidade que consigo trazem.

O criador da Logosofia espera muito de todos os discípulos jovens. Anela que seu entusiasmo cresça a cada dia, a cada hora; que encontrem sempre um incentivo grande no conhecimento logosófico e que experimentem, também, junto com a ventura de tê-lo, a de serem úteis a todos os demais. Em outra oportunidade poderá apreciar como captaram estas palavras e o que fizeram

delas. Será para ele sumamente grato ver, então, um crescimento positivo de suas incipientes compreensões.

44

Aperfeiçoamento integral das condições humanas

Buenos Aires, 10 de março de 1949

A mente de quem tomou contato recente com a Logosofia geralmente não está preparada para compreender de imediato o conteúdo dos ensinamentos. Contudo, eles permanecem por um tempo na mente, informando à consciência; se são esquecidos, ausentar-se dela sem deixar nenhum vestígio, isto é, como se jamais tivessem sido conhecidos.

Quem cultiva com firme propósito o conhecimento logosófico sente a necessidade de conservar intacto tudo o que escuta, lê e aprende sobre ele. Intui que deve realizar uma grande experiência, que se inicia a partir do instante em que concentra sua atenção dentro de si mesmo e se propõe a ser consciente de sua própria vida, analisando tudo o que há nela: defeitos, virtudes e o que mais constituir sua razão de ser.

Os defeitos e as deficiências formam sua imagem negativa. Representam a parte inculta, medíocre e desalinhada da figura humana. Portanto, se faz necessária uma disciplina superior, com o intuito de corrigir e eliminar condições tão adversas. Pois bem, apesar de grande parte dos seres não perceber seus defeitos e suas deficiências, existe outra que não os ignora, mais ainda, que gostaria de não tê-los, sentindo-se incapaz de dominá-los e vencê-los, pois muitas vezes esses já se constituíram em hábito cujas raízes chegam à medula dos ossos. Isso mostra que a referida tarefa não é fácil e que, para realizá-la bem, o empenho não deve se limitar à eliminação das condições negativas, por mero refinamento pessoal.

O aperfeiçoamento deve ser integral, deve abarcar o ser e a vida sem exclusão de nenhuma natureza. A isto conduzem os ensinamentos logosóficos, ensinando de que forma, como e quando de-vem ser eliminados os defeitos e as deficiências, em cujo exercício se experimentará grande alívio psicológico e moral, ao mesmo tempo que a vida adquire novos coloridos ao emancipar-se de peso tão angustiante.

Mas esta tarefa, que levará sem dúvida um tempo considerável, não deve parar nesse ponto, isto é, na eliminação de tudo o que configura o negativo do ser.

Também é necessário saber com que virtudes se conta. Caso se tenham algumas, se investigará quais funções desempenham na vida, e enquanto estas são direcionadas no sentido das manifestações fecundas, que fortalecem a vida, convirá aumentar ao máximo sua quantidade.

Não se deve esquecer que as virtudes são forças que criam o verdadeiro estímulo da vida; são as que fortificam o espírito em todos os momentos difíceis, nos quais a resistência humana parece chegar ao fim. Em tais circunstâncias, e em virtude dessas forças, o ser humano encontra alento e estímulo para triunfar nas lutas.
Do exposto surge com notória evidência o quanto é necessária a realização de um processo consciente para conhecer o que há dentro de si mesmo; e se não houver nada, se deverá criar em função desse processo. Todas as coisas que existem nos demais seres podem ser criadas, fazendo-se delas, com seu bom uso, grandes condições humanas.

Para isso, é imprescindível conhecer todos os recantos da mente; saber como atuam os pensamentos; aprender a movê-los dentro do recinto mental, fazendo-os atuar conscientemente e sem que jamais se apoderem da direção do ser, isto é, de seu governo interno. O homem deve ser dono de sua própria pessoa selecionando os pensamentos de sua mente, isto é, eliminando os que não servem e ficando com os melhores. Deste modo pode-se dar amplidão à vida e abrir um imenso campo de possibilidades superiores.

A realização do processo logosófico de evolução consciente é o que de mais sério pode haver na vida, e é também o que produz as sensações de bem-estar e felicidade mais reais; mas é preciso encará-lo com decisão e com verdadeiro empenho para se alcançarem os melhores triunfos.

O homem geralmente ignora este gênero de prerrogativas que se abrem para sua vida, e por isso se debate numa série de situações incertas e dolorosas que o imobilizam psicologicamente. Mas a mente humana não é feita para permanecer inativa, como uma pedra inerte; por isso busca sempre algo em que se ocupar e, quando não acha, cria problemas para ter assim uma ocupação. Não há uma só mente que não tenha criado problemas, que não tenha encontrado muitas dificuldades em sua atividade e experimentado sofrimentos por não poder resolvê-los. E assim, impelidos pela própria incapacidade, e também por ser mais cômodo, os seres vão em busca uns dos outros para resolver esses

problemas. Mas ao focalizá-los com a luz logosófica, analisando até que ponto existe a própria culpa e a própria responsabilidade, pode-se descobrir facilmente não só a causa de tais problemas e dificuldades, mas também observar que estes eram mais aparentes do que reais.

Vemos, pois, que enquanto as pessoas perdem o tempo, o saber logosófico ensina a aproveitá-lo, ocupando a mente em coisas e fatos conscientes, porque conscientes devem ser todos os atos volitivos do ser. Ao encarar a vida desde outro ângulo e com base em uma severa confrontação das próprias ações e movimentos mentais, cada um pode determinar em que ponto seu destino se encontra quando analisa o que tem feito até esse momento, quanto tempo perdeu em coisas supérfluas enquanto se debatia com fantasmas mentais ou engendros da imaginação, e quanto pode realizar a partir desse instante, em uma vida fecunda e cheia de encantos, ao compreender que pode ser seu dono no sentido literal da expressão, ou seja, que pode conhecer os mistérios de sua mente e saber que, daí em diante, nenhum pensamento estranho – a não ser que queira – poderá conduzi-lo a esmo.

Por isso tenho recomendado sempre, e ensinarei até o fim de meus dias, que toda a atenção de quem realiza o processo de superação seja concentrada em manter permanentemente a autoridade dentro de si mesmo; que, tendo alcançado isso e tendo se beneficiado com o fato de conhecer seus pensamentos, desfrute também amanhã desse benefício; que depois de haver sido um grande senhor não chegue à triste, tristíssima condição de se ver convertido em um escravo vil de seus próprios pensamentos.

Muitas vezes parece que, ao se dar um passo, não aparece o resultado esperado; isso ocorre porque a mente humana é inquieta, veemente e impaciente. A Logosofia recomenda aquietar a mente, serená-la. É necessário, se não existir, criar a virtude da paciência; a paciência inteligente que, enquanto espera, está ativa. Quando tal condição se afirma no ser, a mente deixa de divagar ou de submergir na inércia e aprende a viver no eterno. O tempo eterno permite que a própria vida se comunique com a vida universal, que a obra de hoje não morra amanhã. Tudo deve estar unido na vida: cada fato, cada circunstância, enfim, cada dia que se vive.

As coisas que se fazem na vida e que tomam um vulto muito maior que o corpo físico permanecem, ainda que este último não exista; tal realidade se pode ver estampada nas páginas da história e em todas as partes do mundo. É necessário,

então, seguir exemplos dignos de ser realizados; realizados, não imitados, porque as imitações nem sempre são boas. Realizar, neste aspecto, significa introduzir sobre o modelo tomado como exemplo uma variante pessoal, que logicamente deve existir.

Se os seres buscam isto, isto encontrarão no conhecimento logosófico; não sendo assim, perderão o tempo.

45

A mente em sua função reitora

Buenos Aires, 15 de março de 1949

Já tiveram oportunidade de apreciar que a docência logosófica é extremamente árdua, difícil e delicada; deve-se ensinar lutando contra os pensamentos hostis hospedados nas mentes dos que escutam a palavra da Sabedoria. Puderam observar também, em diferentes oportunidades, a grande paciência com que prodigalizo meus ensinamentos, vencendo as resistências do pensamento com a força da palavra viva, com o calor do afeto que deposito neles e, além disso, com o fragmento de realidade vivente que aparece quando o ensinamento penetra no entendimento, algumas vezes promovendo agitados debates dentro da mente, outras vezes submergindo-a em serenas reflexões.

Os que vêm a esta Casa devem converter-se em verdadeiros arte-sãos da inteligência, construindo internamente uma nova vida. É necessário, porém, consagrar-se e dedicar a isso todas as horas livres do pensamento. Reparem no que disse: horas livres do pensamento; porque ainda que se encontrem ocupados em alguma tarefa, sempre, dentro dela, terão momentos livres para o pensamento.

Mas é preciso trabalhar com entusiasmo, pensando que esse trabalho constitui nada menos que o futuro de sua vida. Serão o que quiserem ser se, empenhados nisso, forjarem na consciência o propósito de realizar, com todo seu esforço, até alcançar aquilo que tiverem escolhido como objetivo. Pensem que ninguém, absolutamente ninguém, poderá substituí-los nessa tarefa; é um trabalho que cada um deve realizar por si mesmo. Para isso, nada melhor do que fazer um registro de todos os movimentos que ocorrem na mente e na vida após haver tomado o caminho da perfeição. Desse modo, o campo fica aberto para todas as experiências de caráter construtivo, necessárias para a consumação de tão altos propósitos. Em sua íntima memória registrarão as impressões recebidas ao escutar a palavra criadora, anotarão suas conversas com os que estão vinculados a ela, bem como as mudanças que forem ocorrendo na apreciação de todas as coisas, auxiliados sempre pelo conhecimento logosófico.

Tudo isso irá se constituindo em um guia para cada um. Mas sejam fiéis nesses

registros; que seu pensamento lhes seja sempre leal; acostumando-se a isto, também poderão sê-lo com os demais.
Ninguém poderia assegurar, neste momento, por exemplo, que todos os pensamentos que tem em sua mente lhe são leais, pois é imprescindível conhecer todos. Há pensamentos que aparecem em certas oportunidades por incitação passional; outros vêm, diferentemente, atraídos por conveniências do momento. Porém, os verdadeiros pensamentos, os que devem formar o mundo individual, os que devem dotar a vida de verdadeira força para sobrepujar todos os obstáculos que possam se apresentar, estes, se não existem, é preciso criá-los; e uma vez criados, alimentá-los constantemente para que não se debilitem e pereçam.

É indubitável que todos os seres têm bons propósitos; mas esses propósitos permanecem geralmente estáticos, já que raramente se convertem em realidades. Em consequência, o ser não deve conformar-se em ter bons propósitos; também deverá saber conduzi-los para felizes realizações. Mas é nesse ponto onde surge a grande dificuldade, onde todos tropeçam e caem, pois, ao avançar em busca da realização desses propósitos, se deparam com obstáculos que não sabem vencer, mal-gastando assim muitas energias. Quantos projetos bons, quantas boas aspirações perecem depois como coisas sem vida! Acontece que, na mente sem conhecimento, não existe um poder com força suficiente para dirigir com seriedade e firmeza a ação do pensamento-propósito; a maioria esmorece ante as primeiras dificuldades. Quantos sucumbiram quase aos pés da vitória, em momentos em que um passo a mais teria bastado para alcançar os melhores e maiores triunfos!

O ser humano, em geral, desperdiça muito suas forças e constantemente, sem se dar conta, perde suas reservas. Daí que, quando quer fazer uso delas, se encontre extenuado, sem achar uma fibra sequer que não tenha sido ferida ou se mantenha intacta, para poder depositar nela sua última esperança. Entre-tanto, são muitos os que dizem ter fibra; acontece que é fácil fazer alarde dela nos momentos bons, felizes ou de triunfo, dizendo coisas que estão além da dimensão dos progressos alcançados, sem os seres pensarem que vão gastando suas forças e ficando exaustos à medida que avançam pelo caminho da vida. Quem lhes restituirá depois essas forças? Quem iluminará suas mentes para que possam realizar a vida em suas mais amplas funções? Quem levantará seus cadáveres psicológicos, uma vez caídos? Estas são as reflexões que convém formular a si mesmos. Depois de pensar em todas estas palavras com serenidade, com paz na alma, comecem o trabalho de preparação psicológica, espiritual, mental e física,

porque tudo, absolutamente tudo, está ligado em conjunção harmônica.

Não há ser humano, por mais ignorante que seja, que não sinta ou não pressinta que, dentro ou fora da vida, existe algo que é incompreensível. Naturalmente, há aqueles que já alcançaram alguma compreensão, que já percorreram um bom trecho da vida; estes devem fazer a si mesmos a seguinte pergunta: o que devo compreender dentro de minha vida e o que devo compreender fora de minha vida? Aí então o espírito começa a se inquietar, enquanto o ser busca compreender a si mesmo, e é aí também onde se promove um dos períodos mais interessantes da vida psicológica do homem. Como vou compreender a mim mesmo – o ser se pergunta – se nunca termino de escutar o que eu mesmo me digo? Como vou interpretar-me, se quem fala em meu interior não sou eu mesmo, e sim meus pensamentos? Por-que, não estando sob a fiscalização e o domínio de quem assim se consulta, os pensamentos falam descontroladamente, ocorrendo que, tão logo deixam de falar, a mente esquece o que disse um ou outro pensamento. É comum, por exemplo, que um pensamento leve o ser à ação; mas, logo após promover esse movimento, o pensamento foge da mente e o ser busca em vão a causa do que lhe aconteceu ou do que fez sem saber por quê. Esta é, portanto, uma das coisas que mais deve preocupar cada um: toda vez que surgir uma pergunta, estar bem certo se esta provém de um pensamento ou do próprio ser.

Para facilitar este ensinamento, farei a seguinte reflexão: geralmente, diante de algo novo, vem à mente um pensamento de curiosidade, que incita o ser a cometer imprudências e indiscrições que costumam prejudicá-lo; mas a mente, feita consciência, atua a tempo e o detém, refletindo depois com serenidade e sensatez sobre as eventuais causas ou motivos. No primeiro caso, agiu o pensamento; no segundo, a consciência atuou na mente do ser.

Outras vezes, por efeito de um ímpeto de violência, algum pensamento atua ou pretende atuar por sua conta, cometendo, ou, melhor dizendo, fazendo seu dono cometer leviandades ou imprudências, cujos efeitos deverá suportar depois. É aí onde a mente, feita consciência, detém o impulso até que a inteligência ou o entendimento, buscando elementos de juízo e fazendo uso da razão, formule com prudência seu veredito.

Vemos claramente, portanto, o que é que atua de forma autônoma dentro da mente, com sua total abstração ou fora de seu controle. Fica então traçada, com toda nitidez, a linha divisória entre os pensamentos com suas atividades

independentes, de um lado, e a mente atuando em sua função reitora, de outro. Temos assim que, quando é o pensamento que atua, pode provocar inúmeras reações; reações no semelhante, por exemplo, as quais se traduzem em desgostos que o ser terá que sofrer depois. Quando atua a mente feita consciência, ou seja, exercendo sua função reitora, evita sempre essas reações, por-que busca a paz interna e a harmonia entre os seres.

Isso evidencia a necessidade mental de refrear constantemente os pensamentos para evitar que promovam mil dificuldades e perturbações, consequência do descontrole e da desvinculação do ser com o verdadeiro sentimento que pode animar suas resoluções justas e serenas.

Tudo isso diz respeito à vida, diz respeito à consciência. Estou falando, ao mesmo tempo que tomo suas vidas para que, em franca comunhão com minha palavra, expressem com toda eloquência a verdade que ela encerra.

Portanto, é preciso trabalhar; trabalhar constantemente. Não permaneçam um só dia com a mente em total indisciplina; o pior inimigo que um ser humano pode ter, ao longo de todo o processo de sua vida, é a inércia mental. Inércia mental significa falta de atividade, falta de domínio, ausência de responsabilidade e paralisação dos mecanismos da inteligência. Em tal estado, os pensamentos dominam a mente e especialmente um, o da ociosidade, se apodera dela. É assim que o homem passa todos os seus momentos livres sem pensar em nada; a mente, ao não ser exigida, adormece, oxidando deste modo todos os seus componentes. Amanhã, num momento de premência, quando o ser quiser obter uma rápida solução proveniente do pensamento diretor, necessitará ser sacudido para despertar, sendo assim que as consequências sobrevêm, por não ter sido capaz de encarar os assuntos com a devida prontidão e inteligência.

A maior preocupação que deve sustentar hoje quem estuda Logosofia é a de como manter sua mente ágil em todos os momentos, e sempre dona de si mesma. Terá início, então – como disse –, o grande processo com a mente feita consciência, isto é, com seus novos pensamentos em aberta luta contra os antigos donos da casa mental.

Advirto que desprender-se desses pensamentos é uma tarefa muito difícil; os hóspedes mentais se agarram às portas da casa mental, às janelas e a tudo quanto há dentro e fora dela, devendo--se retirá-los com grande dificuldade. É preciso, portanto, providenciar seu total desalojamento, porque se algo deles permanecer

dentro, crescerão outros pensamentos. Ocorre às vezes que, quando alguém quer desalojar esses intrusos, acaba ele mesmo ficando fora, por estar fora de si. A quem gosta de enfrentar esta luta, a Logosofia oferece a oportunidade.

Estes ensinamentos não devem cair no vazio; não é concebível que conhecimentos de tal índole possam ser esquecidos. Deve-se trabalhar sobre eles, recordá-los, bem ou mal, porém recordá-los. A consciência recebe-os bem em todo o momento; ao contrário, se a mente os recorda mal, sempre estará quem os expressou para retificá-los. Mas é necessário recordá-los e tê-los presentes para poder aplicá-los à vida, empregando-os como orientação inalterável, firme e definida, única forma de caminhar sem tropeçar em inconvenientes.

46

O conhecimento logosófico constitui um ensinamento superior

Rosário, 19 de março de 1949

Depois de vários anos sem visitar esta cidade, encontro-me novamente entre os discípulos de Rosário, dos quais conservei sempre uma boa recordação. Por isso, é para mim sumamente grato prosseguir hoje, aqui, a série de ensinamentos que, há mais de dezoito anos, venho prodigalizando a todos os que seguem a orientação logosófica. O ensinamento que ela oferece é pródigo, simples e claro; não necessita de argumentos nem de roupagem alguma, pois não há perigo de que morra de frio. Contém calor de vida dentro de si, tanto que até pode aquecer a frieza da indiferença humana. O conhecimento que se adquire ao cultivá-la deve servir para despertar maiores possibilidades na ordem das perspectivas individuais. Isso permite que se abram os canais da mente, fluindo para o interno a luz de novos conhecimentos que, ao iluminar a própria razão, servem depois para iluminar a dos demais. Por isso, exorto-os a consagrar o tempo livre, do qual possam dispor, ao estudo sério e metódico da Logosofia, recordando que o propósito inicial de cada um foi o de superar-se, para estar em condições de servir a seus semelhantes.

É preciso aproximar-se da realidade; é preciso enfrentá-la. A exata compenetração dessa realidade só se pode conseguir quando cada um se despe de tudo o que não é real. Os seres em geral se vestem psicologicamente com muitas peças ilegítimas, e a Logosofia vem para oferecer verdadeiras e legítimas vestes morais para uso de cada um.

Meus esforços, todos os meus esforços, tendem a fazer com que os seres humanos conheçam seus defeitos e suas virtudes, já que podem possuir tanto aqueles como estas sem saber. Se não se têm virtudes, é necessário criá-las, eliminando as deficiências. Este é o primeiro grande passo para a superação.
Os defeitos constituem o grande obstáculo para se superar; por isso, o ensinamento logosófico começa por eliminar as modalidades negativas do caráter. Os pensamentos negativos, que de longa data acompanham os seres e são donos de suas mentes, devem ser eliminados; não de repente, mas debilitando-os gradualmente, isto é, negando-se a satisfazer seus desejos.

Pois bem, a criação de uma virtude implica todo um esforço. Enquanto se realiza esse esforço, a mente se capacita, abrindo para si um mundo de possibilidades. Enquanto isso, o ser vai experimentando em si mesmo o que é capaz de fazer, e se a isso procura acrescentar a participação de sua boa vontade, de forma estável, para que essa capacidade se amplie, mesmo que não chegue a criar a virtude nos limites de tempo em que se houvesse proposto, haverá criado, sem dúvida, o hábito do próprio controle, que já é a base para a criação de uma virtude.

O conhecimento logosófico constitui um ensinamento superior que se deve estudar e experimentar. Nada tem a ver com qualquer outra ordem do saber. Todos os ensinamentos que o integram provêm de uma só e única fonte: a Sabedoria Logosófica. Há mais de dezoito anos que os venho explicando em diversas oportunidades, e em toda parte vejo os seres se reunirem com crescente entusiasmo; prova de que o ensinamento é bom e fecundo.

A semente logosófica é capaz de brotar até nas pedras. Muitas vezes foi provada em seres cujas mentes eram como pedras, e mesmo assim terminaram por ver brotar nelas uma tenra plantinha. Ninguém poderia conceber que em uma mente de pedra pudesse crescer uma planta logosófica. Se isto ocorre em uma mente assim, calculemos o que poderia acontecer em uma mente cultivada, dota-da de boas qualidades e capaz de ajudar na gestação de uma verdadeira planta humana.

Expressava, há poucos dias, como o conhecimento logosófico atua; explicava a maneira de comprovar a atividade dos pensamentos que se movem à margem da razão. Para ilustrar melhor o exposto, citei o caso comum de alguém a quem é transmitido um pensamento proveniente de outro ser com o qual está em desacordo; em tais circunstâncias, se poderá observar, com toda clareza, como a mente que o recebe julga precipitadamente e formula outro pensamento, geralmente de índole antagônica. Bem diferente é a atitude da mente que observa um equilibrado controle consciente, pois nesses casos a razão freia a impulsividade do pensamento, isto é, não o deixa sair descontroladamente da câmara mental.

Como se pode apreciar, uma mente equilibrada leva o caso à sua própria razão que, freando o impulso do pensamento opositor, deixa a mente livre para emitir seu juízo; é assim que se evita come-ter leviandades. O mesmo ocorre quando um ser, sob a influência de um pensamento dominante, está prestes a cometer um ato de violência. Se a mente tem controle, detém o pensamento, interrogando-o sobre suas intenções e a finalidade destas; assim, enquanto ocorre o diálogo

interno, o pensamento perde sua força dominante, tornando-se inofensivo. Portanto, a mente pode atuar freando a veemência dos pensamentos.

Levado por pensamentos sem controle, o ser comete impudências e experimenta as consequentes amarguras; mas, de posse de conhecimentos superiores, empenha-se em evitá-las, tornando-se mais bondoso, reto e justo. É aí que se comprova o valor desses conhecimentos, ao aplicá-los à própria vida. Refiro-me à vida mental ativa e consciente, onde cada um deve ser dono de seus pensamentos. Mas há algo mais: por meio do conhecimento logosófico se começa a cultivar a linguagem, a verdadeira linguagem, evitando-se o uso desmedido das palavras. Para isso, o ser deve se colocar no banco dos réus e escutar seu próprio julgamento.

A Logosofia oferece um caudal ininterrupto de ensinamentos e espera que todos os seres lhes deem acolhida em seus entendimentos, convertendo-os em hóspedes permanentes. É muito lógico que, frente a eles, cada um tenha se perguntado: “Como devo fazer para assimilá-los e progredir?”, porque, geralmente, se pensa em progredir a passos gigantescos. A isso respondo: como fizeram antes para melhorar e progredir? Comparem, pois, o tempo anterior com o atual, analisando o que em tão curto espaço alcançaram com o ensinamento, e confrontem-no com o obtido na vida, até tomar contato com a Logosofia; poderão comprovar assim a diferença. O progresso se torna efetivo quando a consciência desperta e quando esta, leva-da ao plano mental, assume a direção da vida.

Os seres vivem geralmente distraídos; raramente pensam que estão vivendo e, no entanto, querem tudo para si. Mas, qual é o “sim”, se estão vivendo no “não”, na negação de si mesmos? Onde está, então, o ser? Em lugar nenhum, desapareceu. Ninguém pensa que está vivendo uma vida. Portanto, deve-se criar a consciência da existência que se está vivendo, porque, não sendo assim, é como se não vivesse.

Quando souberem experimentar a vida em cada minuto que transcorre, poderão também controlar todos os movimentos de sua mente e converter-se em donos desse ser interno que atua, fala e conhece os pensamentos. Enquanto isso não for alcançado, a mente estará em suspenso; tudo será feito de forma maquinal, vivendo-se uma vida quase automática. Onde está a energia espiritual? Onde está a vida que deve surgir da própria consciência para poder dizer: “Sei o que sou, porque tenho o conhecimento do que sou. Revisei tudo o que possuo, e me

deparei com um haver escassíssimo. Não há qualidades positivas; o passivo é grande e o ativo só existe em perspectiva”?

É necessário efetuar uma reorganização no interno do ser, converter-se no administrador da própria vida. Chamar frequentemente o pensamento que foi instituído para vigiar os movimentos que ocorrem na mente, para que nos informe em que nosso ser gasta suas energias; nenhum saldo desfavorável deve ficar no haver da consciência. Cada um pode anotar, em seu diário íntimo, o que fez de bom e o que pensa fazer no futuro.

Estou certo de que este ensinamento, dado com as palavras mais simples e fáceis, os trouxe à realidade, da qual cada um necessita e pode assimilar para se colocar em boas condições. Falo com a experiência de muitos anos de trabalho, cujos amplos resultados são apreciados hoje por muitíssimas pessoas.

Tratem de ser os guias desta nova geração de pensamentos, que não vão contra ninguém, e sim contra a parte má de cada um, e que, ao mesmo tempo que lhes dão o machado para cortar o mato mental daninho, convertendo-os em lenhadores de bosques semi-petrificados, ensinam-lhes, à medida que cortam e, em virtude dos conhecimentos assimilados, a arar a terra psicológica e a cultivar o espírito, que é a consciência vivente. Assim, poderão forjar uma vida feliz e sentirem-se capazes de oferecer essa felicidade aos de-mais, para que ela reine em todos os corações.

Portanto, cada um deve cultivar o bem dentro de si mesmo; este é o maior de todos os bens, por constituir-se em uma fonte capaz de prodigalizar ao semelhante o de que ele necessita.

Eis aí o que o ensinamento aconselha para que se promova seu cultivo dentro da mente e para que a própria vida se mantenha em contínuo treinamento, única forma de livrar a mente de todo pensamento que conspire contra sua liberdade, contra sua atividade, prostrando-a na inércia. Inércia significa ausência de vontade.
Deve existir um permanente estado de observação, um constante anelo por experimentar a vida em toda sua intensidade e plenitude, o que só é possível seguindo a orientação do conhecimento logosófico. Todas as outras coisas podem servir para tornar a vida mais leve; mas os fins mais elevados estão reservados àqueles que possuem o saber essencial, porque só com os conhecimentos básicos o ser consegue conhecer a si mesmo, saber o que há

dentro de seu ser psicológico, saber como usar os valores que possa possuir, e como, com esses conhecimentos, as deficiências podem ser eliminadas, apontando-as cada um para si mesmo, para que ninguém tenha que fazê-las notar. Este é um dos deveres que todo ser deve cumprir para seu próprio bem.

47

A casa mental

Rosário, 20 de março de 1949

Hoje, com mais firmeza e com mais segurança do que nunca, estão apoiando a obra logosófica, à qual haverão de oferecer sempre seus melhores empenhos. Sendo todos parte ativa desta, formam com ela uma só e única coisa; devem, pois, querê-la, defendê-la e propiciar sua expansão como algo próprio, como algo que pertence ao mais íntimo de seu ser; para isso devem elevar o pensamento a fim de poder se colocar na melhor posição. Será muito grato a cada um saber que, para aqueles que virão amanhã, ou seja, no futuro, já serão veteranos.

A Sabedoria Logosófica é única em seu gênero, não tem parentesco algum com nada do conhecido até o presente, fazendo-a muito feliz o fato de que seus parentes têm origem nela mesma; ou seja, os conhecimentos aos quais a Sabedoria Logosófica deu vida estão ligados a ela por vinculação hereditária. Em consequência, quando esses conhecimentos são obtidos por seus cultores, deverão de fato ser considerados como formando parte da grande família logosófica.

Pois bem, como os conhecimentos que a Logosofia oferece jamais se contradizem e, ao contrário, existe entre eles a mais perfeita e harmônica coordenação, é fácil deduzir que, por mais numeroso que seja o conjunto de seres vinculados a tão elevados conhecimentos, sempre reinam, no seio da grande família que geram, a harmonia e a unidade de que são portadores.

Levando agora essa figura conceitual ao terreno familiar, vemos que não existe ali a semelhança que em alguns aspectos gostaríamos de encontrar. Desse modo, como é difícil nascer sem parentes e viver sem eles, temos que aceitar esse vínculo que, por um lado, nos é extremamente grato e, ao mesmo tempo, imprescindível quando se trata dos mais próximos, isto é, dos que compartilham nosso teto, nosso pão e também nossas ideias; mas não é assim quando se trata daqueles que, por serem inoportunos, seria melhor não tê-los, embora muitas vezes seja de fato o próprio ser que, talvez por debilidade, fomente esse mal.

Contudo, quando se estabelece a prudência, a discrição e a sensatez que o conhecimento logosófico recomenda, surge entre os familiares um novo cuidado, uma consideração e um respeito que permitem o bom entendimento de todos, até dos que não têm vínculos de parentesco próximo.

Mas como tudo requer um processo, se compreenderá que também neste terreno impõe-se uma realização. Assim, pois, cada um deve ser, em princípio, o dono de sua própria pessoa e, em sua casa, o dono do lar. Mas para que a harmonia desse lar não seja perturbada pelo abuso dos que o frequentam, é necessário constituí-lo de tal forma que os demais percebam nele a melhor disposição para todos, mas compreendam, ao mesmo tempo, que se é em seu próprio lar o único dono; que esse ambiente privado no qual vive é patrimônio exclusivo de sua vida; que quando chega a ele não é para escutar o que acontece em outros lares ou o que não convém à boa harmonia criada. Assim se poderá desfrutar da placidez própria de todo lar bem constituído, e aqueles que o frequentam, parentes ou amigos, haverão de render-lhe a homenagem de respeito que terá sabido inspirar, desfrutando todos do mais grato dos ambientes, em franca e limpa cordialidade. Deste modo é como se lavra uma paz permanente, como se vive bem com os demais e, também, quando se começa a compreender os erros cometidos anteriormente, ao refletir sobre as atuações passadas e seus resultados.

A convivência cria uma obrigação; enquanto esta for a consequência lógica da mútua compreensão por parte daqueles que se relacionam conosco, essa obrigação nos deve ser sempre grata; mas quando da convivência surgem os abusos – propiciados, na maioria das vezes, por nossa excessiva tolerância –, convém que essas obrigações sejam evitadas.

O ensinamento assinala uma orientação: fazer o bem. Para realizá-la, se requer que o ser apoie seus propósitos em convicções profundas. Nem é preciso dizer que a Logosofia oferece todos os elementos necessários para serem aplicados à vida. Por outro lado, quando se fazem as coisas com tato, suavidade e firmeza, ninguém se ressente.

Devemos conquistar, portanto, uma porção de paz e outra de liberdade, já que, sem querer, os demais nos obrigam a muitas coisas, das quais é difícil nos libertar depois.

Os pensamentos costumam ser também maus parentes; referimo-nos aos negativos. Em sua constante convivência, terminam exigindo cada vez mais o

que já era oferecido a eles generosamente devido à ausência de defesas mentais. A maioria desconhece a forma de atuar em todas essas circunstâncias. Por outro lado, os pensamentos negativos, que geralmente são muito abusados, conhecem todas as debilidades do homem. Surge, então, a pergunta de como desalojá-los da casa mental. A resposta é muito simples: o dono dessa casa deve fazer tais pensamentos compreender que eles são hóspedes ingratos e que, dentro dela, estão promovendo um mal-estar impossível de ser tolerado, razão pela qual devem ser desalojados.

Entretanto, alguns desses pensamentos iludem o dono da casa mental prometendo-lhe umas tantas coisas; este acredita neles, passando os dias e os anos sem poder livrar-se deles. Não obstante, chega um dia em que a decepção ou o cansaço o leva a cair na indiferença, e é quando os pensamentos se vão a outra parte, isto é, a outra mente que lhes ofereça acolhida. Isto parece, num primeiro momento, uma fantasia, algo irreal; no entanto, é uma situação que acontece com frequência e que é de fácil compreensão. Os que já fizeram muitas observações e acumularam certas experiências vêm confirmando em vários casos a verdade exposta; mas é necessário que muitos outros realizem esta mesma comprovação.

Às vezes, um pensamento, vindo não se sabe de onde, dissimuladamente instiga a fazer algo. Mas quem sabe como atuam esses hóspedes mentais, jamais fará algo que não seja bem pensado. É necessário conhecer todo o processo desse pensamento, como também sua trajetória e o objetivo a que se propõe; o campo mental poderá então ser dominado.

São muitas as pessoas que fazem as coisas confiando no acaso, cujas consequências deixam muito a desejar; a tendência ao milagre ou ao fortuito submerge inevitavelmente no desconhecido. Como veem, é muito comum que a mente faça as coisas mal, criando para o ser suas próprias dificuldades; frente a algo fácil, prefere o difícil, sobrevindo assim as complicações. Convém, pois, não complicar a vida inutilmente, não torná-la difícil, afastando qualquer pensamento que impeça levar a bom termo o que se tenha proposto.

A palavra logosófica, como bem podem apreciar, é simples e não usa nenhum termo que não seja imediatamente compreendi-do por parte de quem escuta. Quem a oferece sabe, por isso, que cada um a levará em sua mente; e espera que a trate bem, pois, ainda que seja dura nos golpes, possui, por sua vez, a capacidade de aplicá-los com segurança; só que ela golpeia para despertar e não

para deixar adormecido.

Sem dúvida encontrarão nestes ensinamentos elementos mui-to úteis para continuar trabalhando com entusiasmo. Deem a eles um lugar propício em sua mente para facilitar o processo que irá conduzi-los à sua total compreensão. Devem adquirir uma “vassoura” nova, para varrer dela tudo o que não sirva e colocar em seu lugar estes ensinamentos que lhes oferecerão uma nova comodidade; deem um lugar – repito – a estes pensamentos, para que eles encontrem amplo espaço em seus recintos mentais.

Assim como se arruma a casa quando se espera visitas de grande estima, também é necessário preparar a casa mental para receber os pensamentos de íntima preferência; nela não devem permanecer, um só instante, os incapazes de realizar o bem. Os pensamentos logosóficos, além do saber que contêm, possuem a essência de uma ética superior, e só permanecem na mente quando quem os recebe experimenta a sensação do bem recebido, mas se retiram quando percebem que sua presença não é grata ou que não fizeram o ser feliz.

Quando se sente uma verdade é necessário identificar-se com ela, consagrar-se a ela por inteiro e defendê-la de qualquer incompreensão.

Um ensinamento escutado de sua fonte é facilmente compreendido, mas raramente é reproduzido com fidelidade por parte dos que o escutaram. Daí que muitos se surpreendam quando percebem que os demais não sentem, como eles sentiram, aquilo que em determinado momento estejam expressando. Isso acontece porque, não contente com tudo o que o ensinamento expressa à inteligência e ao sentir de quem o recebe, este, movido por uma tendência comum da mente, acrescenta por conta própria o de que ele não necessita para alcançar o bem que busca. É assim que, muitas vezes, alterado o conteúdo, o ensinamento já não produz seu efeito original. Portanto, é conveniente – com vistas a um melhor entendimento de si próprio e de sua relação com os demais –, que tenham sempre presente a observação que acabo de fazer. É que toda verdade deve ser não somente escutada, mas também sentida e, se possível, experimentada em si mesmo, para que se esteja em condições de transmiti-la sem desvirtuar sua origem nem sua essência. E já sabe-mos como floresce uma verdade na alma daqueles que souberam cultivar suas condições para possuí-la.

48

A arte de criar a si mesmo

Montevidéu, 25 de março de 1949

Cada vez que lhes falo, faço-o para fixar em cada um conceitos e imagens que ainda não foram fixados de forma permanente.

A arte de criar a si mesmo é muito difícil; constitui uma tarefa árdua e grande, que não pode ser realizada sem antes se alcançar a capacitação que permite levar a termo a referida obra.

Logosofia ensina essa arte; mas, naturalmente, requer-se educar primeiro o artista, para que sua obra não fique incompleta ou defeituosa.

Sabedoria Logosófica quer que todas as obras de valores permanentes para a alma humana cheguem, se não à perfeição – pois são muitas as deficiências que o ser humano tem –, pelo menos a um alto expoente de beleza; e quer, também, que cada um dos traços que apresente seja natural, que não exista nada artificial ou postiço. Eis aí o grande segredo.

Para realizar este grande objetivo, a Logosofia precisou plasmar nas mentes humanas uma nova concepção, tendo em conta o grau de abandono e insipiência evidenciado na grande maioria dos seres humanos que habitam a Terra.

Nos momentos iniciais de seu labor, em nenhuma mente havia sequer suspeita das verdades que a Logosofia evidenciou à inteligência humana. Quando pela primeira vez revelou que o homem tinha duas mentes, um sistema mental, uma rede psicológica e muitas coisas mais, só encontrou perplexidade e ceticismo em todos, sem exceção. A Logosofia precisou, então, iniciar sua obra construtiva fazendo com que os seres realizassem as primeiras etapas do pro-cesso de evolução consciente, indicado em seus princípios. Mas nem todas as mentes são dóceis para realizar esse processo com regularidade; tão delicada é a suscetibilidade mental que, ao dar a conhecer estas verdades, é preciso protegê-las de toda interferência estranha, a fim de facilitar a compreensão de tudo o que é exposto a respeito. É por isso que o processo para tal realização deve ser conduzido com sábio tato e conhecimento.

O extremo antagônico da mente é o instinto, manifestação inferior da natureza humana e expressão rudimentar que revela ao homem os primeiros dias de sua existência. Entre um polo e o outro
– a mente e o instinto –, acha-se a região do sentir, o sentimento, cujo centro afetivo e sensível é o coração, que vem a ser o fiel da balança psicológica.

É necessário ter presente que, quando os pensamentos se hierarquizam e se identificam com a vida, condensam-se no coração, transformados em sentimentos. Isto significa que, apesar da importância primordial que a mente assume na vida humana, nada se liga a ela de forma permanente se não for incorporado a essa região do sentir, isto é, ao sentimento, centro de todos os afetos.

Assim explica-se por que a vida dos seres humanos, com as reconhecidas exceções, é geralmente efêmera quanto ao aproveitamento e perduração da capacidade consciente, pois a mente, influenciada por tudo o que é externo e inconsistente, faz o ser viver também uma vida externa, intranscendente, sendo poucas as vezes em que essa vida toma forma e se manifesta no coração humano.

Na verdade, se deseja e se quer com a mente, porque os seres não aprenderam a querer com o coração. Desse modo, quando a mente consegue o que quer ou deseja, nesse exato instante deixa de dar àquilo que quis ou desejou o valor que antes lhe atribuíra, pela simples razão de não haver existido, na circunstância assinalada, nem a consciência do desejo nem o querer honesto do coração.

Quando se quer com o coração se quer com a própria vida, mas é necessário educar esse querer para que possa se manifestar sem perigos.

O que se quer com o coração permanece na vida, e não somente tem valor antes de alcançar sua posse, senão que esse valor aumenta à medida que se chega à sua realização. Além disso, a conquista dessa posse infunde respeito e dá inteira noção da responsabilidade que se assume ao contar com ela.

É necessário, portanto, que o ser humano saiba fixar seu querer; que saiba o que quer, para não ser traído por seus próprios pensamentos. É uma verdade inquestionável que, se cada um se perguntasse a respeito, pouquíssimos poderiam responder a si mesmos com sinceridade, por ser comum a todas as mentes a mudança diária de querer; então, o que poderia ser edificado em meio a semelhante pântano?

A Logosofia ensina ao homem a mais difícil de todas as artes: a de criar a si mesmo. E ensina fazendo experimentar no próprio ser – não fora dele – a verdade contida nos conhecimentos que oferece. Para isso, convida-o a viver permanentemente nesse mundo superior, no qual impera a reflexão serena e convivem os grandes pensamentos criadores, e no qual a realidade se substancia em tudo quanto existe. Mas é muito natural, e por certo inquestionável que, para alternar no mundo superior das ideias, se requeira adaptar-se às suas exigências e manter-se no maior equilíbrio, a fim de que a razão possa funcionar sem a interferência da imaginação.

Ao ensinar a viver na realidade do mundo mental, a Logosofia faz com que a palavra do saber fixe e grave profundamente na inteligência e no coração do homem a imagem daquilo que ele quer. Portanto, é conveniente que, quando esse querer se pronuncie, não seja nunca suplantado ou perturbado por outro querer, porque isso anularia ou debilitaria muito sua força.

O ser deve cuidar muito das possíveis oscilações da vontade, a fim de manter inalterável o querer forjado. Se alguém não compreender o significado deste ensinamento e preferir outras formas de querer, é livre para seguir suas inspirações, e oxalá possa alcançar o melhor acerto.

Tudo isso deve levar à reflexão o quanto é árdua e pesada a tarefa de ensinar uma arte tão difícil e complicada como é a de criar a si mesmo. Isso dará a noção da medida e dos alcances desta imensa Obra, como também da solidez dos

princípios de essência eterna que a Sabedoria Logosófica contém, porque quando os pensamentos que a integram se manifestam para iluminar as mentes, o fazem em plena maturidade de seu conteúdo fertilizante. Por isso, o pensamento logosófico deve se fixar na vida, absorvendo-se assim a força de sua expressão.

Deve-se converter a mente numa fortaleza inexpugnável. É necessário ser dono da própria vida para defendê-la, também, como algo próprio e não como algo estranho. Uma das primeiras e grandes formas de defesa consiste, justamente, em modelar essa vida à imagem e semelhança do pensamento arquetípico de sua criação, pois quanto mais o homem se aperfeiçoe, mais forte será e menos alvos apresentará aos dardos da maldade e aos não menos perigosos abalos de suas debilidades ou fraquezas.

São muitos os seres que vivem em permanente descuido; e vivem assim porque não sabem cuidar de suas vidas. Com a palavra, por exemplo, podem fazer a si mesmos muito mal. Suponhamos um ser que não seja capaz de respeitar suas próprias palavras: como pretender, então, que os demais o respeitem? Assim é que se chega, no final, a um problema cuja solução é necessário abordar e alcançar.
É costume geral pregar e dizer que não se deve mentir. Eis aqui uma grande verdade: não se deve mentir. No entanto, quem diz a verdade experimenta muitas vezes amargas contrariedades, porque há verdades que doem, fazendo o semelhante reagir. Então, o que se deve fazer? Muito simples: dizer a verdade oportunamente, nunca fora de hora; e dizê-la para construir, não para prejudicar, como os que afirmam: “Eu sou muito franco!”, lançando imediatamente uma verdade que, com ou sem intenção, humilha ou envergonha o semelhante. Essa é uma verdade manchada, e deixa, portanto, de ser verdade no exato instante em que é pronunciada, por levar o germe da violência em potencial, como provam tantos episódios ingratos ocorridos por esse motivo.

Há também mentiras piedosas, mentiras que consolam; estas são as únicas de gênero elevado, as únicas permitidas pela moral humana. Mas é preciso ter um grande domínio sobre si mesmo e prestar muita atenção nas palavras que se pronunciam, para não incorrer em erros lamentáveis, pensando que esta ou aquela mentira seria inofensiva. Em todos os casos, se deverá ter sempre muito presente o alcance de cada palavra para poder medir suas consequências. Daí que seja sempre preferível abster-se, se possível, de fazer manifestações que contrariem a realidade que se vislumbra nos meandros de cada verdade.

49

Os pensamentos e as palavras como agentes da psicologia humana

Montevidéu, 27 de março de 1949

A imagem de cada conhecimento logosófico deve se plasmar na mente com toda sua intensidade e colorido. Não deve ser nunca uma imagem morta, e sim cheia de vida, para que, quando o discípulo concentrar sua mente em sua recordação, perceba todos os movimentos dessa imagem e a lembrança que invoca seja mais fiel.
Isso significa que não é questão de ler ou escutar um ensinamento pensando que isso basta para o processo que se deve realizar; o ensinamento requer um campo propício na mente para revelar sua fecundidade. Quem não cultiva sua terra mental, quem não abre sulcos profundos em sua mente não pode esperar boa colheita, ainda que a semeadura seja generosa.

É indispensável que o homem se converta em um verdadeiro lavra-dor de sua inteligência e compreenda que, quando a mente recebe a luz do conhecimento, essa luz deve se transformar em calor permanente, a fim de poder experimentar a sensação de algo que está trabalhando em seu ser interno, visando propiciar uma superação real.

É necessário sentir a imanência do conhecimento, e para senti-la

É necessário também o sentimento que anima a boa disposição do ser em seu propósito de melhorar.

Vou apontar nesta oportunidade deficiências das quais padece a mente humana. Os seres, ao menos uma grande parte deles, se creem privilegiados, donos das melhores condições morais e psicológicas; há até aqueles que se vangloriam constantemente, surpresos porque os demais não os elogiam, e vivem à margem de toda realidade, imbuídos de pensamentos que inflam suas mentes até tocar os planos do desvario. São raros os que se preocupam em analisar a própria conduta, o movimento de seus pensamentos e a fertilidade ou esterilidade de suas ações. Daí que se acumulem na mente tantas partículas inservíveis de ideias e pensamentos que, abandonados nela, acabam se desintegrando. Mas o conhecimento logosófico, com o enorme poder renovador que o caracteriza, tem

a virtude de sacudir o pó que se deposita e se incrusta nas articulações da maravilhosa engrenagem mental do homem.

Apresentaremos uma imagem que ilustrará sobre as anomalias que a configuração psicológica do ser humano apresenta. Efetiva-mente, o que o ser faz de sua razão, desde seu primeiro contato com ela? Nada. Desse modo, a mente, sem um controle consciente, fica entregue às circunstâncias, às situações e ao vaivém dos pensamentos que habitam os ambientes do mundo.

Em tais condições, ninguém dá valor às palavras que pronuncia, e é assim que desde as menores até as maiores mentiras são ditas com a maior naturalidade, ficando depois tão frias como se acabassem de sair de uma geladeira. A generalização deste fato tem conduzido o mundo para a mais espantosa confusão. Mentem uns aos outros, enganam-se de boa ou de má-fé. Por esse motivo a confiança mútua se ressente e surgem muitos desenganos, sobretudo quando alguém, por excesso de boa-fé, confiou plena-mente no outro. Entretanto, que garantia cada um pode dar de sua palavra? Não é certo, por acaso, que na maior parte das vezes cumpre-se essa palavra quando é conveniente ou quando se tem prazer em cumpri-la?

No entanto, a palavra deve ser o fiel expoente da dignidade que cada um tenha alcançado. Deve ser cuidada como algo próprio, pois constitui um capital interno; um capital grandioso que tem sido desperdiçado, diria-se, inconscientemente. Por isso há tantos pobres no mundo; pobres de espírito, porque mal-gastaram esse só-lido capital que é a palavra. Que conceito uma pessoa pode merecer quando, depois de pronunciar solenemente uma promessa ou dar sua palavra, exigindo que se confie na integridade moral que atribui a si mesma, a retira, a nega ou a esquece?
Eis aí a tragédia do mundo: os homens se esqueceram que Deus lhes concedeu o dom da palavra, para que construíssem com ela sua felicidade e nunca sua desgraça. A palavra é, justamente, a que expressa o verdadeiro conteúdo da vida, a primeira que, como disse uma vez, a criança humana ao nascer emite em forma de soluço, sem poder articular sons ainda; e a mesma que, extraída da consciência, o ser pronuncia sentida e profundamente em seu último adeus, quando fecha seus olhos para a vida.

Cada um deve se constituir em verdadeiro guardião de sua palavra, e ainda os convido a que, quando virem que algum entre os presentes está dizendo coisas inconvenientes, totalmente fora do pensar e do sentir humanos, chamem-no

discretamente a atenção e, ao mesmo tempo, tratem de não incorrer nunca no mesmo erro.

A mente humana está sempre cheia de pensamentos em uma luta quase permanente, querendo dominar uns aos outros. Às vezes são tantos que nem podem se mover; acotovelam-se, brigam, e o ser termina com dor de cabeça. Toma então um analgésico, os pensamentos adormecem e a dor se vai; mas pouco depois voltam outra vez a provocar desordem, repetindo-se o mesmo mal-estar.
É necessário estabelecer a diferença que existe entre a mente e os pensamentos, com imagens claras, brilhantes e muito ágeis.

Vejamos. Não há dúvida que todos têm muitos pensamentos em sua casa mental; com alguns se afeiçoaram mais, com outros, me-nos; dentre eles, uns têm bom caráter e outros, não.

Vou me referir aos que têm mau caráter. Tais pensamentos, mesmo atuando dentro da mente, não o fazem sob a direção da razão, isto é, da mente feita consciência. Mas quando, em virtude do conhecimento logosófico, o ser começa a perceber que os pensamentos existem, que é verdade que promovem atividades alheias à vontade do homem, etc., começa também a deixar que a consciência se manifeste em sua mente. Assim, por exemplo, em muitos casos surge na mente, devido a uma reação externa, um pensamento de violência que, com ímpeto, leva o ser a cometer alguma leviandade; mas a mente feita consciência o freia, porque pensa que, após cometer um ato irrefletido, não é o pensamento quem sofre as consequências.

Outras vezes, um pensamento de veemência conduz o ser a algo prejudicial; advertindo-o, a mente permite a participação da consciência que, como no caso anterior, o freia. Os pensamentos acostumam-se assim a ser freados de imediato, e então, antes de tomarem impulso, olham se atrás deles a consciência está atenta. No entanto, quando esta se descuida, lá vai o excesso.

Isso demonstra que um único pensamento, ao se impor, e mesmo havendo muitos pensamentos na mente, pode anular todos os outros e colocar o ser em situações muito difíceis. Portanto, de que lhe servem os demais pensamentos, mesmo sendo bons, se estão alheios à vida mental? Além disso, achando-se a mente nessas condições, pode haver esperanças de se exercer o autocontrole?
Cada pensamento tem sua linguagem. Então, como confiar na palavra de

alguém, quando não se sabe com que pensamento este fala nem se esse pensamento pertence à casa mental do próprio ser ou é somente um hóspede circunstancial? Porque é necessário saber que existem pensamentos que, tendo-se apossado da casa mental, acreditam às vezes possuir faculdades extraordinárias, e é assim como prometem ou dão esta ou aquela palavra. Depois vão embora da mente e, quando se cobra a palavra do ser, este a nega, esquecendo que o que lhe está sendo cobrado saiu de sua própria boca.

O saber e a experiência restituem a sensatez às mentes humanas, principiando por livrá-las de tudo que não presta, para permitir que a consciência volte a ser dona e senhora da vida.

Por isso, a Logosofia tem ressaltado tantas vezes o valor da palavra. Chegará um dia em que se poderá dizer, com fundada razão, referindo-se a alguma pessoa, que esta vale muito porque tem um grande capital em suas palavras; porque ao expressá-las nunca engana; porque diz a verdade sem ferir, sem ofender, fazendo sempre o bem e deixando no ânimo de todos uma grata sensação de bem-estar.

Um fato que acaba sendo engraçado é aquele em que alguém manifesta: “Eu digo as coisas com franqueza”. Sim, é muito bonito dizê-las aos outros com franqueza, mas já não agrada tanto quando os outros são francos com ele. Portanto, o melhor é não falar com franqueza, mas sim falar com elegância, com prudência e com pureza, pensando sempre que não se tem o direito de ferir a ninguém, de apontar um defeito com indevida suficiência. Quando isso for necessário, deverá ser feito com muito tato e, se possível, adiantando que quem o assinala tinha o mesmo defeito, ou melhor, ainda o tem e, embora o prejudique, não conseguiu se livrar dele até o momento. Eis uma forma elegante de assinalar defeitos; ninguém se ofenderá, porque o próprio ser começa admitindo que também os tem, manifestando estar seriamente ocupado em eliminá-los. Se-ria interessante também que ambos competissem para ver quem elimina o defeito assinalado primeiro.

Já dissemos que cada pensamento tem sua linguagem. Frequentemente, muitos falam ao mesmo tempo; daí ser tão comum ouvir alguém dizer que tem um barulho na cabeça – ou seja, na mente –, que não pode pensar, etc. Outras vezes acontece dos pensamentos combinarem entre si e darem uma festa. Começa então o baile mental, e o ser, vítima dos efeitos de tal ocorrência, termina dizendo que sua cabeça está dando voltas; mas as voltas estão dentro, em sua própria mente. Será por isso que muitos dão tantas voltas, sem ir nunca a

nenhum lugar? Nem bem decidem encaminhar seus passos para um propósito, mudam de opinião. Talvez seja porque se esqueceram de consultar os demais pensamentos.

Para obter liberdade mental, é necessário estabelecer antes um estado de sítio na mente a fim de poder vigiar melhor os pensamentos, retirando os inconvenientes e favorecendo os que são verdadeiramente úteis.

Existem também muitos pensamentos que poderíamos denominar parentes: são aqueles que costumam visitar a casa mental, como ocorre entre familiares, permanecendo dias e dias nela, por acreditar que é obrigação de seu dono atendê-los e dar-lhes tudo o que desejam. De modo que, como se não bastassem os pensamentos próprios, vêm ainda os alheios.

O panorama da vida mental é amplo e oferece pela frente grandes perspectivas para realizar um trabalho muito bom e muito útil. De modo que, com as indicações recebidas, agora será fácil preparar uma boa vassoura mental e varrer todos os pensamentos inservíveis, até deixar a mente limpa e livre.

De que maneira a vida não vai ficar pesada, se os seres por vezes andam como que cambaleando por causa da carga inútil de tantos pensamentos? Quando um ser evolui, todos os setores de sua mente são amplos; tão amplos que muitos pensamentos podem viver folgadamente dentro dela. Mas todos, sem exceção, devem cumprir com seus deveres e com o lema de serem, em todo instante, úteis aos mandatos da razão, dispostos a servir sem queixas e a levar consigo a parte de bem que toda ação nobre e generosa deve inspirar.

50

Mistérios da criação humana

Buenos Aires, 29 de março de 1949

Falaremos hoje para explicar o porquê da instabilidade mental dos seres humanos.

Frequentemente, e graças ao conhecimento logosófico, tem-se observado que a mente está ocupada por muitos pensamentos, tantos que, ao falar, os seres mudam de assunto constantemente, por-que todos os pensamentos querem também falar e se manifestar. Ao se externarem, às vezes se atropelam, razão pela qual as ideias saem entre-cortadas, dificultando com frequência o uso fácil da palavra. Torna-se necessário, pois, saber o que é que se tem na mente.

São muitos os seres do mundo comum cujas mentes estão absolutamente dominadas pelos pensamentos. Como estes falam linguagens diferentes, às vezes não se entendem; há frequentes discussões dentro da mente, costumando ocorrer ali graves conflitos. Quando alguém manifesta não saber o que lhe acontece, está provando, pois, o que acaba de ser dito. É comum ouvir isto das pessoas, sem que saibam definir as causas. Há também aqueles que pensam que, sabendo de notícias e boatos de todas as partes, enriquecem suas mentes; mas os pensamentos se comprimem tanto ali que às vezes até as portas mentais se dilatam; é em tais circunstâncias que alguns costumam dizer que estão com a cabeça pesada. Ocorre, também, o caso de um pensamento que faz cometer uma leviandade; ao ver depois a dificuldade criada, o afetado tem que abaixar a cabeça. Graciosamente, diremos que ele faz assim porque todos os pensamentos curiosos se aproximam das janelas visuais para ver em que falta incorreu por causa daquele pensamento, tudo isso levando a que o ser tenha que abaixar o rosto, inclinando, como dissemos, sua cabeça. Mencionaremos ainda os pensamentos ociosos, cuja característica é a de se acre-ditarem superiores aos demais; estes se acomodam na nuca, e é por isso que os seres em cujas mentes se instalam lançam a cabeça para trás, num gesto de suficiência ou orgulho.
Enquanto isso, os que me escutam tiveram oportunidade de se perguntar quais são os pensamentos que têm em suas mentes; quais são úteis; quais trazem benefício e quais devem retirar para sempre de si mesmos. Este é um exame que se pode fazer diariamente.

O estado de desorientação em que a humanidade caiu se deve, precisamente, ao desconhecimento da vida dos pensamentos, unindo-se a isso o fato de ter extraviado – diria –, pelos caminhos do mundo, um dos maiores valores que o homem possui; esse valor é a palavra. Pela palavra os seres se entenderam e por ela o conceito de cada um vai sendo formado; a palavra representa nada menos que a dignidade humana.

Desafortunadamente, quem avaliza a palavra pronunciada? Quem pode dizer, uma vez pronunciadas, que essas palavras foram suas? Quem garante a paternidade do pensamento que as guiou? Somente pode fazê-lo quem é consciente da responsabilidade que encerram e quem é capaz de confessar, depois, que as palavras ver-tidas lhe pertencem. É sabido que a maioria nega tudo o que disse, se o dito não está de acordo com o que possa ser conveniente nesse momento, e o nega com a mesma facilidade com que emite suas palavras. Não somente se negam as palavras, como também costumam ser negados as promessas e os juramentos.

As palavras que um indivíduo pronuncia são, precisamente, as que podem causar sua infelicidade ou sua desgraça. Se forem ver-tidas sem ter sido pensadas e sem a anuência da consciência, causam desgaste de energias, absorvendo as reservas do ser; e quando este, em momentos culminantes de sua vida, em momentos de premência, de necessidade, de dor, quiser recorrer às suas palavras, encontrará a seu redor o vazio, porque ninguém dará crédito a elas. É por isso que a palavra pronunciada tem tanto valor. Quantos jogam com ela, sem pensar que nesse jogo saem sempre perdendo. Daí que o conhecimento promova um movimento mental tendente a frear os pensamentos para que a reflexão surja serena; para que o homem seja dono de si mesmo; para que saiba que as palavras formam um grande capital que não deve ser desperdiça-do, que não deve ser mal gasto e que sempre deve ser empregado para fazer o bem, para construir e para os mais elevados fins a que o ser humano possa aspirar.

A palavra circula como os pensamentos. Mas enquanto os pensamentos podem muitas vezes agir de maneira oculta, a palavra não; e se cada um, recorrendo à memória e reconstituindo sua vida, observa quanta energia desperdiçou, quantas palavras emitiu inútil e até prejudicialmente, compreenderá então que, ao viver esta nova vida, suas palavras devem ter sempre o aval da consciência.
É necessário, portanto, forjar um novo conceito. Quantos seres se encontram hoje aprisionados ou isolados em consequência de suas próprias palavras; e quantos, por ter dado ouvidos aos pensamentos que acreditaram seus,

esqueceram que tinham uma razão para julgar, chegando ao extremo de não encontrar o lugar onde está situada. É por isso que comumente se diz que sua razão foi extraviada ou que a perderam, por não havê-la encontrado novamente. É necessário, portanto, acostumar-se a preparar a mente, fazendo com que cada faculdade realize o exercício de sua função nas melhores condições possíveis.

Tenham presente que tudo quanto ouviram sobre o valor construtivo das palavras fica confirmado quando um ser é acreditado pelos termos que pronuncia. E isso ocorre, logicamente, porque em outras oportunidades deu reiteradas provas da realidade de suas palavras e, sobretudo, porque deu o exemplo ao não contradizê-las, ao não desvirtuá-las depois de tê-las pronunciado. É assim que o ser se agiganta e aumenta seu prestígio, por haver criado dentro de si a virtude de saber expressar o pensamento pronunciado com palavras que jamais haverá de negar e que os próprios fatos confirmarão depois.

Não devem esquecer que o mineral jaz nas profundezas das montanhas; que o vegetal permanece imóvel na terra; que o animal está atado ao seu instinto e que o homem encontra sua liberdade nos planos elevados de sua consciência, iluminada pela sublime luz do conhecimento. No entanto, na misteriosa conformação biológica do corpo humano se encontram representantes de todos os reinos; conformação que, em mescla imponderável, associa ao organismo do homem elementos constitutivos da vida atômica e molecular do Universo.

Que explicação se pode dar ao homem a respeito da extraordinária complexidade do pensamento criador que animou sua vida, insuflando em suas mais recônditas partículas o hálito ciclópico que acende a chama existencial das gerações cósmicas ao instituí-lo rei da Criação, enquanto faz permanecer nele vestígios latentes dos reinos inferiores? O homem deve desvendar esta incógnita; deixar de ser um mineral, libertando-se da inércia; deixar de ser um vegetal, movendo-se inteligentemente em plena atividade construtiva; e, enfim, deixar de ser tudo o que não convém a um ente humano, livrando seu ser de todos os preconceitos do instinto, para transfundir em seu espírito a verdadeira essência de sua criação humana. As fagulhas que de vez em quando surgem do atrito da inteligência com a áspera aresta da realidade fazem com que apareçam, como numa visão épica, fragmentos de imagens que o homem toma como antecipações promissoras de suas futuras conquistas.

Para isso, tem à sua disposição o mecanismo mais genial já criado: sua mente. Será, portanto, inconcebível que não haja uma verdadeira superação naqueles

que, tomando contato com a Sabedoria Logosófica, podem promover dentro de si os movimentos inteligentes que os levem à realização a que se propuseram. Para esse fim contribuem todos os ensinamentos que, em forma de aluvião, fecundam o campo mental, e cuja importância está além do pensamento, por resumir, em síntese, todas as aspirações do ser.

Que ao esforço que realizo prodigalizando-lhes meus ensinamentos, correspondam apresentando-se com algo melhor em qualquer aspecto que julguem ser de seu agrado; que a compreensão seja real e a realização, efetiva e, à medida que experimentem o bem que essa superação logo proporciona, prossigam cada dia com maior empenho e entusiasmo na consumação deste grande ideal que forjei para cada um e para toda a humanidade.

51

Indagações formuladas à consciência individual

Buenos Aires, 5 de abril de 1949

Penso que os que me escutam puderam perceber com clareza que a palavra logosófica não é uma palavra vulgar, nem é nada que conheceram anteriormente. Puderam, além disso, experimentar também a força edificante do conhecimento logosófico, que constrói enquanto destrói tudo o que é inútil e que não corresponde às exigências das novas perspectivas que se abrem à inteligência; daí a grande dificuldade que costuma se apresentar no campo mental de cada um. No supremo empenho de edificar verdades com bases eternas nas mentes de todos, é necessário lutar contra as rebeldias dos elementos estranhos que se alojam nas concavidades mentais e que, uma vez ali escondidos, revoltam-se, aborrecidos talvez por serem obrigados a pagar tributo à hospedagem, a essa cômoda hospedagem mental.

Sem dúvida, todos os seres humanos ignoram qual é o seu verdadeiro drama; e ignoram porque ninguém acercou às suas inteligências os elementos básicos com os quais poderiam discernir sobre as verdades que, em confusão gigantesca, se alçam sempre frente a sua visão.

Quando o homem dominou a selva, quando lutou contra a fera e a venceu, como sua inteligência não estava cultivada, não pôde compreender o que esse fato significava para sua vida e, menos ainda, criar as defesas; e não pôde compreender porque, natural-mente, para isso era necessário possuir muita sabedoria.

A mente humana é o que de mais sensível pode existir; é a suprema sensibilidade do sensível. As imagens se calcam nela por efeito das impressões recebidas. Por tal motivo, quando o homem venceu a fera e a matou, sua imagem se calcou em sua mente, começando, sob esta nova forma, a adquirir vida no interno e a dominar o ser. Por isso o homem às vezes é agressivo e desumano, pois ainda falta a ele realizar alguns trabalhos hercúleos, entre eles o de dominar a fera interna, a de sua selva mental, que é a mais feroz de todas as feras.

A Logosofia ensina a descobri-la entre as sombras dessa selva, para que,

vigiando-a, seja impedida de matar as belas aves que querem cantar no mais íntimo do ser. Mas não se compreendeu ainda a grandeza desta verdade; e é por isso que a fera ainda reina na selva mental. Entretanto, é necessário dominá-la, não com as armas da violência, mas com as da persuasão, da pureza e da verdade.
A fera não deve morrer, porque o triunfo não está em matá-la; é necessário que viva, mas em estado doméstico. Essa fera, domestica-da, é a representação da força interna que, se hoje é uma força sem controle, amanhã será uma força inteligente que fortalecerá o ânimo e encherá a vontade humana de grandes estímulos. Será, então, quando o homem poderá dizer: “Sou o dono de minhas próprias posses internas, porque soube dominar e amansar a fera dentro de mim mesmo”.

Os estados mentais pelos quais os seres passam são bastante curiosos: por momentos, muito bons; a selva está tranquila e suaves brisas perfumadas os embriagam de alegria. Ao contrário, em outros momentos, a mente adquire um aspecto sombrio; a fera estremece, suas narinas se dilatam, seu ânimo se encrespa e todo mundo se previne porque algo está ocorrendo dentro da selva mental.
Cada um deveria se perguntar por que está sempre sob o jugo dessa fera, mostrando-se incapaz de viver tranquilo dentro de seu reino, inseguro de suas próprias posses. Como é possível, em tais condições, oferecer paz aos demais? Eis aí uma indagação que todos devem se formular.

Mas não creiam que, pelo fato de ter os primeiros e rudimentares conhecimentos sobre a fera, rapidamente a irão encontrar e dominar. Não; essa fera possui a propriedade de se transformar, assumindo as formas mais variadas. Em algumas vezes, aparece com fisionomia de raposa, em outras assume a aparência de tigre, em outras de gato, etc., etc. Quando se acredita estar prestes a prender o gato, o tigre salta por trás. Calculem agora como os seres podem se entender, se cada um carrega uma fera dentro. Que estados estáveis são capazes de oferecer como garantia? Deitam--se de um modo e se levantam de outro; de manhã mostram um estado, à tarde, outro, e, às vezes, um diferente à noite. Essas variações serão concebidas com mais facilidade ao se ter em conta a frequência com que os seres permanecem submetidos às influências externas, representadas pelas ideias ou pensamentos que habitam os ambientes que frequentam; porque, quem pode dizer que conseguiu se imunizar contra tais influências? Ninguém. Por quê? Porque em seu caminhar pelo mundo o homem vem se envaidecendo muito e tergiversando ao extremo aquilo que antes julgou bom e justo. Assim, àquela

mística humilde, que era sinal de elevação moral, opôs a marca de sua soberba. Acreditou que, só pelo fato de possuir inteligência, sabia tudo, razão pela qual muitas vezes não quis ouvir nada.

O homem acredita que sabe tudo, sem se dar conta de que a mente deve estar em atividade permanente, mas em uma atividade inteligentemente dirigida, que nunca a canse; melhor ainda, que amplie os campos mentais, permitindo-lhe manter sempre, por meio dessa atividade, o domínio de todas as imagens que atuam em todo o processo de sua vida. Mas, para que a recordação nunca falhe, deve imprimir essas imagens na consciência. Tais imagens não devem ser nunca relegadas ao esquecimento. Eis uma das grandes deficiências humanas, pois com isso só se consegue fazer com que o passado morra; e o passado deve viver no presente. Refiro-me aqui ao passado que é a base para o presente, o qual por sua vez constitui a melhor perspectiva para o futuro.

Quantos na vida almejam, anelam, pedem o que não têm; imploram por isto ou por aquilo, e, quando conseguem, não lhe dão importância, esquecendo-o logo. Quem presidiu esse pensamento: a consciência ou os instintos? Eis outra indagação.

por isso que a Sabedoria Logosófica leva o homem a ser consciente em todos os instantes de sua vida, fazendo com que essa consciência, em atividade permanente, inspire as futuras criações de sua mente.

Quem, por acaso, à noite quando se deita, ou em cada manhã quando se levanta, se recorda de que acima de todas as coisas existe o Pensamento Criador? No entanto, ele existe; existe uma Inteligência Suprema que interpenetra tudo e à qual o homem deve conectar sua própria inteligência, porém conscientemente, o que significa que, uma vez conectada, não se deve voltar a desconectar por descuido ou esquecimento.

Se pensarmos que existe um ser universal, a quem chamamos de Deus, que permite a existência humana pelo oxigênio que respiramos, oxigênio que torna possível, por sua vez, o funcionamento de toda nossa constituição biológica, por que não haveremos de Lhe render, em nosso pensamento, a homenagem de nossa gratidão pensando n’Ele ao nos deitar, pensando n’Ele ao nos levantar, e procurando fazer com que seja sempre Ele quem presida nossas festas internas ou externas, sem que ocorra como a muitos que somente O recordam quando necessitam d’Ele, quando, pressionados pelas circunstâncias ou pelos

sofrimentos, só então elevam seu pensamento de súplica ao Senhor? Qual dos dois é o gesto mais sincero? Eis outra indagação que cada um poderá responder a si mesmo. Não existe aqui o menor átomo de religiosidade; é conhecimento essencial, único e puro, do Pensamento Universal.

necessário incorporar-se de uma vez, acordar as forças adormecidas no fundo do ser, fazendo com que elas gerem energias e gerem também vida. Não nos deixemos envolver pelo círculo vicioso das preocupações comuns; temos tempo para nos dedicar a elas, e ainda irá sobrar, sabendo administrá-lo. As perspectivas que se abrem ao futuro da consciência humana não podem ser relegadas a segundo plano, porque seria colocar o próprio ser em posições secundárias. Cada um deve cultivar, portanto, seu campo mental; cultivá-lo semeando nele este novo cereal – o logosófico – com o qual haverá de obter colheitas muito boas.

52

Particularidade do método logosófico

Buenos Aires, 19 de abril de 1949

Vou explicar, sucintamente, em que consiste o método logosófico, bem como em que o ensinamento comum se diferencia da Sabedoria Logosófica.

Diremos, em primeiro lugar, que a Logosofia tem um método particular para cada um dos seres, pelo fato de todos apresentarem características diferentes. Além disso, essa ciência abrange todos os aspectos do ser, enfocando seus momentos psicológicos, transições e estados, para que ele se identifique com a parte da Logosofia que encontrar conectada a seu ser. É nesse momento que surgem as inquietudes e as perguntas para alcançar o conhecimento que, do ponto de vista pessoal, mais interessa. A Logosofia contempla, portanto, a totalidade dos seres humanos, e como estes estão agrupados em séries, os ensinamentos que oferece são adaptáveis às diferentes séries de tipos psicológicos existentes.

Assim, quem lê ou escuta determinada quantidade de ensinamentos notará que, entre eles, alguns não penetram em seu interno, talvez por não serem os que puderam impressioná-lo mais intimamente, em razão de não estarem conectados a aspectos psicológicos de seu ser. Outros, ao contrário, impressionam profundamente; sente-os, experimenta-os, aparecendo depois em sua mente uma clara compreensão deles. Esta circunstância lhe permite corrigir erros, modificar interpretações de conceitos e estabelecer conexão com uma orientação clara e definida do fato.

Todos os que hoje me escutam o fazem atraídos pela força construtiva do ensinamento logosófico, tendo a oportunidade de experimentar sua virtude na própria vida. Podem, em consequência, dar testemunho de que algo real existe nele, de cujo valioso conteúdo puderam extrair conclusões sumamente importantes.
Há dois fatos inegáveis que, por inexplicável relação, acontecem dentro do campo experimental logosófico. Um é o discípulo, o ser que, atraído pela força incontestável do ensinamento, vem em busca do conhecimento essencial contido nele, e que, simbolicamente representado, pede à fonte, com a mão estendida, a

sua porção da vid[3]. O outro fato é a mão generosa e amiga que estende quem lhe dá o conhecimento. Nesse efusivo aperto de mãos, aparece, com caracteres indeléveis, o sinal da amizade. A partir desse momento, o ser que aspira ao saber deve experimentar algo como um despertar interno; como se sua vida, como se sua mente houvesse se unido a outra vida e a outra mente muito grande, da qual está recebendo uma nova vida e uma nova geração de pensamentos. Se não sente dessa maneira, se não o experimenta com alguma intensidade, é porque existe uma evidente insensibilidade em relação às altas concepções do espírito. Mas os que vêm aqui, os que levam em cada oportunidade uma grande porção de ensinamentos, todos eles de grande valor para o futuro da vida, penso que experimentam essas sensações profundas de renovação e de superação, bem como uma realidade à qual não é possível estar alheio. Essa realidade se manifesta na necessidade mental de reclamar sempre, como algo que é já imprescindível, a palavra oportuna e construtiva que, atingindo a mente e penetrando nela, faz com que se promovam no ser novas reações íntimas que favorecem o processo de evolução consciente.

Quando a mente se encontra em pleno auge de seu processo evolutivo, requer ser constantemente fortificada pela força extraordinária do pensamento criador da Logosofia. A esse respeito devo recordar que a mente humana atua geralmente com lentidão e comodismo, pensando o mínimo possível. Por esse motivo é necessário acostumá-la a manter a direção do pensamento central sem se desviar, devendo para tanto recorrer às imagens construtivas da Logosofia, a fim de trocar sua atitude passiva por uma disposição ativa que se concentre no objetivo buscado.

Pode-se perceber claramente que, sem o auxílio do conhecimento logosófico, frente à transição que essa mudança representa ou, melhor ainda, frente a tão significativa mudança de atitude mental, os seres não poderiam, ou seria extremamente difícil, manter a firmeza e a segurança que tal circunstância exige. Poderiam eles ser conscientes desse processo de superação real que estão vivendo? Quem iria lhes mostrar, aqui e ali, os desvios a que estão expostos por descuidos na condução do pensamento? Pode, por acaso, o discípulo se sentir capaz de seguir por conta própria o processo de evolução, com toda a sequência de mudanças e transformações que implica a renovação de tudo o que se foi acumulando em sua mente durante tanto tempo? Não sabem todos com que força se enraízam os pensamentos de velhos conceitos, fixados, às vezes, desde a infância? Como eliminar, então, todas essas aderências sem ferir sequer a retina mental, colocando em seu lugar os pensamentos construtivos que orientam o ser

para novos e grandes conceitos?

Muitas vezes, no momento em que se escuta o ensinamento, tudo parece fácil de realizar; mas depois, a sós consigo mesmos, quando os seres têm que encarar seus próprios pensamentos – os antigos, os modernos e os atuais –, a coisa muda de aspecto: tudo parece difícil e mais inacessível. Por isso disse que precisava fortificar muito as mentes, debilitadas pela inércia. Acostumadas a divagar, a perder-se entre mundos quiméricos, é muito difícil conduzi-las a um novo gênero de atividade. Entretanto, quando o ser percebe que a obtenção dos primeiros triunfos o enche de entusiasmo e otimismo, e suas energias assumem uma magnitude que antes não tinham, nesse momento se incorpora sobre si mesmo e sente pela primeira vez os sintomas evidentes de uma nova vida, pois compreende que, depois de muito andar, finalmente encontrou o caminho que o leva a esse mundo mental, no qual, sem se extraviar nunca, poderá encontrar a razão de ser de todas as coisas. Mas é necessário ser guiado e caminhar progressivamente rumo à consumação desse alto ideal que é, em última instância, a realidade de todas as realidades.

Nada disso poderia acontecer, e tudo estaria fora da realidade, se na cabeça dos homens não houvesse mente nem pensamentos; estariam condenados a simplesmente caminhar sobre seus dois pés. No entanto, a partir do momento em que a criação do ser humano foi concebida como sendo superior a todas as demais espécies; a partir do momento em que foi concedida ao homem a capacidade de sentir e de experimentar a vida como nenhuma outra entidade vivente sobre a Terra; a partir do momento em que dispôs de uma mente, com a qual pode conduzir seus pensamentos às elevadas concepções do mundo mental, a partir desse momento contraiu um dever sagrado com o qual cumprir: o que está concretizado na transformação psicológica que lhe permitirá ser o que deve ser entre todas as espécies que habitam a Terra.

Assim, portanto, o homem vai encontrando seu próprio método dentro dos ensinamentos, à medida que estes penetram em seu ser e o levam a conceber imagens que jamais pôde forjar anteriormente. A partir desse instante ele se une ao grande método logosófico que, repartindo ensinamentos para todas as mentes, faz com que cada uma encontre aquele que lhe é mais afim, para seguir com ele seu caminho, sem desanimar e com grande alento.

As mentes, em meio à agitação da vida corrente, costumam ficar nubladas, e até as luzes da inteligência parecem se apagar. Isso ocorre porque os pensamentos

adormecem, sendo quando os seres experimentam a necessidade do conhecimento logosófico, para que os desperte e os volte à vida, para que lhes dê energias; e para que suas mentes, uma vez conectadas ao mundo superior, lhes façam conceber essa vida comum, costumeira, como algo sem nenhuma transcendência, na qual tudo o que se consiga será sempre de caráter utilitário, e não permanente como são os altos valores do espírito. Estou certo de que todos os aqui presentes, depois de escutar a palavra que tanta força dá, se sentirão mais livres das preocupações, mais livres desses pensamentos que costumam promover durante o dia tantas agitações e perturbações no ânimo, e irão embora levando, no mais profundo de seu ser, anelos de voltar a se unirem novamente com o pensamento criador da Logosofia.

53

Como se deve estudar Logosofia

Buenos Aires, 3 de maio de 1949

Não se aprende Logosofia como as ciências comuns, e a prática de seu estudo não é extra-individual, como naquelas, e sim intra-individual: pratica-se no interno, isto é, no próprio ser.

Nas instituições correntes de estudos, aprendem-se muitas coisas que servem para se desenvolver na vida diária, mas sua aprendizagem não exige a conexão do interno do ser com aquilo que se aprende, mesmo que isso forme parte de seu acervo pessoal; tudo o que ali se obtém é patrimônio de todos, pois todos aprendem mais ou menos as mesmas coisas. Por outro lado, nos estudos logosóficos o ser se interna num campo no qual deve aprender a caminhar não com os pés, mas com sua mente, movi-da por um pensamento central: o pensamento-autoridade, como bem o denomina a Logosofia.

A mente de quem estuda Logosofia deve familiarizar-se e, mais ainda, deve aparentar-se, se cabe a expressão, com a mente de seu criador, de seu autor. Uma vez estabelecida essa vinculação, o estudante começa a dar acolhida em sua mente à corrente de pensamentos que recebe da Sabedoria Logosófica, tal como se acolhe na própria casa, cedendo-lhe espaço, um ser que é apreciado, estimado, querido e respeitado. Neste caso, se busca tornar sua permanência dentro do lar a mais grata possível, fazendo com que não vá embora nunca, para desfrutar da sua presença por mais tempo; ao contrário, quando a presença não agrada, procura-se fazer com que vá embora logo.

Se a Logosofia aconselha o estudante a estabelecer uma vinculação com a mente de seu autor, é porque o próprio autor procede da mesma forma. Recebe a todos em seu cenáculo e, se assim faz, é porque os considera de sua amizade. Mas se alguém lhe faltasse com o respeito ou abusasse de sua generosidade, deixaria de ser-lhe grato e, em consequência, cessaria a consideração dispensada, procedimento este que qualquer um empregaria num caso similar. Isto significa que costuma receber os discípulos como no primeiro dia, isto é, com a mesma atitude generosa, com a mesma bondade e com a mesma firmeza, no sentido de oferecer os ensinamentos da Sabedoria Logosófica a todos. Ele quer que cada

um de seus discípulos seja um grande amigo e, muito antes que estes o façam, ele já está oferecendo sua amizade. E ao dizer que oferece sua amizade, disse muito, porque junto com ela vai toda a luz da Sabedoria Logosófica.

A Logosofia ensina, por isso, que uma das bases em que se deve apoiar a moral humana é o respeito que cada um deve a si mesmo e aos demais. Havendo respeito há harmonia, há amor e há tudo, pois isso reflete uma elevação de espírito e uma compreensão mui-to ampla do que deve significar a convivência entre os semelhantes. Quando se destrói o respeito, tudo o mais se quebra com ele; assim vemos em todas as partes do mundo, e a isso obedecem, mais que a tudo, as tragédias que a maior parte da humanidade sofre.

Os discípulos devem receber o ensinamento logosófico como algo necessário e vital, devendo palpitar em cada uma de suas palavras a mesma vida que recebem dos ensinamentos, sem estar jamais desfiguradas, mortas ou embalsamadas com aparência de vivas.
O trabalho extraordinário, complexo e delicado que deve ser realizado em cada mente obedece ao fato de que se vem em busca do conhecimento logosófico com a mente cheia de coisas; deixa-se apenas um pequeno espaço para que possa penetrar algum ensinamento, o qual, uma vez dentro da mente, deve fazer sacrifícios heroicos para não se asfixiar ou morrer atingido pelas tantas coisas que se movimentam nela. Além disso, precisa lutar contra aqueles pensamentos que se opõem a que o conhecimento que conduz permaneça na mente, mesmo que tenha sido atraído pelo próprio anelo, pela própria razão ou pela própria sensibilidade do ser.

Há na mente um grande número de pensamentos mandões, e muitas vezes os seres não têm nem remota ideia do quanto podem eles dentro dela, ficando surpresos depois de realizar atos e coisas que não teriam cometido se tivessem pensado. Isto prova que há pensamentos capazes de transtornar o ser, de levá-lo por caminhos extraviados, ao extremo de anular-lhe a razão.

O sol ilumina todo o sistema planetário; mas se ocorrer a alguém se fechar em um quarto escuro e deixar só uma fresta para a passagem de seus raios, o sol, com toda sua potência ultra-cósmica, o iluminará somente por esse orifício, enviando-lhe uma luz tênue, muito fraca, isto é, a que pode passar por uma fenda tão pequena. Quem está dentro do quarto escuro, ainda que proteste por isso e tente desprestigiar o sol, manifestando que não tem potência alguma, não conseguirá fazer com que o astro amplie a luminosidade que ele mesmo está se

negando.

No recinto mental ocorre a mesma coisa: na medida em que cada um abra as janelas de sua mente, o oxigênio e a luz da Sabedoria poderão entrar através delas; mas quem deixa apenas uma pequena fresta para a passagem dessa luz permanecerá sempre às escuras, ainda que ela ilumine todo o Universo. Culpará depois a fatalidade, o esquecimento da mão de Deus, a má sorte e, enfim, tantas coisas quantas ocorrerem aos pensamentos.

Há mais ainda. Muitos abrem suas janelas mentais, pelas quais entram a luz e o oxigênio; depois as fecham e, como se esquecem de abri-las novamente, a luz, por ser muito discreta, não penetra, iluminando somente a fachada. Quantas fachadas a Sabedoria Logosófica tem iluminado também! Mas não é isso o que ela generosa-mente oferece, ao brindar, como o sol, sua luz; o que ela quer é iluminar o interior dos seres. Mas para isso é necessário que se abram

– como disse – as janelas da mente, e que não se fechem ao sabor dos caprichos: hoje, porque está contrariado; amanhã, porque tem que ir ao cinema; depois, ao teatro; outro dia, porque há muito que fazer e, enfim, outras vezes, porque não tem disposição. Se deste modo o conhecimento não penetra, de quem será a culpa? Do saber logosófico? Certamente não. Esta é uma verdade que todos tocam com as mãos, tanto mentais como físicas; a força dessa verdade se sente até na ponta dos dedos.

Fica ainda uma consideração por fazer: o fato de o sol permanecer esperando que lhe abram as portas, o que significa? Significa que dá provas de uma grande virtude: a de estar projetando sobre o Universo a expressão da paciência, porque, enquanto ilumina to-dos aqueles que estão com as portas abertas, espera que outros as abram. Esta é a paciência inteligente e ativa, da qual falei outras vezes, e também radica nesse fato a expressão universal de outra virtude tão grande como a anterior: a tolerância, porque, ainda que os seres demorem séculos para abrir passagem à sua luz, não irá negá-la se um dia decidirem voltar a fazê-lo. A única coisa que poderia acontecer é que o sol, em vez de iluminar uma vida, tivesse que iluminar um cadáver. Mas a culpa não será nesse caso do sol, mas de quem não abriu a tempo suas portas, para que os raios, que saturam a vida de vida universal, penetrassem no interior.

Estes são os conhecimentos que a Logosofia põe ao alcance de to-das as mentes para esclarecer estados de profunda escuridão que há séculos, desde tempos

imemoriais, a humanidade vem arrastando atrás de si. São simples e singelos, e se revelam por si sós quando a palavra logosófica os desperta e anima e as mentes humanas assistem a seu despertar.

O trabalho é muito intenso. Não é o trabalho comum de quem ensina; é o do artífice que está vendo em cada mente e em cada vida como a semente germina, como o processo vai tomando forma e como o homem vai realizando, em cumprimento à Lei de Evolução, o mais grandioso a que pode aspirar sobre a Terra: a conquista dos conhecimentos-base, única forma de ampliar a consciência e fazer com que esta, em virtude deles, tome contato com a Consciência Universal, pois tudo quanto existe na Criação é constituído de fragmentos espargidos pela Sabedoria Universal.

Quanto mais a mente humana abarque no campo ilimitado dos conhecimentos da Criação, maior será sua consciência e sua aproximação da mente de Quem criou todas as coisas, porque nessa Criação está estampada – como disse – a Sabedoria Universal.

A posse de um conhecimento-base é a posse de um poder. O simples fato de saber que se pode dirigir os próprios pensamentos e do-miná-los constitui um poder: o que permite ao ser chamar-se dono consciente de tudo o que experimenta, bem como de suas ações e de sua vontade.

Eis o procedimento para a aquisição de tais conhecimentos: um ensinamento logosófico é aprendido quando estudado atenta-mente; é compreendido quando levado à realização; por último, alcança-se um conhecimento-base quando esse ensinamento culmi-na dentro do ser manifestando-se com tal realismo que, depois de experimentado, jamais poderá ser esquecido. Quando chega a esse ponto, o ser é dono de um conhecimento, o qual poderá aplicar a si mesmo toda vez que seja necessário, ou utilizá-lo em qualquer oportunidade em que seja aplicável.

Por isso é conveniente que as mentes dos que estudam Logosofia retenham os ensinamentos escutados ou lidos, provando então a eficácia de seu mecanismo retentivo, ou seja, o funcionamento do arquivo mental de cada um, o que constitui, definitivamente, o poder de reproduzir o escutado ou lido. Ao tratar de expor o que foi compreendido ou a impressão recebida, se poderá provar até que ponto o ensinamento penetrou na mente, não de forma memorizada, e sim da forma mais profunda, que é o que se busca. Poderá observar-se também, por

meio desse exercício e tendo em conta as demonstrações dos demais, como os ensinamentos, ao chegar às mentes, se detêm em algumas e passam longe de outras.

São esses os movimentos mentais necessários para que o ensina-mento logosófico cumpra sua verdadeira finalidade e ilumine com sua luz – como faz o sol ao brilhar sobre o rosto dos homens em cada amanhecer – aquelas mentes que abrem, uma a uma, as por-tas do entendimento. Todo aquele que as abriu conseguiu experimentar sempre o benefício dessa luz, porque ela fortalece a mente enchendo-a de força energética.
As mentes brilham muito mais depois de aprender Logosofia do que antes; isso está mais do que comprovado. É sabido também que comumente se luta com todo empenho, procurando fazer com que a mente brilhe, e só se consegue fazê-la soltar faíscas, tal o ardor com que é friccionada. Por isso disse uma vez que para ver melhor é necessário limpar a tênue lente da mente com a suave flanela da reflexão.

Se quiserem fazer sua mente brilhar, não esqueçam qual é a luz que há de lhe dar brilho. Certamente, não é a própria. Quando a conectarem à fonte geradora, sem vaidade nem jactância, verão imediatamente que, se não é a mente a que brilha, brilharão os olhos de alegria e o coração de bem-estar.

Os que seguem a orientação logosófica se sentem felizes, como se vivessem em um oásis de paz impossível de encontrar em outro lugar. A Logosofia não oferece mais do que conhecimentos para a evolução consciente; isto é o que atrai a tantos, pois os ensinamentos que oferece são tão simples quanto profundos, e guardam tantos aspectos que não há quem não esteja compreendido, identificado e enquadrado neles. E quando as coisas vão se explicando no interno de cada um, a vida se torna mais leve, é melhor compreendida e também se compreende mais a vida universal. É como se a vida deixasse de ser pessoal para se unir ao cumprimento dessa imensa Obra, da qual o homem se converte em um grande colaborador à medida que cresce em conhecimentos.

Penso que isto é o que o Pensamento Universal quer. Ele atrai os seres, mas para oferecer-lhes aquilo que tanto buscaram, em vão, por todas as partes: a felicidade, a paz e o amor.

Este não é um ensinamento comum, que se pode encontrar em qualquer lugar. Não; este é um ensinamento que penetra na vida; é a palavra do espírito que

encarna no espírito, essa parte da vida que falta nos seres humanos e que se recupera em virtude do conhecimento logosófico; a que faz com que cada um viva sua vida mais amplamente, repleta de paz e de felicidade, e a que ajudará o homem a encontrar revelado dentro dele mesmo – quando chegar o dia em que conecte sua vida ao pensamento que anima todas as coisas que existem – o mistério de sua própria criação: por que vive, por que existe, por que pensa.

Pode-se pedir mais? Penso que não. Não pode haver nada capaz de saturar a mente e o coração humano de maior ventura. Quando o conhecimento-base adquire volume dentro do ser de forma ilimitada, proporciona a maior de todas as alegrias.

Quem pensa nisso, quem o adota como norte e como meta para orientar seus passos pelo mundo, terá conquistado um grande bem para si mesmo e ajudará seus semelhantes na conquista desse bem.

54

Como alcançar a imunidade nos domínios de Lúcifer

Buenos Aires, 17 de maio de 1949

É tão rico e vasto o campo do conhecimento superior e essencial que a Logosofia abarca, que não é necessário dar muitos passos para encontrar um tema de palpitante inspiração, capaz de despertar rapidamente o interesse geral.

Muito é o que se tem falado do Inferno, ou seja, do reino de Satanás – o principal diabo desse império infernal – onde, segundo as afirmações teológicas, se calcinam as almas cheias de pecados. Para esse inferno iriam os maus quando suas vidas terminassem, ou seja, post mortem. Sendo assim, tanto o fogo como as chamas que sempre lhe foram atribuídos não poderiam ser como os conhecidos em nosso mundo físico, pela simples razão de que não haveria ali coisas materiais para se queimar, somente imateriais. Há também aqueles que chamam o mundo em que vivemos de inferno, por acreditarem ser ele a causa de todas as desgraças humanas.

Por outro lado, se admitirmos a existência do inferno, devemos pensar que ele se encontra tanto aqui, na Terra, como na esfera extra-física; veremos assim que é possível tomar muitas imagens que nos darão talvez uma ideia muito aproximada do que deverá ser efetivamente entendido sobre este ponto tão singular das presunções humanas.

Logosoficamente falando, quem carrega a ignorância sobre as costas é um ser que vai se queimando vivo, que está sofrendo as consequências de sua incapacidade; e é um ser que inevitavelmente se queimará entre as chamas de uma adversidade, cujo fogo tanto mais se atiça quanto mais obstinada for a posição ir-refletida da vítima.

Se tivermos em conta que estamos aqui na Terra, que é a grande escola da experimentação, observaremos quão poucos são os que desfrutam do prazer de reduzir a cada dia o torturante peso da ignorância, e quantos são os que, por essa mesma ignorância, sofrem todo tipo de tormentos. Observaremos ainda que estes, quando vi-vem um fugaz momento de alegria, esquecem suas angústias e, inclusive, o próprio sabor da experiência.

O conhecimento logosófico é dirigido à consciência, pois é verdade inquestionável que quando os seres pensam e atuam consciente-mente, tal como a Logosofia prescreve, tudo fica registrado na consciência. Ocorre então que, quando estes mesmos seres se queimam nas experiências da vida, curam as partes psicológicas afetadas, preservando-as de novas queimaduras com o suave e seguro bálsamo do conhecimento extraído delas, e chegam, em muitos casos, a alcançar a imunização.

Há muitos – isto é bastante comum – que, ao serem comunicados sobre tal ou qual projeto, dizem: “proponha isso a outro, porque eu já estou queimado”, sem dúvida fazendo alusão, e não sem alguma recôndita amargura, a experiências ocorridas com propostas similares. No entanto, quem declara estar “queimado” está longe de suspeitar o alcance da verdade que manifesta, pois na referida expressão acha-se implícito o conteúdo de uma rigorosa consequência. Na verdade, o ser deve se queimar muitas vezes, mas sempre neutralizando o efeito das queimaduras, para que sejam toleráveis e sirvam à finalidade da imunização total que deve buscar.

As alternativas que a vida oferece, de matizes tão variados, falam ao espírito humano com sua linguagem repleta de sugestões; por este meio o homem irá temperando o aço de suas reflexões nesse crisol que muitos chamam de inferno, mas que, logosoficamente, é o fogo purificador que, carbonizando a escória mental e instintiva, oferece ao homem a oportunidade de se redimir perante sua consciência e surgir invicto dentre as vorazes chamas de tom avermelhado, com as quais se caracterizam as que, no inferno, irradiam o sinistro brilho da destruição.

Assim, aquele que sabe se queimar, equilibrando o suportável com o grau da queimadura, evitará a destruição dos tecidos que protegem sua alma, alcançando oportunamente a imunização. Este poderá depois passar tranquilamente por entre as chamas do inferno sem experimentar dor alguma; pelo contrário, dominando-as, poderá ensinar a outros a vencê-las e torná-las inofensivas. Em outras palavras, isso significa o triunfo e a imunização contra o mal e a adversidade. Por isso, a Logosofia assinala sempre, como algo de primordial importância, que o acúmulo de experiências conscientemente vividas forma o acervo dos valores permanentes do ser.

Vemos, portanto, que o homem tem que vencer o mal, vencer o fogo do inferno,

ou seja, a adversidade, com valentia e decisão, sem se esquivar das línguas de fogo nem se inibir psicologicamente ante a investida do infortúnio, pensando que já não lhe resta nada mais por fazer, ou que está tudo acabado para ele. Enquanto as lacerantes chamas do mal não calcinarem a consciência, tudo pode ser integralmente reconstruído. Só o mal-intencionado, que sempre é covarde, encontra com frequência o que merece, ao pretender queimar outros com a chama que é dirigida a ele. É quando se formam os sinais indeléveis de suas queimaduras, que não poderá ocultar de ninguém.

Se, ao passar por esses momentos amargos que a adversidade faz experimentar, nos quais parece que se está queimando vivo, se pensasse na força que este conhecimento encerra e se conduzisse com grande presença de ânimo, seria fácil ver como a intensidade do fogo lacerante cede paulatina ou repentinamente. Neste caso, as queimaduras serão atenuadas, não deixando marcas e nem destruindo tecidos.

Naturalmente, para conseguir o domínio completo do elemento fogo é preciso possuir muitos conhecimentos, de modo que formem o fio da existência. A esse respeito não se deve esquecer que a dimensão da vida, ou, melhor ainda, a dimensão da existência, é medida pela dimensão dos conhecimentos. Se não há conhecimentos, a vida é pequena, e a área física e mental, limitada. Quanto mais limitada for a área física e mental do ser, tanto mais vulnerável ele será ao fogo, o qual acabará por queimá-lo completamente. Ao contrário, numa vida ampla, numa vida agigantada pela dimensão dos conhecimentos, ainda que existam partes vulneráveis e, portanto, suscetíveis de serem queimadas, permanece uma área física e mental grande o suficiente para manter a vida sem sofrer maiores consequências. Já dissemos que, quanto mais ampla for a vida, tanto maior e mais sensível será a consciência da existência.

De tudo o que acabamos de expor, surge com evidência meridiana que aquele que foi chamuscado pelas experiências, que elevou sua vida nutrindo-a com o poderoso alimento do saber superior, esse poderá passar pelas chamas do inferno – tanto físico como extra-físico – sem se queimar, porque as chamas o respeitarão. O essencial é conservar íntegro o espírito que anima a vida, sem marcas de queimaduras; eis o segredo da imunidade. Quando a luz de um conhecimento-base ilumina as mentes, estas não podem permanecer às escuras; o simples fato de haver claridade nos entendimentos significa que a inteligência, estimulada e vitalizada por essa claridade, redobra sua atividade investigadora em busca das grandes compreensões que as grandes verdades exigem.

Tracei até aqui a imagem do inferno, tal como é considerado sob o enfoque logosófico. Este parece um inferno mais humano, mais próximo de todos os entendimentos, mais instrutivo e útil. Desprovido de todo artifício fenomênico, a consciência não se amedrontará perante ele devido a temores absurdos, que sempre são inibidores. Pelo contrário, compreendendo o alcance do ensinamento, o ser preparará seu espírito para qualquer acontecimento adverso, suportando os sofrimentos com inteireza, enquanto, em busca da imunidade, se sobrepõe a todo sofrimento por meio de um constante aperfeiçoamento, que haverá de elevá-lo acima de todas as misérias humanas.

É necessário ter em conta que, diante do homem, existe uma vida por viver, pela qual ele é responsável; portanto, cada um deve ser consciente, não só da que está vivendo, mas também da que viverá no futuro. Na medida em que essa consciência se manifeste ao longo do trajeto por viver, nessa mesma medida irão sendo conquistados, dia após dia, maiores conhecimentos. Como os conhecimentos superiores são fragmentos da vida universal, é lógico pensar que, por esse meio, a vida vai se enriquecendo e se tornando menos vulnerável às investidas da adversidade, ou seja, às chamas do inferno.

É muito certo que, de posse dos elementos de juízo e de defesa mental que surgem deste ensinamento, estaremos mais protegidos das inesperadas emboscadas armadas pelos diabos e satanases, desejosos de ferir-nos com suas flamejantes espadas ou seus tridentes abrasadores. Nós os veremos chegar, porque nossa sensibilidade nos anunciará sua proximidade, e os desafiaremos com nossos conhecimentos, na certeza de que os derrotaremos e os tornaremos inofensivos. Isso dará paz às nossas almas, segurança às nossas vidas e felicidade aos nossos corações.

55

Rumo à vida interna

Montevidéu, 26 de maio de 1949

Uma das dificuldades que costuma se apresentar com mais frequência, e que contribui para estabelecer a diferença fundamental que existe entre o verdadeiro conteúdo do conhecimento logosófico e a crença geral sobre os conceitos admitidos é, precisamente, aquela que obriga cada um a se fazer uma série de consultas sobre a segurança de suas próprias convicções a respeito de tal ou qual critério ou posição adotada em relação àqueles pontos que correspondem mais diretamente à vida ou ao ser individual, nos diversos aspectos que o configuram. Naturalmente, fazemos alusão aqui às pessoas comuns que, por assim dizer, formam o grosso da humanidade, embora seja justo reconhecer que, entre os mais adiantados, exista também uma grande parte que tropeça com dificuldades similares para compreender com toda amplitude os alcances destes conhecimentos. Isso comprova, da maneira mais evidente, não somente sua originalidade, mas também seu caráter sui generis. Vamos explicar, então, em que se baseia essa dificuldade e qual é a diferença fundamental que distingue a Logosofia de toda outra concepção já conhecida.

É um fato real, comprovado reiteradamente, que, enquanto não se toma contato com o conhecimento logosófico, todos os seres mostram um estado geral de indiferença e um desconhecimento cabal de si mesmos, desse “si mesmos” tão genialmente configurado em sua conformação psicológica, mental e moral, e ao qual permanecem alheios, sujeitos a todas as mudanças e variações que surgem de mecanismo tão complicado; mudanças e variações que mostram a instabilidade temperamental e volitiva, ao mesmo tempo que submergem o ser, com relativa frequência, em abismos de dúvida, desorientação e desânimo.

A que obedecem – perguntaríamos, focalizando a questão do ponto de vista logosófico – os desacertos e erros, às vezes irreparáveis, em que incorre um ser, e ainda o fracasso até de seus melhores propósitos? Os que se encontram em situações semelhantes pensam nisso? Pensam mesmo depois de aquietado o espírito? Pensam aqueles que assistem diariamente a tais dramas psicológicos e morais? Podemos dizer, sem temor de equivocar-nos, que, do exame de tantos casos e antecedentes, não surge uma resposta afirmativa. Tudo fica submerso na

penumbra de um mistério insondável: a fatalidade, a má sorte. Aí termina, geralmente, toda tentativa de justificação, já que raramente surge a predisposição de rever as próprias atuações para encontrar os pontos vulneráveis e saber quais foram os desacertos. Isso é tão comum que ninguém se atreveria a negá-lo.

Por outro lado, em quase todos os seres humanos se manifesta, por falta de conhecimentos e experiência, uma tendência muito pronunciada a confiar ao acaso o que, sensata e racionalmente, se deve confiar ao próprio e consciente estudo das situações e projetos que se tenha decidido levar à realização.

Não há dúvida alguma de que a comoção psicológica que todo fracasso produz inabilita a quem não é muito dono de si mesmo para uma reflexão saudável. Com frequência, o amor-próprio termina por agravar mais ainda o choque das reações internas. Ao desalento segue o irreprimível desejo de culpar todo mundo, excluindo-se, logicamente, o desafortunado. Esta é uma realidade que mostra bem claramente qual é o estado geral das mentes humanas, que, desde épocas remotas até o presente – com raras exceções –, continua sendo precário em relação a suas inegáveis possibilidades de evolução e aperfeiçoamento. É precisamente nesse estado que a Logosofia encontra a maior parte dos seres humanos.

De todos os que chegaram às fontes do conhecimento logosófico – e é crescente seu número – nenhum manifestou ainda conhecer o que a Logosofia ensina sobre o sistema mental, o sistema sensível e, menos ainda, sobre a vida e a atividade dos pensamentos, movendo-se independentemente dentro e fora das mentes dos homens. Ninguém manifestou tampouco conhecer anteriormente a concepção logosófica que estabelece princípios e define normas para o perfeito conhecimento de si mesmo. O borboletear dos denominados “mentalistas”, que lançam uma infinidade de livros com persuasivas ofertas de chaves para exercitar o chamado “domínio da vontade” ou “o poder do pensamento”, tem levado somente a agravar ainda mais o complexo psicológico daqueles que, ingenuamente, acreditaram em semelhantes proposições. Basta examinar seus argumentos para se convencer da ingenuidade e falta de consistência de sua exuberante literatura.

Assim, determinada claramente a posição dos seres humanos em geral, do ponto de vista do quadro psicológico e mental que apresentam, vamos partir do exato instante em que tomam conta-to com os conhecimentos logosóficos para ilustrar melhor sobre o processo de superação real que o ser realiza, em perfeita

harmonia com recônditas aspirações que permaneciam latentes no fundo de sua consciência.

Esse processo de superação real tem seu primeiro pronunciamento no acatamento que o ser, obedecendo aos ditados de sua própria consciência, faz à realidade de sua situação, ao compreender, sem qualquer dúvida, a impotência em que se encontra e se encontrará mergulhado enquanto não desperte as forças adormecidas de seu espírito e cultive sua inteligência nos conhecimentos que lhe servirão para alcançar os mais apreciados objetivos a que é possível aspirar, na rota que conduz à felicidade.

Após um prévio exame e avaliação de todos os valores internos que manifeste ter e que realize auxiliado pelo conhecimento logosófico, o incipiente investigador começa por incorporar a seu acervo próprio os novos e fecundos conhecimentos que a Logosofia oferece sem limitação. Ao internar-se em tais conhecimentos, estes lhe revelam veios que enriquecem seu espírito e lhe abrem perspectivas ignoradas para sua vida. Daí em diante, a Autognose ocupará sua mais preferente atenção. Guiado por ela, poderá observar, com particular interesse, os movimentos que ocorrem em sua mente e vigiará com atenção a atividade que seus pensamentos desenvolvem. Deste modo, começará a descobrir neles suas qualidades, suas intenções, e ainda suas origens ou seus vínculos com ideias ou tendências próprias ou alheias. Fará uma seleção deles, eliminando os prejudiciais ou negativos e permanecendo com os pensamentos úteis, que irão lhe servir para chegar a resultados felizes no empenho tenaz e firme de seus elevados propósitos de bem. Tudo isso lhe fará compreender que já não é mais possível entregar sua vida ao acaso, como fazia antes e como a maioria de seus semelhantes costuma fazer. Tampouco terá então que lamentar os frequentes fracassos ou abalos da adversidade, pois antes de iniciar alguma atividade que possa afetar seus interesses ou sua vida, estudará conscientemente os prós e os contras e preparará seu ânimo para suportar com inteireza qualquer eventualidade, sem que nenhuma contrariedade altere os objetivos permanentes de seu espírito.

Além do incentivo que o conhecimento logosófico cria na alma humana, o fato de exercer, em prática constante, a nobre profissão de fazer o bem, começando pelo que se faz à própria vida, permite desenvolver uma atividade que a inteligência intensifica em relação direta com os estímulos que recebe, traduzidos, seja em formosos resultados, seja na repercussão feliz dos esforços. Dessa maneira, cria no homem condições novas para sua vida e, após empenhos

reiterados, este consegue vencer a inércia que o oprimia, debilitando-o psicológica e moralmente. A essa altura de sua realização logosófica é fácil para ele admitir que os conhecimentos que antes tinha sobre a vida e sua função primordial eram rudimentares, uma vez que não iríamos longe se afirmássemos que a maioria dos seres não avançou grande coisa na investigação que se interna nas profundidades da consciência humana.

Salta aos olhos a diferença fundamental que existe entre o conhecimento logosófico e os conhecimentos de domínio comum. Enquanto o ser atua no primeiro usando com acerto e consciência as faculdades da inteligência, no segundo quase sempre o faz ao acaso. E como não haveria de ser assim, se a própria vida parece ser vivida sem que se experimente a realidade de tal existência? Acaso não vive a maio-ria somente por viver, sem que exista nela a consciência plena do que a vida deve representar para o ser? Quais são os recursos mentais, as ideias, as concepções da inteligência que os homens usam para remediar seus males ou melhorar suas situações, na maior parte das vezes críticas ou instáveis? E se não gozam de tais recursos mentais, quem, na época em que vivemos, poderá aproximá-los de suas possibilidades? Eis aqui perguntas que conduzirão a não poucas reflexões.

Outra diferença que devemos anotar, por constituir – poderíamos dizer – a linha divisória entre o conhecimento logosófico e os comuns, é aquela que se evidencia no fato, bastante significativo por certo, de que a ilustração e a instrução correntes conduzem a vida dos seres para o externo, em cuja direção orientam todos os seus afãs. A sociedade moderna obriga a uma permanente rivalidade de ambições que excitam a cobiça e levam a concupiscência a se apoderar de todos os setores da vida. A Logosofia ensina, ao contrário, a viver para o interno; essa vida, reservada única e exclusivamente para que o próprio espírito reine nela, requer ser preservada de toda ingerência estranha. Assim, pois, cada um deverá recolher, sem demora, a vida que estava fora de seu ser, exposta a todas as contingências da imprevisão; enquanto realiza isso, experimentará a grata sensação de já estar vivendo outra vida, agora internamente. Mas, para muitos, não é tarefa fácil recolher essa vida, por estar agarrada em muitos pontos, chegando às vezes a experimentar a amarga realidade de não se sentir dono dela, de tanto ocupá-la com todo tipo de compromissos e obrigações. Mas, quando se consegue fixar essa vida no interno para senti-la mais intimamente e desfrutar dela compreendendo seu grande significado, então se tem verdadeiramente a impressão de viver dentro de uma vida que oferece as tenras e agradáveis sensações de um bem--estar não

conhecido até esse momento. É então quando se pensa no que foi feito da vida anterior, daquela em que se viveu alheio a esta bela realidade, que agora nos é dado desfrutar e apreciar.

Vemos, com isso, a importância de que se reveste tão fundamental conhecimento. Viver a vida internamente significa haver conseguido observá-la e valorizá-la dentro de si mesmo, o que permite, ao mesmo tempo, abarcar – na medida das próprias possibilidades, naturalmente – todo o mecanismo psicológico e mental do próprio ser; conhecendo-o em suas partes e funcionamento, chega-se a conhecê-lo em sua totalidade. Isso não é nada irrealizável, mas tampouco é tarefa fácil: é preciso adaptar os sentidos, antes desacostumados, a percepções mais sutis.

Apresentaremos uma imagem, das tantas que, com aparência similar, poderiam contribuir para explicar a exposição que acabamos de fazer, ainda que ela talvez sirva mais para sugerir reflexões que aproximem o entendimento de compreensões mais exatas. A imagem proposta é a seguinte: todas as pessoas têm casas nas quais vivem. Essas casas estão destinadas ao lar, ou seja, a quem as habita, para que nelas viva em sua intimidade, cuidando delas como algo inseparável da vida. Pois bem, a maioria não faz, por acaso, o contrário? Muitos não gostam de viver na casa de parentes e amigos? Outros não gostam de viver constantemente em casa alheia? E não há também aqueles que vivem rodeados de parentes e amigos, aos quais convidam quase diariamente, como se temessem ficar sozinhos dentro de seus próprios lares? Muitos não usam sua casa somente para dormir? Não saem dela logo que se levantam? É assim que o próprio lar permanece vazio, e tudo ali evoca solidão e tristeza. Que atrativos pode ter em tais condições? Nenhum, certamente. Mas, quem o converteu em tumba fria ou mansão inabitável?

Não busquemos fora de nós o responsável por essa situação. Aqui poderíamos dizer que, para que sua casa se torne atraente, cada um faça de conta que é a alheia e comporte-se nela como costuma fazê-lo na casa dos outros. O problema não tem outra solução. Disposto a fazê-lo, começará por apreciar – como se faz quando se está em casa alheia – as comodidades que tem e o bom gosto com que estão arrumadas. Desse modo, verá nelas muitas coisas que antes não via porque se tornaram indiferentes, e pensará: “Ah, se esta fosse minha casa!” Aqui viria, então, o perdoável delito de apossar-se de sua própria casa, mandando embora o antigo dono, o indiferente e aborrecido, o que se enfastiava de tudo; e finalmente o novo dono se instalará nela, com a consciência do valor que seu lar agora tem.

Analogamente, por acaso não é isso, em grande parte, o que acontece com a vida, com essa vida que, em vez de ser vivida internamente, se vive no externo, ignorando tudo que existe dentro dela? Não levamos nossos pensamentos continuamente para fora da própria mente, isto é, para fora de nossa casa mental? Ou, paralelamente, não fazemos abstração deles, como se não fossem nossos ou não existissem?

Levar os pensamentos para fora da mente significa entregar a outros nossos projetos, nossos pensamentos e nossas ideias, comunicando-os ingenuamente, às vezes com a etiqueta de novos, quando nem sequer estabelecemos as bases do que pensamos fazer. Abstrairmo-nos deles não é, também, esquecê-los? Eis configurada, então, a semelhança da casa que habitamos, vivendo dentro dela mais em aparência que na realidade, com a mente ou casa mental na qual costuma acontecer a mesma coisa.

Voltemos agora a essa vida interna que a Logosofia descreveu magistral-mente. A vida interna abrange a mental e a sensível, ou seja, a vida psicológica assim entendida. Para vivê-la é necessário preservá-la de qualquer interferência externa ou estranha. A atenção que nos exige o fato de vivermos nossa vida internamente não impede, em absoluto, nossa vida de relação com os demais; pelo contrário, ela assumirá uma maior consciência. Entretanto, dentro da atenção que a vida interna nos demanda, encontra-se o estudo de nosso presente e de nosso futuro, sem esquecer o exame de nosso passado, como elemento ilustrativo para as atuações futuras. Assim pensa-remos: que perspectivas nossa vida tem no presente? Que deveremos fazer para nos encontrarmos amanhã com um futuro melhor? Esta indagação deverá ser como um espelho, no qual vejamos refletida diariamente a imagem de nossos propósitos. Somente assim poderá ser fixado, de maneira permanente, o pensamento-raiz que então irá brotar, crescer e florescer, tal como fora concebido.

Uma vez enriquecidas as inteligências dos que se ilustram no conhecimento logosófico, abrem-se às suas possibilidades novos e mais amplos horizontes mentais. Isto produz um deleite espiritual inexpressível, que é o de sentir a vida palpitar com felicidade em meio a gratíssimas emoções; emoções que a consciência se encarrega de prolongar em frequentes evocações que se conectam a novas experiências felizes.

De todo o exposto se infere que o ensinamento logosófico é dirigido eminentemente ao interno; é intra-individual, enquanto qualquer outro

conhecimento é extra-individual, quer dizer, é aprendido e usado para tudo, menos para si mesmo. Daí provém, sem dúvida alguma, que os êxitos ou momentos de felicidade obtidos no mundo comum se esfumem como por encanto depois de afagar os sentidos, a sensibilidade ou a personalidade, deixando o ser entregue a seus habituais estados psicológicos e mentais em permanente oscilação. É que parece impossível para quem vive quase exclusivamente para o externo reter para si a felicidade, conquistada muitas vezes após árduos empenhos, e desfrutar dela com amplitude. Como não sabe valorizá-la em seus alcances e em sua medida, uma vez em sua posse sofre, por assim dizer, uma espécie de desilusão. E sofre porque efetivamente não formou nenhuma ideia de como seria essa felicidade e como deveria comportar-se com ela. Eis aí assinalado o mistério de tantas decepções que se observam na vida comum e que obedecem, na maior parte das vezes, à falta de conhecimentos sobre a conduta superior que necessariamente se deve ter para não malograr os melhores momentos da vida.

Tudo isso mostra com acentuada evidência a necessidade de ilustrar-se nos conhecimentos logosóficos, a fim de condicionar a vida a outras possibilidades e ser verdadeiramente consciente de tudo quanto se pensa, se faz e se obtém em cada instante ou circunstância. Por meio deles, o homem deixará de ser volúvel e instável em seus pensamentos e determinações, para perdurar em seus anelos e propósitos. Alcançados os objetivos, saberá apreciá-los e conservá-los com o mesmo empenho que empregou em sua conquista.

Comumente corre-se em todas as direções, sem que se tenha consciência do que se busca e aonde se quer chegar. Assim é como se perdem muitas oportunidades, porque os olhares com frequência desconfiam daquelas que são reais, para confiar somente nas que aparentam ser. É preciso, então, concretizar na vida tudo quanto se aspirou para ela, sem esmorecer diante das dificuldades, por-que estas provam frequentemente nossa resistência e a firmeza de nossa vontade.

A evolução consciente que a Logosofia preconiza e ensina é o caminho para alcançar esses inestimáveis objetivos, que tanto embelezam a existência e a enchem de felicidade; mas é necessário fixar com caracteres eternos os propósitos de bem que animam nossos pensamentos e ações. Para isso, será preciso organizar o sistema mental e criar muitos pensamentos construtivos e úteis, em substituição aos frívolos e inúteis que distraem a mente e a tornam estéril. Estes últimos são, precisamente, os que tornam a vida miserável, enchendo-a de angústia: a angústia da ignorância, do inexplicável e da

insegurança em todos os sentidos.

Convém, portanto, que cada um assegure dentro de si mesmo a consciência da vida que vive, sabendo por que a vive. Isto criará constantes estímulos, e a sensação de alegria que se vai experimentar suprirá a angústia anterior, permitindo, assim, na nova forma de vida, o nobre e amplo uso das faculdades da inteligência. Desse modo, tudo será útil e benéfico para a observação, visto que, para os fins da superação integral que se busca, nada será indiferente.

56

O conhecimento transcendente como força construtiva

Buenos Aires, 31 de maio de 1949

Bem se sabe que cada um experimenta o efeito edificante da palavra logosófica de uma maneira diferente da do outro. Conforme sejam as condições individuais, bem como a predisposição para o cultivo dos altos conhecimentos, a vontade e o empenho, os ensinamentos agem mais em alguns do que em outros; mas o certo é que o pensamento logosófico vai penetrando gradualmente na vida de todos.

Foi declarado anteriormente pela Logosofia que os pensamentos são entes psicológicos que habitam o plano mental. Assim, há muitos pensamentos no mundo interno de cada um. Como se pode conhecer a origem de tais pensamentos?

Cada mente humana é como um mundo, no qual há pensamentos de índoles muito variadas, entre os quais existem, muitas vezes, aqueles que se tornam guias, tutores ou mandatários desse mundo, motivo pelo qual se promovem tantas rebeldias internas, tantas lutas e estados pelos quais o homem passa, geralmente, por falta de um eficiente controle interno.

Pois bem, os pensamentos logosóficos estão na mente do cria-dor da Logosofia; nas mentes dos que estão presentes não existia um único pensamento logosófico antes de conhecerem a Logosofia. Uma vez em contato com esta, começaram a penetrar nelas. A princípio, como é natural, os pensamentos logosóficos sofreram com a mudança de ambiente; em virtude de sua natureza vigorosa, porém, começaram a se posicionar, lutando contra os que estavam em poder da mente, e procuraram impedir sua permanência nela. Foi assim que a ação decidida dos primeiros favoreceu a entrada de outros que, como aqueles, transmitiam o saber; desse modo a ordem e a paz se restabeleceram em cada mente de forma gradual e positiva.
Fica explicado o porquê das tantas lutas que se costumam manter ao empreender os estudos logosóficos, e, também, como atua o pensamento logosófico, sempre tratando de fazer com que os outros não turvem a visão da inteligência, para que esta discirna e escute a palavra consciente do saber. É por isso que hoje se torna muito mais fácil para muitos dos que aqui acorrem compreender as coisas que os

cercam ou os fatores que criaram seus problemas. Por quê? Porque – insisto – eles escutaram essa palavra e, sendo-lhes agradável, começaram a cultivá-la, dispondo-se, ao mesmo tempo, a mudar, dentro de suas mentes, os pensamentos com pretensões de mando por outros de melhor natureza; desse modo foram avançando, até conseguir o domínio de seu mundo mental. Antes, os pensamentos se revezavam no governo da mente; daí que a tenham feito mudar frequentemente de ideias e projetos. Hoje, os discípulos já sabem como alcançar o domínio da própria mente e, a essa realização, firme e segura, o conhecimento logosófico leva a todos. Não poderia afirmar isto se milhares de testemunhos viventes, se milhares de exemplos não o confirmassem e demonstrassem.

Mas, naturalmente, a conquista desse domínio exige grande dedicação por parte de quem o cultiva, bem como empenho e atenção constantes, e estrito cumprimento de tudo aquilo que o conhecimento logosófico indica. Não sendo assim, não é possível alcançar uma verdadeira evolução consciente.

Há períodos em que o discípulo experimenta a sensação de um avanço real, sentindo-se feliz e estimulado; em outros, ao contrário, parece estar estancado: se desanima e se desalenta, sem pensar que o ensinamento está trabalhando internamente e que não é possível manter de modo constante um avanço acelerado e visível à própria comprovação. Entretanto, seja porque dedicou mais empenho e tempo a seu trabalho interno, seja porque começou a perceber os efeitos de uma nova transição, vem em seguida um novo período.

Tudo isso ocorre de forma consciente, de forma que não escapa à percepção individual. O conhecimento logosófico, à diferença de todos os comuns, tem a virtude de ligar-se à vida, fazendo com que esta experimente a força desse conhecimento e o homem seja consciente de sua existência.

Os seres humanos são diferentes uns dos outros em cultura, em educação, em idade, em juízo e em tudo; mas a Logosofia os une pelo vínculo do respeito, da tolerância inteligente, da paciência ativa e do conhecimento. É justamente este último o que está advertindo a cada um que todos são seres em evolução e que em cada um existe a possibilidade de ser útil à evolução do semelhante, seja pelos motivos que oferece à sua observação, seja pelas experiências que se promovem na luta diária. Assim, quando um ou outro expõe suas compreensões sobre os pontos em estudo, sempre poderão ser extraídas delas conclusões valiosas para a própria investigação. Essa possibilidade de ser útil se evidenciará em muitos casos. Se hoje, por exemplo, um discípulo observa que outro tem

dificuldade para falar, para expor suas ideias, e respeita suas dificuldades ao vê-lo lutar para desenvolver o poder da palavra a fim de fazer-se entender pelos demais, amanhã, ou após algum tempo, poderá observar como se expressa com facilidade, por haver transcendido suas dificuldades anteriores e edificado uma condição que não tinha. Eis um dos fatos que, realizado por outra pessoa, acaba favorecendo a si mesmo, já que daí em diante, ao descobrir uma deficiência própria, terá, com maior estímulo, a oportunidade de trabalhar sobre ela até convertê-la numa boa condição, tornando-a consciente e sabendo dispor sempre dessa qualidade adquirida, sem fazer jamais a menor ostentação.

O pior inimigo que um ser humano pode ter para evoluir conscientemente, isto é, para conquistar a Sabedoria, é a vaidade. A vaidade só existe para o mundo comum, mas não cabe, não pode caber nem existir no mundo mental, no mundo onde estão os verdadeiros conhecimentos. Uma muralha divide ambos os mundos, contra a qual se esfacelaram todos os que pretenderam escalá-la e transpô-la com vaidade. Os conhecimentos implicam em responsabilidade; a posse de um conhecimento impõe a mais absoluta abstinência de tudo o que possa manchar sua pureza; e esta é manchada quando se quer fazer desse conhecimento um meio utilitário, ou se quer empregá-lo visando a ostentação, a presunção pessoal, ou com finalidades egoístas. A posse de um conhecimento impõe também sacrifício: eis aí a prova de fogo. Quem não o faz, dificilmente conquistará um segundo, expondo-se, inclusive, a perder o primeiro conhecimento conquistado.

Referimo-nos aqui aos conhecimentos transcendentes; conhecimentos que são forças que operam transformações no interno do ser. E se primeiramente é necessário transformar-se, lógico é que, a quem experimentou uma transformação, sua nova natureza esteja lhe mostrando claramente a conduta a seguir. O saber transcendente não é algo que qualquer um possa manusear; para alcançá-lo é preciso dar provas irrefutáveis de que se é merecedor dele.

Como foi dito, os conhecimentos transcendentes não podem ser alcançados com fins egoístas, e quando a muralha que separa ambos os mundos tiver sido transposta, tampouco é conveniente voltar atrás. Abrem-se, assim, duas perspectivas: ou seguir adiante, ou esperar a severa reação das forças ativas da evolução, para dar o salto mortal em direção ao outro mundo, levando, enquanto se viver, bem gravada na consciência, a lição recebida.

Ensinar a criar a si mesmo constitui uma tarefa imensa, e é lógico pensar que,

para que cada um possa forjar para si um novo destino, a Logosofia comece por criar primeiro o artista que vai realizar essa obra, ensinando-lhe depois a realizá-la. Não sendo as-sim, como a criaria? Com que inspiração, se não é com a que o conhecimento logosófico lhe infunde, mediante o auxílio constante de quem ensina não somente o conhecimento, mas também como este deve ser compreendido e incorporado à vida, sem que muitos dos componentes que o integram se desagreguem ao penetrar nela? Deste modo, enquanto o conhecimento logosófico prepara as mentes – facilitando o desenvolvimento da função de pensar, a fim de que elas possam cumprir sua grande finalidade –, ensina também a descobrir os habitantes do mundo mental, para que, identificados os pensamentos que não devem permanecer na mente, se possam estar em condições de resguardar os tesouros do conhecimento e ser conscientes, responsáveis e seus verdadeiros guardiões, de maneira tal que nenhum dos pensamentos que antes se tinha na mente tente roubar o que com tanto empenho, lutas e sacrifícios, se conseguiu conquistar.

Eis aí sintetizada a grande tarefa deste preceptor; tarefa que, muitas vezes, implica em grandes fadigas e lutas contra a ingratidão dos que estão recebendo tanto bem.

57

Conhecimento dos pensamentos e função de pensar

Córdoba, 17 de junho de 1949

Se não fosse pela infinita quantidade de recursos que a Sabedoria Logosófica possui, seria muito difícil expressar o pensamento de tal forma que todos o compreendam, por ser única a palavra que preenche seu conteúdo. Se a isto se acrescenta a imensa variedade de aspectos que configuram a psicologia de cada ser humano, poderão apreciar-se melhor ainda as verdadeiras maravilhas que a palavra logosófica deve realizar para poder penetrar nas mentes e ser compreendida por todos.

Acontece muito frequentemente que, enquanto uns realizam o ensinamento aplicando-o à vida, instruindo-se com afã no conhecimento que contém, outros se ocupam dele de vez em quando, sem realizar um processo regular. Por isso, para estes últimos torna-se muito difícil compreender o que o ensinamento está lhes mostrando, isto é, as realidades da própria vida e da vida de todos os demais. De modo que, para poder captar com clareza e sem dificuldades o ensinamento que se escuta, se requer, antes de tudo, estar nas melhores condições mentais e psicológicas, porque, do contrário, ainda que no momento de escutá-lo se experimente a força desse ensinamento ao penetrar na mente, logo depois a referida força desaparece, restando dela muito pouco ou nada. Portanto, na medida em que cada um realize o conhecimento logosófico, sua força permanecerá nele e o beneficiará; esta é, sem dúvida alguma, uma lei justa.

Por outro lado, as mentes gostam de divagar, de estender a visão em muitas direções, sem se fixar em nenhuma. É assim que os seres se distraem e o tempo passa, sendo raros os que compreendem que devem ajustar suas vidas à realidade que o ensinamento logosófico lhes mostra; e ajustar a vida a essa realidade significa, em primeiro lugar, ordená-la, pois a maioria vive numa permanente desordem psicológica. Pensa-se todos os dias de maneira diferente, em coisas novas que, passados às vezes alguns minutos, se tornam coisas velhas ou desgastadas. A mente sempre busca novidades, passando a vida seduzida por elas. Para evitá-lo é preciso fixar a vista num de-terminado objetivo e medir a distância entre esse ponto e o ponto onde se encontra, calculando em seguida as forças necessárias para percorrê-la; é isso o que a Logosofia ensina. Muitos,

porém, depois de ser instruídos, ficam pelo caminho, porque se distraem e se detêm indecisos, não conseguindo decidir-se de uma vez por seguir adiante. Assim perdem tempo, e quando poderiam ter percorrido esse caminho mais de uma vez se necessário, andam apenas um curto trecho, parecendo-lhes suficiente a realização da primeira parte, com o que o dão por terminado, desinteressando-se e buscando ao acaso outros pontos para onde olhar. Deste modo, suas vidas acabam sempre num ponto morto.

Há também os que, atraídos pelo ensinamento logosófico, desejam desvendar os tantos mistérios que cercam a vida humana e os da Criação, pretendendo penetrar neles e descobri-los sem experimentar nenhuma mudança. A Sabedoria Logosófica já demonstrou que, para penetrar nesses mistérios, é indispensável preparar-se, isto é, estar em condições de compreendê-los, o que por sua vez significa haver realizado um processo de superação que coloque o ser num alto nível de compreensão, para que o mistério que sua consciência compreendeu lhe seja útil. Por simples curiosidade os mistérios não se revelam.

Cada um encontrará as portas abertas para tal realização, mas é necessário andar sobre os próprios pés. Deve-se acostumar a caminhar, saber andar mentalmente. Isto requer, como é natural, educar a mente no conhecimento superior. Para educar a mente no conhecimento superior, é preciso fazer antes um exame prolixo do que há dentro dela. Se for útil, isto auxiliará nas realizações; se for inútil, o ser deverá, sem demora, desalojá-lo de sua mente. Aí começa, portanto, a ser descoberto o primeiro mistério da vida do homem; na própria mente, aprendendo a conhecer seu mecanismo, sabendo exercer a função de pensar quando é necessário, facultando a si mesmo para manejar conscientemente os pensamentos próprios e alheios.

Geralmente, quando se exerce a função de pensar se experimenta a sensação de responsabilidade; isso se deve ao fato de que se está elaborando algo próprio. A função de pensar indica que um pensamento vai ser emitido; um pensamento que nascerá da própria vida, que conterá a representação do que cada um é ou sabe. Por outro lado, quando se faz uso dos pensamentos que já estão na mente, parece que o ser está pensando, que está elaborando seus pensamentos, mas não é assim. Este é tão somente um ato da memória, confundindo-se a função de recordar com a função de pensar. Os pensamentos que estão dentro da mente – sejam próprios ou alheios – não se apresentam com a rapidez com que sua presença é solicitada, por estarem escondidos em alguma de suas reentrâncias. Para atraí-los visando a servir-se deles, se requer um esforço: o esforço de

recordar. Nesse instante, a maioria acredita que pensa, mas somente recorda.

Às vezes, ao se chamar um pensamento, muitos outros acorrem ao mesmo tempo e todos querem sair juntos, razão pela qual costumam cometer muitas leviandades e precipitações. É por isso que muitas vezes os pensamentos saem da mente mal vestidos. Querendo causar boa impressão, apresentam-se com a aparência mais descuidada. Quando o ser exerce domínio sobre seus pensamentos, se querem sair de sua mente em hordas, os detém, pensando na alteração que causarão em si mesmo e em sua responsabilidade, pois nota que entre seus pensamentos existem aqueles para os quais tanto faz estar dentro da mente como fora dela. É necessário evitar a aglomeração na saída dos pensamentos, impedir que se atropelem, com o que também se evitará que atue a mente comum, cujo desempenho continuará o mesmo enquanto o ser não conhecer como funciona seu mecanismo mental; como pode usar seus pensamentos e dispor deles; como servir-se circunstancialmente dos alheios; como ser o dono autêntico da própria vida e em função de que pensamentos deve realizá-la.

Quando o ser pensa, é consciente também de que está elaborando em sua mente um pensamento que, ao nascer, levará ao externo a própria representação, o próprio conceito, atribuindo a este fato uma importância fundamental, porquanto sabe que os seres são julgados, em princípio, pelos pensamentos que têm: se estes são bons, serão considerados bons; se são maus, serão julgados como tais. Além disso, esses pensamentos, ao levarem geralmente o ser à ação, confirmam o juízo que inspiram. Por isso, a Logosofia ensina os homens a conhecer os mistérios de seu próprio ser, os mistérios de sua mente e a atuação dos pensamentos.

Há pensamentos que passam o dia deleitando-se na contemplação de filmes imaginários. Instruídos dessa falsa maneira, esses pensamentos quase sempre acreditam ser dotados da maior suficiência; e aquele que os tem, por sugestão deles, termina por fim acreditando--se sábio. Mas o assunto não termina aí, pois acontece muitas vezes que esses pensamentos fogem quando devem manifestar-se externamente, produzindo-se na mente essa espécie de vazio, chamado comumente de esquecimento. Às vezes, ocorre também que esses pensamentos, elaborados sob a influência direta da imaginação, depois de manifestarem-se externamente, são esquecidos por quem os emitiu, que procura por eles em sua mente e não os encontra. Eis aí o porquê de certas lacunas mentais ou esquecimentos, que deixam o ser incapaz de reproduzir seus pensamentos,

criando instantâneamente outros novos. Neste ponto se poderá apreciar o quanto é necessário exercitar o poder criador, aprendendo a elaborar os pensamentos conscientemente, com possibilidade de reproduzi-los quantas vezes quiser. Esta faculdade criadora da mente impede o ser de cair na amnésia, suprindo, em consequência, com inestimáveis vantagens, a intervenção pouco feliz daqueles pensamentos mencionados antes. Deixamos assim explicados, com palavras simples, alguns dos aspectos que configuram o mistério da mente.

Referíamo-nos, no início, às pessoas que não conseguem fixar seus objetivos em um ponto determinado. De fato, são muitos os que passam sua vida pensando no que vão fazer e, sem realizar nada concreto, deixam transcorrer o tempo, porque todos os dias mudam de ideia; para se justificarem, imaginam que o que pensarão no dia seguinte será melhor do que o planejado no dia anterior. Entretanto, é necessário que o pensamento adquira forma e vida, que se mova; se é construtivo, se vai beneficiar, é preciso que seja convertido de projeto em realização, apesar de todas as dificuldades que possam surgir. Sempre se deve procurar aperfeiçoar o pensamento, realizar o propósito, sem que este sofra alterações frequentes.

Certamente ninguém costuma revisar, quando se levanta, os pensamentos que tem em sua mente; geralmente, ao deixar a cama, experimenta-se a sensação de não haver nenhum pensamento na mente. Isto ocorre porque, mesmo depois que o ser acorda, os pensamentos continuam dormindo. Mas no momento em que surge qualquer assunto, todos vêm de repente, muito comedidos, dispostos a dar seu conselho. Assim é que cada pensamento, de acordo com sua conveniência, tenta predominar. O fato é que, mais de uma vez, depois que os pensamentos se fizeram de conselheiros ou, em outras palavras, atuaram disfarçados de razão, o ser tem a plena sensação de que os pensamentos riem e zombam dele. É lógico que aconteça assim, pelo fato de ele não ter sido capaz de criar os pensamentos que poderiam auxiliá-lo em suas dificuldades. Chega-se assim à conclusão de que a maioria faz pouquíssimo uso da faculdade de pensar, lançando sempre mão dos pensamentos alheios. Daí que, naturalmente, a vida se torne fria, fictícia, frívola e com poucos estímulos; e se alguns destes existem, acabam sendo efêmeros porque não obedecem a razões permanentes. Quando o ser começa a pensar, isto é, a saber o que deve pensar, sua vida vai mudando, e só então percebe que ela pode se transformar ao deixar de ser joguete dos pensamentos que ele mesmo não suspeitava pudessem existir em sua mente. A vida muda quando se começa a do-minar a própria mente, a conhecer os pensamentos, sabendo usá-los e dispondo deles para cada atividade. Desta maneira, quando

alguém se sente dono de sua mente, encontra um grande estímulo; e ainda encontrará muitos mais, conforme for aprendendo a usar os outros pensamentos que o auxiliarão em cada circunstância.

Para isso, é preciso que cada um aprenda a pensar bem e serena-mente; deve-se pensar conscientemente, isto é, com conhecimento do que se tem que pensar, uma vez que isso facilita enormemente a criação do pensamento. Certamente isso não é muito simples; é preciso ensaiar muitas vezes, com serenidade, com tranquilidade e sem desanimar. A mente tem que ir se familiarizando com estes ensinamentos e ilustrando-se com estes conhecimentos. A Logosofia aconselha fazer pequenos ensaios para depois ir ampliando.

Para poder receber a força correspondente aos fins que estamos assinalando, logicamente é indispensável conectar-se à grande concepção logosófica, à obra que, incansavelmente, estamos realizando em todas as partes. Do mesmo modo, é necessário estar a par dos avanços obtidos nos diversos locais onde o ensinamento é mais bem aplicado e mais bem vivido, seguindo, na medida das possibilidades, o pensamento monitor de quem criou e move todas as engrenagens desta imensa obra. A mente deve estar bem disposta, bem preparada e serena, única forma de captar as imagens, formá-las internamente e, por último, assimilá-las.

Cada um realiza em si mesmo, enquanto cumpre com os requisitos desta atividade, uma pequena parte da obra. Trabalhando com empenho, com tenacidade, com constância, sem esmorecer, sempre se obtêm resultados muito bons; a experiência o tem confirmado.
Pois bem, quem quer avançar rápido, correr a passos largos, logo terá que sentar-se para descansar, enquanto os demais, com um andar mais calmo, passam à sua frente. Dessa maneira terá que contemplar a caravana dos que vão se adiantando a ele, até poder recuperar suas debilitadas energias e prosseguir a caminhada.

Será indispensável, portanto, caminhar com decisão, firmeza e segurança, cumprindo as etapas com verdadeiras realizações, uma vez que não é possível superá-las se estas não tiverem uma feliz conclusão.

O conhecimento logosófico abre, além disso, perspectivas maiores para todas as atividades; as próprias ocupações materiais são facilita-das enormemente, porque se cumprem em menos tempo e com menor esforço. Isso não deixa de ser lógico, já que, quando a mente adquire maior capacidade, os movimentos que

faz o ser executar serão mais velozes, ao mesmo tempo que diminui o fator tempo. Assim, o que antes demandava, por exemplo, nove ou mais horas, pode-se fazer, digamos, em seis, cinco, quatro ou duas, porque a mente já dispõe de seus próprios elementos e usa-os com inteligência. É isto o que todos devem aprender; mas aprender bem, não pela metade.

Nas mentes daqueles que estão vinculados ao ensinamento logosófico, costumam existir muitos pensamentos que se convertem depois em uma permanente indagação. Comumente, essa indagação não passa de simples curiosidade, de querer saber isto ou aquilo que está distante da compreensão alcançada. Considera-se que o que está mais próximo é o que menos importância tem; entretanto, é do menos que se vai ao mais. A confirmação desta verdade será obtida tão logo se ponha em prática o prescrito pela Logosofia, que aconselha a ler, estudar e meditar o ensinamento, ensaiando sua aplicação à própria vida em todas as circunstâncias em que for aplicável. Ler um ensinamento mil vezes sem vivê-lo ou, o que é igual, retê-lo na memória e não na consciência, carece totalmente de importância. Retê-lo na consciência significa tê-lo incorporado à vida, mantendo--o vivo dentro de si, sendo um fato comprovado que aquele que atua de acordo com um ensinamento é porque o assimilou.

De maneira que o ensinamento deve ser lido com o propósito de recordá-lo conscientemente. Como se faz? A Logosofia vem ensinando há muito tempo, insistindo sempre que se deve viver o ensinamento levando-o ao terreno prático; em uma palavra, concretizando-o na própria vida. Não sendo assim, o ensinamento se ausentará do discípulo e, portanto, não mais pertencerá a ele.

O fato de virem aqui muitas vezes significa que existe em todos um anelo positivo; então, por que não converter esse anelo em uma realidade vivente? É isto o que, com toda amplidão, o saber logosófico busca: que cada um realize seus ensinamentos dentro de si mesmo e não fora, pois se tem podido observar que muitos pensam estar vi-vendo o ensinamento pelo simples fato de pretender aplicá-lo aos de-mais. Certamente isto é o mais fácil, o difícil é aplicá-lo em si mesmo; no entanto, deve-se insistir nisso, pois logo os resultados benéficos do ensinamento começarão a ser notados no próprio ser, e ele estará em condições de ajudar os demais com verdadeira eficiência.

Em todas as partes do mundo existe um grande anelo de superação, sendo muitos os que aqui chegam com grandes ânsias de renovar todos os seus valores, que já

consideram quase inúteis. Muitos dos que exploraram em todo tipo de campo filosófico e em vários terrenos teóricos, ao ver a esterilidade de suas aspirações, recorrem à fonte logosófica ansiosos por renovação. Advertem imediatamente que se trata de um saber fecundo, que começa satisfazendo as indagações que nunca puderam elucidar onde antes realizaram suas investigações. Isto faz com que logo consagrem suas vidas à realização logosófica, obtendo, em pouco tempo, resultados surpreendentes, evidenciados na modificação de seus temperamentos, de suas condutas, de seus conceitos. Tudo se modifica no ser, porque dentro dele tudo tem que se modificar. Permanecer com o velho é impossível; custará, levará tempo, mas é preciso renovar, é preciso mudar. E é lógico que, quando se dá nascimento a uma nova vida mental, não é possível que a velha continue existindo; e este é, justamente, um dos singulares ensinamentos que a Logosofia revela.

O único preço que a lei exige de quem quer conhecer o novo, é deixar o velho na mesma proporção em que for adquirindo o novo; portanto, não se pede que deixe tudo.

Cada um tem a possibilidade de mudar até sua fisionomia. De fato, no lugar dessa expressão amarga, triste ou pouco atraente, que se reflete com tanta frequência nos rostos, estes, em virtude da nova vida, podem ir adquirindo uma expressão agradável e simpática.

Tenho por costume fazer com que o Pensamento Universal presida sempre minha vida. Conecto-me a ele todos os dias, todas as manhãs, todas as noites e, particularmente, em muitos momentos em que a totalidade dos seres humanos o esquece. Em todo instante feliz, alegre, evoco-o para que presida minha alegria.
O comum, ao contrário, é que os seres vivam de forma pessoal e egoísta, despreocupados do Pensamento Universal; todas as coisas em que obtêm sucesso, atribuem-nas a sua grande capacidade, a suas condições pessoais; enfim, ao muito que sabem ou acreditam saber. Isto constitui a anulação do ser. Aí está o porquê de a maioria dos homens ter sido largada da mão de Deus: eles mesmos se desprenderam, certamente, dessa mão que os guiava.

A vida humana deve ser um constante esforço de superação, de compreensão, de realização, única forma de se acercar, passo a passo, do Pensamento Criador, ao qual se deve evocar em todos os momentos, para dar testemunho e fé de que o pensamento que se eleva a ele é real. Isto permitirá sentir que o próprio pensamento se conecta com o Pensamento Universal e experimentar a imanência

dessa potência cósmica. É o Pensamento Universal o que preside, como disse antes, minha vida em todos os instantes; e é assim que, para os meus obstáculos e pedras no caminho, sempre encontro uma força mais poderosa que os empurra para o lado, abrindo-me passagem. Isto, que não é um privilégio, pode ser experimentado por todos os que, iluminados pelo conhecimento logosófico, encaminharem seus passos pela senda arquetípica da perfeição.

58

Caráter intra-individual do saber logosófico

Córdoba, 18 de junho de 1949.

Dentro de pouco tempo, se completarão dezenove anos de trabalho incessante nesta Instituição, que fundei numa época tão incerta. Quando comecei a instruir os primeiros estudantes acerca dos conhecimentos logosóficos, sabia muito bem que encontraria refletido neles um mundo cético, desacreditado e desmoralizado. Embora existisse em toda a humanidade um estado mental confuso, era muito, não obstante, o envaidecimento que havia entre os homens, tanto que nada mais parecia escapar do domínio de suas inteligências. Há poucos dias, quando certa pessoa me expressou, com grande presunção, que nada de novo havia mais sob o sol, lhe respondi: "Está certo, mas para o Pensamento Criador, não para os homens". E isto é evidenciado pelo fato de que todos os dias devem aprender algo novo; todos os dias os homens descobrem coisas cuja existência eles ignoravam, mas que o Pensamento Criador nunca ignorou. De modo que, embora tudo esteja sob o sol, de nada irá servir para a mente que não tomou contato com a realidade, sendo esta a que irá dar plena consciência de cada uma das coisas que existem.

Durante os primeiros anos, vinham alguns, iam-se outros, mas o número dos que me escutavam era cada vez maior. Vinham de diversas partes, tendo alguns percorrido muitos caminhos, e todos trazendo em suas mentes um grande acúmulo de pretenso saber. A Logosofia logo deixou claro que as maiores eminências da filosofia ou da ciência jamais haviam, até o momento, levado seus conhecimentos à própria vida interna; experimentavam tudo de modo extra-individual, mas nunca para uso intra-individual. Desse modo, todos os conhecimentos que adquiriam tornavam-se externos, pois não os associavam a suas vidas. Assim, à medida que aumentavam seu saber, esfriavam seu sentimento, ao acumular conhecimentos que permitiam somente exercer uma determinada função; nunca para levá-los à parte interna, pela via do auto-aperfeiçoamento.
Pois bem, como poderiam levá-los para lá? Como estabelecer a forma de conduzir um conhecimento para o interno do ser, se careciam dos elementos que a Logosofia põe hoje ao alcance de todos? Desconhecendo a articulação do sistema mental e carecendo do não menos importante conhecimento da vida e da

atividade dos pensamentos, tudo se torna confuso e vacilante na mente dos homens.
Não falamos aqui do que o homem sabe e tem descoberto nos respectivos ramos da ciência, cujo valor é inegável; estamos nos referindo ao fato de que ninguém, em nenhum terreno, seja no científico, no filosófico ou no teológico, chegou a aprofundar e a descobrir o que hoje a Sabedoria Logosófica apresenta, ensina e preconiza sobre a existência, em todo ser humano, de um sistema mental, além do sensível, que pode ser organizado e posto em funcionamento com os resultados mais surpreendentes. Muitos outros conhecimentos pertencentes ao saber logosófico permitem também a realização de um processo de superação consciente, cujo método jamais foi conhecido nem praticado, até que a Logosofia o desse a conhecer. Esses conhecimentos são os que agora se colocam nas mãos mentais de todos.

Logosoficamente, a mão mental é o entendimento. É preciso cuidar, portanto, dessas mãos, porque nem sempre estão limpas para receber conhecimentos de tão elevada hierarquia; às vezes, ao serem tomados com demasiado entusiasmo, se desfazem, sem se ter em conta que, por sua natureza, são eminentemente sensíveis. Portanto, é necessário cuidar e servir-se deles de modo que seu uso nunca deixe marcas que os afetem; e as marcas são deixa-das quando se abusa dos conhecimentos, em vez de usá-los com tato e discrição.

Foi assim que comecei a ensinar aos que se reuniam ao meu redor; sabia muito bem que vinham de todas as partes, alguns impregnados pelas mais estranhas teorias ou sistemas filosóficos, e nem todos com bons propósitos. A Sabedoria Logosófica prodigaliza o conhecimento, mas sempre reserva para si a parte vital que o anima; por isso, quando o seu depositário não demonstra ser digno de possuí-lo, este desaparece gradualmente de sua mente, pois os pensamentos que o sustentam, tal como os seres humanos, se afastam do ambiente com o qual não são afins.

Na superação integral é, justamente, onde se manifesta a potência do saber logosófico, porque o acesso do conhecimento ao indivíduo deve ocorrer paralelamente à sua aplicação na própria vida, para que a superação consciente que busca como fim seja uma realidade. Isto confirma, uma vez mais, aquilo que disse tempos atrás: ainda que se despejasse um saco de milho na mão de quem o pedis-se, ficariam nela somente os grãos que pudesse reter. Com a mão mental ocorre exatamente o mesmo. Mas uma vez que falamos em mãos, diria ainda o seguinte: muitos estão com essas mãos mentais dentro dos bolsos. E há até

aqueles que se equivocaram de bolsos, tendo que tirá-las dos meus; foram estes que, pensando que eu estivesse distraído, pretenderam se apoderar dos meus conhecimentos. Foram muito ingênuos, sem dúvida alguma, porque o conhecimento não pode ser roubado. Há uma Lei Universal que o protege de tal usurpação. O conhecimento não pode ser roubado e, menos ainda, quando são muitos os que conhecem sua origem.

Se o processo de superação não for realizado conscientemente, será vivida uma vida externa, uma vida literária, muito diferente da que a Logosofia propicia e orienta. O conhecimento logosófico implica, portanto, numa realização constante, numa regulação permanente da conduta individual. A cada momento, a cada minuto deve surgir na mente um pensamento logosófico, não para distrair ou entreter, mas para que sua presença advirta que se está vivendo uma vida superior e nova, cuja consciência não se deve perder em nenhum momento.

Todos sabem muito bem que muitos momentos do dia são passa-dos em branco, porque a mente, completamente distraída, se submerge na penumbra. Como é natural, esses espaços de tempo são porções de vida que se vão, por não se experimentar em seu transcurso a sensação de existir. Tempo que se passa à margem da vida é tempo que depois se gostaria de recolher para viver; é tempo que se foi e que não poderá ser recuperado. Por isso ensinei não somente a viver dentro do tempo, mas também a adiantar-se a ele; e quando se adianta ao tempo a vida vai sendo ampliada, porque se amplia também o campo mental das possibilidades individuais. O próprio ser, a própria vida toma contato com outras coisas, além das comuns: vai-se estendendo, sem se limitar ao círculo estreito e rotineiro da vida comum, na qual o pensamento dá voltas constantes no mesmo lugar. Uma vida assim tem pouco valor para a existência. Disse já uma vez que melhor seria nascer como integrante de uma espécie inferior, se não for para usar os grandes e poderosos recursos mentais com os quais Deus dotou os homens; recursos que, apesar dos milênios transcorridos, parece que a humanidade ainda os maneja como nos primeiros alvores de seus dias.

Os seres humanos não devem sê-lo somente em aparência, mas também na realidade. O homem foi criado à Sua Imagem e Semelhança; mas esta expressão não significa que o seja desde o momento em que nasce para a vida humana. Deve-se realizar essa imagem, bem como essa semelhança; e se realiza fazendo uso de tudo o que se possui. Daí que o homem deva se aperfeiçoar e conhecer tudo o que tem, com paciência inteligente, com calma, com serenidade, usando uma constância firme e decidida e um empenho ininterrupto baseado no firme

propósito de realizar seu processo de evolução consciente. Para os seres humanos, acostumados por tendência comum a mergulhar na inércia, isto é o mais difícil.

Do exposto se infere que a vida dos seres é inacabada, sem ter-minar; daí a pequena dimensão que assume na maior parte dos homens. E fácil é supor que, quando essa vida se amplia, cria de-veres muito maiores que os de antes; deveres que, por outro lado, proporcionam por sua vez muitas satisfações, por estar atuando sempre a Lei de Compensação. Efetivamente, à culminação de um esforço segue-se uma satisfação; à conclusão de um trabalho, a sensação imediata de um dever cumprido, que é sempre um fragmento de felicidade. Ao contrário, quem não faz nada, quem mergulha na inércia, que satisfações pode ter? Nenhuma; e se tem, são tão efêmeras, tão inteiramente superficiais, que não chegam a comover sua consciência. E aqui entramos, então, em um novo campo de observação. A maioria dos seres experimenta fugazes alegrias, fugazes momentos de felicidade, todos externos; raríssimas vezes a consciência participa deles. E, por quê? Porque até aí chega o egoísmo humano; até a evitar que tome contato com a consciência essa alegria ou essa felicidade que o senti-la ou experimentá-la implica numa obrigação, numa responsabilidade, num dever. Para isso, involuntária ou inconscientemente, o homem procura fazer com que sua alegria seja mental, fugaz, passional, e mais nada. Entretanto, a alegria passa, e outra vez surge como um ser angustiado e castigado pelo que comumente ele mesmo denomina “má sorte”.

Isso oferece uma visão simples e clara de como a generalidade dos seres vive no mundo; superficialmente, sem que o que se vive tome contato com a consciência, única forma de experimentar em cada fato, em cada trecho da vida a verdadeira sensação do próprio existir.

Assim, pois, quando a alegria é sã, deve ser levada à consciência. A alegria deve ser sentida em toda sua amplitude, porque do contrário é ilusória; vivem-se momentos de alegria muitas vezes, quando na realidade só há amargura no interno do ser, tanta que esses fugazes instantes de prazer são como insignificantes copos de água atirados a um grande incêndio com a intenção de apagá-lo, incêndio que, há séculos, está consumindo a vida humana.

Recordo ter dito uma vez que, enquanto o sol aparece todas as manhãs, um número incontável de seres passa meses e meses sem vê-lo nem se recordar de que ele existe. Esta é também outra forma de comprovar até onde chega a vida

superficial dos homens. Mas quem vive uma vida real, quem faz dela uma verdadeira potência interna, trata de ampliar o contato com ela e com todas as vidas que o cercam, pensando, entre outras coisas, que o sol sai todos os dias. Dedique, pois, o homem, pelo menos um minuto ao dia, a vê-lo refletindo em suas mãos, em seu rosto e a prestar-lhe a homenagem de sua gratidão, ainda que seja apenas pelo simples fato de receber sua luz e seu calor.

O sentir humano decaiu muito e a ingratidão assumiu características visivelmente pronunciadas, em virtude de os homens terem esquecido sua origem e tudo o que o Pensamento Criador pôs ao alcance de suas possibilidades; possibilidades essas que, latentes no ser, irão abrir-lhe o caminho e proporcionar-lhe a chave para chegar a sentir e experimentar a vida tal como deve ser sentida, experimentada e vivida. Acontece que, ao incorrer em tal esquecimento, sua vida se torna estéril; assim passam os dias de sua existência e, no fim, o que encontra no fundo de seu ser? Amarguras, decepções, desorientação, tristeza, angústia crescente e também uma sensação inconsciente de remorso, por não ter sabido utilizar a vida em toda sua plenitude.

Este é, em síntese, um dos tantos ensinamentos que a Logosofia oferece como prerrogativa para a realização do processo individual de superação e de evolução consciente. A Sabedoria Logosófica difere completamente de tudo o que se conhece até o presente, porque se projeta para o interno; contrariamente, o que se aprende do saber comum se vive e se projeta sempre para o externo. O conhecimento logosófico leva a riqueza de sua sabedoria à vida do homem, fazendo com que este desfrute dela internamente, não para satisfação pessoal, para orgulho ou envaidecimento, mas para que se cumpram altos objetivos de elevação moral e de aperfeiçoamento.

A Logosofia expõe sempre seus conhecimentos com palavras simples, singelas; não possui termos difíceis, mas explica, infalivelmente, o conteúdo de cada palavra que lhes anuncia. Daí que, de certo modo, a linguagem logosófica difira da linguagem comum, pois suas expressões configuram imagens totalmente diferentes das que se formam no ambiente intelectual comum. A palavra logosófica é clara e contém uma orientação precisa; assim que se manifesta, adquire vida e se ativa, porque, devendo ser recebida pelas mentes, colabora diligentemente com elas na realização da obra interna. As palavras comuns vão, ao contrário, de uma mente a outra, passando por milhares delas, na maioria das vezes sem ficar em nenhuma; e assim a vida transcorre num constante esquecimento, num vazio imenso.

A maioria dos que seguem a orientação logosófica, especial-mente os mais adiantados, conhecem o poder de seus ensinamentos, porque ao aplicá-los à vida, isto é, ao vivê-los, experimentam gratíssimas sensações, totalmente desconhecidas até então para eles; também evidencia essa mesma comprovação o fato de serem conscientes de tudo que o ensinamento vai construindo no interno de suas vidas. Claro que, enquanto ele constrói, deve destruir, logicamente, o que não é necessário, isto é, velhos conceitos e modalidades nocivas para a própria psicologia. Tudo isso corrige o temperamento, que deixa de ser vacilante para se tornar firme. É assim que elimina muitas deficiências humanas, propiciando a eficácia das ações e desenraizando velhos hábitos, tendências ou costumes impróprios. Ao mesmo tempo, implanta, de pleno acordo com a razão individual, novos métodos de vida, novas modalidades, tudo se renovando em um belíssimo processo de superação integral.

Quando, passado algum tempo, o homem se detiver para contemplar o que aconteceu em seu interno, encontrará nele muitas realizações e mudanças que, no período de vida anterior, jamais haviam se manifestado. E por que não haviam se manifestado? Porque vivia na inconsciência, ou seja, na aparente consciência do mundo comum.

Isso é algo muito importante, algo que requer uma dedicação integral e diária, porquanto se trata de realizar um esforço que irá proporcionar depois imensas e nobres satisfações. Portanto, os seres têm frente a si dois caminhos a seguir: o do aperfeiçoamento individual ou o da inconsciência, no qual se vive a vida por viver. A inteligência de cada um é suficientemente capaz para decidir entre um e outro caminho.

59

Conceitos-mãe

Córdoba, 19 de junho de 1949

Trataremos esta noite de alguns pontos de real importância, os quais convirá associar depois aos estudos que a respeito já realiza-mos em Logosofia.

Iniciando a matéria, devo recordar, a propósito dos conhecimentos superiores – tema encarado há poucos dias –, que são eles, na verdade, os que inspiram as mentes fazendo-as conceber ideias criadoras, ao mesmo tempo que faz o ser experimentar novas sensações, tais como a de sentir-se melhor, a de ser mais bondoso, mais justo, etc. No entanto, se esquece muito do que se aprende, e não porque as mentes estejam distraídas, mas porque se carece, em princípio, de suficiente capacidade de retenção. Falta educar a vontade. Mui-tas deficiências vieram debilitando, no transcurso de tantos anos, as energias psicológicas, as quais devem hoje ser fortalecidas pelo conhecimento logosófico.

Uma consequência natural do mencionado debilitamento é que o ser, o verdadeiro ser, o que está oculto, o indivíduo, o ser interno, o espírito vivente dentro do homem, permaneceu inativo durante longo tempo, por não ter sido dada a ele a oportunidade de manifestar-se. Assim as deficiências foram se formando pelo acúmulo de erros, dando origem à personalidade, que é todo o externo com que se reveste o ser para mostrar-se superior aos demais. Quando, porém, começam a ser percebidos os primeiros sintomas do despertar interno, quando começam a ser compreendidos os primeiros ensinamentos básicos que conduzem cada um a fazer juízos maduros e exatos de sua própria vida, de seu próprio ser, surge, então, a necessidade interna de fazer com que essa individualidade adquira força e se manifeste. Mas, para que isso possa ser uma realidade, é necessário propiciar sua manifestação, o que se consegue criando o indispensável para tal efeito, isto é, as virtudes e as qualidades que integram a individualidade.

Portanto, cada um deve criar uma fonte interna de estímulos para que essas virtudes possam se manifestar amplamente. Eis o grande labor de aperfeiçoamento que os seres devem realizar: por um lado, corrigir as deficiências até eliminá-las; por outro, criar, se não as têm, as virtudes que irão

dar a força espiritual para alcançar seu verdadeiro centro de gravidade, seu equilíbrio e a compreensão central de tudo o que amanhã possam saber e sentir.

É este o trabalho incessante que cada um deve realizar, dirigindo a visão todos os dias para dentro e convertendo-se em verdadeiro explorador de seu mundo interno, a fim de encontrar as próprias deficiências com a lâmpada do entendimento iluminado pelo saber logosófico; ali, ao encontrar uma ou outra, deverá trabalhar para desenraizá-la, colocando em seu lugar uma virtude.

Já dissemos outras vezes quais são as virtudes que devem ser cultivadas, ao mencionar, entre elas, a paciência inteligente e ativa, a tolerância compreensiva e, acima de tudo, a virtude de ser justo nas apreciações, nos juízos e até no afeto.

Deve existir sempre plena compreensão e conhecimento da medida que deve reger todos os atos e até a extensão dos pensamentos. Naturalmente, com estes conhecimentos, cada um segue com a consciência de sua própria vida, sabendo para onde conduzi-la e como defendê-la contra todos os ataques, especialmente contra os que provêm dele mesmo, que são, às vezes, os piores. Porque o ser ataca a si mesmo, atentando contra a própria vida, quanto mais se distancia do conhecimento real das coisas. Cada deficiência é um foco desintegrador do próprio ser. Quando não se cultivam dentro de si, por exemplo, as belas formas e as maneiras sociais com que o ser deve se desenvolver entre seus semelhantes, a sinceridade interna não pode se manifestar agradavelmente, o que torna o ser uma pessoa pouco simpática; e quando se escutam palavras de uma pessoa que não atrai, que não é simpática, tem-se sempre uma impressão desagradável. Agora, se em vez de ser pouco simpática, é antipática, fica pior; e se é odiosa, pior ainda. Quer dizer, então, que nestes casos se estará atentando contra a própria vida, contra o próprio conceito, pois o ser mesmo o estará afetando com seus pensamentos, com seus atos e suas errôneas atuações.

A Sabedoria Logosófica, ao edificar um verdadeiro conceito da pessoa, dando a ela as defesas para que se resguarde de toda imprudência própria ou alheia, estabelece um princípio de caridade superior, que cada um pode aplicar a si mesmo. Aquele que com seu auxílio edifica para si um bom conceito, o defenderá e será respeitado por todos, pois, naturalmente, será respeitado tanto pelos que têm alguma noção elementar de cultura e algo de sensatez como pelos de maior ilustração.

Tem-se visto muitos seres que, sem querer ou sem saber, estão se destruindo,

estão atentando contra a própria vida, o que causa verdadeira pena e faz com que se exalte um profundo sentimento de humanidade frente a semelhante quadro; bem sabemos que to-dos têm boas condições, mas que, por causa de suas deficiências, aquelas ficam anuladas, afetando a própria vida. Esta é a tragédia de cada ser humano; poucos, muito poucos, poderiam dizer que estão isentos de viver esse drama. Talvez o consolo resida no fato de ser um mal de muitos, mas na verdade, é preferível não estar entre os muitos nem ter esse consolo dos tolos.

Vamos nos referir agora a duas modalidades negativas, impróprias de todo espírito elevado, que costumam influir poderosa-mente no pensamento e no sentir dos homens, quando estes não se afirmam em conhecimentos inabaláveis de equidade e limpeza moral. Essas duas modalidades, opostas ambas a toda virtude, são a vaidade e a ambição. Radica nelas o germe da ingratidão, por serem, tanto uma como outra, parentes do amor-próprio e as que anulam todas as perspectivas espirituais do ser. A ambição e a vaidade somente se concebem no mundo material; daí que seja tão lenta a evolução da mente humana comum para chegar a compreender que não é possível elevar-se enquanto essas duas condições, artificiais e negativas, permanecerem ligando o ser à posse do físico, do terrenal e do material, exaltando esta qualidade, pois toda outra conquista seria para submetê-lo a isso: ao poder físico, material, pessoal. Além disso, ao ir de uma descoberta a outra, a mente chegou a pensar até na destruição do mundo, uma vez que a ambição de domínio termina por subjugá-la à ideia da destruição de toda a Obra de Deus. Os homens já não pensam hoje em construir, senão justamente no contrário.

As deficiências assinaladas contêm sempre a semente da dominação. Enquanto a ambição induz ao poder e à riqueza, a vaidade está demonstrando, com todas as suas facetas, que, muito longe de pensar no aperfeiçoamento, o homem se encontra muito próximo da destruição. Exemplos não faltam, na história do mundo, daqueles que pretenderam dominá-lo submetendo povos e nações ao seu poder, para terminar depois no cadafalso, na câmara de gás, na forca ou, enfim, em tantas outras situações.

A ambição e a vaidade buscam sempre a participação do artificioso, detestando o natural, por suplantarem ambas a razão e a sensibilidade humanas. Isto faz com que se esqueça de tudo que diz respeito à vida, em seu natural e racional desenvolvimento.

Quando a mente do homem se envaidece, perde seu contato com realidade, pois

sua imaginação a cobre de ouropéis, que o impedem de descer do mundo quimérico ao qual se elevou. Contrasta com ela a Mente Universal que, apesar de estar servindo à mente humana a todo instante, sem vaidade alguma e até sabendo que essa mente a ignora completamente, não faz nenhuma ostentação de tão ponderável serviço. Ela proporciona ao homem o oxigênio para respirar, o sol para tornar sua vida possível, os elementos da terra para elaborar, com seu concurso, tudo o que quiser e, enfim, a substância mental que lhe permite dar vida e articulação a seus pensamentos. Assim, enquanto o homem se orgulha de suas conquistas, a Mente Universal, que tudo faz e seguirá fazendo, não lhe exige nada e só espera que algum dia ele encontre e siga o caminho da perfeição.
O profundo egoísmo da mente humana tem a pretensão de atribuir um grande valor a tudo que o homem faz, diminuindo as obras de seus semelhantes e até depreciando a Obra Magna da Mente Universal. O ser nunca pensa que deve a ela o oxigênio que respira e também tudo o que tem.

Entre a Mente Universal e a mente humana há, portanto, um abismo. Com os conhecimentos de ordem transcendente é necessário estender uma ponte entre ambas, passando por ela sem perigo de cair, como certamente ocorreria caso se estendesse uma ponte pessoal para que passasse somente o homem vaidoso e egoísta. No curso da história tem-se visto muitas vezes como as cordas dessa ponte se afrouxam e os seres caem no abismo. Por isso, a Sabedoria Universal exige que, para saber verdadeiramente, deve-se desfazer de toda vaidade, e desfazer-se conscientemente.

É precisamente a vaidade a que turva a razão dos homens e a que os impede de avançar, fazendo com que, durante séculos, permaneçam no mesmo lugar. O vaidoso demonstra sua absoluta ignorância das leis, que não admitem essa deficiência, fulminando inexoravelmente quem pretender aproximar-se delas com vaidade.
Querer saber mais, para fazer ostentação desse saber, é vaidade. Quem atuar assim estará girando sempre em torno de si mesmo; dará voltas e mais voltas para admirar-se, para contemplar-se de cima, de baixo, de lado, de trás, de frente, etc. Dessa maneira per-correrá o círculo de sua vaidade sem nunca conseguir transcender as limitações de sua personalidade.

Quem conhece as leis não pode ser vaidoso; as próprias leis se encarregarão de limpá-lo de toda vaidade. Mas deverá ser observada uma atitude de permanente obediência a elas. Somente um grande insensato preferiria conservar sua vaidade à custa de per-der o conhecimento das leis; das leis que regem a ordem de todo o

criado e que, ao menor desequilíbrio ocorrido em qualquer parte da Criação, intervêm, retornando a convulsão ao estado de prefeito equilíbrio.

O ensinamento logosófico, ao penetrar com profundidade na mente dos seres, está edificando neles os conceitos-mãe, em cujo seio se sustentarão os conceitos que foram desvirtuados, tais como o do respeito, o da sensatez e o da colocação individual; e, enquanto prodigaliza os conhecimentos que permitem edificar novamente esses conceitos, vai afirmando-os na consciência com vistas ao eterno.

Com isso dou por finalizada minha exposição e, para terminar, quero expressar minha confiança em que todos em geral tenham sentido o profundo significado e a vasta transcendência dos pontos centrais analisados.

60

Sensibilidade, razão e consciência

Buenos Aires, 21 de junho de 1949

Existe uma deficiência, própria do temperamento comum, que costuma criar grandes dificuldades ao ser no qual se manifesta: é a vacilação.

A vacilação demonstra insegurança, e quando não se está seguro, os passos dados não têm a mesma direção de quando são impulsionados pela segurança de um conhecimento. A Logosofia ensina cada um a criar essa segurança, porque isso faz parte do processo de superação integral. Mas, naturalmente, para que a superação seja real, para que a evolução seja consciente, é necessário fazer uma extensa análise da própria psicologia, ou seja, deve-se primeiro efetuar um estudo amplo, sincero e claro de si mesmo.

Geralmente, ocorre que os seres humanos são muito pródigos na apreciação de suas boas qualidades, e também muito benevolentes na de suas deficiências, de seus defeitos e de seus próprios erros. Esta maneira de examinar-se não é conveniente. Deve-se buscar um aperfeiçoamento real, não fictício; e todo aperfeiçoamento começa com a depuração dos defeitos e das deficiências, e com a eliminação das causas que, ao promoverem muitos falsos movimentos, fazem cometer erros.

A Natureza realiza um processo, dentro do qual a Sabedoria do Criador se manifesta. O mesmo deve ocorrer no ser humano quando realiza seu processo de superação, pois na evolução consciente é onde se percebem as palpitações eternas dos princípios supremos emanados da Mente Universal.

Quando o homem permanece alheio a esta realidade e se guia pelo instinto, torna-se insensível e sua razão entra no terreno da especulação. Neste caso, sua razão não pode discernir de imediato tudo o que diz respeito aos problemas de ordem transcendente. Ao contrário, no homem de aspirações sadias, que não consagra sua vida exclusivamente às coisas materiais e que, obedecendo à Lei de Evolução, se preocupa em superar suas condições psicológicas e morais, a razão adquire todo seu poder de discernir; não obstante, a sensibilidade se adianta na

captação e percepção das verdades, conhecimentos ou fatos que, depois, a própria razão admite como sendo exatos ou justos.

A respeito da sensibilidade, devo acrescentar que é comum ante-por a razão à sensibilidade, possivelmente, por se ignorar o papel fundamental que a região sensível desempenha na psicologia do ser humano. Quando a razão se antepõe a tudo, a região sensível fica de fato afetada. Tomemos, por exemplo, a imagem de um homem solteiro, no momento em que surge para ele a possibilidade de namorar e casar. Se pensar que deve raciocinar sobre o que é o amor, como se manifesta, como se evidencia melhor, e outras coisas do gênero, quando decidir pôr em prática todas essas reflexões, é quase certo que a mulher pela qual se interessou já terá casado com outro.

Como tenho especial interesse em que se aprenda bem o significado das palavras e seu verdadeiro conteúdo, iremos por partes, pois o vocábulo “sensibilidade” possui um vasto alcance. Começarei dizendo que aquilo que a sensibilidade em princípio aprove deve ser confirmado pela consciência. No percurso desse trajeto, se a razão intervier, esta auxiliará e até tornará factível a manifestação da própria consciência; mas a sensibilidade, por si só, acertará sempre; ela se equivoca somente, unicamente, quando, em vez de ser dirigida pelo sentimento, sofre a influência das paixões.

Em sua origem, em sua prístina pureza, a sensibilidade atuava sob os ditados da lei universal e não se equivocava. Nos seres superiores, nos quais a sensibilidade atua sob os ditados dessa mesma lei, ela se manifesta integralmente, sem perigo de equivocar-se; ao contrário, nos seres de evolução mediana ela costuma falhar, devi-do à atuação dos mais diversos fatores, geralmente negativos.
Logicamente, deve-se chegar ao conhecimento do que é na realidade a sensibilidade; enquanto isso, urge controlar consciente-mente, sem violência, as manifestações sensíveis e as atuações da razão. É fácil notar os frequentes equívocos desta última; mas todas as coisas são passíveis de modificação, e cabe a cada um fazer com que essas modificações sejam benéficas ou prejudiciais.
Milhares de casos poderiam ser descritos para se apreciar os verdadeiros alcances da sensibilidade e da razão, assim como a interferência entre a razão, a sensibilidade e o instinto. Vejamos este exemplo: uma criança está chorando às portas de uma casa. Ao ser indagada sobre a causa de seu pranto, nos responde, sem vacilar e em tom trágico, que é órfã e que quem cuida dela lhe dará uma surra se, à noite, de volta à sua casa, não levar uma determinada quantia. Mas se, perguntando a ela quanto falta, completarmos a quantia requerida, veremos

como o pedinte se anima, manifestando certa alegria. Feito isso, reiniciamos nossa caminhada sem nos preocuparmos mais com o assunto. Mas eis o que acontece: pouco depois, levados pela casualidade, voltamos a encontrar a criança representando, frente a outros, a mesma comédia.

A sensibilidade não tinha se equivocado ao tomar o fato como real; quem o alterou foi a criança. A razão julga depois esse mesmo fato e o reprova. A maioria se recrimina e pensa que foi enganada; mas o fato em si era real. Por isso convém sempre fazer uma análise integral, que abarque todo o movimento, para não julgá-lo por um simples aspecto.

Quando, por simpatia, se prodigaliza confiança a uma pessoa cuja conduta é boa, ela é merecedora dessa confiança; se seu comportamento se torna inadequado, deve-se retirá-la. Neste caso é a razão que atua, retirando a confiança. Mas a sensibilidade atuou bem; foi a pessoa quem alterou o fato. É conveniente ter isso bem presente para não anular dentro de si mesmo os centros internos que, atuando harmonicamente, formam a verdadeira engrenagem da psicologia humana.

Em todos os momentos de sua vida o ser humano está rodeado de causas e efeitos circunstanciais, de um lado, e de causas e efeitos permanentes, de outro. Saber discernir as causas permanentes que surgem da fonte eterna, confere segurança. Quando isto ocorre, as causas e efeitos circunstanciais não o afetarão em nada, e o homem pode triunfar em suas lutas e atuar cada vez com maior acerto. A maioria dos seres não percebem essa diferença; buscam o prazer nas causas e efeitos transitórios, desprezando as causas e efeitos permanentes. A alegria e a felicidade tornam-se então efêmeras, por serem provenientes de causas circunstanciais; querendo viver o momentâneo, se esquecem de viver o permanente, que se abre para o futuro e, nunca satisfeitos, buscam sempre novos momentos de alegria e de diversão.

O anteriormente dito foi amplamente explicado ao se tratar sobre as posses; quem assistiu a essa aula poderá compreender melhor esta relação de causas e de efeitos.

Nos casos em que a sensibilidade é utilizada para causas e efeitos circunstanciais, geralmente intervêm a razão e os instintos, mas quando é a consciência que intervém nas atuações da sensibilidade, as causas e os efeitos são de caráter permanente.

Não se deve esquecer que existe uma Criação real, cuja origem foi o Pensamento Criador, e uma criação artificial, ou seja, um mundo de ficções criado pela imaginação do homem. Entre ambos os mundos, o ser humano transita continuamente. Pois bem, ao raciocinar, é preciso saber em qual mundo se está situado: se no da realidade ou no da ficção. O real é o permanente; o fictício é o circunstancial e instável. Na medida em que o homem toma contato com a realidade da Criação, ou seja, com tudo aquilo que faz dele um ser verdadeiro, sua razão adquire força de expressão suficiente para manifestar também juízos reais; mas quando a razão se interna no campo da ficção, quando incursiona no mundo quimérico e se cerca de todas as fantasias da imaginação, seus juízos deixam de ser reais, ainda que façam o entendimento acreditar que o sejam. Portanto, cabe a cada um tratar de perceber, comprovar e distinguir a realidade da ficção.

Geralmente a realidade é dura, e, às vezes, até inexpressiva, mas sua própria virtude de permanência e imobilidade evidencia também a solidez de sua existência. A ficção, ao contrário, é muito expressiva, sedutora e volúvel, sendo, naturalmente, mais atraente para a razão que ainda não conseguiu se superar e alcançar a verdadeira visão dos dois planos em que está atuando. Daí que os primeiros passos pelo caminho do conhecimento sejam tão difíceis, pois, enganado por essa mesma ficção, o homem se equivoca muitas vezes, sem saber incursionar no mundo da realidade nem escapar da atração desse mundo artificioso, que tanto influi sobre a imaginação humana.

A razão incipiente, também chamada pela Logosofia de “razão do índio”, ainda que possa se desenvolver em diversos aspectos por meio de um ou outro estudo, ao não abarcar a totalidade daquilo que a mente humana é capaz, atuará sempre com evidente parcialidade, fazendo-o melhor nos aspectos que domina, e com o risco de se equivocar em qualquer outro aspecto que fuja à sua penetração. De modo que, se um ser raciocina bem no setor que domina – a engenharia, por exemplo –, isto não lhe dá, logicamente, autoridade para emitir juízos sobre outros setores que desconhece e dos quais sua inteligência não tenha chegado ainda a recolher elementos nem alcançar conhecimentos com os quais sua razão possa julgar com acerto.

A mente evoluída sempre busca fazer com que sua razão abarque todos os aspectos, começando, evidentemente, pelo relativo à existência que anima, visto que, mais tarde, por analogia, poderá compreender e julgar um amplo e grande setor da Criação.

Estou falando sem me afastar de tudo o que se relaciona à vida do ser e suas diversas manifestações conscientes e inconscientes, assim como de tudo o que configura sua psicologia. A Sabedoria Logosófica conduz à conquista de tão admirável concepção a todos os que queiram penetrar nos mistérios da criação humana, na qual existem, potencialmente, grandes possibilidades para as elevadas manifestações do espírito. Por isso, prescreve sempre que não se confunda um aspecto com outro ou uma criação com outra; cada coisa deve estar compreendida dentro de seu perímetro e não fora dele, de modo que, tendo isto presente, quanto melhor se focalizar a investigação sobre um aspecto, mais se irá penetrando nele, até que suas mais recônditas profundezas sejam alcançadas. Mas, quando se fica indo e vindo de uma questão a outra e não se vai em busca das causas e dos efeitos permanentes, se permanecerá inserido nas causas e nos efeitos circunstanciais.

Cada um dos presentes sabe que iniciou seus estudos num caminho real e consciente de investigação de sua própria vida, de sua própria existência, e que esta tem relação com a vida dos demais e, logo, com tudo que foi criado. Mas a princípio, e conforme já deixei expressado, cada um deverá atuar dentro da imagem da sua própria vida, com todas as suas manifestações e todas as suas projeções.
Insisto em que se preste a devida atenção aos grandes conhecimentos que a Logosofia vem dando a conhecer. Não se pode ler os ensinamentos logosóficos como se lê qualquer coisa, sem se deter, sem estudá-los, sem meditar sobre eles, e sem pensar que dentro de cada um existe algo que pode ser de grande valor para a vida. Naturalmente, não se pode vincular a esse conteúdo uma simples passada de olhos, um estudo passageiro ou superficial. Cada ensinamento deve ser lido muitas vezes, tantas quantas forem necessárias para poder ler conscientemente; e ler conscientemente é algo que muito poucos fazem: é experimentar, ao mesmo tempo que se sente o que se lê, o contato do saber interno com o que se está lendo. A sensibilidade capta ou a razão discerne o que se lê, fato este que, somado aos elementos que se possa ter, faz com que o conhecimento vá se manifestando à consciência.

Tudo isso, como disse, deve ser sempre um fato natural, nunca forçado; somente assim se alcançará, em todo o momento, o equilíbrio, e os resultados poderão ultrapassar em muito o anelado.

Para que se manifeste como conhecimento, todo estudo requer seu processo. A

própria mente deve ter seus períodos de amadurecimento; aquilo que tomou contato com ela e propiciou que se promovessem muitos movimentos e atividades nos pensamentos, irá alcançar resultados eficazes constituindo-se em conhecimentos verdadeiros. Para isso, será necessário manter uma contínua observação, serena e sem nenhuma parcialidade. Jamais se pretenderá emitir juízos excessivos; o juízo deve ser natural, sereno, sem violência. Enquanto se observa, deve-se ser consciente do que se está observando; deve-se saber qual é a causa que motiva a observação. Se isso não acontece, o discípulo se afastará da verdadeira direção que deve existir no sentimento que anima todos os seus movimentos conscientes, pois de nada valeria essa observação se, no momento de efetuá-la, ele não fosse consciente do porquê e para quê a realiza; de qual é a sua causa.

Espero, discípulos, portanto, que, à medida que forem penetrando nesses conhecimentos, familiarizando-se com este mundo da realidade que descrevi, com este mundo da Criação, com o qual todos têm uma parte afim e outra não, encontrem mais de um motivo para se saturar de alegria verdadeira, ao comprovar que a cada dia e a cada hora são capazes de viver mais nesse mundo e menos no outro. Quando isto começa a acontecer, os problemas vão se reduzindo até chegar ao seu total desaparecimento, porque a maioria dos problemas é criada pelo mundo da ficção, pois quem vive neste último deve se deparar frequentemente com o mundo da realidade, sendo aí onde é surpreendido, evidenciando, ao dizer que não compreende isto ou aquilo, que está vivendo em dois mundos, de cuja confusão surgem as complicações.

A Logosofia oferece a todos a oportunidade de viver no mundo do permanente, ao qual irão se habituando à medida que se alcança o conhecimento para lutar contra o mundo da ficção, que atrai e engana. Por isso disse, no começo, que se deveria estar seguro em tudo, começando, pelo menos, por estar seguro de algo: do que se pensa e do que se sente. Para isso, logicamente, se deve cuidar para que seja a consciência a que atue, a fim de que, em todo o momento, cada um seja consciente do que vive, experimenta, pensa e faz; que não passem por alto tantas coisas vividas durante o dia, durante os anos; que, quando se está alegre, se saiba por que se está alegre, e do mesmo modo se o estado é de tristeza. Tudo isso é conveniente porque vai criando dentro de si a necessária autoridade e, com isto, a segurança. E quando tal exercício se converte em hábito inteligente, que outra felicidade se pode pedir, além da que se está construindo?
Quando o pensamento flutua não há consciência e, portanto, o que com ele se experimenta não fica registrado na vida; é um fragmento de vida que se vai. Mas

não é fácil saber ser consciente em to-dos os momentos vividos, isto é, em todos os atos; se requer um treinamento ininterrupto, um juízo equilibrado e sereno e, sobretudo, se requer abrir a mente aos eflúvios da Criação; que nada perturbe esse trabalho interno e construtivo. É preciso ser capaz e valente diante de todas as coisas, começando por saber dizer a si mesmo o que não gostaria de ouvir dos demais; deste modo, se pode eliminar o motivo nos demais e em si mesmo.

Disse, não faz muito tempo, que se alguém nos manifestasse que somos maus ou tolos, a atitude que nos caberia adotar ao receber estes qualificativos consistiria em demonstrar o contrário frente aos demais, mas não frente ao que nos qualificou de maus ou de tolos. Eis aqui uma conduta muito útil para que todos sigam. Não é necessário reagir contra aquele que nos julga mal; deve-se demonstrar o contrário com o exemplo. Esta é a forma correta de atuar e a que permite experimentar o valor que, como elemento, o tempo representa quando se sabe usá-lo. Mas é preciso saber se identificar com ele, visto que, quando alguém é bom, o tempo dará a força para demonstrá-lo; e não o sendo, mas tendo o propósito de sê-lo, o tempo coadjuvará com o propósito. Do contrário, quando se é mau, o tempo se encarrega de descobrir essa maldade. Esta é uma verdadeira chave para a conduta individual; seu uso correto constituirá uma fonte de bem.

O que mais pode anelar aquele que mergulha sua mente nesta fonte de luz e de conhecimento, além de sentir depois fluir dentro de si, com facilidade assombrosa, os bons pensamentos, os sadios anelos de se melhorar e de ser mais capaz? Porque estes conhecimentos são um estímulo constante para cada um e fazem surgir nas mentes ideias felizes que jamais teriam tido se não tomassem contato com eles. Os conhecimentos logosóficos interpenetram a vida; estão na alma de todos, muitas vezes adormecidos desde tempos imemoriais, às vezes enraizados na existência desde épocas remotas. Como pedras de toque, eles fazem surgir e despertar nas mentes fervorosos anelos de superação, de capacitação e de aperfeiçoamento. Se, por meio destes conhecimentos, não se abrisse esse panorama de vastas possibilidades, a alma seria incapaz de buscar e confirmar com sua própria razão e com sua própria sensibilidade o que expressam à consciência, pois são eles que, ao penetrar no interno, vão articulando todo o sistema psicológico do ser. Não são conhecimentos comuns; estão todos unidos entre si, conectados, e, à medida que penetram na mente, abrem-se e florescem tão logo encontram o ambiente propício para se manifestar.

Que a palavra logosófica seja, portanto, o grande estímulo, o grande incentivo para a vida de todos os que estão aqui reunidos, e que depois, ao saírem daqui,

ela esteja sempre presente, nas horas futuras, presidindo suas vidas. Somente assim é possível chegar a ser um logósofo de verdade.

61

A boneca psicológica

Buenos Aires, 5 de julho de 1949.

Todas as minhas palavras tendem a edificar um conceito amplo e real do conhecimento logosófico e a indicar condutas a serem seguidas durante o curso da vida.

Para o bom observador, em cada fisionomia do semelhante sempre aparecem indícios claros do que experimentou no dia, na véspera e até nos dias anteriores, pois nela ficam estampados os esta-dos de ânimo e as preocupações. Se alguém sofreu um desgosto, por exemplo, permanece estampada em sua fisionomia a contrariedade, mesmo quando queira dissimulá-la; se experimentou uma alegria, esta se revela, igualmente, pela agilidade feliz das feições que, diferentemente do desgosto ou da tristeza, não esticam a pele tornando-a dura na expressão de seus traços. É conveniente, então, ter em conta esta observação, para compreender melhor o elevado sentido ético do ensinamento, que busca modelar até os traços físicos da fisionomia humana.

Tenho tido a oportunidade de observar que, para os discípulos, meus ensinamentos são como bonecas: nem bem os dou, não faltam, entre aqueles que os recebem, os que lhes quebrem as cabeças, dando-se conta, depois, de que as bonecas não servem mais. Com cada ensinamento que dou, fazem o mesmo; e assim sucessivamente.

Pois bem, para evitar este inconveniente, lhes ensinarei a fabricar bonecas, e da mais fina qualidade, para que, sabendo o que elas contêm, não se entretenham em quebrar-lhes as cabeças. Sabem como são feitas essas bonecas? É muito simples; façam de conta que estão fabricando uma boneca psicológica e que essa boneca é cada um de vocês. Por que não se animam a quebrar-lhes as cabeças com a ajuda do conhecimento transcendente que irão aprendendo a fabricar a boneca psicológica e a conhecer como vai se organizando seu sistema mental. Ela representa – já o sabem – o próprio ser, cuja fisionomia, embora nem sempre o seja, pode se tornar agradável e simpática.

Cada um será, assim, o fabricante de sua boneca individual. Uma vez organizado

o sistema mental, vigiarão atentamente os movimentos que ela realiza; se quiser correr, detenham-na; se quiser ir para onde não deve, repreendam-na.

Ao construir a própria boneca humana, logo ela deixará de ser como aquelas que simplesmente dizem “papai” e “mamãe”, porque a que se aperfeiçoa no conhecimento chega a ser melhor do que as que pensam que não são bonecas. Uma vez organizada, fazendo-a atuar inteligentemente, oferece ao ser as maiores satisfações, por ser uma boneca que produz pensamentos, que sintoniza as ondas de todos os ambientes e é capaz de escolher o melhor. Fazendo de conta que cada um leva dentro de si uma boneca, cuja fabricação estará a seu cargo, atuará de tal modo que, finalmente, se tornará perfeita. Em tais condições, cada um fará com ela o que mais lhe agrade.

Enquanto isso, os que tomam os ensinamentos como distração, como bonecas de trapo, poderão entreter-se com eles e se divertir. Mas a partir do momento em que cada um se dá conta de que tem que fabricar com eles sua própria boneca, de cuja cabeça terá que cuidar com grande esmero, tudo mudará, naturalmente.
necessário saber que, quando se começa este trabalho, deve-se continuá-lo até o fim; se o seu processo for interrompido, ficará pela metade e a boneca será defeituosa, anêmica e com muitas falhas, as quais, logicamente, não se deverá atribuir nunca ao conhecimento logosófico.

Eis porque recomendo sempre viver os ensinamentos, para que se comprove que a cada dia há algo de melhor na própria vida; que há mais higiene na mente e que não há tantos pensamentos misturando-se e perturbando o livre jogo das faculdades que convergem na inteligência.

Quando se empreende um trabalho dessa natureza é preciso pensar que todo elemento útil, tendente a facilitar esse trabalho, deve ser atraído pela mente e levado à realização por obra da vontade; ao mesmo tempo que todo elemento sem valor ou pensamento inútil que tenda a distrair a mente deve ser prontamente eliminado.
Todo aquele que está edificando uma nova vida não deve esquecer que edifica também um novo conceito de sua pessoa, e que esse conceito poderá apagar totalmente o anterior se cada fato, cada movimento e cada palavra confirmarem a realidade de um novo estado mental, a realidade de uma nova conduta. Um só fato, umas poucas palavras não bastarão para mudar o conceito que antes houvesse inspirado nos demais; é necessário demonstrar, num trabalho constante, paciente e construtivo, que se mudou realmente e que se pode dar fé e

garantia, com a sucessão futura de fatos similares, de que o ser não voltará a se encapsular no conceito anterior.

As pessoas – por instinto natural, diria – temem sempre ser enganadas. Quando alguém, estando convicto, afirma: “Eu não sou mais o mesmo de antes”, “Eu mudei totalmente”, recebem-no com grande prevenção. Por outro lado, não é necessário dizê-lo, e sim demonstrá-lo com os fatos, com a conduta, com o exemplo. Nisso radica o real e o positivo; e todo aquele que mudou o conceito de sua pessoa estabelecendo outro, imutável, obteve uma grande conquista: demonstrou que, efetivamente, realizou em si mesmo um processo de superação. Mas quem pensa que por uma, ou duas, ou três, ou vinte vezes que se comporte bem, terá conseguido mudar seu conceito, se engana; um único fato que o desminta bastará para destruir o que ele acreditou ser real mas que na verdade era aparente.

De modo que, se cada um, meditando profundamente sobre estas palavras, conseguir compreender a importância capital de que o seu próprio conceito se reveste, estou certo de que se esforçará ao máximo para edificar esse conceito com o objetivo de torná-lo muito superior àquele que até então sua pessoa mereceu. Se for bom, deve torná-lo melhor; se for mau, deve torná-lo bom. Portanto, cada um deverá hierarquizar a si mesmo, buscando na realização consciente de seu processo o maior estímulo para encontrar amplas e grandes satisfações internas, ao comprovar que seu trabalho repercutiu em todos os âmbitos de seu conhecimento. Somente assim poderá um dia assomar acima dos demais, sem esquecer que, quando isso acontecer, deverá ainda preservar muitas vezes sua cabeça das pedradas que receberá dos que não sabem fazer o mesmo.

Sabem disso muitos discípulos esforçados e valentes que me acompanham há longos anos nesse incansável trabalho, por vezes ingrato, mas que cumpro a todo momento com a alegria de poder oferecer a cada dia, a cada hora e a cada minuto, uma parte da luz que ilumina meu pensamento.

Exorto a todos para que meditem sobre minhas palavras e, em comunhão espiritual com suas próprias consciências, prometam a si mesmos ser sempre mais conscientes e melhores, sem esquecer nunca de tudo o que recebem do saber logosófico, que tanto bem faz a todos, de acordo com o que cada um é capaz de experimentar e compreender dele.

Não obstante, mesmo quando as circunstâncias, os fatos e tudo quanto pudesse

ocorrer nos dias de amanhã chegasse a afastar alguém deste caminho aberto à superação humana, quem assim o fizer, mais de uma vez – estou seguro disso – sentirá a reprovação interna e as ânsias incontidas de retroceder sobre seus passos para retomá-la. Mas, quando se pensa nos ensinamentos que dei sobre o tempo e se adverte seu valor fundamental para a vida, certamente ele será aproveitado por todos, evitando que escape pelas frestas da existência um tempo tão precioso como é o vivido intensa e conscientemente, enquanto se percebem os claros e evidentes indícios de um auto-aperfeiçoamento. Que mais poderia ambicionar um ser humano do que abarcar com sua mente conhecimentos de tanta transcendência, devido aos quais poderá sentir e perceber as pulsações da Mente Universal e compreender muitos dos mistérios que, ao longo dos tempos, continuarão sendo mistérios para a maioria dos seres, para aqueles que não se propuseram a trocar sua vida por outra melhor e fazer dela o verdadeiro, o único fim da existência, usando-a para realizar o bem em todos os aspectos em que este possa se configurar, tanto para si mesmo como para os demais? Por-que, quando o bem é feito conscientemente, quando é feito, como já disse muitas vezes, com naturalidade, sem soberba, sem arrogância, por uma necessidade espiritual, logicamente a vida se expande, experimentando transformações de outra espécie, completamente diferentes das que as paixões ou os desvios da mente não cultivada podem oferecer.

Por isso, os conhecimentos logosóficos não são simples literatura, nem podem ser equiparados aos estudos realizados em todos os outros centros de investigação existentes no mundo. São conhecimentos de elevada transcendência, conhecimentos que requerem ser incorporados a uma nova vida, pois quem quiser viver as duas ao mesmo tempo – a comum e a superior – maltratará uma em benefício da outra e, no fim, perderá ambas.

A riqueza material se perde ao se deixar o mundo, o que não ocorre com a outra, que se multiplica e adquire força na alma dos seres e das gerações, convertendo-se em herança plena e exemplar. Isto é o que oferece a Logosofia. Não ilude ninguém; ao contrário, permite a cada um experimentar as verdades que revela às suas mentes. Que garantia maior se pode pedir? Uma garantia assim ninguém deu no decorrer dos séculos. Todos conhecem a história, sendo muitas as coisas que se sabem; mas o que ninguém conhece são as possibilidades que existem dentro do ser humano. São essas as possibilidades que a Logosofia revela, com a garantia absoluta de sua confirmação por parte de quem se dispuser a aperfeiçoar conscientemente as condições e as qualidades de seu espírito.

62

Evolução da consciência

Buenos Aires, 19 de julho de 1949.

Geralmente, cada um pensa ser dono de seus pensamentos, de sua vontade e, enfim, de tudo quanto acredita integrar suas posses; mas quando o olhar se interna pelo mundo, pode-se observar como as mentes carecem de luz mental. Prova disso é a enorme quantidade de desatinos promovidos pela insensatez, fato que evidencia a profunda escuridão mental que ensombrece a vida de grande número de seres humanos.

Há muitos e muitos séculos, tem-se vivido com os olhos voltados para fora, pois ninguém ensinou os homens a viver uma parte de sua vida com os olhos voltados também para dentro. E assim, como é natural, sempre se pensou estar tudo à inteira disposição, devido, como dissemos, a essa visão exterior; poucos sentiram, em vez disso, a necessidade de ver algo internamente. Assim é que a vida dos seres humanos foi se conformando, desde os primeiros tempos, sem que a ninguém ocorresse conceber algo visando a uma iluminação interior; muitos são os que agora sentem essa necessidade, pois, que-rendo olhar para dentro, não veem nada. E é lógico que não possam ver nada, por ser grande a escuridão que reina nos âmbitos internos. Impõe-se, assim, a necessidade de iluminá-los com algo; esse algo é, justamente, o conhecimento-base.

É como se todos tivessem consagrado seus maiores empenhos ao processo de superação externa. Dos primitivos meios utilizados para iluminar as casas onde se habitava, passou-se à vela e, sucessiva-mente, à lamparina de querosene, ao gás, à luz elétrica, esta última melhorada com o sistema fluorescente. Eis a prova de que os seres têm vivido toda sua vida com os olhos voltados para fora, sendo pouquíssimos os que buscaram internar-se em si mesmos olhando para dentro; e, quando se tentava isto, o que esses poucos encontravam? Uma profunda escuridão, uma solidão impressionante e um silêncio mais impressionante ainda; tanto que muitos se perderam dentro de si mesmos, custando-lhes muito voltar a achar a porta por onde haviam entrado, isto é, o caminho para voltar a si.

Refiro-me a todos aqueles que, levados pela sedução de livros escritos ex professo por ilustrados ignorantes do saber, acreditaram ser tarefa fácil

incursionar dentro do próprio mundo.

O conhecimento, logicamente, é uma força que aumenta os poderes internos, principalmente o da vontade, para que, ao empreender um trabalho, o homem não esmoreça nesses momentos circunstanciais resultantes de estados psicológicos duvidosos. Pode-se dizer que nem todos permanecem no mesmo estado nem por um único dia sequer; levanta-se de um modo, isto é, em um determinado estado psicológico, almoça-se de outro modo e terminam seu dia deitando--se ainda de outro modo diferente.

A evolução da consciência requer uma atenção constante; requer multiplicar as energias internas, para que nenhuma debilidade desvie do caminho que a ela conduz. Todo desvio se produz devido à debilidade ou à ausência de domínio moral, e já se sabe o quanto as debilidades humanas são nocivas. Por conseguinte, é preciso fortificar o ser interno a todo o momento, nutrindo-o, para despertar assim as forças latentes que dormitam em seu interior.

É necessário ser consciente de todos os movimentos que se realizam, principalmente dos mentais, sem esquecer que a vida é um imenso campo de experimentação. Quando se tem o propósito de realizar a evolução consciente, de alcançar essa superação real que permite estar numa situação quase que de imunidade, deve-se tratar de cuidar sempre dos pensamentos e das palavras. Aprender, entre outras coisas, a ser tolerante com todos, para que essa tolerância retorne a si mesmo em virtude da Lei de Correspondência. De fato, atuando desse modo, a tolerância, necessariamente, retornará até nós, por ser a mesma corrente que vai e volta; daí que tenha destacado a lei que rege essas atuações. É necessário tolerar os erros; para isso, cada qual dispõe de um discernimento próprio.

Para os fins da investigação logosófica, o essencial é conceituar a mente como uma casa mental; assim se poderá experimentar com maior eloquência a necessidade de sentir-se rodeado pelos melhores pensamentos, o que acontecerá quando o ser tiver travado amizade com os pensamentos superiores; quando tiver à sua disposição, dentro de sua casa psicológica, um grande acervo de conhecimentos com os quais possa depois viver e atuar, não como antes, senão inteligentemente. Surgem, então, as primeiras grandes satisfações; a conduta superior atrai rapidamente a simpatia geral e o poder de frear os impulsos. As ligeirezas, que antes se cometiam frequente-mente, agora não acontecem, e cada olhar já não tem aquela vagueza que o caracterizava anteriormente, quando o ser

não trabalhava, em rigor da verdade, para sua vida interior; cada olhar leva e traz uma mensagem, porque se olha inteligentemente, expressando um pensamento que a mente do próximo recebe ou não. O mesmo se pode dizer a respeito das atitudes e movimentos mentais quando se desfruta de uma amizade, de um afeto, de uma simpatia, e, também, quando surge às vezes alguma reação, voluntária ou involuntária, das que tão frequentemente se produzem na mente.

A verdade é que o homem está na Terra para cumprir um grande processo de evolução consciente. Deve tratar, pois, de evitar as perturbações que desfavorecem esse processo e o impedem de progredir, como poderia fazê-lo caso se preocupasse em melhorar seu ambiente interno, demonstrando um equilíbrio que todos saberiam apreciar, valorizar e interpretar.

Merece o maior respeito e a máxima admiração aquele que luta consigo mesmo, aquele que enfrenta todas as dificuldades da vida física, psicológica e mental buscando se superar; buscando alcançar a realidade de uma elevação digna da espécie humana; sobrepondo-se a todas as eventualidades, a todas as circunstâncias; erigindo-se em exemplo em todo o sentido, para que os demais saibam que existe em todos a mesma possibilidade, da qual cada um fará o que é devi-do, consagrando os melhores empenhos na sua realização.
Não se deve pretender que outros realizem tarefas que somente incumbem ao próprio interessado. É preciso cuidar, com o maior esmero, de tudo que cerca o ser espiritual encarnado no ser físico. Que nada seja feito pensando que não há objetivo, porque amanhã deixaremos este mundo. Pelo contrário, devemos recordar que, quando viemos a ele, encontramos muitas coisas feitas; quem as fez? Simplesmente, os que nos precederam em sua passagem por estes caminhos. Pois bem, o que vamos deixar aos que vierem depois? Ruínas? Misérias? De modo algum; devemos deixar riquezas, e que nelas viva nosso pensamento, que deverá ser lembrado pelas gerações futuras como exemplo, como rumo e como referencial para todas as mentes. Para isso, a Logosofia tende sempre a aperfeiçoar todos os recursos internos, eliminando erros e deficiências, aparando asperezas mentais, suavizando durezas e criando em cada ser humano potências geradoras de virtudes, para que se manifestem generosamente em todos os demais.

Por que alguns têm de estar, em luta estéril, regateando entre si, com receio, seus pensamentos e compreensões? Realize cada qual a sua obra, exponha-a aos demais, caso sirva, e observe a utilidade das obras alheias para si mesmo. Esta é a função formativa da Logosofia; nada que seja estranho a este fim lhe interessa,

visto que nenhum desvio deve existir dentro da função consciente.
Espera-se que a semente caia em campo fértil, e que nasça viçosa e plena de ventura para todos. Com esse objetivo, deve haver na mente um lugar sempre disponível para manter viva a recordação das imagens que a Logosofia apresenta, trabalhando com elas internamente a fim de compreendê-las, assimilá-las na vida e viver em permanente vigilância da própria conduta em seus movimentos volitivos e mentais. Conforme a conquista de uma conduta feliz vá sendo observa-da, se experimentará grandes satisfações, ao mesmo tempo que o ser irá se enaltecendo frente a seus semelhantes, sem vaidade nem orgulho, que são os grandes inimigos do homem, mas sim com limpeza e com ampla compreensão de tudo quanto os conhecimentos logosóficos ensinam.

Certamente, ninguém porá a perder aquilo que tanto esforço custou realizar, deixando-se levar por um momento de vaidade ou de orgulho no qual pretendesse mostrar que seu conhecimento está acima do dos demais. Por outro lado, isto é completamente desnecessário, pois, quando os lábios se movem, as próprias palavras confirmam de imediato, uma vez que se tenha falado, se quem fez uso da palavra era tolo ou inteligente. Caberá a cada um, então, demonstrar o que conquistou e o que se propõe a ser, mas não por meio da ostentação que, repito, não leva a nada útil, e sim para exemplo do que pode a realização logosófica.

Que este conhecimento essencial sirva de orientação e de norma para todos os atos da vida; quanto mais for aprofundado, mais fácil será compreendê-lo. É necessário, porém, que ele fecunde a mente e cumpra seu objetivo. Sempre existirão oportunidades magníficas para se exercitar os próprios recursos mentais, meditando sobre o que se compreendeu ou quis compreender. E é nesse esforço analítico que se chega a concretizar a imagem do que representa um trecho a mais no caminho da própria superação. Além disso, no exame diário de todos os movimentos mentais efetuados, cada um encontrará respondida a pergunta se, efetivamente, evolui ou não.

63

Como se realiza a qualidade de ser

Buenos Aires, 6 de setembro de 1949.

Ao encarar o tema “Ser e não ser”, abordarei nada menos que a consciência, fazendo um convite à mente para que ela pergunte e responda a si mesma: estou de acordo com o que tenho feito durante minha vida? Pude, em algum momento, experimentar com toda plenitude a sensação de existir? Tenho comprovado que meu ser existe? Tenho sentido sua existência? Como é meu ser?

Por considerar que será um pouco difícil responder às perguntas formuladas, tratarei de conduzir o pensamento ao encontro de elementos de juízo indispensáveis para poder esboçar uma proposição adequada.

Se levarmos em conta que para ser é absolutamente necessário sentir e experimentar a existência dentro desse mesmo ser, poderemos medir o grau ou a intensidade em que isso é ou foi realizado. Desse modo, aos olhos do entendimento, o ser aparece constituído pelo que sabe e pelo que realizou com base nos conhecimentos com os quais obteve uma identificação; esses conhecimentos formam a consciência. Quanto mais conhecimentos, maior é a consciência, e quanto maior é a consciência mais o ser se agiganta espiritualmente. Quem estivesse compreendido neste quadro, se tornaria, entre seus semelhantes, um ser cuja dimensão espiritual assumiria contornos cada vez mais ilimitados. De modo que aquele que se conforma em ser apenas um ser humano não conquista, por isso, a qualidade de ser – no sentido real da palavra – um ser superior; um ser que esteja acima dos demais seres humanos, daqueles que, aparentando ser, estão ainda no plano do “não ser”.

A cada dia se pode ser mais. Em quaisquer campos da vida acontece a mesma coisa. Assim, por exemplo, aquele que se inicia em um negócio ou começa uma carreira, o faz porque não sabe nada a respeito. Nessas condições ele não é nada, mas vai sendo algo à medida que vai sabendo. É assim que chega a ser um profissional, um grande comerciante, etc. Por quê? Porque sabe; porque deixou de ser um “não ser” para ser médico, advogado, engenheiro, industrial, comerciante, etc.

Assim é na vida comum. Na superior é igual. Uma pessoa empreende uma investigação; interna-se, por exemplo, no campo logosófico, para conhecer os mistérios do mecanismo mental, da evolução consciente, a fim de penetrar na vida interna e descobrir muitas coisas de si mesmo que antes ignorava. A princípio, não sabe nada; inicia na condição de “não ser”, mas vai sendo conforme vai sabendo, vai conhecendo. Esse conhecimento é, precisamente, o que lhe confere a qualidade ou a condição de ser; e esse ser, à medida que mais conhece, mais é.

Antigamente, eram chamados de alquimistas os que transformavam chumbo em ouro. Para os que nada sabiam a respeito, havia, naturalmente, muitos pontos obscuros ou incompreensíveis; mas isso não acontecia com os que sabiam algo, com os que estavam próximos dos alquimistas, pois, demonstrando uma compreensão mais real, esforçavam-se, guiados por eles, em converter o chumbo da escória humana em ouro reluzente. Desse modo, muitos conseguiam converter-se, de elementos sem valor algum, em seres de valor. Por outro lado, é muito comum ouvir dizer, quando uma pessoa é dotada de condições brilhantes: “Vale muito”, “Vale ouro”; e, no caso oposto, exclamar: “Não vale nada”. Quer dizer que, no senti-do comum, há um valor qualificador que se chama ouro, e outro desqualificador chamado chumbo ou nada. Por isso, naquela época todos queriam representar um valor; não queriam ser – como expressei em outra oportunidade – um zero, mas uma quantia que sempre somasse a ela mesma. E um ser soma a si mesmo à medida que vai conhecendo mais e vai alcançando concepções mais amplas da vida e de tudo que o cerca.

Isso acontece aos que, sem interrupções, seguem o caminho da Sabedoria, aos que têm oportunidade de comprovar reiteradas vezes se estão certos ou errados; quando praticam o conhecimento adquirido ou quando somente ensaiam compreensões sobre este ou aquele conhecimento.

Na última vez, soube de um discípulo recentemente ingressado que, ao escutar, durante uma tertúlia, as compreensões de outro, num momento não muito feliz deste, ficou com uma pobre impressão dele. Não podia entender como, tendo iniciado seus estudos muito antes dele, expressava-se, em sua opinião, sem o brilhantismo que esperava. Em outra oportunidade, porém, esse mesmo discípulo se expressou, conforme opinou depois, com grande acerto e eloquência. Tal circunstância causou, naturalmente, a modificação do juízo anterior, evidenciando a reflexão pouco educada de quem emitiu um juízo tão prematuro. Eis aqui uma experiência muito interessante; não se pode julgar um ser pelo que

diga ou faça uma única vez, mas pelo que diga ou faça sempre, pois, logicamente, não se pode emitir um juízo sem ter uma série de elementos que lhe sirvam de base.

Este é um campo experimental muito grande, e o episódio que acabo de mencionar destaca o valor das experiências que se promovem nele, ao nos mostrar o quanto foi proveitosa a compreensão alcançada por aquele que, por carência de conhecimentos, não pôs em prática oportunamente, para evitar a própria censura, duas virtudes: a paciência e a tolerância, com as quais poderia ter obtido um êxito nessa circunstância.

Nada é mais pernicioso para a mente que a impaciência, proveniente, por sua vez, de uma modalidade negativa comum a quase todos os seres humanos: a pressa. Esta chegou a converter-se em uma deficiência psicológica. Tal deficiência é a que ocasionou e ocasiona não poucos desgostos a todos os que, afetados por ela, criam uma suscetibilidade que se ressente ante a menor contrariedade. Vemos, assim, com grande frequência, como o afã de fazer isto ou aquilo com a maior premência, querendo prescindir da ordem geral das coisas, promove inúmeras discussões que chegam às vezes a finais violentos. E tudo por quê? Porque o ânimo, exaltado pela deficiência assinalada, torna-se intolerante e irascível.

Voltando novamente à impaciência, devemos advertir que esta tem frustrado milhões de bons propósitos, assim como grandes e pequenos projetos. Tudo isso, porque a mente não sabe se colocar na medida do tempo, impedida pelas exigências prementes de um pensamento de pressa. Assim é como em seguida rompe, por ressentimento, o seu compromisso interno, malogrando projetos, como dissemos, e truncando propósitos. Deste modo, o que seria obtido pouco tempo depois, não se obtém nunca.

Por isso, quando o ser estiver investigando no conhecimento logosófico, fará como se o relógio não existisse; e não só para as horas, mas também para os dias, os meses e os anos, porque, se antes não os levou em conta, que razão teria para levá-los agora? Efetiva-mente, se perderam tanto tempo, não é possível que pretendam me apressar para que lhes faça ser o que devem ser. Além disso, se me apressasse, não poderiam me seguir, pois eu andaria muito rápido, e no caminho mental não se pisa sobre o solo; ali se deve manter erguido, sem cair, e para manter-se erguido é preciso aprender antes a estar em pé sem se cansar. Estar em pé mentalmente significa estar sempre atento; não dormir nunca, nem

sequer cochilar, porque, se isso acontece, o ser se submerge na inércia mental e, quando a inércia invade a mente, sobrevém a prostração moral e espiritual, sendo necessária uma sacudida psicológica que movimente sua inteligência e sua sensibilidade para que volte a levantar e a ficar em pé.

Pois bem, todos, desde crianças, tiveram alguma aspiração, to-dos quiseram ser algo, mas o curioso é que a maioria não chega nunca a ser o que queria quando criança. Geralmente, se quer ser rei ou príncipe e se termina como um simples zelador. Quem compra um bilhete de loteria pensa no “primeiro prêmio” e, depois, se conforma com os últimos.

Mas como tudo muda conforme os anos passam, uns vão para um lado e outros para outro lado. Mas ninguém, ou muito poucos, estão satisfeitos com o ponto aonde chegaram; é então quando recorrem à fonte logosófica. Nela, uma vez conhecida a linguagem das coisas verdadeiras, aprendem a querer ser, de verdade, um ser; um ser ao qual conheçam integralmente e que lhes faça viver a vida em toda sua plenitude; que não lhes negue essa imensa prerrogativa que têm todos os humanos de experimentar as maravilhas que a existência oferece a quem a sabe sentir e vi-ver em toda sua intensidade.

De posse desse ser, o homem pode então compreender quanto do trajeto percorreu na inconsciência, quanto viveu sem ter experimentado a sensação real de existir, pois, desde o momento em que começa a ser, por ter deixado o “não ser”, a vida adquire para ele outro significado. A mente começa então sua grande tarefa, sua atividade intensa, ininterrupta, favorecendo assim a evolução consciente e, mediante um controle que ele mesmo estabelece dentro de sua mente, evita que possam ocorrer-lhe novas perdas de tempo por distrações, esquecimentos ou obstinações inúteis, usando esse mesmo tempo, que antes perdia, para edificar uma vida melhor.

Cada um deve buscar dentro de si mesmo a chave de seu próprio enigma; deve saber com toda certeza se ele é ou não é; deve saber o que foi, o que é e o que pode ser. Antes não podia fazê-lo porque não tinha as prerrogativas que o conhecimento logosófico abre; com ele, porém, o panorama muda totalmente. Cultivando-o, se pode estar em condições de pronunciar-se sobre o próprio futuro, se é que se quer chegar a ser aquilo a que se propôs ser. E, como já disse uma vez, não há nada maior nem melhor para o homem do que chegar a ser o ser em toda a extensão da palavra, significando com isso a realização de toda a existência consagrada a ser pelo saber, a fim de conhecer com consciência a

realidade de toda a Criação; porque enquanto não palpitar no interno de cada um a realidade de tudo quanto existe, se estará desconectado dela, se viverá isolado, à custa das próprias forças. Mas, quando essa palpitação é sentida, quando é intuída pela própria força dos conhecimentos que se obtêm e com os quais se está identificado, a vida se amplia, a mente percebe e faz o ser experimentar tudo o que está expressado pela linguagem universal, em cada uma das coisas que existem. Conectada com a vida universal, a vida humana deixa de ser limitada, para se identificar com a grandeza dessa Criação que permite à mente forjar as concepções mais estupendas que o homem poderia imaginar em seus voos mais quiméricos.

Quando se sente desse modo, a razão dificilmente vai dissentir com a verdade que está plasmada em todo o Universo, ou seja, com o Pensamento Criador. Frente à magnitude de semelhante imagem projetada à visão humana, nada mais justo que corresponder com o esforço, a dedicação, o empenho e a constância, até alcançar, dentro da vida que se está vivendo, a mais alta prerrogativa que se pode conceder à criatura humana: a de exercer um dia o poder criador, fato que permite ao ser humano assemelhar-se ao Criador do Universo.

64

Consciência da vida

Buenos Aires, 20 de setembro de 1949.

Disse uma vez que uma das causas da infelicidade humana reside na ignorância dos seres acerca do comportamento que lhes cabe observar em cada um dos atos de sua vida. Para confirmar este ensinamento, fiz referência a algo muito importante, que considero oportuno repetir agora e cujo exemplo convido a todos para que sigam, porque é um bem que convém ser cultivado.
Estou certo de que não há nenhum dos aqui presentes que não tenha tido um ou mais momentos de alegria ou de felicidade. Mas estou certo, também, de que a ninguém ocorreu recordar esses momentos, não tanto para reviver a imagem de felicidade ou de alegria, mas como prova de gratidão a esse instante que foi seu, que viveu e que deve perdurar em sua recordação, como deve perdurar tudo aquilo que, sendo grato à vida, deve permanecer nela identificando-se com o ser como algo próprio.

Quando se experimenta essa sensação característica de vazio, de languidez ou abandono, acaso não é um sinal de inteligência fazer a mente compartilhar novamente um fato grato, vivido de maneira feliz e que, por ser real, forma parte de nossa vida? Se o esquecemos, é porque desprezamos uma parte que pertence a ela.
Naturalmente que, para a mente comum, para a mente física, isto parecerá algo fora de propósito; se cada um, porém, for capaz de consultar sua consciência, estou certo de que ela responderá que essa recordação é, às vezes, tão necessária quanto aquela que frequentemente se busca para voltar a sentir outro momento de alegria ou de felicidade. Temos assim que, no primeiro caso, o momento vivido passou e foi esquecido, e, no segundo, é um momento por viver, enquanto vão passando os dias. Mas se esse momento por viver passar também pela vida sem permanecer nela, será como algo vivido inconscientemente, sem qualquer benefício ou utilidade; e se a esse momento se somarem muitos outros, tantos quantos formam toda a existência, se terá vivido uma vida totalmente estéril. Mas não deve ser assim: se estamos vivendo é por algum motivo, se queremos viver é por algum motivo também; e esse querer viver, o que significa? Significa que o que vamos viver deve ter um grande valor para nós, pelo fato de querer vivê-lo, não é assim? Por que, então, o esquecemos, como algo que não foi

nosso, depois de tê-lo vivido? Eis aí o grande gérmen da ingratidão manifestando-se em si mesmo. Não; a vida deve ter um valor muito grande e ela não deve ser somente o que estamos vivendo ou o que vamos viver; a vida constitui nosso passado, porque ele deve integrar nosso hoje, visto que nosso hoje será amanhã nosso passado. E por que temos de esquecê-lo? Por que não procurar fazer com que o que tenhamos de viver seja algo que viva sempre em nós, em vez de deixar que vá embora, sem dar ao vivido a importância que merece? Dessa maneira manteremos permanentemente conosco toda a nossa vida; não sendo assim, só teremos um pedaço dela, que diariamente irá diminuindo por termos perdido a consciência de tudo o que vivemos.

Surge disso a seguinte pergunta: para que se quer viver o que imediatamente depois será esquecido? Que significado tem essa for-ma de conduzir-se? Que consciência pode haver da vida, se não se sabe encaminhá-la em todo momento como algo ativo, como algo sempre presente, que não se ausente nunca da consciência e cuja recordação não seja perdida?

Muitos seres – são tantos que poderiam abarcar quase toda a humanidade – preferem esquecer seu passado. E se querem esquecê-lo é, sem dúvida, porque não foi nem muito bom nem muito feliz. Mas eis então a pergunta, a cuja resposta lhes remeto: se podemos fazer com que cada dia, com que todos os dias do futuro sejam bons e férteis para nossa vida, esqueceremos depois tudo quanto anelamos viver, tudo o que vi-vemos, deixando que vá embora? Cada um pode fazer a si mesmo esta indagação. Quem deixa que a vida passe e se distancie, na esperança de alcançar com isso algum propósito, será porque não a quer, porque não a quis e, em consequência, vem se enganando por toda sua vida. Esta é a amarga realidade que os seres humanos vivem. E por que esse passado surge sempre como um fantasma, como algo que ninguém quer recordar? Porque muito desse tempo transcorrido foi vivido inconscientemente, e não como em verdade se deve viver a vida, registrando todos os fatos na consciência. É por isso que a vida passa e vai embora, necessitando os seres implorar diariamente por mais um dia, um ano, muitos anos, para, no fim, deixar que a vida passe e se perca, como sempre, no esquecimento. É assim que se deve valorizá-la? É essa a prova que estamos dando a Quem criou o ser humano de que sabemos para que estamos aqui na Terra, por que vivemos e para onde vamos?

Quando se começa a ter consciência da vida, quando, ao respirar, sentimos sua plenitude, devemos ter presente que, ao pensar, respiramos também essa parte de vida inteligente que necessitamos viver. Pensando, respiramos vida, respiramos

mentalmente, permitindo as-sim que todo o mecanismo mental funcione normalmente, sem deficiências; e, quando se tem a segurança de que em todos os instantes se é consciente do que se pensa, do que se faz e de tudo o que se observa, a vida adquire outro significado: deixa de ser o que foi, isto é, algo indefinido, que se vive sem pensar, para se tornar algo que se vive pensando e que proporciona com isso a consciência do que se vive.

Dessa maneira, sempre que pensamos no futuro por viver, colocamos em nosso ser um dique psicológico que permite reter o futuro no presente, para não deixá-lo seguir para o passado, mantendo assim a permanência da vida. Isso irá proporcionar, a quem souber realizá-lo, as maiores satisfações que pudesse anelar ou sonhar em sua vida.

Pensemos, agora, em quantos seres que vivem sem saber para que nem por que vivem, nem como conduzir a vida. Isso ocorre porque não se aprendeu a fixar a vida no que é permanente, deixando, ao mesmo tempo, de ser instável e volúvel, sem raiz em parte alguma.

Cada um viveu um passado, está vivendo um presente e deve vi-ver um futuro; mas, pode alguém explicar o que representa esse passado, o que representa esse presente e o que representa esse futuro? Não será possível, enquanto não se tiver consciência do seu significado. Não obstante, a Logosofia ensina como se pode conhecê-los, a fim de dar o verdadeiro valor aos tempos de vida que devem ser percorridos em todas as etapas da existência humana.

Já dissemos que é muito comum as pessoas esquecerem seu passado e, quando o recordam, é de maneira superficial, sem que essa recordação possua a constância de algo real, de algo que tenha sido um verdadeiro motivo de enlace entre o pensar de agora e o pensar de antes, entre a vida atual e a que passou.

A vida chega como o tempo e passa igualmente como ele; se não é aproveitada, fica sepultada no esquecimento do que passou. Mas, se pensarmos que todos têm um futuro por viver, se anelar-mos algo que queremos realizar, é lógico que queiramos também viver o que diz respeito a esse algo e a essa realização, em quais-quer de seus aspectos, isto é, estaremos pensando no que gostaríamos de ter ou fazer num futuro próximo ou distante. Mas eis o que acontece comumente: passado o tempo, vive-se esse futuro, que se transforma em presente, e imediatamente se esquece que o que se vive nesse presente tem origem no que se pensou no passado, no que se fez, isto é, em todos os sacrifícios e esforços

realizados para poder depois desfrutar deles no presente, ou seja, no futuro que o ser atraiu para si.

Não pensar e não fazer nada é vida que se deixa ir, que se mata para não vê-la mais. Quando se pensa no que se fará amanhã, dentro de um mês ou de um ano, e à medida que esse tempo chega e aquilo que foi pensado se concretiza em realidade, não se deixará escapar o tempo sem tê-lo aproveitado, porque se continuará vivendo em um permanente presente; se desfrutará dele em todos os momentos, enlaçando o passado com o futuro, para concentrá-lo todo em si mesmo, isto é, no próprio presente.

Assim se experimentará uma plena sensação de eternidade, revi-vendo-se em todo instante o que formou o presente de ontem, como se estivesse sendo reiterado constantemente dentro do ser, com as mesmas palpitações de vida, aquilo que constituiu um anelo, um pensar ou um sentir. Somente assim é possível tributar a maior homenagem de gratidão a essa vida que se anelou viver e que, ao vivê-la, continua mantendo o presente dentro de si, sem esquecê-lo nunca e sem deixá-lo ir para o passado, para que este não se arraste tristemente para o que se deixou de ser, para o nada, como acontece com a maioria dos humanos.

Anelamos algo, queremos sua posse, nos sacrificamos para consegui-lo, sem nos darmos conta de que, entre esse momento e o futuro, situa-se uma parte de vida que havíamos ansiado viver; por que então temos de deixar que essa vida se perca, como se não houvesse passado por nós? A Logosofia ensina a unir os tempos, para que estes não escapem de nossa consciência.
Quem revive o passado, esse passado que forjou conscientemente antes que o fosse, adverte também seu valor, ao reparar que ele contém em si fatos que não foram alheios à sua consciência, nem constituíram uma vida vivida por viver, e sim uma vida que sabia de antemão como iria vivê-la, razão pela qual permanece sempre conectada ao seu presente.

Os que não fazem isso, os que deixam a vida correr sem ter consciência do que significa conectar o passado com o futuro, esses, naturalmente, terminam no nada, isto é, desaparecem da memória humana, como se nunca tivessem existido.

Por algo o homem foi dotado de tantas faculdades maravilhosas: para que um dia saiba fazer uso delas; o uso devido. Quando, equilibrado todo seu organismo interno, este funcionar com perfeição, a Criação seguirá convidando-o, como o

tem convidado desde que existe, para que se vincule a ela e possa, por esse meio, estender ao máximo a consciência de sua vida.

O fato de viver, de sentir-se ser humano não é, portanto, questão simples. Compreendido isto, se apresentam duas alternativas: ou negar a si mesmo, negando as verdades que possam tomar contato com a própria consciência e deixar que a vida transcorra como algo sem valor, ou conduzir-se conscientemente e fazer com que ela floresça em belas realizações.
Para tanto, será preciso verificar se o passado está de acordo com o futuro que se quer viver, examinando se esse passado é o futuro; por-que o passado deve ser sempre futuro, e não o contrário, que o futuro deva ser sempre passado. O passado é futuro, porque, constantemente, conforme se está vivendo, o futuro vai se transformando em passado.

De modo que o passado deve ser um constante futuro que se está vivendo e, sendo assim, deixará de ser passado, porque ao ser retido no presente, o futuro e o passado estarão girando sempre ao redor do ser, cujo centro se constitui no presente.

Quando se pensa nessas coisas, todos os pensamentos triviais, sem importância, que estão na mente, de fato desaparecem. É tão grande sua concepção, é tal a força deste conhecimento, que quem o aplicar à vida experimentará o impronunciável, pois há sensações de felicidade que alcançam o inefável.
Por outro lado, é necessário cuidar sempre de todos os detalhes desse futuro que se quer viver, fazendo com que não seja complica-do nem difícil, e sim de acordo com as possibilidades individuais e a própria capacidade. Querendo-se um futuro melhor, a capacidade e as possibilidades deverão ser aumentadas, a fim de se encontrar preparado; porque, não sendo assim, o futuro pode aparecer – como ocorre muitas vezes – de repente no presente, sem que o ser possa experimentar, então, o sabor da experiência nem desfrutar do conhecimento que o fará sentir-se cada vez mais capaz de construir um futuro melhor.

Muitos forjam futuros imaginários, futuros para longo prazo. Esses futuros são como se não existissem, porque desaparecem a cada dia, perdendo-se no passado. Portanto, é necessário forjar futuros reais, fora de qualquer ilusão; futuros não tão distantes, para que se possa medir o próprio domínio e as próprias forças, e saber se está em condições de atrair esse futuro para desfrutá-lo no presente.
Então se estará em condições de forjar futuros com prazo maior, medindo

sempre, com a maior exatidão, as distâncias com as forças, com a vontade e com as disposições do espírito. A maioria forja o que quer ser ou ter no futuro, vivendo-o depois sem recordar como o forjou; em tais condições, a vida passa e continuará passando como algo sem significado nem conteúdo. É este um dos tantos mistérios encerrados na vida humana. A Logosofia ensina muitas coisas que passam despercebidas à consciência do homem. Observem quanto tempo foi perdido pela humanidade e por todos os que dela fazem parte, ao se distraírem em mil coisas fúteis, em vez de superarem--se até integrar individualmente a vida e conseguir, assim, que ela permaneça em seu presente de um modo constante.

Permanecer no presente, dominando ao mesmo tempo o passa-do e o futuro, é ter verdadeira consciência da vida, sabê-la viver e desfrutar, e saber ampliá-la ilimitadamente.

A partir de hoje, o passado deve ser o futuro de cada um, por ser este último o passado que agora deve lhes interessar; assim, a cada dia o futuro de cada um irá aumentando o novo passado, enquanto o velho passado deverá ser visto como se não existisse. Deverão formar, portanto, um novo passado com o futuro que unirão ao melhor de seu velho passado. Eis aqui um belo ensinamento, de importância fundamental para aqueles que o utilizarem com vistas a edificar um destino melhor. O que lhes dei é um desses ensinamentos que penetram como a chuva fina e suave penetra na terra, totalmente oposta à violência típica do temporal, que resvala pelo solo quase sem penetrar nele. Revelei-lhes um dos tantos mistérios que, ao longo dos séculos, têm sido uma permanente interrogação para toda a humanidade. Por sua vez, os ensinamentos dados constituem uma chave. Cabe a cada um saber usá-la com inteligente prudência para obter os mais belos resultados.

65

Ser e não ser, na concepção logosófica

Montevidéu, 24 de setembro de 1949.

Faz muito tempo que uma imensa quantidade de fatos, detalhes, circunstâncias e acontecimentos vêm passando despercebidos a to-dos os seres humanos, por não ter sido dada importância a eles. A Logosofia vem, justamente, destacá-los, preenchendo com isso um grande vazio; vem fazer experimentar, também, verdades muito grandes, e a única forma de experimentá-las é conectar essas verdades à consciência individual.

Assim, por exemplo, desde que a espécie humana existe, foi apre-sentado ao homem um grande dilema. Esse dilema ficou impresso em sua vida, mas, na inconsciência própria dos primeiros tempos, não foi percebido. Não obstante, até os dias de hoje o dilema continua sem uma explicação verdadeira.

O dilema era o seguinte: ser ou não ser.

De fato, a criatura humana vem ao mundo com a perspectiva de ser; mas tão grande prerrogativa deve ser alcançada com seu esforço, com sua realização individual.

Ser significa saber. Começa-se sendo um projeto do que se vai ser, mas é necessário levar adiante esse projeto, realizando cada dia algo que aumente a capacidade de ser. O fato de viver não é suficiente para experimentar a realidade de ser.

Em todas as atividades, começa-se não sendo nada, mas buscando ser algo; e se é algo quando, depois de muitos esforços, dedicação e consagração, se consegue vencer as dificuldades e final-mente triunfar. Isso vemos reproduzido nos estudos comuns, no comércio, na indústria e em todas as coisas. Começa-se em branco, isto é, não sendo nada, não sabendo nada daquilo que se quer saber ou ser; mas o estudo, a observação e a experiência vão preenchendo depois o requisito para ser. Basta que cada um estenda sua visão atrás de si para saber, quando começou, o que era naquilo a que se propôs ser. Isso indica, pois, que teve que realizar necessariamente um processo, durante o qual, como é lógico,

foi a cada dia sendo mais, sabendo mais.

É comum o propósito de querer ser mais do que se é; mas a maioria se anula porque, em vez de ser, aparenta ser. É, portanto, um ser em aparência. Isso obriga, como é natural, a modificar a conduta de forma fictícia e a atuar artificialmente, mantendo deste modo uma situação que não é real. Apela-se assim a muitos recursos, estando a imaginação sempre em movimento; e quantas vezes se vive uma vida agitada, tratando de que os demais não descubram que não se é o que se diz ser, isto é, o que se aparenta ser. Prefere-se isso a decidir, de uma vez por todas, por efetivamente mudar. Não obstante, a ninguém está vedado alcançar o que se propõe, desde que sua capacidade o permita. Deve-se, portanto, cultivar essa capacidade, para poder alcançar tal objetivo. Na medida das próprias forças, na medida da própria evolução, isso poderá se tornar um fato. Se não conseguir, alcançará, pelo menos, muito mais do que se não fizer nada.

Aqueles que geralmente aparentam ser mais do que são se conformam em manter essa aparência, fazendo às vezes verdadeiros sacrifícios, que, logicamente, depois se revelam estéreis. Não é, por acaso, mais racional e digno viver na realidade e consultar-se intimamente, com limpeza mental, sobre qual é a verdadeira condição de ser? Por outro lado, é insensato mentir para si mesmo, insistindo na simulação. Quanto valor tem um exame consciente que permita analisar se no decorrer da vida se fez, de verdade, algo para chegar a ser mais ou ser aquilo a que se aspirou!

Mas se passássemos daqui para o plano da verdadeira concepção do ser, o assunto mudaria bastante. Não pertencem a ele aqueles aspectos que poderiam nublar o alcance de nossa proposição, como, por exemplo, se nos referíssemos a essa tendência muito comum que é a ambição. Não; aqui nos referimos ao ser configurado em to-dos os seus valores próprios, isto é, internos, representados na pro-porção do que sabe e na proporção da sua consciência desse saber. Só então o dilema apresentado desde os alvores do mundo surge claro ante a visão, como um convite permanente para conquistar o verdadeiro ser, que deve se incorporar em quem está vivendo uma vida destinada a algo muito maior do que estima o conceito comum. Quando isto ocorre, logo surgem os afãs sinceros de superação. Diante da imagem do não ser, que é como dizer a não existência

– porque assim é, em realidade, para quem não a vive conscientemente –, os que sentem o rigor dessa verdade tratam de ser, de alcançar a imagem perfeita que

configura o pensamento de Deus quando criou a criatura humana. Para os demais, para os que não sentem o rigor dessa verdade, o aperfeiçoamento é, naturalmente, algo quimérico e inalcançável. Vivem, a despeito deles mesmos, num mundo de ficção e de aparências. De pouco servirá que pen-sem ou creiam ser isto ou aquilo, porque tal ficção estará sempre evidenciada em seus pensamentos e em seus atos.

Todos têm, mais ou menos, uma estatura física comum; mas a do espírito pode crescer muito, agigantar-se e, quanto mais se agigantar, tanto mais aparecerá à vista de todos. Isso causa nos pobres de espírito, nos medíocres, certa inveja não dissimulada, e não faltam entre eles os que inutilmente tentam diminuir, ante os olhos dos demais, o ser que se eleva acima deles. Pensam que isso é fácil e apelam a muitos recursos. Enquanto isso, descuidam de seu próprio ser, e este, por consequência lógica da lei, vai cada dia diminuindo mais sua já pequena estatura, até chegar a ser quase invisível, ter-minando por se parecer com o grilo, que só quando canta sabemos que existe, ou quando faz um buraco na roupa sabemos que passou por ali e nos estragou uma peça, e que, pelo fato de ser tão pequeno e andar sempre pelo chão, acaba, na maioria das vezes, esmagado sob um pé.

Portanto, temos que realizar essa consulta íntima sobre qual é – como disse – a verdadeira condição de ser, e em seguida nos propor, sem perda de tempo, a ser cada dia mais do que somos.
A medida que isto ocorra, iremos nos distanciando do não ser. O não ser está muito claramente advertido ao entendimento, porquanto consiste somente na possibilidade de ser. Entre os muitos que passaram pelo mundo nesse estado, apenas de alguns se têm notícias. Mas daquele que foi, daquele que real-mente chegou a ser, desse sim todos sabem, ainda mais quando esse ser se adiantou aos demais e lhes serviu com seu exemplo e seus conhecimentos.

Todos podem obter os meios para ser mais a cada dia; única forma de chegar a ser na verdadeira acepção da palavra, isto é, constituir-se num ser íntegro, consciente, de verdade.

O não ser é a inconsciência e, em todo o momento que se vive no estado de inconsciência, se deixa de ser para não ser. A Logosofia já afirmou que a consciência surge quando se enriquece com o conhecimento, quando se ilumina com ele; e é lógico que o homem experimente sua realidade – a de ser – quando é consciente em todos os instantes de sua existência.

Recentemente, eu estava no velório de uma pessoa que passou pelo mundo, quando alguém que estava próximo a mim exclamou preocupado: “Viram! Não somos nada!” Que grande verdade dizia esse homem, sem saber! Observando-o, compreendi, pelas coisas que disse depois, que, efetivamente, não era nada. Então pensei: “Por que este homem não entra também no caixão?”
Quantos são os que se encontram nas mesmas condições! E por que dizem “não somos nada”? Fecharam-se para eles toda possibilidade de ser, ou é essa uma manifestação que surge como confissão de que, efetivamente, não são nada?

Observando este quadro e dirigindo o olhar a todos os demais, se vê quanto o conhecimento logosófico é necessário, pois do que a humanidade necessita hoje, do que necessitou sempre, especial e particularmente cada um dos que a compõem, é cultivar a consciência, despertá-la, fazer com que surja desse nada encaminhando-a para o todo, para a plenitude. E não pode haver nada mais triste, nada que cause maior pena, do que ver e saber que em todos existem faculdades que habilitam para evoluir, para ser cada dia mais. Dentro do ser está o saber, e esse saber deve ser realizado conscientemente, não teórico-mentalmente, porque só por meio da consciência se pode tomar contato com todas as coisas, inclusive conectar-se à Consciência Universal que, plasma-da em toda a Criação, está convidando a inteligência humana, a todo o momento, para descobrir as maravilhas que existem e que são oferecidas, sem limitação, para uso do homem em seu caminho evolutivo.

Quem alguma vez tomou contato com uma realidade desta índole, dificilmente se sujeitará depois a viver na inconsciência ou a submergir no não ser, porque tal realidade o faz experimentar outra maior, que é a de se identificar com o eterno, com o que permanece sempre.

Isto significa que o ser humano deve cumprir uma missão elevada enquanto tiver uma vida inteira à sua disposição. O conhecimento logosófico está ensinando a experimentar essa vida, a saber usá-la e a saber criar reservas. Para isso, começa por destruir a ficção, o artificial, o aparente, para que o homem possa viver na realidade. Ensina também, àqueles seres que já mencionamos, a alcançar o que se haviam conformado em crer que lhes pertencia enquanto viviam na aparência; estes já não necessitam mentir nem fingir para os demais, pois chegaram a compreender que muito mais grandioso é ser, de verdade, sem ostentá-lo a ninguém.

O conhecimento logosófico ensina a unir a vida à palavra, ao pensamento, ao fato, para que não haja contradição e se conquiste a verdadeira integridade, pois somente assim se poderá completar aquele que será chamado de ser, e a quem não deverá faltar nada, ou, pelo menos, deverá ser possuidor daquelas coisas que tão timidamente lhe são oferecidas para completá-lo.

Cada um deve bastar a si mesmo e saber que esse ser que está criando pertence somente a ele, porque ele é quem o está formando e educando no ensinamento superior, e quem se preocupou em oferecer-lhe essa felicidade tão necessária para que a vida resplandeça, ou seja, o conhecimento, o qual torna a vida cada dia mais ampla.

Se observarmos os que viviam e ainda vivem à margem da civilização, veremos que a causa disso está na ignorância de que existe algo melhor do que aquilo que têm, parecendo-lhes inconcebível que haja seres capazes de fazer coisas que, para eles, entram no campo do milagre ou da superstição. Mas se a esses seres for dada instrução, levando-os ao mundo civilizado, com isso sua vida se ampliará e, ao conhecerem outras coisas, desfrutarão desses novos conhecimentos. Isso não é nada extraordinário: é uma realidade.

Não obstante o manifestado, dentre os que vivem na civilização há também muitos bárbaros, e prova clara disso é o enorme esforço que demanda civilizar o bárbaro que cada um traz dentro de si. Se duvidam, reparem nessas reações violentas, nessas palavras que às vezes saem dos lábios como pedradas, e, enfim, em todos esses gestos que surgem com tanta frequência nos momentos em que se perde o autocontrole.

Mas já é um grande passo quando cada um começa a dar-se conta de que pode civilizar o bárbaro, que pode educá-lo; que, com o tempo, deixará de ser aquilo que na realidade não era. E se, uma vez civilizado, consegue-se ainda elevá-lo aos altos planos do conhecimento, pode-se calcular a magnitude dessa realização que, bem se poderia dizer, é como se, em uma vida, se houvesse transcendido todas as épocas da história.

Com a mente comum se vive geralmente na inconsciência. E dizemos inconsciência, para expressar o fato de que o homem se encontra totalmente alheio às grandes realidades que estão disse-minadas por toda a Criação, e que, inclusive, interpenetram cada criatura humana. Enquanto esta permanecer ignorante a respeito dessas realidades, pode-se dizer que estará no plano do não

ser, da não existência, ou, como dissemos, da inconsciência, porque a consciência que se presume ter em todas as atividades físicas não é aquela à qual estamos aludindo.

A consciência comum é algo assim como a sensação que cada um tem de sua consciência, a qual, com frequência, faz com que as coisas sejam percebidas dentro de uma aparente realidade; e, nos casos em que se manifesta como realidade, esta o é na medida da sensação que o ser experimente, mas dista muito de ser a verdadeira consciência. Alcança-se a verdadeira consciência quando se procura ser cada dia mais do que se é.

Quando dizemos ser, queremos dizer saber e, ao dizer saber, expressamos a manifestação constante e em permanente atividade da consciência que vai surgindo dentro de cada criatura humana. Dessa consciência surge o verdadeiro ser, que é dono de seus pensamentos, de suas palavras e, acima de tudo, de sua própria vida.
Esta é uma das tantas verdades das quais é necessário tomar consciência para realizar todo o trajeto compreendido entre o não ser e o ser. Assim é como a palavra “ser” se agigantará ante a vista de todos, se realmente for vista com o entendimento e não com os olhos. Além disso, quando tal realidade estiver consumada, não se dirá mais: “Não somos nada”, porque se terá então a consciência de ser, e haverá desaparecido esse ente inanimado ou carente de todas as prerrogativas concedidas ao homem, a quem a Natureza dotou de faculdades tão maravilhosas.

A Logosofia está ensinando a usar essas faculdades; mas, à medi-da que ensina, indica também que não é suficiente a compreensão que se possa alcançar mentalmente, mas que é imprescindível que as realidades sejam vividas, sejam sentidas; que o sistema mental funcione em perfeita harmonia com o sistema sensível, e que tão estupenda realização principie por fazer surgir em cada um o verdadeiro amor à vida. Com o conhecimento logosófico o ser começa, efetivamente, a querer a vida de outra maneira e a cuidar dela como deve ser cuidada. Desse amor, surge o afeto que abre as comportas da gratidão: primeiro, a Quem o criou; depois, em sucessão hierárquica, a todos os que lhe fizeram bem.

Agora fica fácil compreender que a vida deve ser vivida integral-mente e não de forma fragmentada; e que, assim como o ar que respiramos penetra em nossos pulmões e circula transformado por todo o organismo, também as verdades

devem ser respiradas com os pulmões psicológicos que cada um tem, para que esse grande elemento imaterial que se substancia na mente seja transformado em verdadeira vida que palpite com a vida universal.

66

Reflexões básicas sobre a vida

Buenos Aires, 4 de outubro de 1949.

Depois de escutar o expressado por alguns discípulos, vejo que não é muito o que se pôde extrair do ensinamento que dei faz pouco tempo, usando a imagem da barca; isso demonstra que não se tomou consciência de seu conteúdo. Entretanto, escutando por diversas vezes os aspectos que configuram essa imagem, se poderá formar depois um claro conceito dela.

De certo modo, todos aqui vivem em dois tempos: o comum, que se mede em horas, e o eterno, que não se mede em duração, por ser de caráter permanente. Por isso, nossa barca, que hasteia a bandeira da Sabedoria Logosófica, sulca os mares eternos da criação mental, levando a todas as partes a mensagem de seu elevado ideal. Isto quer dizer que devem escolher entre os dois tempos, uma vez que sabem qual é a sensação de bem-estar que se experimenta ao tomar contato com os valores eternos. A diferença é fundamental, se te-mos em conta que todo o vulgar e comum é efêmero como o tempo físico, isto é, como o tempo das horas.

Quando se toma contato com o conhecimento logosófico, logo se começa a perceber certos movimentos internos que se manifestam como uma necessidade e, ao mesmo tempo, como uma exigência. Esses movimentos tendem a regular e a equilibrar o eixo central da vida, em torno do qual gira permanentemente a consciência humana. Mas é necessário que a vida se adapte a essas exigências e a essa necessidade, enquanto se vai formando no interno a verdadeira e grande convicção de que se existe por uma razão, por uma causa, e que essa razão e essa causa deverão obedecer, inevitavelmente, a um desígnio que cada qual irá descobrir nas profundezas de seu ser. A tal finalidade leva, precisamente, o conhecimento logosófico, e para ela tendem todos os ensinamentos da sabedoria que o anima. Existe um ser e existe uma vida que cada um deve conhecer e conduzir ao longo do tempo, desse tempo que configura para cada homem uma época, um pedaço de sua existência.

O ser possui uma vida que deve viver, e dele depende que seja conscientemente ou não; depende dele que essa vida seja entregue ao acaso, ou que seja

conduzida inteligentemente para a maior de todas as metas: a perfeição. Perfeição significa o constante empenho em completar a imagem que o ser animou no mesmo instante em que foi criado. Perfeição significa a eliminação de tudo que é imperfeito, de onde é fácil compreender que as imperfeições são o produto da ignorância e da falta absoluta de conhecimentos superiores. Perfeição significa algo mais: é o melhoramento gradual que o ser vai alcançando de suas condições, ao mesmo tempo que experimenta – como já disse em outras oportunidades – uma realidade jamais sentida, que o move a levar seus esforços, suas atividades, suas aspirações, seus anelos e, enfim, tudo quanto constitui sua razão de ser, para além dos confins de sua própria vida, dessa vida que antes era limitada e circunscrita a um pequeno raio de ação.

Quando o homem se interna nos profundos conhecimentos que lhe mostram em detalhes tudo o que diz respeito à vida, logo percebe o valor que esta tem, e é nesse momento que se propõe a criar uma nova possibilidade para que essa vida seja cada vez mais ampla, mais fecunda, de modo que, sendo assim, experimente, ao vivê-la, satisfações maiores do que quando vivia uma vida limitada, estreita ou inconsciente.

A intensidade com que se podem viver momentos conscientes da vida equilibra os anos vividos à margem da consciência.

É para mim verdadeiramente penoso insistir tantas vezes sobre ensinamentos capitais para o conhecimento individual; capitais, por duas razões: porque com eles se podem conquistar as elevadas regiões do conhecimento substancial, e porque esses ensinamentos, transformados em conhecimentos depois de sua assimilação pelo ser, permitem consolidar posições internas, afiançá-las – ao mesmo tempo que se afiança a vida –, e permitem utilizá-los para compreender, às vezes instantaneamente, tudo o que acontece em volta.
Disse que todos têm uma vida por viver e outra já vivida. Cada um é o responsável por essa vida. Estamos em um mundo cheio de perigos criados pelo próprio homem, por sua ignorância e por sua soberba. E hoje, depois de tantos milhares de séculos com que conta este mundo, os homens estão aterrorizados ante a magnitude dos desacertos que cometeram. É como se nunca lhes tivessem ensinado a viver em paz, respeitando-se mutuamente; a viver cada qual sua própria vida, em lugar de se ocupar – como o estão fazendo – da vida dos demais, não para levar o bem, para ajudá-los, mas para criticá-los e apontar os erros que se acredita terem cometido. Naturalmente, esta conduta, observada ao longo dos anos, tem causado uma enorme confusão, porque cada um, ao intervir

na vida alheia, não encontra agora a sua própria vida. Eis aqui uma realidade que se palpa em todos os recantos do mundo. Quando se fala com certas pessoas, elas dão a sensação de estar ausentes de si mesmas e que outras estão ocupando seu lugar; que outros seres habitam suas vidas, pois a imensa maioria vive no externo e, com muita frequência, nas casas mentais alheias. E quando se quer induzi-las a viver dentro de si mesmas, em suas casas mentais, temem todos os espectros que há dentro delas, isto é, os pensamentos que as estão atormentando como fantasmas e tirando-lhes o sono, porque as veem debilitadas e sem valor para enfrentar com decisão as situações que o domínio de seu governo interno possa lhes criar.

Daí que muitos seres careçam de defesas mentais e sejam incapazes de encontrar, por si mesmos, a solução para os seus problemas, devendo buscá-la, por isso, nas mentes alheias. No entanto, os problemas costumam chegar, frequentemente, com tempo suficiente para que a mente prepare soluções para enfrentá-los ou resolvê-los; e quando não é assim, quando aparecem inesperadamente, o primeiro movimento interno que se deve realizar é o de tranquilizar a mente, serená-la, controlando qualquer atividade de pensamentos que distraia o ser ou o mergulhe no desespero.

Recordo que uma pessoa muito abastada me expôs, certa vez, uma grave situação pela qual passava. Ia perder grande parte de seus bens, e isto a havia levado quase ao desespero. Devia reduzir e, enfim, adotar outro padrão de vida. Expressei-lhe então que a vida não era constituída de uma situação econômica folgada, e que uma das tantas posições que eu havia adotado para andar pelo mundo era a seguinte: não pensar nunca que tenha algo permanente, algo que me pertença em absoluto; e que se há algo do qual me sinta realmente dono é de minha sabedoria, e mais nada. Eu posso viver – disse-lhe – em um palácio ou em um castelo, e posso viver também, com a mesma facilidade, na casa mais humilde. Diminuiria o conhecimento que tenho, se pensasse que minha vida iria diminuir porque diminuem meus bens. Quando se vive para o físico, se os bens materiais desaparecem, se terá a sensação de que também a vida desaparece. Ao contrário, o que jamais se perde é o valor que cada um representa como ser inteligente, conforme a hierarquia dos conhecimentos que possua.

Foi assim que, convidando-o a refletir sobre tudo isso, aquele homem foi embora tranquilo. Possivelmente, evitei que uma vida malograsse. Fiz esse homem pensar no que jamais havia pensado: que a vida não deve ser preenchida somente com afagos físicos, circunstanciais; que não se deve fazer dela uma ficção ao

vivê-la artificialmente, e sim, sair dessa ficção para viver na realidade. É preciso dar à vida um conteúdo real, permanente, eterno. Entretanto, como é natural, deve-se chegar a isso de forma consciente, isto é, fazendo com que a consciência tome contato com a realidade, porque do contrário seria impossível compreender esta concepção da vida.

Entre os seres comuns, cada um é, geralmente, aquilo que o pensamento que tem em sua mente quer que ele seja. Esse pensamento, em mais de uma ocasião, adquire tanta força que até o faz pressentir muitas coisas ligadas intimamente a ele. Por exemplo, há seres cujo pensamento dominante é o de que nunca vão ser nada, ora porque consideram carecer de inteligência, ora de vontade ou de outras coisas; e assim, ao não estudar, devido à trava em que esse pensamento implica, não se preocupam em melhorar suas condições, com o que efetivamente terminam sem ser nada.

Disse uma vez que não se deveria pensar nunca, como ocorre a muitos seres, que amanhã ou depois se vai morrer. Não; é necessário pensar que se vai viver eternamente. É preciso forjar esse pensamento, porque, ainda que tenhamos que morrer, não custa nada pensar o contrário. Mas se deve pensar assim e ainda se convencer de que se vai viver permanentemente. Aconselho que se pense nisso com profundidade. Se a morte vier, que venha sozinha; não a atraia-mos pensando que vamos morrer. Que nosso pensamento seja mais forte do que a morte, que sobreviva a ela. Um pensamento dessa índole gera forças; o outro, ao contrário, as retira. Pensando que vamos viver eternamente, esqueceremos que temos de morrer um dia e, ao adaptar a vida a esse tempo eterno, poderemos chegar a vivê-la com a absoluta certeza de que jamais iremos morrer.

Este pensamento tem uma força extraordinária e uma virtude imponderável, que é a de animar constantemente o ser para que viva, para que respire a vida conscientemente; pois, para viver sempre, é necessário respirar a vida com plena consciência de seu significado. Como disse há pouco, não custa nada fazê-lo nem implica em trabalho algum, e tenham certeza de que quem o fizer sentirá o benefício imediato dessa imersão no eterno. Sentirá como um bálsamo que suaviza as amarguras, as dores, os sofrimentos da vida e, com a presença permanente desse pensamento, cuidará mais de sua vida e não a exporá tanto às inclemências das agitações mentais, dos desvios e das atuações errôneas, que sempre a prejudicam.

Deste modo, quando estiverem na barca, deverão experimentar sempre a

sensação de que, nesses momentos, vivem no tempo eterno, que jamais termina com a vida. Entretanto, quando estiverem em terra, haverão de experimentar a realidade do tempo físico, que ali se vive apressadamente, agitadamente. Então, ao se recordarem da paz, do sossego, da quietude que se experimentam neste lugar, neutralizarão os efeitos da vertigem terrestre, para que não os conduza a essa voragem que parece envolver a todos em pensamentos de ruína e de extermínio.

Hoje, mais do que nunca, a humanidade necessita de homens conscientes, de homens que pensem e que saibam pensar bem, pois, sendo assim, estes poderão ensinar a outros a fazer o mesmo e, desse modo, a humanidade voltará algum dia a encontrar a paz e a felicidade que perdeu. Nesse colossal esforço, nessa tarefa gigantesca estamos empenhados, trabalhando incansavelmente. Não importa que hoje sejam uns poucos, nem que amanhã sejam alguns mais; chegará um dia em que a humanidade despertará, como despertou muitas vezes em momentos difíceis, em instantes profundamente críticos de sua história. Devemos pensar que desta vez, como em tantas outras, ela haverá de despertar do letargo em que parece estar mergulhada. Espero que todos possam presenciar esse desvelo e possam levar, a cada mente que se desespera em busca de uma nova vida, o conhecimento de que necessita para sua salvação!

Para isso, deve-se observar muito e realizar muito. Enquanto cumpre com suas tarefas rotineiras, o estudante de Logosofia pode dedicar alguns momentos a cuidar de sua vida interna, tornando--a um pouco mais consciente e feliz do que no dia anterior. Penso que todos, sem exceção, podem fazê-lo, neutralizando os momentos amargos ou difíceis que diariamente entristecem a vida.

Os seres humanos, em sua totalidade, se esforçam por viver cada dia melhor. Entretanto, uns mais, outros menos, todos têm suas lutas; devido a isso, devemos fazer o propósito de estarmos sempre presentes em nós mesmos, em nosso coração e em nossa mente, pois nessa intimidade deveremos encontrar, a todo momento, a voz da própria consciência falando-nos como só ela sabe fazer, para dar a segurança ao espírito de que nada haverá de prejudicá-lo. E ao dizer nada, incluo todos os pensamentos e atos que o ser realiza, e todas as palavras que pronuncia no curso de sua vida; e, se custa o mesmo fazer as coisas bem feitas ou mal feitas, façamos, então, o bem a todo instante, para não esmorecermos quando o mal nos visitar de forma inesperada.

Cada um irá criar dentro de si mesmo os recursos necessários para neutralizar o

mal que possa lhe acontecer; é necessário acumular essas reservas para dispor delas quando mais forem necessárias. Eis aqui expressado o conhecimento que ensina como o homem deve se conduzir, enquanto vai vivendo sua vida.

67

A atração do conhecimento logosófico

Buenos Aires, 25 de outubro de 1949.

Prosseguindo com nossos temas habituais, falaremos esta noite sobre algumas particularidades da psicologia humana.

A Logosofia sempre busca o ser de alma humilde e compreensiva; e, ao dizer humilde, não me refiro à falsa humildade, mas à que se manifesta na alma sã, no coração puro e na mente livre; à que não esconde, sob a forma de uma falsa modéstia, o vírus da soberba, porque somente nessas condições germina o verdadeiro saber, que se expande depois de forma construtiva entre todos os semelhantes.
A palavra logosófica desperta nos seres um grande interesse; estes se sentem vivamente atraídos por ela porque trata de todos os problemas, indica normas, estabelece precedentes, chama a consciência para que desperte e o homem saiba conduzir-se no mundo. Não obstante, daí à realização da Logosofia dentro de si mesmo há uma distância incomensurável, que cada um deve percorrer por si mesmo, a qual proporciona, enquanto se vão cumprindo as etapas, imensas satisfações e gratíssimas alegrias, desde que, naturalmente, se faça com o próprio esforço. Mas isso não se consegue pelo simples fato de ouvir uma vez, ou dez, ou vinte vezes a palavra do saber logosófico; ao contato auditivo, deve seguir um verdadeiro afã de comprovação.

Pois bem, os seres se sentem, logicamente, cativados, porque o conhecimento logosófico é como um poderoso ímã, cuja força se conecta imediatamente com o que de bom e são existe em cada um; e é essa parte boa a que se sente despertada e atraída por efeito do conhecimento. Sendo, em consequência, a parte boa a que os traz a este lugar, sinto-me feliz de poder falar a essa porção seleta que todos têm dentro de si. Por isso considero todos bons, porque sei que a parte boa vai se tornando maior a cada dia, e quanto mais ela se amplia, a outra, a má, tende a desaparecer.
Eis aí o grande segredo da realização. Toda superação deve ser realizada de acordo com mudanças substanciais na vida do ser. Cada mudança substancial equivale a um grau de superação efetiva e, ao mesmo tempo, a um grau de eliminação das impurezas que constituem o acervo negativo da existência.

Se neste momento lhes perguntasse se compreenderam este ou aquele ensinamento que dei, certamente muitos responderiam que sua compreensão leva certo tempo. E é natural que, enquanto alguns demoram menos tempo, outros demorem mais, embora isso se deva, às vezes, a uma falta de atenção consciente; e, sendo assim, de quem é a culpa? Da Logosofia ou de quem a escuta com desatenção? De quem a escuta, certamente, visto que não o faz com os ouvidos do entendimento, mas com os dos pensamentos que estão em sua mente no momento de escutar.

Isso me traz à memória o curioso paradoxo que oferece aquele que, dizendo ser todo ouvidos, ao expressar-se assim, não suspeita sequer que está aludindo aos ouvidos de todos os pensamentos que estão em sua mente, pois o ouvido de seu próprio entendimento parece ter sido substituído pelos ouvidos daqueles.
O contrário ocorre quando o ser começa a conhecer a si mesmo, porquanto o entendimento, instruído sobre o particular, já não cede à pressão dos pensamentos.

Recordo haver dito outras vezes que, ao se iniciar o processo de evolução consciente, emerge de dentro do homem um novo ser, o qual nasce, por assim dizer, sob os auspícios do conhecimento que a Sabedoria Logosófica oferece. Mas enquanto isto acontece, o homem continua ainda arraigado ao seu velho ser, surgindo assim o seguinte problema, apresentado, subentende-se, no sentido figurado: por um lado está o velho ser e, por outro, o terno descendente, filho desta nova concepção. O velho ser pretende sempre ter razão, e o novo, sendo pequeno, por respeito, se abstém de corrigi-lo. Quando quer se impor, o velho ser reage e o maltrata. Açoitado pelo velho, o novo ser se desespera e pede à Logosofia recursos para defender-se, o que cria para o ensinamento o problema de fazer com que este cresça rapidamente; mas, por outro lado, quando o novo ser se torna grande sem ter realizado o processo de seu crescimento, também é necessário corrigi-lo.

Este é um ensinamento que, ainda que tenha alguma graça, é de extrema importância. Em todos os aspectos, sempre se deve adotar a melhor posição, pensando, a cada instante, que se é uma criança que deve percorrer um longo caminho, e que, nesse caminho, chegará à velhice. Mas, enquanto estiver na infância, esta deve ser um acumulador de forças, de energias, a fim de que, quando envelhecer, lhe sirvam para sobrelevar esse período, exatamente como quando tinha as forças da infância e da adolescência, prolongando assim o

encanto daqueles dias felizes. Desta maneira se evitará que o ser envelheça prematuramente e murche como as flores que, pouco depois de nascer, caem desfolhadas, murchas, sem vida. Será necessário, pois, que cada um saiba integrar a si mesmo, buscando essa integração na conservação de tudo de bom que a vida lhe oferece e fazendo dela um santuário de felicidade. Se assim não se faz é porque se esqueceu muito do que foi vivido; daí que a inquietude reine absoluta e se viva desesperada e agitadamente, sem que a consciência se detenha para ordenar os tempos que se vivem.

Os seres humanos têm valores internos que lhes permitem multiplicar suas energias e, sobretudo, sua potencialidade mental para alcançar, à medida que crescem, aqueles conhecimentos tão indispensáveis ao homem para superar a espécie à qual pertence. Esses valores estão constituídos pela consciência da vida, que se resume na própria experiência e no aproveitamento das experiências daqueles seres que servem à inteligência observadora para modificar e aperfeiçoar a própria conduta e orientar suas diretrizes. Temos assim que, além de observar os efeitos, resultados e ensinamentos das experiências vividas, devemos observar também, com muito interesse e perspicácia, as experiências alheias, as quais, indiscutivelmente, prestigiarão com grande acerto nossas reflexões. Assim, por exemplo, o fracasso dos que confiaram ao acaso o que deveriam confiar ao próprio juízo, fará com que reflitamos sobre a conveniência de nos assegurarmos, em cada projeto que nos propusermos levar à realização, por meio de um estudo consciencioso das situações que se possam apresentar, a fim de evitarmos surpresas e, eventualmente, o fracasso. Se, pelo contrário, efetuarmos a observação em nós mesmos, descobriremos, por meio de cada experiência, qualquer falha a ser elimina-da e, o que é mais importante, o quanto nossa atuação poderia ser melhor se tivéssemos levado em conta as observações esquecidas de outras experiências.

Ao assinalar a importância que tem para o ser o aproveitamento da experiência vivida e o fato de saber conservar sempre vivos no curso de sua vida os momentos de ventura, felicidade e alegria, de forma a poder dispor deles nas circunstâncias em que faltarem, se verá como é grande a Sabedoria, que põe uma luz em cada mente para iluminar tudo quanto rodeia o ser. Essa luz é a inteligência, que jamais deve ser velada ou diminuída pelo egoísmo ou pelo ímpeto das paixões; ao contrário, a potencialidade dessa luz deve ser aumentada pela força interna que surge de uma vida levada à sua máxima realização, capaz de experimentar essa realidade por ter sido conduzida com plena consciência, verdadeiro e único motivo pelo qual o homem transita pelo mundo.

Repito: busquem sempre pôr em prática e experimentar interna-mente o ensinamento que a Sabedoria Logosófica lhes oferece em cada circunstância, para comprovar se contém realmente a força que sentiram ao escutá-lo; força que é verdade, porque guarda dentro de si um conteúdo vital que cada qual pode aproveitar em seu próprio benefício.

Devo manifestar hoje que não tenho preferência por uns nem por outros; a todos estimo e a todos dedico um grande afeto. Cuido, porém, para que esse afeto seja, em cada um, da mesma natureza que o meu, isto é, generoso e sincero. Estabeleci com isso um princípio grande, indiscutível, de humanidade. Esse princípio, uma vez conhecido, pode ser a chave para conduzir-se sem tropeços neste novo gênero de atividades da inteligência, cumprindo sempre com a Lei de Correspondência. A Logosofia não excluiu nem exclui a ninguém; aqueles que se nutrem dela têm muitas prerrogativas e tudo à sua disposição; mas cada um deve seguir pelo caminho com retidão e honestidade, sem exclusivismos de nenhuma espécie. Deste modo, poderá alcançar uma ampla compreensão dos princípios humanos, e deste modo, também, cada um experimentará a razão desta hospitalidade generosa que a Sabedoria Logosófica oferece a todos, e da qual ninguém deve abusar.

68

Esboços do processo de evolução consciente

Buenos Aires, 29 de novembro de 1949.

Como se sabe, no mundo os seres se encontram ou se desencontram. Para mim, é como se o mundo movesse suas alavancas ao meu redor, e experimento grande alegria quando, ao passar por um lugar ou outro, encontro pessoas que se vinculam à minha vida como se fossem velhos amigos ou velhos conhecidos. Ao estreitar-lhes a mão, jamais penso que lhes direi adeus, adeus para sempre; ao contrário, meu pensamento é mantê-los permanentemente vinculados à minha vida, ao meu afeto e às minhas recordações.

Os seres não se encontram no mundo sem motivo; há algo que os aproxima, que os vincula. Nem todos conhecem o porquê desses acercamentos nem desses encontros; daí que a maioria, ao não dar valor a tais fatos, siga, depois de ter se aproximado, em direções opostas, para não voltar a se encontrar.

Quando penso em todos os que seguem meu pensamento, não os considero estranhos ou alheios à minha vida, e sim como integrantes de uma imensa família, e sinto grande alegria quando volto a me reunir com eles, tal como em outras vezes, como se o tempo, no curso do qual vou dando meus ensinamentos, nunca passasse. Fixo em minha mente a fisionomia de cada um deles, de tal modo que, enquanto esteja trabalhando na obra, eu tenha todos presentes, como se eles também estivessem trabalhando ao meu redor, ajudando-me em cada um dos movimentos que minha mente realiza.

Ao tomar contato com o ensinamento logosófico, a maioria das pessoas – quase sem exceção – não pode manifestar com exatidão seus verdadeiros anelos, suas reais aspirações; eu não me preocupo em investigá-las, pois isso é secundário. Há algo mais importante que as aspirações e os anelos: é o trabalho que cada um deve realizar dentro de sua mente, para alcançar as mais amplas e positivas compreensões.

Se fisicamente os seres são completos, psicologicamente não o são; faltam-lhes muitos fragmentos para integrar sua verdadeira imagem psicológica. Penso haver dito alguma vez que, ao caminhar, os homens foram perdendo muitas partes de

sua entidade psíquica, razão pela qual todos experimentam, inconscientemente, a necessidade de ir em busca desses fragmentos perdidos, a fim de completar aquela imagem. Mas no lugar dos fragmentos perdidos, aparecem os defeitos, as imperfeições psicológicas.

Com elas o ser aparenta estar completo, e diria que às vezes até se sente cômodo com tais sinais de alteração. É natural que se pen-se, enquanto não conseguir conceber o valor que cada fragmento perdido possui, que a deficiência seja parte de sua psicologia e que, portanto, não deva se preocupar em eliminá-la.

Mas, ao internar-se no conhecimento logosófico, percebe a importância de cada fragmento que consegue reconquistar, e é então quando trata de acelerar o passo a fim de completar sua imagem psicológica o mais breve possível. Observa também que suas atuações anteriores não o satisfizeram, por estarem satura-das de defeitos.

Ao cultivar o conhecimento logosófico, os seres vão elaborando o arquétipo de sua futura psicologia, a qual começa a se assemelhar à imagem criada e animada no ser humano. Daí que os discípulos, por obra do conhecimento substancial, vão se dando conta de como devem tratar a si mesmos em suas deficiências e virtudes, esmerando-se em ser justos consigo mesmos em seus juízos pessoais. Nesse nobre e grande empenho de superação, encontram as maiores satisfações, ao observar, dentro de si, os resultados positivos que o ensinamento aplicado a suas vidas oferece; ao se sentirem capazes de controlar seus pensamentos, de modelar a conduta, de debilitar os defeitos ou as deficiências até eliminá-los. Para este fim deve convergir todo o esforço de quem anela se superar, sendo esse esforço um constante vigia de todos os movimentos que se operam em sua mente e, mais tarde, de todos os seus atos. Quem esquecer esta recomendação e, sem reparar nela, se deixar levar por pensamentos alheios a sua natureza, a sua vontade, a suas aspirações, a seus anelos e a seus afetos, deve depois suportar as consequências de seus atos desmedidos, de seus momentos de irreflexão ou de inconsciência.

Uma realidade que aparece delineando-se na alma de todos é a dificuldade em se orientar na segurança de que se segue por um bom rumo; porque, para poder fazê-lo, se requer ter realizado antes um processo consciente de ordenamento mental que permita projetar inteligentemente a visão interna, iluminando o caminho que se deve seguir e sabendo, de antemão, que esse caminho irá conduzir ao ponto aonde se aspira chegar: não às metas comuns, conhecidas por

todos, mas às que coroam as aspirações humanas nos confins superiores do aperfeiçoamento.

Daí que se produza frequentemente uma espécie de vazio na mente, e quando o ser recorda que deve fazer algo, que deve consumar seus elevados anseios em sacrifício de algum grande ideal ou de alguma grande aspiração, a vida já passou quase sem ser sentida, como se não tivesse sido vivida. Por isso, o conhecimento logosófico golpeia, golpeia constantemente o entendimento dos seres para mantê-los acordados, para que não durmam nem psicológica nem espiritualmente. E quando o homem se acostuma a viver acordado psicológica e espiritualmente, sente como se estivesse vivendo uma vida duplicada; tal é a expansão que experimenta na zona das sensações internas, enquanto sua mente, ampliada em campos mais profundos de realização, cumpre seus altos ideais evolutivos.

Quando o homem começa a experimentar a realidade do viver consciente, quando sua mente se exercita em um trabalho de superação constante, percebe que os seres e as coisas adquirem outros aspectos, e que já não lhe são, por certo, indiferentes. Jamais pensa no mal nem em prejudicar a ninguém, jamais se empenha em incomodar a mente alheia, pois tem muito que fazer com a própria. Assim, ganhou com isso algo muito importante: o não fazer mal. E ganhou também algo mais importante ainda: enquanto realiza o esforço de superação, está beneficiando a um ser humano, que é ele mesmo, de cujo benefício desfrutarão mais tarde os demais, porque, ao tornar-se mais capaz, mais íntegro e de posse de muitos conhecimentos mais, poderá ser útil a seus semelhantes.

Quando, das imaculadas alturas do pensamento, se contempla a imensidão e o espaço e, em seguida, se dirige a vista para os seres humanos, se ressalta com maior evidência sua pequenez cósmica. Aparece então, desenhada no espaço, como um imenso sinal de interrogação, a pergunta: o que os homens fazem na Terra?
Cada um faz as coisas de acordo com seus conhecimentos e sua consciência e, embora os homens possam julgar-se entre si, esse juízo é limitado; nunca pode chegar a ser um juízo total, completo, íntegro, definitivo, como são os formulados por Quem criou todas as coisas, inclusive a criatura humana. A partir do momento em que cada um faz uso da razão e trabalha conforme os ditados de seu pensamento, de seu coração ou de sua consciência, cada um recolherá também o fruto de sua semeadura, pois os seres humanos vivem por um determinado tempo e, antes e depois deles, a Criação e o tempo continuam

existindo, como testemunhas permanentes do que acontece na Terra e em todas as partes.

Melhor seria se no mundo inteiro renascesse o que parece haver morrido na existência humana: a tolerância, o respeito, a indulgência e todas as belas qualidades que adornam a alma dos homens, para que as compreensões se abram, unânimes, em uma reconciliação geral que derrame em abundância pelo mundo as esperanças de um futuro melhor, de uma paz construtiva e digna das gerações que virão.

Será preciso, para isso, trabalhar bastante dentro de si mesmo, cultivando com empenho constante essas qualidades que tanto enaltecem e honram o espírito humano. Nesse empenho ajudo continuamente os discípulos, dando-lhes valiosos elementos e fazendo com que comprovem, por si mesmos, a superação que vão alcançando e o aumento de sua consciência, que se amplia à medida que incorporam novos conhecimentos a seu haver.

Penso que, com o que escutaram nas tantas vezes em que lhes dirigi a palavra, têm muito para meditar no futuro. Mas antes, darei a vocês um conselho: que sua atividade interna permaneça, se possível, em constante treinamento; não se entreguem ao sono psicológico e espiritual. Trabalhem, em todo instante oportuno, com os ensinamentos que têm escutado; combinem movimentos inteligentes com eles, e cada conhecimento que extraírem deles apliquem à sua própria vida, ou apliquem onde seja útil, mantendo sua lente de observação permanentemente limpa, pois, se esta se turvar, a mente escurecerá e virá o sono, aproveitando essa escuridão.

Embora minhas palavras sejam singelas, só me entende e me compreende aquele que queira me entender e me compreender; e quem assim faz é porque, além de querer me entender e me compreender, sente verdadeiro afeto por quem lhe fala. Assim, recolho dele parte do afeto que derramo sobre todos, pois minhas palavras, sem exceção, não são frias, mas levam algo de minha vida. Por isso, quando um deles, ao falar comigo, as devolve com carinho, experimento a emoção superior daquele que sabe criar pensamentos cheios de vida, impregnados do bem que produzem naqueles que os recebem em seus corações.

Consta-me, e advirto em todas as partes onde vou e a todo momento, que são muitos os seres que se recordam de mim com afeto, com gratidão, e muitos, também, os que gostariam de ver-me com maior frequência para receber de mim

mais ensinamentos. A todos tenho presentes e a todos envio meus pensamentos para dizer-lhes que façam com meus ensinamentos o que deve ser feito, sem me pedir mais. Eu sei o que devo dar a cada um, e sei também que todos recebem o ensinamento de um modo particular, como se fosse especialmente dirigido a cada um dos que me escutam. Isto é o que todos devem experimentar; sentir cada um como se estivesse sozinho, escutando-me, recebendo um ensinamento dado expressa-mente para ele. Portanto, se alguma vez corrijo a algum discípulo, todos devem apontar para si esta correção, porque é para todos. O discípulo é o motivo, mas não a causa; o motivo que evidencia o sentido de precisão e oportunidade com que a Logosofia expõe seus conhecimentos. Até aí chega o gesto generoso de quem dá o ensinamento, para que ninguém sinta o pesar de uma admoestação.

Para terminar, resta-me, em última instância, felicitar a todos pelos progressos alcançados e desejar-lhes muita ventura e bem--estar. Que os que hoje estão presentes, estejam amanhã e sempre; que não haja um só lugar vazio; que encontrem em todo o momento a maior disposição da parte de cada um, a fim de poder permanecer, como hoje, ao meu redor, escutando permanentemente minha palavra.

69

Realidades inegáveis do ensinamento logosófico

Montevidéu, 2 de dezembro de 1949.

Estou visitando novamente esta querida Casa, sede de nossa Instituição no Uruguai. Na verdade, minhas últimas vindas me permitiram experimentar uma emoção diferente das anteriores. Diria que devo até lutar, às vezes, para manter calmo o sentimento que tanto me atrai a esta terra, onde se cumpre essa atividade incansável que lhes tem permitido alcançar o prestígio que hoje têm perante todas as demais filiais da Fundação Logosófica, por seu avanço, por sua solidez e pela compreensão, cada vez mais ampla e efetiva, de todos os discípulos que a integram.

E mais mérito têm ainda porque, não estando eu aqui permanentemente, seguem a orientação que ofereço sem se deter, advertindo seus resultados imediatos, como puderam comprovar depois da última visita que fiz.

Cada vez que me encontro aqui, é como se nada houvesse acontecido em minha vida; o que não deixa de ser natural, quando se tem em conta que não comunico a ninguém a intensidade de meus esforços e sacrifícios, bem como meu trabalho tenaz, em meio a dificuldades as quais é preciso neutralizar com grande serenidade de espírito.

Há pouco tempo, estive passando alguns dias em uma província do norte argentino. Entre as coisas que me levaram até lá, tinha especial significado encontrar-me com uma pessoa a quem havia expressamente convocado para estar ali. Andava um pouco esqueci-do dela, absorvido como estou pelas atividades próprias de minha vida intensa e laboriosa.

Quando nos encontramos, tive a impressão de que eu merecia até uma repreensão. Não foi assim. Falamos de coisas muito importantes, e pediu-me que não demorasse tanto para termos outro encontro, ao que lhe prometi fazê-lo com mais frequência. Perguntei a ela como estava e me disse que se achava bem, embora seu rosto exprimisse muita tristeza. Ao perguntar-lhe se necessitava de algo, respondeu-me que não. Então conversamos a respeito de outras coisas e nos despedimos até uma outra vez.

Essa pessoa, discípulos, com quem me encontrei naquele lugar, era eu mesmo.

Qualquer um diria que isso é inverossímil; no entanto, é tão real e verdadeiro como verdadeira é a totalidade dos ensinamentos que tenho dado a todos.

Quantas vezes cada um já conversou consigo mesmo sobre mui-tas coisas, mas quão poucas o fez seriamente! Para isso se requer propiciar um encontro adequado, onde nada perturbe, se possível, a serenidade do monólogo.

Muitos seres pensam que não fazer nenhum mal é suficiente para cumprir com suas consciências, embora não façam nenhum bem.
No lugar onde me encontrava, fazendo esforços para me sobre-pujar à indolência, natural nesse ambiente, examinei na recordação todas as coisas que, devido à minha grande atividade diária, são quase impossíveis de analisar. Pensava no novo edifício – já quase pronto – que estão preparando com grande empenho, a fim de que possa ser inaugurado em breve. Via-os em plena atividade e, certa-mente, não me equivoquei, pois acabo de observar um grande avanço. É indubitável que uma obra feita com tanto afã e entusiasmo irá se constituir em símbolo do esforço, da boa vontade, do sacrifício unânime e, especialmente, do amor de todos.

Não se esforçaram em vão; enquanto trabalham empenhada-mente, são muitos os que, interessando-se por nossa Instituição, falam dela em termos elogiosos, admirando-a e valorizando-a em alto grau. É que, naturalmente, a construção deste edifício contribuiu para dar maior valor à nossa obra.

Isto significa que o ensinamento logosófico avança a cada dia de forma gradual e positiva; e seguirá sendo assim no futuro, reunindo em torno de si todos os seres de boa vontade, de intenções sãs, de atuação e conduta honestas, bem como os de boas inspirações, que queiram desfrutar deste conhecimento imponderável.
E enquanto todos aqui, por um lado, se empenham na atividade humanitária da difusão, eu trabalho intensamente com o objetivo de proporcionar, num futuro não distante, valiosíssimos elementos para reforçar essa mesma difusão e tornar mais claro, amplo e universal o conceito da Logosofia.

Atualmente estou escrevendo vários livros, livros que não são comuns, porque não os escrevo visando exclusivamente aos seres de hoje, e sim a todo o futuro da humanidade. Em consequência, devo levar em conta muitas coisas,

contemplar os mais diversos aspectos e dedicar a maior atenção para que cada ensinamento seja de caráter universal.

Quando tudo isso estiver concluído, encerrando-se ao mesmo tempo uma grande jornada, se iniciará outra etapa, a mais transcendente de todas. Por agora, os que se acham aqui presentes sabem conscientemente que suas vidas experimentaram mudanças funda-mentais, porque a Logosofia os tem feito conhecer verdades profundas, cuja realidade comprovaram muitas vezes; e sabem também de muitos momentos felizes vividos, que são anúncios promissores de novos, fecundos e mais felizes momentos por viver, apesar dos tempos ruins criados pelos homens, das agitações mentais e de tudo o que obscurece o horizonte incerto do futuro do mundo.

Penso que em algum momento a luz da Logosofia destruirá todas essas sombras e iluminará o tão ansiado dia – em cuja vinda os seres humanos confiam – no qual se poderá respirar livre-mente não só com os pulmões, mas com a mente, com o coração e com a consciência.

Como bons navegantes, devemos todos enfrentar os furacões e as grandes ondas, porque, enquanto todas as coisas passam, permanece tão somente o que é real, o que é eterno. E nesse eterno, nisso que permanece, devemos todos afirmar o melhor de nossas vidas. O eterno e permanente é a parte de Deus que cada um leva consigo, parte que faz florescer, até nos momentos mais amargos, a esperança de dias melhores. Essa parte é imortal, e Quem criou a vida e lhe infundiu alento jamais a destruirá, porque é a sua própria Obra.

Naturalmente, a partir do momento em que a criatura humana foi criada e lhe foi dada uma vida, cada ser se torna responsável por ela; portanto, é seu dever tratar sempre de animá-la e buscar refúgio nela, reconfortando-se e fortalecendo ao mesmo tempo o vínculo sublime que o une a seu Criador.

Por experiência própria, cada um sabe como foi possível criar nesta parte do mundo uma instituição da índole da nossa e, dentro dela, afetos tão grandes, tão altruístas, generosos, limpos e puros que, sendo até então desconhecidos, era até impossível concebê-los. E se temos o exemplo de como foram desaparecendo as desavenças, as mútuas reações contrárias, os desentendimentos, as intolerâncias, enquanto surgiam a compreensão, a tolerância, o respeito e o afeto; se vemos que tudo isso é possível num conjunto de seres, por que não seria possível também em toda a humanidade? Se a experiência já foi feita, o que falta, então, para que

a obra se estenda e cumpra sua grande missão? Falta, simplesmente, que os demais seres tomem o caminho da realização que todos aqui tomaram, cumprindo um processo de evolução consciente e oferecendo seus melhores propósitos de superação, para que o conhecimento logosófico, convertido em artífice, reconstrua, modele e aperfeiçoe tudo de aperfeiçoável que exista no homem. Não resistam, pois, aos golpes do martelo modelador, que fará cair aos pedaços as partes inúteis, enquanto define sobre a vida do ser os traços arquetípicos do homem superior.

70

Processo de assimilação do conhecimento logosófico

Montevidéu, 3 de dezembro de 1949

Hoje, um discípulo de aguçada observação expressava que, embora de maneira diferente, o autor da Logosofia costuma repetir um mesmo tópico de forma tal que não é reconhecido. Penso que em parte tem razão, porque o conhecimento transcendente não pode ser contemplado de um só ângulo; por isso é necessário evidenciá-lo em todos os aspectos que configuram sua natureza, para que penetre no entendimento e a inteligência possa se identificar com seu verdadeiro conteúdo.

Ministro o conhecimento de forma fragmentada; cada fragmento, ainda que pareça igual, complementa os demais, de modo que a soma de todos eles forma o conhecimento.

Outro discípulo também manifestava, há alguns momentos, que, conforme pôde observar, era muito difícil para os seres não vinculados ao nosso ensinamento compreender um conceito logosófico, e que ele mesmo teve que realizar, em tal sentido, um processo de assimilação para chegar depois à compreensão de tão singulares conceitos. O mencionado por este último discípulo está muito vinculado ao expressado pelo anterior. E essa vinculação fica estabelecida em razão de que, para alcançar a compreensão de um conhecimento, se requer, indispensavelmente, realizar um processo de assimilação. Isso explica então por que, para facilitar essa tarefa, me veja na necessidade de enfocar um mesmo conhecimento de ângulos diferentes.

Os discípulos podem estudar e meditar os ensinamentos e intercambiar suas compreensões; mas é necessário o elemento fixa-dor que, com repetida frequência, prepara a mente para que o conhecimento tenha um espaço livre onde se manifestar e cumprir sua missão.

Neste sentido, a palavra oral logosófica presta imensa ajuda, porque é evidente que o estudante compreende com mais facilidade, assimila e sente melhor o ensinamento quando o escuta do que quando o lê, o estuda ou o medita. À pálida recordação de um deles, segue outro que o revive; e assim, sucessivamente,

todos os ensinamentos vão sendo revividos na alma dos que seguem a orientação logosófica.

Entregues às próprias perspectivas, não seria possível a compreensão do ensinamento, a não ser mediante um grande e continua-do esforço e uma grande boa vontade. Eis aqui o panorama que se ofereceria aos seres, se somente lessem, estudassem ou meditassem os ensinamentos, isto é, se não os escutassem. Diria que esta oportunidade, este privilégio de estar constantemente recebendo o ensinamento vivo, de sua própria fonte, tem um valor incalculável, e esse valor reside no fato de que ele, acompanhando o ser durante algum tempo, permite que todos os seus movimentos mentais sejam mais ágeis, mais livres e mais amplos, sentindo-se feliz ao advertir que possui agora em sua mente uma agilidade, facilidade e movimentos livres, que antes não tinha.

Já conhecemos o estado comum das mentes, agitadas por pensamentos, preocupações e problemas de toda índole. Não existe nelas liberdade de movimento, tal a aglomeração de pensamentos indisciplinados e inúteis que ali se reúnem. Nessas condições, os seres estão, como é lógico, incapacitados para resolver com serenidade e sensatez os seus problemas, que se tornam sempre mais complicados e difíceis. Daí o mal-estar geral e os traços que a violência delineia nos rostos humanos, quando os seres não podem resolver as questões que a vida lhes apresenta, ou quando se agitam em paixões descontroladas que tampouco podem dominar. Isto, que se poderia tolerar na vida comum, costuma assumir características graves e às vezes catastróficas, quando acontece nas mentes de seres que têm em suas mãos a direção dos povos. O mundo o tem presenciado em muitas épocas, o viu na última guerra mundial, e ainda continuam se manifestando os sintomas evidentes da contaminação de pensamentos que anulam a inteligência dos homens e o conceito amplo que se deve ter da vida e da moral humanas.

O pior é que os seres não podem encontrar nenhum refúgio dentro de si mesmos, pois não sabem como penetrar em seu mundo interno, e tampouco sabem que existe esse refúgio onde cada um pode encontrar sua própria paz, sua tranquilidade e seu sossego.
Tenho dado muitos ensinamentos a respeito, mas logicamente nem todos puderam ser assimilados. Não obstante, de cada um de-les vai ficando um sedimento que, ainda que inconscientemente, cada qual entesoura no interno de seu ser. Depois, ao advertir em determinada circunstância que os ensinamentos escutados lhe permitem adotar condutas e resoluções favoráveis a ela, é quando

assimilará melhor o conhecimento que eles lhe oferecem, ao aplicá-lo nessa oportunidade. Acontece também de se fazer uso inadvertido de um ensinamento; isto obedece à mesma causa, isto é, que o referido ensinamento estava latente na mente de quem o empregou. Em muitíssimas oportunidades, e em momentos em que realmente são necessários, afloram, como por encanto, soluções inesperadas ou impensadas. Este é um dos grandes resultados que o conhecimento logosófico oferece, como se tem podido comprovar com mui-ta frequência no decorrer do tempo.

Deve-se ter presente também que, além do ensinamento que o ser escuta, associa-se a ele, como algo inseparável, a imagem de seu autor no momento de pronunciá-lo. Isto é, precisamente, o que torna mais fácil o caminho da recordação.

E, falando em caminhos, todos aqui seguem por um, já tendo percorrido um trecho importante dele sem que eu tenha observado ainda sinais de cansaço em alguém; pelo contrário, penso que todos sentem como se apenas começassem a caminhada. Livre do peso que antes afligia as costas, cada qual vai, agilmente, percorrendo esse caminho. Eu vou à frente, abrindo passagem em meio a uma infinidade de obstáculos e dificuldades; quando passarem, não restará uma pequena pedra sequer. Todas as que encontro no meu, são as que lançam dos outros caminhos, nos quais há tantas pedras que aqueles que os seguem já não sabem onde colocá-las. Eu, em vez de atirá-las a outros lugares, faço pequenas ondulações, sobre as quais meus discípulos passam, sem notá-las. Se eventualmente alguma ficar um pouco alta, terá que subir a encosta; para isso terão forças suficientes. Uma vez no alto, será fácil descer. O esforço terá então sido reduzido à metade, porque, aproveitando as vantagens do de-clive, descer será simples e poderão fazê-lo até sentados.

Penso que todos experimentaram, em algumas oportunidades, uma sensação bem conhecida internamente: aquela que aprova ou desaprova uma conduta, um episódio, um pensamento; a mesma que às vezes costuma repreender o ser por haver atuado de um ou outro modo. Estes são vestígios, vivos ainda, de outras manifestações muito mais significativas e compreensíveis para a inteligência humana.

Quando a sensibilidade é tão eloquente que faz compreender imediatamente o bom ou o mau da própria conduta, quando sem intervenção da razão é possível experimentar essa sensação interna de aprovação ou desaprovação, pode-se

supor que, uma vez cultiva-da, essa sensibilidade poderá estabelecer contato com outras sensibilidades, e até com a sensibilidade universal. Mas, naturalmente, isso já adquire outro caráter e se apresenta sob outras formas, com linguagem clara e compreensível e, sobretudo, muito segura, por-que evidencia realidades que cada um experimenta, sente e vive.

Os seres se afastaram tanto do Pensamento Universal, vivem tão fechados e limitados em suas coisas pessoais que essa sensibilidade, logicamente, foi subjugada; e somente às vezes, como disse, experimentam esse vestígio de sensações que antes tiveram uma forma muito maior e mais eloquente para a alma humana.
Hoje, porém, os seres vinculados ao conhecimento logosófico já estão em condições de poder exaltar, no momento oportuno, adequado e propício, um pensamento de indagação de si mesmos; sobretudo, se predispuserem o espírito, deixando a mente inteira-mente livre de qualquer ideia ou preconceito. Se não desta vez, nas posteriores, poderão experimentar sensações semelhantes. Assim será possível compreender – quando cada um, mediante seu pro-cesso de evolução consciente, houver preparado, como disse, sua inteligência para isso –, como se manifesta a linguagem universal, isto é, a palavra criadora que anima o Universo, a Criação.

Assim se verá o quão prontamente aparece, em resposta a essas indagações, a solução que se busca para as situações criadas à vida; e surgirão conselhos, aparentemente extraídos das profundezas do ser, mas que na realidade são o resultado da mudança mental que fecunda o pensamento.

O conhecimento logosófico vai levando a esse estado superior, à custa de muito esforço e empenho, insistindo frequentemente para que não se esqueçam estas palavras tão significativas para a alma e o coração humanos. Assim, cada qual irá notando, dia após dia, como seus estados de ânimo melhoram e como sua vida vai oferecendo encantos que antes não tinha.

Tudo isso é obra de uma paciência ilimitada, de um trabalho tenaz que, visível e invisivelmente, realizo em todos os que me acompanham pelo caminho que estamos percorrendo. Penso que todos aqui me terão presente pelo menos uma vez ao dia, e pedirão, também, para que eu siga caminhando sempre à frente para tornar o trajeto mais fácil, e para que, durante a caminhada, esteja dando ensinamentos, enquanto os distraio para que não se cansem, para que sejam sempre felizes e para que alcancem a meta anelada, sem nunca cair vencidos

pelo cansaço ou pela indolência.

71

Necessidade de uma preparação eficiente em Logosofia

Montevidéu, 4 de dezembro de 1949.

É uma preocupação constante de minha parte fazer com que os que professam as altas disciplinas logosóficas se superem de forma real e positiva. Todos os ensinamentos que a Logosofia oferece de-vem se transformar no interno de quem os recebe e assumir, ante a consciência individual, valores fundamentais, princípios-raiz. Daí porque a instabilidade psicológica, que se observa com frequência nos seres de preparação logosófica incipiente, tanto preocupe.

É, portanto, um afã constante familiarizar com os conhecimentos logosóficos as mentes dos discípulos que anelam superar-se. Ainda hoje notei, ao dar certo ensinamento, que todos o haviam entendido de forma quase instantânea, o que não teria sido possível se não houvessem alcançado a preparação que então evidenciavam. Tal ensinamento constituía a culminação de muitos outros compreendidos pela metade e, portanto, parcialmente realizados. Ao oferecê-lo aos discípulos, todos perceberam que estava lhes dando uma chave; sentiram, no mais profundo de seu ser, como se estives-se explicando-lhes um mistério.

A Sabedoria Logosófica possui um enorme caudal de conhecimentos que não pode ser colocado ao alcance das mentes ainda não preparadas para recebê-los. Apresentarei, para maior ilustração, a imagem de um ignorante. Se alguém lhe dissesse uma verdade inacessível para ele, a compreenderia? Não; passado o primeiro instante de perplexidade, riria dela ou a desprezaria: eis aí o resulta-do. Pois bem, se essa mesma verdade fosse exposta a uma pessoa inteligente, mas distante da concepção superior que essa verdade encerra, veríamos também que, se não conseguisse compreendê-la imediatamente, riria ou a desprezaria.

Isto está nos mostrando a necessidade de uma preparação pré-via à recepção de um conhecimento ou de uma verdade de origem transcendente, pois somente assim poderia ser aproveitada, assimilada, associada à vida; enfim, ser útil. Do contrário, de nada serviria a quem a recebesse.

Em todos os tempos, a preparação foi um requisito indispensável para obter o acesso ao saber. Também no antigo Egito, os aspirantes ao conhecimento deviam

submeter-se às disciplinas da preparação. Reunidos os hierarcas nos templos, diante daqueles, falavam entre si por meio de sinais e de gestos. Ninguém entendia nada, exceto eles, que sabiam seu significado. Um sinal era considerado como a síntese de um pensamento inteligente, de modo que era necessário aprender essa linguagem para poder interagir com aqueles que, expressando assim seus pensamentos, guardavam a palavra articula-da para outras oportunidades.

A Logosofia requer das mentes, portanto – e isto tem sido repetido com insistência –, uma preparação que as coloque em condições de compreender seus ensinamentos, os quais, por outro lado, expressa com a palavra mais fácil, uma vez que, devido à tendência natural das mentes a cair na inércia, são esquecidos com frequência; e tudo o que se esquece deixa de existir na mente como recordação viva de algo que foi e que deveria continuar sendo.

Muitas vezes, depois de dar os ensinamentos logosóficos, percebo que estes foram compreendidos pela metade ou esquecidos, razão pela qual me vejo obrigado a dar outros, muito semelhantes. Estes têm a virtude de despertar os anteriores. Parecem ser os mesmos, o que faz com que a mente se preocupe em conectá-los, revivendo-os na recordação. Assim, com frequência, com grande paciência, se consegue finalmente fixá-los nas mentes e explicá-los nas consciências.

Sei muito bem que, durante o dia, as mentes geralmente passam longos períodos sem pensar em nada, ou, no máximo, pensando em coisas sem importância. Já se sabe o quanto custa educá-las nas atividades superiores do espírito, isto é, na atividade logosófica. Custa, na verdade, mas também é certo que tudo o que custa se aprecia, se valoriza e se quer. Todo o contrário do que ocorre com o que não custa: ninguém dá importância, carece de valor e não serve para nada.

Assim, essa educação da mente deve custar algum esforço, e esse esforço deve ser consciente e voluntário. Para isso, será preciso estimular sempre a vontade na convicção plena de que a atividade logosófica compreende a verdadeira vida do discípulo. Então, cada um, com as exceções lógicas das tarefas e das obrigações diárias que deverá se esmerar em cumprir, tratará de se adaptar às normas superiores da evolução consciente, dedicando todos os momentos disponíveis aos elevados propósitos de bem que a inspiram. Todo tempo perdido é vida que se passa na indiferença: nem se sente nem se vive.

Os ensinamentos logosóficos, lidos ou escutados separadamente, embora tenham vida e conteúdo, não cumprem sua função como quando, estando todos unidos e impregnados na vida de quem se nutre neles, edificam em seu interno um destino melhor.
O esforço é vida, é um constante provar a capacidade de produzir, de fazer, de realizar. Quando o discípulo se esforça e se habitua a reduzir o volume das dificuldades, estas se amenizam. Comumente se faz o contrário: aumenta-se esse volume.

Puderam observar muitas vezes a imensa alegria, o prazer e a felicidade ilimitados que proporciona o exercício do que a Logosofia chamou de “o poder de dar”, porque, além de sentir-se a ventura de ser capaz de fazê-lo inteligentemente, se verifica que o que se dá não se afasta do coração generoso de quem o oferece, pois permanece unido à sua vida, à sua memória, à sua recordação; a tudo. Isto é o verdadeiramente grande e belo, porque completa a imagem, tantas vezes desvirtuada, do gesto nobre, generoso e são.

Tudo isso é consequência de uma realização efetiva de compreensões que surgem como um imperativo digníssimo da consciência humana. E afortunado aquele que pode experimentar, juntamente com a sua realização, a felicidade de associar a ela o que é mais caro ao seu espírito; o que enlaça o conjunto de sua vida a uma obra tão grande, tão imensamente grande como a que estamos realizando, a fim de restituir aos seres humanos os valores perdidos e fazê-los conhecer tudo o que ignoram sobre si mesmos, para que possam desfrutar dos instantes sublimes que vivem sob o influxo de tão grandes e nobres pensamentos.

Às vezes, quando me encontro sozinho, costumo chamar meus pensamentos mais achegados; aqueles que me acompanham há mui-tos anos e aos quais denomino “meus bons e leais pensamentos”. Eles foram meus mensageiros, os que levaram a meus semelhantes tudo quanto anelei para o seu bem, e foram, também, os que muitas vezes me trouxeram mensagens cheias de promessas e de afetos.

Todos aqui também tiveram, dentro de suas possibilidades, pensamentos dessa índole. Muitas vezes, não enviam uma carta com um pensamento e recebem uma resposta? E o que experimentam ao abrir o envelope e encontrar essas linhas que, de antemão, anelavam receber e ler?

De minha parte, posso lhes dizer que possuo uma espécie de cor-reio invisível, que não requer envelopes, papéis nem selos, mas tão efetivo quanto o outro, pois cada uma de minhas mensagens voa nas asas de meus pensamentos, que depois retornam em segurança, trazendo-me a resposta. Esta mesma correspondência é a que se estabelece entre todos os que, sustentando o ideal logosófico, sentem e experimentam iguais ou similares motivos de alegria, entusiasmo e felicidade. Tão efetivo acercamento espiritual dos seres entre si, propiciado pela vinculação simpática de seus anelos e pensamentos, permite um desenvolvimento mais amplo das aptidões internas, o que é também favorecido pela observação consciente e pelo intercâmbio de apreciações sobre qualquer ponto que interesse vivamente à própria evolução.

Fortalecidos pelo ambiente grato e diáfano que tão íntima correspondência de pensamentos, atitudes e anelos cria ao redor de todos, os processos de superação vão assim amadurecendo e, enquanto prosseguirem num comum esforço, sem se deter, a obra logosófica irá cumprindo etapas cada vez mais brilhantes. E oxalá chegue o dia em que essa marcha se torne nupcial, e cada um possa seguir de braços dados com o próprio espírito, que hoje permanece como que divorciado ou alheio ao sentir individual. Então, se apreciará muito bem se é a mesma coisa viver com as luzes internas apagadas, em uma permanente escuridão, ou viver cheios de claridade e de alegria, conhecendo os mistérios da vida e de tudo o que pertence a ela.

Tenham sempre a certeza de que, mesmo quando passarem mui-tos momentos do dia sem sentir o vínculo que os liga a nossas aspirações em comum, eu me preocuparei constantemente e procurarei fazer com que esse vínculo se fortaleça cada vez mais; que a força de um seja a força de todos, e que essa força signifique, ao mesmo tempo, saúde para o corpo e esplendor para a mente, a fim de que esta não desfaleça jamais frente a qualquer dificuldade, frente a qualquer obstáculo. Contando com tal certeza, tranquilo será seu sono e feliz seu despertar.

72

De frente para o futuro

Montevidéu, 31 de dezembro de 1949.

É muito grande a satisfação que experimento ao poder me encontrar neste dia entre todos, visto que entraremos juntos, dentro de poucas horas, no último ano da primeira metade deste século. Encerra-se, com o ano que se vai, uma jornada de intensa atividade, de grandes fadigas, de grandes preocupações, mas também de grandes realizações.

Encontro-me aqui por gravitação natural dos acontecimentos

– porque assim deveria ser –, junto aos que tanto se esforçaram, sobretudo no transcurso do ano que termina, para oferecer-me uma realização digna do maior louvor.

Durante todos esses dias, tenho recebido muitas atenções por parte daqueles que estão vinculados à minha Obra, bem como pensamentos de afeto indelével, que me comoveram profundamente. No entanto, preocupou-me muito o fato de pensar que tais atenções pudessem ser motivo do mais leve sacrifício. Todos sabem que estão sempre quites comigo.

Quem lhes fala busca somente realizar a obra em cada um e em todos os que quiserem experimentar o bem que, a mãos-cheias, a Sabedoria Logosófica oferece. Nela está depositado o conhecimento que emancipa as consciências, limpa as mentes e modela o arquétipo humano. Mas não é somente dando ou recebendo o ensinamento que a Obra se cumpre. Para que isso seja uma realidade, para que se cumpra o grande objetivo, que é a perfeição, quem ensina deve ter – já disse um dia – o poder de corrigir; e quem aprende, por sua vez, a valentia moral de admitir a correção.

Disse também em outra oportunidade e repito hoje – pois quanto mais minha palavra for compreendida e aplicada à vida, tanto melhor e mais fácil será o avanço do ser, e mais acessíveis as verdades em busca das quais ele vai –, que tudo quanto obstrui, dificulta e retarda o passo dos seres humanos vinculados ao meu pensamento são suas deficiências, seus defeitos e, enfim, tudo o que atenta

direta ou indiretamente contra o processo de evolução consciente que se realiza sob a égide do conhecimento logosófico.

Conquistou-se muito, é indubitável; todos podem testemunhar o quanto suas qualidades melhoraram e o quanto tiveram de lutar para eliminar tais deficiências, o que foi amplamente compensado por satisfações posteriores. Nesse empenho, porém, deve-se seguir sempre; é preciso ser dócil ao pensamento criador que está modelando a nova figura humana, a nova imagem, o arquétipo tão sonhado por todas as gerações que precederam a nossa.

Todos têm muitas condições e qualidades boas; como então não haveria de sentir pena, quando observo, em cada um, pensamentos e atitudes que, sem anular essas qualidades, pareceriam escondê-las, dificultando sua manifestação?

Sei perfeitamente que, do mesmo modo que se recordam muitos ensinamentos, se esquecem outros, talvez os que mais conviria ter presentes para os fins do próprio aperfeiçoamento, para os fins dessa educação superior que se está gestando no espírito de cada um. Nessa preparação, que deve ser constante, se quiserem optar por conhecimentos maiores, deverão se superar na própria vigilância, porque não se pode esquecer que, no conjunto harmônico dos movimentos internos de cada um, as imperfeições que apenas um manifesta frequentemente entorpecem a atividade dos demais e, ao entorpecê-la, dificultam a atividade do pensamento criador já mencionado.

Disse uma vez que os discípulos deveriam guardar um sadio e nobre respeito mútuo, uma vez que todos vinham aqui com o forte anelo de superar suas condições, de melhorar-se, de aperfeiçoar-se, e que somente esta circunstância já os tornava dignos do maior respeito. Insisto para que isto seja tido sempre em conta. Deficiências e defeitos todos têm; portanto, não assiste a ninguém o direito de apontá-los, exceto àquele que ensina a corrigi-los. Isto é o aconselhável e, de minha parte, tenho tratado sempre de fazer com que cada um, discretamente, trabalhe sobre si mesmo para eliminá-los. Ajudo-o direta ou indiretamente, acerco-lhe elementos com os quais seja mais fácil corrigir suas partes defeituosas; mas jamais poderia me ocorrer destacar em cada um essas partes, com a intenção de diminuí-lo. Penso que esta conduta deve ser seguida por todos, invariavelmente. Tampouco devem esquecer o que disse uma outra vez: quem aponta as falhas alheias está apontando as suas próprias falhas, seus próprios erros. Portanto, é preciso ser dócil à palavra que corrige iluminando, que permite corrigir sem violências e que, alternando a suavidade com a firmeza,

persuade e convence, até alcançar o bem que está buscando.

Ninguém chega à fonte da Sabedoria Logosófica atraído por bens materiais; ninguém recorre a ela em busca de coisas comuns, que podem ser encontradas em qualquer parte. Sendo isto uma verdade, deve ser sempre tido em conta. E, a partir do momento em que não se vem em busca de nada material, de nada comum, ao experimentar a realidade de estar neste ambiente como se fosse em outro mundo, não se deve atuar nele como se atua comumente, o que se vai compreendendo à medida que as exigências de uma conduta superior o evidenciam.

Estou me referindo, em princípio, a conceitos básicos dos quais não é conveniente se afastar, principalmente quando se tem em conta que em nenhum outro lugar é possível receber conhecimentos como os que a Logosofia oferece. De modo algum, tais conhecimentos são coisas que podem ser tomadas assim, com a mão, e usadas por qualquer um como queira ou deseje; não. Cada conhecimento obedece a uma lei; para usá-lo, é necessário estar sempre de acordo com essa lei. Mas, como isso não é possível a todos os que dele participam, o próprio criador da Logosofia ensina como se deve usar cada conhecimento, em função da lei que o governa.

Por isso insisto algumas vezes em um ou outro ensinamento; por isso revivo, em outras oportunidades, aqueles que parecem haver adormecido na subconsciência do discípulo. O sentir consciente deve estar permanentemente presente no processo evolutivo de cada um; de outro modo, se atuaria muitas vezes em estado de inconsciência, o que a Logosofia não recomenda. E se todos aspiram a transcender o plano material, o plano comum, a fim de experimentar a alegria de elevar-se para onde anelam chegar, é preciso habituar a vontade a um esforço constante e regular na comunicação de seus íntimos anelos, com a finalidade de facilitar o desenvolvimento de suas qualidades superiores.

O reino do espírito paira nas olímpicas alturas do Pensamento Criador; para ascender a ele, é necessário que cada qual aprenda a submeter-se a esse adestramento que irá permitir, em seguida, penetrar em tão anelado reino. Portanto, é de todo modo conveniente não confundir as coisas, para evitar que, desta confusão, sobrevenha o extravio.

A evolução consciente caracteriza-se por um contínuo esforço de superação, e nesse esforço devem estar configurados todos os aspetos que se relacionam

intimamente com o processo individual. Por conseguinte, as atuações diárias e os pensamentos que costumam ter parte ativa dentro da mente devem ser examinados. Desse modo, quando se está atento, quando se vigiam essas atuações e esses pensamentos, podem-se melhorar muito as tantas alternativas que a própria natureza psicológica sofre, motivadas algumas vezes por coisas externas e, outras, por causas internas.

Volto a repetir que me sinto imensamente feliz de encontrar-me aqui nesta oportunidade. Em meio a tantas dificuldades, preocupações e amarguras, quando submerjo na intimidade de meu mundo e nele acaricio a Obra que estou realizando, sinto que me assistem forças titânicas que me permitem travar, com o maior valor, as lutas mais ferozes e as provas mais duras. E quando experimento a realidade de tais forças, que são a fiel expressão da fonte universal que as gera, derramo sobre os que me seguem meu pensamento totalmente impregnado de poderosos estímulos, para que todos se beneficiem e adquiram novas energias, novos ímpetos, maior entusiasmo, e se encontrem cada dia como se fosse o primeiro, sem sentir as fadigas do passado, que a tantos angustiam e fazem decair seus ânimos definitivamente.

Vamos chegando ao final deste meio século com grande felicidade. A humanidade o faz, ao contrário, em meio a agitações e perturbações de toda espécie. Vem arrastando pesadíssimas cargas e vai chegando ao topo desta encosta abatida por enormes fadigas, sofrimentos e dores, sem perceber que o que torna a crise de sua marcha mais grave é a incompreensão e a intolerância comuns.
Esperamos que, na segunda metade deste século, a luz do conhecimento logosófico permita aos homens discernir com mais sensatez sobre seus destinos, facilitando-lhes o avanço, livrando-os dessas incompreensões que só terminam em extermínio, desolação, espanto e misérias. E ao dizer que a luz do conhecimento logosófico poderá, durante a segunda metade do século, iluminar a mente de todos os seres humanos, quero significar que a cada um incumbe manter uma atividade permanente no sentido de difundir este conhecimento, para que sejam muitos os que possam se beneficiar, ao estendê-lo por todos os âmbitos do mundo.

Ao culminar esse dia, somente devemos confiar num futuro melhor, num amanhã mais digno da espécie humana; mas esse amanhã deverá ser edificado com nosso esforço, com nossa inteligência e com a sublime aspiração de um destino superior.

Que o ano que vem chegando seja para todos um motivo a mais de alegria, de felicidade e de reflexão; porque os anos vão sendo cada vez mais duros, mais frios, mais curtos, tal como o quis a incompreensão humana. Devemos lutar para que os anos futuros voltem a ser cálidos, longos e venturosos para todos. Eis aqui meu anelo.

Para o homem que anela superar-se, não há nada que facilite mais o caminho da investigação como a clareza, precisa e certeira ao mesmo tempo, de uma exposição que conduza, com firmeza e sem vacilações, primeiro ao livre exame e depois ao conhecimento seguro daquilo que é objeto de tão nobre aspiração.

Tendo em conta o expressado, o autor considerou essencialmente útil a publicação desta obra na qual aparecem, descritas em termos amplos e profundos, uma parte ponderável da concepção logosófica e, também, uma extensa visão da obra logosófica com suas projeções para o futuro da humanidade. Resumindo, reuniu neste volume uma parte de seu vasto labor docente. Este livro compreende setenta e duas conferências pronunciadas em diversas datas nas sedes da Fundação Logosófica em Buenos Aires, Rosário, Córdoba e Montevidéu. Algumas delas já foram publicadas nas revistas *Aquarius* e *Logosofia*, editadas ambas na República Argentina. Todas estas conferências foram proferidas entre os anos de 1939 e 1949, o que permitirá ao leitor compreender algumas passagens relacionando-as com aqueles tempos que foram cruciais para a humanidade.

www.editoralogosofica.com.br

ISBN 978-8570970633

9 788570 970633

Pdf:
Editora Logosófica

ePub:
Reliquia

{1} Primeira edição publicada em 1951.

{2} “E ninguém deita vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo romperá os odres, e se perderá o vinho e também os odres; mas deita-se vinho novo em odres novos.”, segundo o apóstolo Marcos, no capítulo II, versículo 22.

{3} N.T.: Mantido o original em espanhol, “vid”, que significa “videira”, ou “vinha”.